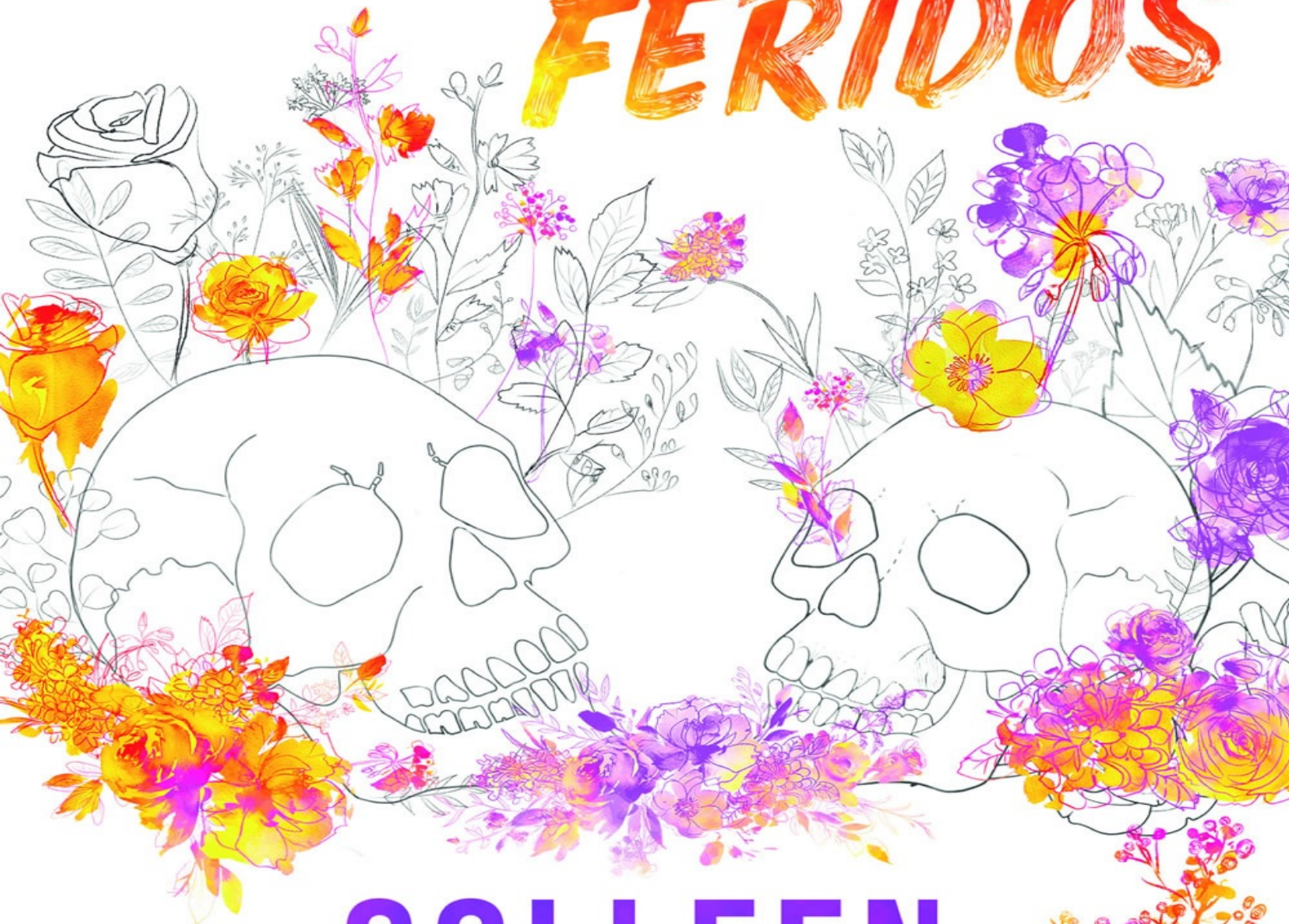
CORAÇÕES FERIDOS



COLLEEN HOOVER

AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *SE FOSSE PERFEITO*

TOP SELLER

COLLEEN
HOOVER

CORAÇÕES FERIDOS

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar

Kelly Garcia, este livro é para ti, para o teu marido
e para o vosso felizes para sempre.

UM

VERÃO DE 2015

Na parede da nossa sala de estar há uma fotografia da Madre Teresa de Calcutá, mais ou menos no sítio onde devia estar um televisor, se tivéssemos dinheiro para ter um daqueles televisores de pendurar na parede, ou até uma casa com paredes capazes de suster um televisor.

As paredes de uma casa pré-fabricada não são feitas do mesmo material de uma casa normal. Numa casa destas, se fizermos um arranhão nas paredes, elas desfazem-se por baixo das nossas unhas como se fossem feitas de giz.

Em certa ocasião, perguntei à minha mãe, Janean, por que motivo tem uma fotografia da Madre Teresa de Calcutá na nossa sala de estar.

— Porque esta cabra era uma fraude — disse ela.

As palavras são da minha mãe. Não são minhas.

Quando se é a pior das pessoas, acho que encontrar o pior nos outros torna-se uma tática de sobrevivência. Concentramo-nos demasiado na escuridão dos outros, com a esperança de conseguir mascarar a verdadeira tonalidade do nosso próprio negrume. Foi assim que a minha mãe passou a sua vida inteira. Sempre à procura do pior em toda a gente. Até na sua própria filha.

Até na Madre Teresa de Calcutá.

A Janean está deitada no sofá na mesmíssima posição em que a deixei quando saí para fazer o meu turno no McDonald’s há oito horas. Está a fitar a fotografia da Madre Teresa, mas acredito que não esteja realmente *a olhar* para ela. É como se os seus globos oculares tivessem deixado de funcionar.

Deixado de absorver o mundo.

A Janean é uma adicta. Descobri isto quando tinha mais ou menos 9 anos, mas, na altura, os seus vícios limitavam-se a homens, álcool e jogo.

Ao longo dos anos, os vícios tornaram-se mais notórios e muito mais mortíferos. Acho que foi há cinco anos, mais ou menos quando fiz 14 anos, que a apanhei pela primeira vez a injetar-se com metanfetaminas. Assim que uma pessoa começa a usar metanfetaminas com regularidade, a sua esperança média de vida diminui drasticamente. Pesquisei no Google quando estava na biblioteca da escola. «Quanto tempo pode viver uma pessoa se for viciada em metanfetaminas?»

Seis a sete anos, disse-me a Internet.

Ao longo dos anos, encontrei-a várias vezes inconsciente, mas, desta vez, parece-me diferente. Mais definitivo.

— Janean? — Há uma tranquilidade na minha voz que não deveria acontecer num momento como este. Sinto que a minha voz devia estar trémula, ou indisponível. Tenho alguma vergonha da minha falta de reação num momento como este.

Deixo cair a mala junto aos pés enquanto fito intensamente o rosto dela do outro lado da sala. Está a chover lá fora e nem sequer fechei a porta da entrada, por isso continuo a molhar-me. Mas, neste momento, enquanto observo a Janean a fitar a Madre Teresa de Calcutá, fechar a porta e proteger as costas da chuva é a menor das minhas preocupações.

Um dos braços da Janean está pousado sobre o estômago, o outro pendurado na beira do sofá, os dedos a repousar suavemente na alcatifa puída. Está um bocadinho inchada, o que a faz parecer mais nova. Não mais nova do que a sua idade — tem apenas 39 anos —, mas mais nova do que os seus vícios a fizeram parecer. As faces estão um pouco menos côncavas, e as rugas que nos últimos anos se formaram em redor da boca parecem ter sido alisadas com *botox*.

— Janean?

Nada.

Tem a boca ligeiramente aberta, revelando os dentes amarelos, partidos e cariados. É como se estivesse a meio de uma frase quando a vida se lhe escapou por entre os dedos.

Já há algum tempo que imagino este momento. Por vezes, quando odiamos alguém o suficiente, não conseguimos evitar estar deitados à noite na cama, sem conseguirmos dormir, enquanto nos questionamos como seria a vida se essa pessoa estivesse morta.

Imaginei que fosse diferente. Que o momento fosse muito mais dramático.

Observo a Janean durante mais um instante, para ver se está numa espécie de transe qualquer. Dou alguns passos na sua direção e paro quando vejo o braço. Tem uma agulha espetada na pele, mesmo por baixo da curva interior do cotovelo.

Assim que vejo a agulha, a realidade do momento abate-se sobre mim como se fosse um filme e provoca-me náuseas. Viro-me e corro para a rua. Acho que estou prestes a vomitar, por isso debruço-me sobre a vedação apodrecida tendo o cuidado de não apoiar demasiado peso nela, para não se vergar sob as minhas mãos.

Assim que acabo de vomitar, fico instantaneamente aliviada, porque já estava a ficar preocupada com a minha ausência de reação perante um momento com grande potencial para mudar a minha vida. Posso não estar a ter uma reação histérica, como teria uma filha normal, mas, pelo menos, estou a sentir *alguma coisa*.

Limpo a boca à manga da camisa do trabalho. Sento-me nos degraus, apesar de a chuva continuar a cair, vinda do impiedoso céu noturno.

Tenho o cabelo e a roupa completamente encharcados. O rosto também, mas nenhuma da água que me escorre pelo rosto são lágrimas.

São apenas pingos de chuva.

Olhos molhados e um coração seco.

Fecho os olhos e enterro o rosto nas mãos, tentando decidir se o meu distanciamento se deve à forma como fui criada ou se já nasci assim.

Questiono-me que tipo de educação é pior para um ser humano. Aquela em que se é amado e protegido a ponto de não fazermos ideia de como o mundo pode ser cruel até ser demasiado tarde para adquirirmos as capacidades

necessárias para lidar com as coisas, ou o tipo de casa onde fui educada. Onde vive a versão mais horrível de uma família e a única hipótese que temos é aprender a lidar com as coisas.

Antes de ter idade suficiente para trabalhar para pagar a comida que compro, houve muitas noites em que fiquei acordada, sem conseguir dormir, porque me doía o estômago de tanta fome. Em certa ocasião, a Janean disse-me que os roncos que vinham da minha barriga eram de um gato esfomeado que vivia lá dentro, e que, se não lhe desse comida suficiente, o gato rugia. Depois disto, de cada vez que sentia fome, imaginava o gato na minha barriga à procura de comida que não estava lá. Tinha medo de que ele comesse o meu interior se eu não lhe desse comida, por isso, por vezes, comia coisas que não eram propriamente alimentos apenas para satisfazer a fome do gato.

Um dia, a Janean deixou-me sozinha durante tanto tempo que comi cascas de banana velhas e cascas de ovos que encontrei no lixo. Até tentei comer um bocado da esponja do sofá, mas era demasiado difícil de engolir. Passei a maior parte da minha infância com medo de que o gato esfomeado me devorasse lentamente por dentro.

Não sei ao certo se ela se ausentava durante mais de um dia, mas, quando somos crianças e estamos sozinhas, o tempo parece alongar-se.

Lembro-me de que ela entrava aos tropeções pela porta e se deixava cair no sofá, onde ficava horas sem fim. Eu adormecia enroscada na outra extremidade do sofá, demasiado assustada para a deixar sozinha.

Contudo, nas manhãs a seguir aos seus regressos ébrios, acordava e encontrava-a na cozinha a fazer o pequeno-almoço. Nem sempre era um pequeno-almoço tradicional, às vezes eram ervilhas, outras vezes eram ovos, outras vezes era sopa enlatada de *noodles* e frango.

Por volta dos 6 anos, comecei a prestar atenção a essas manhãs para ver como ela usava o fogão, porque sabia que ia precisar de o utilizar da próxima vez que ela desaparecesse.

Questiono-me quantas crianças de 6 anos têm de aprender a mexer sozinhas

no fogão porque acreditam que, se não o fizerem, serão comidas vivas por um gato esfomeado que vive na sua barriga.

Acho que é tudo uma questão de sorte. Na sua maioria, os miúdos têm pais dos quais sentirão falta quando estes morrerem. Nós, os outros, temos pais que serão melhores depois de morrerem.

A coisa mais simpática que a minha mãe alguma vez fez por mim foi morrer.

*

O Buzz disse-me para ficar no seu carro-patrulha, para não estar ali à chuva enquanto recolhiam o corpo dela. Fico a observar, meio atordoada, enquanto eles a levam numa maca, coberta por um lençol branco. Levam-na na carrinha do médico legista. Nem sequer se dão ao trabalho de a levarem numa ambulância. Não vale a pena. Quase toda a gente nesta cidade que morre antes dos 50 anos é viciada em drogas.

Nem sequer importa que tipo de drogas são — feitas as contas, são todas letais.

Encosto o rosto ao vidro do carro e tento olhar para o céu. Hoje não há estrelas. Nem sequer consigo ver a Lua. De vez em quando, cai um relâmpago que revela as nuvens negras reunidas em magotes no céu.

Que adequado.

O Buzz abre a porta de trás do carro e curva-se. A chuva transformou-se numa bruma leve, por isso ele tem o rosto molhado, mas parece apenas que está transpirado.

— Precisas de boleia para algum lado? — pergunta ele.

Abano a cabeça.

— Queres ligar a alguém? Podes usar o meu telemóvel.

Volto a abanar a cabeça.

— Eu fico bem. Já posso voltar para casa?

Não sei se quero realmente voltar para a casa onde a minha mãe acabou de dar

o seu último suspiro, mas, neste momento, não tenho uma alternativa mais apelativa.

O Buzz afasta-se para o lado e abre um guarda-chuva, apesar de já não estar a chover muito e de eu estar encharcada. Mantém-se atrás de mim, segurando o guarda-chuva por cima da minha cabeça enquanto caminhamos em direção a casa.

Não conheço muito bem o Buzz. Conheço o filho dele, o Dakota, e conheço-o de muitas formas — todas elas formas que preferia não conhecer.

Questiono-me se o Buzz sabe o tipo de filho que criou, porque o Buzz parece ser um tipo decente. Nunca me chateou muito, nem à minha mãe. Por vezes, para o carro enquanto faz a patrulha no parque das casas pré-fabricadas. Pergunta sempre como estou, e eu tenho a sensação de que, quando me faz esta pergunta, está à espera de que lhe implore que me tire daqui. Mas não o faço. As pessoas como eu são extremamente hábeis a fingir que está tudo bem. Sorrio sempre ao Buzz e digo-lhe que estou ótima, e depois ele suspira como se ficasse aliviado por eu não lhe dar motivos para ligar para a Proteção de Menores.

Quando volto a entrar na sala, não consigo evitar fitar o sofá. Parece-me diferente agora. *Como se tivesse morrido ali alguém.*

— Ficas bem aqui de noite? — pergunta o Buzz.

Viro-me e ele está à porta com o guarda-chuva sobre a cabeça. Olha para mim como se tentasse demonstrar a sua solidariedade, mas o mais certo é estar a pensar em toda a papelada que isto o vai obrigar a preencher.

— Fico bem.

— Podes ir à funerária amanhã para tratar das coisas. Eles dizem que podes aparecer a partir das dez.

Assinto, mas ele não se vai embora. Fica ali mais um instante, desconfortável, mudando o peso de um pé para o outro. Fecha o guarda-chuva à soleira da porta, como se fosse supersticioso, e dá um passo para o interior da casa.

— Sabes — diz ele, enrugando tanto o rosto que a cabeça calva se enche de rugas pela testa acima. — Se não fores à funerária, eles podem declará-la como

indigente e enterrá-la assim. Não podes ter serviço fúnebre, mas, pelo menos, não te podem cobrar dinheiro nenhum. — Parece envergonhado por fazer esta sugestão. Depois, os olhos dirigem-se para a fotografia da Madre Teresa de Calcutá e, a seguir, fita os próprios pés, como se ela tivesse ralhado com ele.

— Obrigada. — De qualquer maneira, mesmo que houvesse serviço fúnebre, duvido que alguém aparecesse.

É triste, mas é verdade. A minha mãe era uma pessoa solitária. Claro que tinha pessoas conhecidas no bar que frequentava há quase 20 anos, mas não eram exatamente suas amigas. Eram apenas outras pessoas solitárias que procuram gente igual a si para poderem sentir-se sozinhas em conjunto.

Até essa massa de gente diminuiu graças à devastação das dependências que assolaram a cidade. E o tipo de pessoas com que a minha mãe se dava não é aquele que aparece em funerais. A maior parte delas deve ter vários mandados de captura, e, como tal, essas pessoas evitam todo o tipo de eventos organizados, não vá ser um ardil da polícia para as apanhar.

— Precisas de ligar ao teu pai? — pergunta ele.

Fito-o por instantes, sabendo que é o que vou ter de acabar por fazer, mas vou adiar enquanto puder.

— Beyah — diz ele, pronunciando o meu nome com um *i* longo.

— Diz-se «*Bei*-ah». — Não sei por que motivo o corrijo. Ele pronuncia o meu nome assim desde que o conheço e nunca me dei ao trabalho de o corrigir antes.

— *Beyah* — diz ele. — Eu sei que não me compete dar-te conselhos, mas… tu precisas de sair desta cidade. Sabes o que acontece às pessoas como… — Para de falar, como se o que estava prestes a dizer fosse insultuoso.

Acabo a frase por ele.

— Às pessoas como eu?

Fica com um ar ainda mais envergonhado, apesar de eu saber que se está a referir a *pessoas como eu* em sentido lato. Pessoas com mães como a minha. Pessoas que não têm como sair desta cidade. Pessoas que acabam a trabalhar indefinidamente em restaurantes de *fast food* até estarem entorpecidas por dentro

e o cozinheiro lhes oferecer uma passa de qualquer coisa que faz com que o resto do turno pareça uma noite na discoteca, e depois, quando dão por elas, já não conseguem sobreviver um segundo que seja das suas vidas miseráveis sem uma passa ou sem tomarem uma droga qualquer, porque vão perseguir aquela sensação com mais ansiedade do que a que dedicam à segurança dos seus filhos, até que acabam por injetar qualquer coisa nas veias enquanto fitam a Madre Teresa e morrem acidentalmente, quando, na verdade, a única coisa que queriam era fugir à fealdade dos dias.

O Buzz parece desconfortável dentro desta casa. Quem me dera que se fosse embora. Tenho mais pena dele do que de mim, e quem acabou de encontrar a mãe morta no sofá fui eu.

— Eu não conheço o teu pai, mas sei que é ele quem paga a renda desta casa desde que tu nasceste. Só isso já me faz pensar que ele é uma alternativa melhor do que ficar nesta cidade. Se tens alguma hipótese de sair daqui, precisas de a aproveitar. Esta vida que tens levado aqui… não é suficientemente boa para ti.

Esta é capaz de ter sido a coisa mais simpática que já me disseram na vida. E quem diria que seria dita pelo pai do Dakota.

Ele fica a olhar para mim durante alguns instantes, como se quisesse dizer mais qualquer coisa. Ou talvez queira que lhe responda. De qualquer maneira, o silêncio prolonga-se na sala até ele assentir e se ir embora. Até que enfim.

Depois de ele fechar a porta, viro-me e fico a olhar para o sofá. Fito-o durante tanto tempo que me sinto aturdida. É estranho como toda a nossa vida pode mudar completamente entre a hora de acordar e a hora de ir para a cama.

Por muito que deteste admiti-lo, o Buzz tem razão. Não posso ficar aqui. Nunca pensei cá ficar, mas achei que, pelo menos, tinha o verão para preparar a minha partida.

Tenho andado a trabalhar no duro para sair desta cidade, e, assim que agosto chegar, meto-me num autocarro para a Pensilvânia.

Recebi uma bolsa de estudo de voleibol para estudar na Universidade Penn State. Em agosto, saio desta vida, e não vai ser porque a minha mãe fez alguma

coisa por mim, ou porque o meu pai me tirou daqui. Vou sair porque *trabalhei* para isso.

Quero essa vitória para *mim*.

Quero *ser* a razão pela qual vou ser a pessoa em que me tornarei no futuro.

Recuso-me a permitir que a Janean receba algum crédito por qualquer coisa boa que me venha a acontecer no futuro. Nunca lhe contei acerca da bolsa de estudo que recebi. Não contei a ninguém. Obriguei o meu treinador a jurar que mantinha tudo em segredo e nem sequer permiti que saísse uma notícia no jornal da escola nem uma fotografia no livro de fim de ano.

Também não contei ao meu pai. Nem sei se ele sabe que jogo voleibol. Os meus treinadores certificaram-se sempre de que eu tinha tudo o que precisava no que toca a materiais, equipamento e uniforme. Eu era uma jogadora suficientemente boa para que eles permitissem que a minha situação financeira me impedisse de fazer parte da equipa.

Não tive de pedir absolutamente nada aos meus pais no que dizia respeito ao voleibol.

Parece-me estranho referir-me a eles como os meus pais. É um facto que foram eles que me trouxeram ao mundo, mas isso foi praticamente a única coisa que fizeram por mim.

Sou o resultado do envolvimento de apenas uma noite. Quando conheceu a Janean, o meu pai vivia em Washington, mas estava no Kentucky em trabalho. Eu já tinha três meses quando ele soube que a Janean tinha engravidado. Ele só descobriu que era pai quando ela lhe apresentou os papéis para a pensão de alimentos.

Ele veio ver-me uma vez por ano até eu fazer 4 anos. Depois disso, começou a pagar-me os voos para eu ir visitá-lo a Washington.

O meu pai não sabe nada sobre a minha vida no Kentucky. Não sabe nada acerca do vício da minha mãe. Não sabe nada sobre mim, a não ser aquilo que lhe conto, que é muito pouco.

Sou muito reservada em relação a todos os aspetos da minha vida. Os

segredos são a minha única moeda de troca.

Não contei ao meu pai acerca da bolsa de estudo pelo mesmo motivo que não contei à minha mãe. Não quero que ele sinta orgulho por ter uma filha que alcançou alguma coisa significativa. Ele não merece sentir orgulho numa filha na qual investe o mínimo esforço possível. Ele acha que um cheque por mês e um telefonema ocasional para o meu trabalho é o suficiente para compensar o facto de mal me conhecer.

Ele é pai duas semanas por ano.

Como estamos tão afastados geograficamente, essa é a desculpa mais conveniente para a sua ausência na minha vida. Fiquei com ele durante duas semanas em cada verão desde os meus 4 anos, mas, nos últimos três anos, nem o vi.

Quando fiz 16 anos e entrei para a equipa de voleibol da escola, o desporto tornou-se uma parte ainda mais importante da minha rotina diária, por isso deixei de ir visitá-lo. Há três anos que arranjo desculpas para não poder passar aquelas duas semanas com ele.

Ele faz de conta que fica triste.

Eu faço de conta que estou ocupada e peço desculpa.

Lamento, *Brian*, mas um cheque mensal faz de ti responsável, não faz de ti um pai.

Subitamente, ouço uma batida forte na porta que me assusta o suficiente para soltar um grito. Viro-me e, através da janela da sala de estar, vejo o senhorio. Normalmente, não abriria a porta ao Gary Shelby, mas não estou em posição de o ignorar. Ele sabe que estou acordada. Usei o telefone dele para ligar à polícia. Além disso, preciso de saber o que fazer com este sofá. Já não o quero aqui em casa.

Quando abro a porta, o Gary entrega-me um envelope ao mesmo tempo que entra para se proteger da chuva.

— O que é isto? — pergunto.

— Uma ordem de despejo.

Se isto viesse de qualquer outra pessoa que não o Gary Shelby, até ficaria surpreendida.

— Ela acabou de morrer, literalmente. Não podes esperar uma semana?

— Ela já tinha três meses de renda em atraso, e eu não arrendo casas a adolescentes. Preciso de um contrato com alguém com mais de 21 anos ou então tens de sair.

— O meu pai é que paga a renda. Como é que pode estar três meses atrasada?

— A tua mãe deixou de me enviar os cheques há alguns meses. O senhor Renaldo anda à procura de uma casa maior, por isso acho que os vou deixar trocar de…

— És um cabrão, Gary Shelby.

Ele encolhe os ombros.

— Negócios são negócios. Já tinha enviado dois avisos à tua mãe. De certeza que tens outro sítio onde ficar. Não podes ficar aqui sozinha, só tens 16 anos.

— Fiz 19 anos na semana passada.

— Seja como for, para teres um contrato de arrendamento precisas de ter pelo menos 21 anos. Isso e pagar a renda.

Tenho a certeza de que deve haver um processo de despejo qualquer que tenha de passar pelo tribunal antes de ele me poder obrigar a sair de casa, mas não vale a pena lutar, porque também já não quero viver aqui.

— Quanto tempo tenho?

— Dou-te o resto da semana.

O resto da semana? Tenho 27 dólares no bolso e não tenho sítio absolutamente nenhum para onde possa ir.

— Não posso ficar mais dois meses? Vou para a faculdade em agosto.

— Se a renda não estivesse já três meses atrasada, talvez pudesse deixar-te ficar. Mas assim seriam cinco meses, e eu não posso dar-me ao luxo de oferecer quase meio ano de renda a *ninguém*.

— És mesmo um grande cabrão — resmungo entre dentes.

— Sim, já determinámos isso.

Percorro uma lista mental de potenciais amigos a quem podia pedir guarida durante os próximos dois meses, mas a Natalie foi para a faculdade no dia a seguir a completar o secundário para ter aulas de verão. Os amigos que me restam desistiram de estudar e estão a caminho de se tornarem a próxima Janean ou têm famílias que sei que não iriam permitir a minha presença.

Há a Becca, mas o padrasto dela é um verdadeiro sacana. Preferia viver com o Gary a estar perto daquele homem.

Resta-me uma hipótese.

— Preciso de usar o teu telefone.

— Já está a fazer-se tarde — diz ele. — Podes usá-lo amanhã.

Passo por ele de rompante e desço os degraus.

— Então devias ter esperado por amanhã para me dizeres que já não tenho casa, Gary!

Caminho à chuva e vou diretamente para casa dele. O Gary é a única pessoa do parque de casas pré-fabricadas que ainda tem um telefone fixo, e, uma vez que somos todos demasiado pobres para termos telemóveis, toda a gente usa o telefone dele. Isto no caso de não terem rendas em atraso e de não andarem a tentar esquivar-se dele.

Já passou quase um ano desde a última vez que liguei ao meu pai, mas sei o número dele de cor. Há oito anos que tem o mesmo número de telemóvel. Ele liga-me para o trabalho mais ou menos uma vez por mês, mas, na maior parte das vezes, evito falar com ele. Não há muita coisa sobre a qual possa conversar com um homem que mal conheço, por isso prefiro não falar com ele do que andar a vomitar mentiras como: «A mãe está bem. A escola corre bem. O trabalho é bom. A vida está a correr bem.»

Engulo o meu orgulho espesso e compactado e marco o número do meu pai. Estou à espera de que a chamada vá para o voicemail, mas ele atende ao segundo toque.

— Estou? Fala Brian Grim. — Tem uma voz rouca. Acordei-o.

Pigarreio.

— Hum, olá, pai.

— Beyah? — Agora que sabe que sou eu, parece mais desperto e preocupado. — O que se passa? Está tudo bem?

«A Janean morreu» são as palavras que tenho na ponta da língua, mas não consigo pronunciá-las. Ele mal conheceu a minha mãe. Há tanto tempo que não vem ao Kentucky que, da última vez que a viu, ela ainda era mais ou menos bonita e não parecia um esqueleto trémulo e frágil.

— Sim, está tudo bem — respondo.

É demasiado estranho dizer-lhe ao telefone que ela morreu. Vou esperar e contar-lhe pessoalmente.

— Porque é que estás a ligar tão tarde? Aconteceu alguma coisa?

— Fiz o turno da noite e não consegui ter acesso ao telefone mais cedo.

— Foi por isso que te mandei um telemóvel pelo correio.

Ele mandou-me um telemóvel? Nem me dou ao trabalho de lhe fazer perguntas acerca disto. De certeza que a minha mãe o vendeu para comprar a droga que tem agora a gelar-lhe as veias.

— Olha, pai — digo —, sei que já se passou algum tempo, mas estava a pensar se podia ir visitar-te antes de ir para a faculdade.

— Claro que podes — diz ele, sem hesitar. — Diz-me só o dia em que queres vir e eu compro-te o bilhete de avião.

Olho para o Gary. Ele está a poucos passos de mim, a olhar fixamente para o meu peito, por isso viro-me de costas.

— Estava a pensar em ir amanhã.

Depois de uma pausa, ouço movimentos do outro lado, como se ele estivesse a arrastar-se para fora da cama.

— Amanhã? Tens a certeza de que está tudo bem, Beyah?

Deixo a cabeça cair para trás e fecho os olhos por um instante, enquanto lhe minto mais uma vez.

— Sim. A Janean… Preciso de sair daqui. E tenho saudades tuas.

Não tenho saudades dele. Mal o conheço. Mas digo o que for preciso para

conseguir o voo mais rápido daqui para fora.

Ouço o meu pai a teclar do outro lado da linha, como se estivesse ao computador. Começa a murmurar nomes de companhias aéreas e horários.

— Consigo marcar-te um voo na United Airlines para Houston amanhã de manhã. Mas tens de estar no aeroporto daqui a cinco horas. Quantos dias queres ficar?

— Houston? Porquê Houston?

— Porque agora vivo no Texas. Já estou a viver aqui há um ano e meio.

Bem, isto deve ser o tipo de coisa que uma filha saberia acerca do pai. Pelo menos ainda tem o mesmo número de telemóvel.

— Pois é, esqueci-me. — Agarro na nuca com força. — Por enquanto, podes comprar-me um bilhete só de ida? Não sei bem quanto tempo quero ficar. Talvez umas semanas.

— Claro. Vou comprá-lo agora mesmo. Amanhã de manhã, basta ires ter com um funcionário da United Airlines e eles imprimem-te o cartão de embarque. Espero por ti na receção das bagagens.

— Obrigada — desligo a chamada antes que ele possa dizer mais alguma coisa. Quando me viro, o Gary aponta o polegar para a porta da frente.

— Posso dar-te boleia para o aeroporto — diz ele. — Mas tem um custo. — Sorri com um ar manhoso, e a forma como os seus lábios se enroscam dá-me a volta ao estômago. Quando o Gary Shelby se oferece para fazer um favor a uma mulher, nunca o faz a troco de dinheiro.

E se vou ter de trocar favores com alguém para me levar ao aeroporto, prefiro que seja com o Dakota.

Já estou habituada ao Dakota. Por muito que o despreze, ele tem sido de confiança.

Volto a pegar no telefone e ligo ao Dakota. O meu pai disse que tinha de estar no aeroporto daqui a cinco horas, mas, se esperar e deixar o Dakota adormecer, ele é capaz de não atender. Quero chegar ao aeroporto enquanto tenho oportunidade.

Fico aliviada quando ele atende a chamada. Parece meio adormecido quando diz:

— Estou?

— Olá. Preciso de um favor.

Segue-se um momento de silêncio, antes de ele dizer:

— A sério, Beyah? Estamos a meio da noite.

Ele nem sequer pergunta o que quero ou se está tudo bem. Fica imediatamente aborrecido comigo. Devia ter posto um fim a isto, seja lá isto o que for, assim que começou.

Pigarreio.

— Preciso de boleia para o aeroporto.

Ouço o Dakota a suspirar como se eu fosse um imenso incómodo para ele. Sei que não sou. Posso não ser mais do que uma transação, mas uma transação da qual ele parece não se fartar.

Ouço o estalido da cama, como se ele estivesse a sentar-se.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Não é isso… não te estou a ligar por isso. Só preciso de boleia para o aeroporto. Por favor.

O Dakota geme antes de dizer:

— Dá-me meia hora. — Desliga o telefone, e eu faço o mesmo de seguida.

Passo pelo Gary e faço questão de bater com a porta de rede quando vou a sair.

Ao longo dos anos, aprendi a não confiar nos homens. A maioria daqueles com quem interagi são como o Gary. O Buzz é simpático, mas não posso ignorar o facto de que foi ele quem educou o Dakota. E o Dakota é só uma versão mais nova e mais atraente do Gary.

Já ouvi as pessoas falarem de homens bons, mas começo a achar que se trata apenas de um mito. Pensava que o Dakota era um desses homens bons. A maior parte deles parece ser um Dakota por fora, mas, depois, por baixo das camadas

de pele e dos tecidos subcutâneos, há uma espécie de podridão que lhes corre nas veias.

Quando regresso a casa, olho em redor do meu quarto e questiono-me se há alguma coisa que queira levar comigo. Não tenho grande coisa que valha a pena levar, por isso agarro em algumas mudas de roupa, nas escovas do cabelo e dos dentes. Guardo as coisas em sacos de plástico antes de as pôr na mochila, para o caso de apanhar chuva.

Antes de sair de casa para ficar à espera do Dakota, tiro o quadro da Madre Teresa de Calcutá da parede. Tento metê-lo na mochila, mas não cabe. Agarro noutro saco de plástico e guardo-o lá dentro, e depois levo-o comigo para a rua.

DOIS

Depois de uma mãe morta, uma escala em Orlando e várias horas de atraso por causa do tempo, chego finalmente.

Ao *Texas*.

Assim que saio do avião e entro na ponte de embarque, sinto o calor do fim de tarde a derreter e a queimar -me a pele como se fosse feita de manteiga.

Ando de forma automática, sem esperança, a seguir os sinais para a zona de recolha de bagagem para me encontrar com o meu pai, de quem tenho metade do material genético, mas a quem, de certa forma, não me sinto minimamente ligada.

Não tenho qualquer memória de experiências negativas com ele. Na verdade, os dias que passei com o meu pai durante os verões constituem as únicas memórias agradáveis que tenho da infância.

Os sentimentos negativos que tenho a respeito dele advêm de todas as experiências que *não* partilhei com ele. Quanto mais cresço, mais claro se torna o esforço mínimo que ele fez para estar presente na minha vida. Por vezes, questiono-me quão diferente seria enquanto pessoa se tivesse passado mais tempo com ele do que com a Janean.

Se tivesse tido mais momentos bons do que maus, continuaria a ser este ser humano cético e incapaz de confiar nos outros?

Talvez. Ou talvez não. Por vezes, acredito que as personalidades são mais moldadas pelo mal que nos infligem do que pela bondade com que nos tratam.

A bondade não penetra tão profundamente na nossa pele como o mal que nos fazem. O mal mancha-nos a alma de tal forma que não o conseguimos expulsar de nós. Fica colado de forma permanente, e eu sinto que, quando olham para mim, as pessoas conseguem ver todas as minhas mágoas.

Se, no passado, tivesse recebido quantidades iguais de maldade e de bondade,

as coisas poderiam ter sido diferentes para mim, mas, infelizmente, não são. Podia contar os momentos de bondade que alguém me dirigiu pelos dedos das duas mãos. Não conseguiria contar as vezes que me fizeram mal, nem que recorresse às mãos de todas as pessoas que estão neste aeroporto.

Demorei algum tempo a tornar-me imune ao mal. A construir um muro para me proteger, a mim e ao meu coração, de pessoas como a minha mãe. De rapazes como o Dakota.

Agora sou feita de aço. *Podes atirar-te a mim à vontade, mundo. Não consegues magoar alguém que é impermeável.*

Quando dobro a esquina e vejo o meu pai através do vidro que separa a parte reservada do aeroporto da parte pública, hesito. Olho para as pernas dele.

Para ambas as pernas do meu pai.

Acabei o secundário há apenas duas semanas e, embora não estivesse exatamente à espera de que ele comparecesse à cerimónia de formatura, mantive sempre uma débil centelha de esperança. Contudo, uma semana antes, ele deixou-me uma mensagem no trabalho a dizer que tinha partido uma perna e não podia viajar até ao Kentucky.

De onde estou, nenhuma das suas pernas me parece partida.

Sinto-me imediatamente grata por ser impermeável, porque, caso contrário, era capaz de ficar magoada com ele.

Ele está perto da zona de recolha de bagagens e não tem muletas à vista. Caminha de um lado para o outro sem coxear ou sequer arrastar o passo. Eu não sou médica, mas achava que uma perna partida demorava mais do que algumas semanas a curar. E mesmo que conseguisse recuperar nesse período, certamente teria algumas limitações físicas residuais.

Já me arrependi de ter vindo até aqui e ele ainda nem me pôs a vista em cima.

Aconteceu tudo tão depressa nas últimas 24 horas que nem tive oportunidade de parar um pouco para pensar. A minha mãe morreu, nunca mais volto para o Kentucky e, nas próximas semanas, vou ter de viver com um homem com quem passei menos de 200 dias desde que nasci.

Mas hei de conseguir aguentar.

É isso que eu faço.

Saio da zona reservada e chego à área de recolha de bagagem quando o meu pai olha para mim. Para de andar, mas tem as mãos enfiadas nos bolsos das calças de ganga e deixa-as ficar ali por um instante. Tem um ar um pouco nervoso, e até gosto que esteja assim. Quero que se sinta intimidado pela falta de envolvimento na minha vida.

Quero ter alguma vantagem durante este verão. Não me vejo a viver com um homem que acha que vai conseguir compensar o tempo perdido sendo agora um pai extremoso. A verdade é que até preferia que nos limitássemos a coexistir na casa dele sem precisarmos de falar até chegar a altura de eu ir para a faculdade, em agosto.

Caminhamos na direção um do outro. Ele deu o primeiro passo, por isso certifico-me de que dou o último. Não nos abraçamos porque estou com a mochila nos braços e com o saco que contém a Madre Teresa na mão. Também não sou pessoa de abraços. Aquela cena toda de toques, apertões e sorrisos não faz parte do meu plano de reunião.

Assentimos um ao outro, constrangidos, e é óbvio que somos meros desconhecidos que partilham apenas um apelido sombrio e um pouco de ADN.

— Uau — diz ele, abanando a cabeça enquanto olha para mim. — Estás tão crescida. E linda. E tão alta… e…

Forço um sorriso.

— Tu estás… mais velho.

O cabelo preto do meu pai está salpicado com fios grisalhos e o rosto é mais cheio agora. Sempre foi um homem bonito, mas a maior parte das meninas considera o seu pai bonito. Agora que sou adulta, consigo ver que é realmente um homem atraente.

Acho que até os pais preguiçosos podem ser bonitos.

Há mais qualquer coisa nele que está diferente e que não tem nada que ver com o envelhecimento. Não sei bem o que é e também não sei se me agrada.

Ele aponta para o tapete de bagagens e pergunta:

— Quantas malas tens?

— Três.

A mentira sai-me imediatamente da boca. Por vezes, chego a ficar impressionada comigo mesma com a velocidade a que as mentiras me ocorrem. Outro mecanismo para lidar com as coisas que aprendi ao viver com a Janean.

— Trouxe três malas vermelhas grandes. Pensei que podia ficar durante algumas semanas, por isso trouxe tudo.

A campainha toca e o tapete começa a rolar. O meu pai encaminha-se para o sítio onde as malas começam a sair para cima do tapete. Ponho a alça da mochila ao ombro — a mochila que contém tudo o que trouxe comigo.

Nem sequer uma mala tenho, quanto mais três malas vermelhas. Mas talvez o meu pai se ofereça para substituir os meus pertences inexistentes, se achar que o aeroporto perdeu a minha bagagem.

Sei que é feio fazer de conta que perdi coisas que não tinha, mas ele também não tem uma perna partida, por isso estamos quites.

Uma mentira por uma mentira.

Esperamos vários minutos completamente confrangedores pelas malas que sei que não vão chegar.

Digo-lhe que preciso de me refrescar e passo pelo menos dez minutos na casa de banho. Despi a farda do trabalho antes de entrar no avião. Visto um dos vestidos de verão que trouxe amarrotados na mochila. Passar o dia sentada nos aeroportos e depois no lugar apertado do avião deixou tudo ainda mais enrugado.

Olho para o meu reflexo no espelho. Não sou muito parecida com o meu pai. Tenho o cabelo castanho, baço e sem vida da minha mãe e os olhos verdes do meu pai. Também tenho os lábios iguais aos dele. A minha mãe tinha lábios finos, quase invisíveis, por isso, pelo menos, recebi mais qualquer coisa dele além do apelido.

Apesar de partes de mim se assemelharem a partes deles, nunca senti que pertencesse a nenhum dos dois. É como se me tivesse adotado a mim mesma

quando era criança e, desde então, fosse a única que sempre esteve do meu lado. Esta visita ao meu pai parece apenas isso… uma visita. Não sinto que estou a vir para casa. Nem sequer sinto que acabei de sair de casa.

A ideia de casa continua a parecer-me um lugar mítico que procurei durante toda a minha vida.

Quando saio da casa de banho, já todos os outros passageiros se foram embora e o meu pai está no balcão a preencher um formulário para reclamar da minha bagagem perdida.

— Aqui diz que não foi feito o check-in de quaisquer malas com este bilhete — diz o funcionário ao meu pai. — Tem o recibo? Por vezes, eles colam o autocolante atrás do bilhete.

Ele olha para mim e eu encolho os ombros com inocência.

— Como já estava atrasada, a mãe fez o check-in por mim, depois de me entregarem o bilhete.

Afasto-me do balcão e faço de conta que estou interessada num sinal afixado na parede. O funcionário diz ao meu pai que, se encontrarem as minhas malas, entram em contacto com ele.

O meu pai vem ter comigo e aponta para a porta.

— O carro está ali.

*

Já estamos a quinze quilómetros do aeroporto. O GPS diz que faltam cerca de cem quilómetros para chegarmos a casa dele. O carro do meu pai cheira a sal e a loção para a barba.

— Assim que estiveres instalada, a Sara pode ir contigo a uma loja para comprares tudo o que te faz falta.

— Quem é a Sara?

O meu pai olha para mim como se não tivesse a certeza se estou a brincar ou não.

— A Sara. A filha da Alana.

— Da Alana?

Ele volta a olhar para a estrada e eu vejo uma mudança subtil no seu maxilar, que agora está cerrado.

— A minha mulher. No verão passado, mandei-te um convite para o nosso casamento. Tu disseste que não conseguias tirar uns dias de férias no trabalho.

Ah. *Essa* Alana. Não sei nada a respeito dela além do que vinha no convite.

— Não sabia que ela tinha uma filha.

— Pois, nós este ano não falámos muitas vezes. — Diz isto como se tivesse alguma espécie de ressentimento para comigo.

Espero não estar a entender bem o seu tom, porque não sei se ele pode ter ressentimentos em relação a mim, seja lá de que natureza forem. Ele é que é o progenitor. Eu sou apenas o produto das suas fracas escolhas e falta de contraceção.

— Temos muita conversa para pôr em dia — diz o meu pai.

Oh, ele não faz a menor ideia.

— A Sara tem irmãos? — pergunto. Rezo para que não tenha. A ideia de ter de passar o verão com mais alguém além do meu pai é um choque para o meu sistema. Não aguento uma voltagem ainda maior.

— Ela é filha única. É um bocadinho mais velha do que tu, está no primeiro ano da faculdade e veio passar o verão a casa. Vais adorá-la.

Veremos. Eu li a Cinderela, sabes?

Ele estende a mão para a ventilação do carro.

— Está calor aqui dentro? Ou demasiado frio?

— Por mim, está bom.

Quem me dera que ele ligasse o rádio. Ainda não sei como ter uma conversa confortável com ele.

— Como está a tua mãe?

Reteso-me ao ouvir esta pergunta.

— Está… — Faço uma pausa. Nem sequer sei como dizer isto. Como já

esperei tanto tempo para lhe contar, sinto que agora ia parecer estranho ou preocupante não lhe ter dito nada ontem à noite quando falei com ele ao telefone. Ou assim que o vi no aeroporto. E depois ainda fui dizer aquela mentira a respeito das malas — que a minha mãe me levou ao aeroporto e fez o check-in.

— Acho que há muito tempo que não estava tão bem. — Levo a mão ao lado do banco e procuro a alavanca para o recostar. Em vez de uma alavanca, encontro uma série de botões. Carrego neles até o banco começar finalmente a inclinar-se para trás.

— Acordas-me quando chegarmos? — Vejo-o assentir e sinto-me um pouco mal, mas não sei quanto tempo a viagem vai durar e quero mesmo fechar os olhos, para tentar dormir e evitar todas as perguntas a que não sei como responder.

TRÊS

A minha cabeça agita -se com um abanão violento. Abro os olhos lentamente e todo o meu corpo desperta sobressaltado.

— É um *ferry* — diz o meu pai. — Desculpa, a rampa de acesso é sempre um pouco acidentada.

Olho de relance para o meu pai, ainda um pouco desnorteada. Mas depois começo a lembrar -me de tudo.

A minha mãe morreu ontem à noite.

O meu pai ainda não faz a menor ideia.

Tenho uma madrasta e ela tem uma filha.

Olho pela janela, mas só vejo filas de carros a bloquear a paisagem em todas as direções.

— Porque é que estamos num *ferry*?

— O GPS indicava um congestionamento de duas horas na estrada 87. Deve ter sido um acidente qualquer. E achei que, a esta hora do dia, o *ferry* para a Península Bolivar seria a alternativa mais rápida.

— O *ferry* para *onde*?

— É onde fica a casa de verão da Alana. Vais adorar.

— A casa de *verão*? — Ergo uma sobrancelha. — Casaste com uma pessoa que tem casas sazonais?

O meu pai ri-se um pouco, mas não era uma piada.

Da última vez que fiquei com ele, vivia num apartamento barato em Washington, e, como só tinha um quarto, eu dormia no sofá da sala. Agora tem uma mulher com várias casas?

Fito-o por instantes e percebo então por que motivo me parece diferente. Não é a idade. *É o dinheiro*.

Ele nunca foi um homem rico. Nem de longe nem de perto. Ganhava o suficiente para pagar a pensão de alimentos e ter um apartamento com apenas

um quarto, mas era o tipo de pai que costumava poupar dinheiro cortando o seu próprio cabelo e reutilizando copos de plástico.

Agora, ao olhar para ele, é evidente que as pequenas mudanças que lhe encontrei se devem ao facto de ter dinheiro. Um corte de cabelo pelo qual pagou. Roupas de marca. Um carro com botões em vez de alavancas.

Olho para o centro do volante e vejo um felino de metal brilhante em pleno salto.

O meu pai conduz um Jaguar.

Consigo sentir o meu rosto a contorcer-se num esgar, por isso olho pela janela antes que ele se aperceba da expressão de repugnância que irradio.

— Tu agora és rico?

Ele volta a soltar um risinho. Detesto isto. Detesto pessoas que dão risinhos; é a forma de riso mais condescendente que existe.

— Fui promovido há uns anos, mas não é o tipo de promoção que me permita ter casas sazonais. O divórcio da Alana deixou-a com alguns bens, mas ela é dentista e ganha relativamente bem.

Uma dentista.

Isto é muito mau.

Eu cresci numa casa pré-fabricada com uma mãe toxicodependente e agora estou prestes a passar o verão numa casa de praia com uma madrasta que é doutora, o que quer dizer que é mais do que provável que a filha dela seja uma menina rica mimada com quem não vou ter absolutamente nada em comum.

Devia ter ficado no Kentucky.

Não sei lidar muito bem com pessoas, menos ainda quando essas pessoas têm dinheiro.

Preciso de sair deste carro, preciso de ter algum tempo para mim.

Endireito-me no banco, tentando ver melhor através da janela e perceber se as outras pessoas saem dos carros. Nunca estive no mar e também nunca andei de *ferry*. O meu pai viveu a maior parte da minha vida em Spokane, e a cidade não

fica perto da água, por isso, até agora, só estive nos estados do Kentucky e de Washington.

— Posso sair do carro?

— Claro — diz ele. — Lá em cima há um convés panorâmico. Ainda temos cerca de um quarto de hora de viagem.

— Vais sair?

Ele abana a cabeça e agarra no telemóvel.

— Tenho alguns telefonemas para fazer.

Saio do carro e olho para a parte de trás do *ferry*, mas estão ali algumas famílias a atirar pedaços de pão às gaivotas. Também há uma multidão na parte da frente do barco e no convés panorâmico por cima de mim, por isso caminho até deixar de ver o meu pai. Como deste lado do barco não há ninguém, decido passar por entre os carros.

Quando chego ao parapeito, agarro-me com força e inclino-me para a frente, olhando fixamente para o mar pela primeira vez na vida.

Se a pureza tivesse um aroma, seria este.

Acho que nunca inspirei um ar assim tão puro. Fecho os olhos e inalo tanto quanto consigo. Há qualquer coisa no aroma salgado do ar que me acalma quando se mistura com o ar bafiento e cediço do Kentucky que ainda se agarra às células dos meus pulmões.

A brisa agita-me o cabelo, por isso agarro-o com as mãos e torço-o, depois prendo-o com um elástico que usei no pulso durante o dia inteiro.

Olho para oeste. O sol está quase a pôr-se e o céu é inteiramente composto por espirais em tons de cor-de-rosa, cor de laranja e vermelho. Já vi o pôr do sol inúmeras vezes, mas nunca vi o sol quando a única coisa que o separa de mim é um oceano e uma tira estreita de terra. Parece estar a pairar sobre a terra como uma chama flutuante.

É o primeiro pôr do sol que sinto tão profundamente no peito. Sinto que os meus olhos começam a encher-se de água perante a beleza com que me deparo.

O que é que isto diz sobre mim? Ainda não derramei uma lágrima pela minha

mãe, mas não sei como é que sou capaz de chorar por um ato tão repetitivo da natureza.

Mas não consigo deixar de me emocionar um pouco com isto. O céu é um caleidoscópio de cores, é como se a terra escrevesse um poema com as nuvens, comunicando o seu apreço por aqueles que cuidam dela.

Inspiro profundamente mais uma vez, querendo lembrar-me desta sensação para sempre, do aroma do mar e do barulho das gaivotas. Receio que o poder de tudo isto se desvaneça à medida que se for tornando mais usual. Sempre tive curiosidade a esse respeito — se quem vive na praia a aprecia menos do que quem tem apenas a vista das traseiras da casa merdosa do senhorio.

Olho em redor para ver se as pessoas que vão no *ferry* tomam esta vista como garantida. Algumas estão a admirar o pôr do sol. Muitas delas continuam dentro dos carros.

Estou na iminência de passar o meu verão a olhar para vistas semelhantes a esta, mas será que *também* as vou tomar como um dado adquirido?

Alguém na parte de trás do *ferry* grita que há golfinhos na água, mas, apesar de adorar ver um golfinho, gosto ainda mais da ideia de ir na direção oposta à da multidão. As pessoas que estão na parte da frente do *ferry* dirigem-se para a parte de trás como se fossem formigas em direção a um torrão de açúcar.

Aproveito a oportunidade para ir até à parte da frente do barco. Agora está vazia e mais isolada dos carros.

Reparo num pacote de pão de forma meio cheio no chão do convés, mesmo ao lado dos meus pés. Era o que os miúdos estavam a dar às gaivotas. Alguém o deve ter deixado cair, na pressa de ir ver os golfinhos.

Assim que vejo o pão, o meu estômago começa a roncar, recordando-me de que não comi praticamente nada nas últimas 24 horas. Além do pacote de *pretzels* que comi no avião, a última coisa que ingeri foi o almoço de ontem, no trabalho, e mesmo assim foi só uma dose pequena de batatas fritas.

Olho em redor para me certificar de que não está ninguém por perto e depois pego no pão. Levo a mão ao saco, tiro uma fatia e coloco o saco onde estava.

Encosto-me ao parapeito e começo a partir a fatia em pedaços, que amasso e levo à boca.

Sempre comi pão assim. Devagar.

É erróneo pensar que as pessoas que vivem na pobreza devoram a comida vorazmente quando conseguem encontrar o que comer. Pelo menos no meu caso isso não acontece. Sempre saboreei a comida lentamente, porque nunca sabia quando ia poder voltar a comer. Quando era pequena, sempre que chegava à última fatia de um pão, fazia com que durasse o dia inteiro.

É algo a que terei de me habituar durante este verão, principalmente se a mulher do meu pai cozinhar. É provável que jantem todos em família.

Vai ser tão estranho.

É triste eu achar estranho o facto de ter acesso regular a comida.

Levo outro pedaço de pão à boca e, a seguir, viro-me para olhar para o *ferry*. No lado do convés superior está escrito com grandes letras brancas: Robert H. Dedman.

Um ferry *chamado Dedman*[1]*? Não é lá muito reconfortante*.

Algumas pessoas já regressaram ao convés da frente. Os golfinhos devem ter desaparecido.

Os meus olhos concentram-se num rapaz que está no convés superior com uma máquina fotográfica na mão, como se esta não tivesse o menor significado para ele. Nem sequer tem a tira enrolada ao pulso. A máquina está simplesmente pendurada, a oscilar na sua mão, como se tivesse mais máquinas fotográficas em casa para substituir esta, caso a deixe cair.

A máquina está apontada diretamente a mim. Pelo menos é o que parece.

Olho de relance para trás, mas não há mais nada aqui, por isso não sei bem a que é que ele estava a tirar fotografias.

Quando volto a olhar para ele, o rapaz continua a olhar para mim. Apesar de estar no convés superior, um nível acima de mim no *ferry*, os meus mecanismos de defesa entram imediatamente em ação. Isto acontece sempre que acho alguém atraente.

De certa forma, ele faz-me lembrar os rapazes do Kentucky que voltavam para a escola depois de terem estado todo o verão a trabalhar nas quintas, debaixo do sol inclemente. Traziam a pele bronzeada e o cabelo com fios louros aclarados pelo sol.

Pergunto-me qual será a cor dos seus olhos.

Não. Não pergunto nada. Não quero saber. A atração conduz à confiança, que conduz ao amor, e essas são coisas com as quais não quero ter nada que ver. Treinei-me a desinteressar-me por alguém mais depressa do que posso interessar-me. É como um interruptor, começo a achá-lo desinteressante tão depressa como o tinha achado atraente.

Daqui de baixo não consigo decidir o que significa a expressão no rosto dele. Não sou muito boa a interpretar as pessoas da minha idade, porque, para ser franca, nunca tive muitos amigos, mas ainda sou pior a decifrar as expressões das pessoas da minha idade que são *ricas*.

Baixo o olhar para a minha roupa. O vestido amarrotado e de cores esbatidas. Os chinelos de enfiar no dedo que consegui manter intactos durante dois anos. A meia fatia de pão que tenho na mão.

Levanto os olhos para o rapaz, que continua com a máquina apontada na minha direção, e sinto-me subitamente envergonhada.

Há quanto tempo estará a tirar-me fotografias?

Tirou-me alguma a roubar uma fatia de pão abandonado? Fotografou-me a comê-lo?

Estará a planear publicar as fotografias online, esperando que se tornem virais como aquelas publicações cruéis do *People of Walmart*[2]?

A confiança, o amor, a atração e a desilusão são apenas algumas das coisas das quais aprendi a proteger-me, mas, segundo parece, ainda estou a trabalhar na vergonha, no embaraço. Neste momento, envolve-me como uma onda de calor que me abarca da cabeça aos pés.

Olho em redor com nervosismo, reconhecendo a mistura de pessoas no *ferry*.

Os veraneantes nos seus jipes, com chinelos de enfiar no dedo e protetor solar. Os trabalhadores sentados nos seus carros, ainda com os fatos de trabalho.

E depois eu. A rapariga que não tem dinheiro para um carro *nem* para ir de férias.

Não pertenço a este *ferry*, que transporta carros elegantes cheios de gente elegante que segura máquinas fotográficas como se estas fossem tão baratas como bolos.

Volto a olhar para o rapaz da máquina fotográfica e ele continua a fitar-me, provavelmente enquanto se questiona o que faço neste *ferry* com a sua gente, no meu vestido desbotado, com as pontas do cabelo espigadas, as unhas sujas e cheia de segredos indecentes.

Olho em frente e vejo uma porta que dá acesso a uma parte fechada do *ferry*. Precipito-me para a porta e esgueiro-me lá para dentro.

À minha direita há uma casa de banho, por isso entro e fecho a porta à chave.

Olho para o meu reflexo no espelho. Tenho o rosto corado e não sei se é da vergonha ou do calor intenso do Texas.

Tiro o elástico do cabelo e tento desembaraçá-lo com os dedos.

Não acredito que é este o meu aspeto e que estou prestes a conhecer a nova família do meu pai. Elas devem ser daquelas mulheres que vão ao cabeleireiro arranjar o cabelo e as unhas, e a médicos especialistas para corrigir as suas imperfeições. Devem ser muito eloquentes e cheirar a gardénias.

Eu sou macilenta, estou transpirada e cheiro a uma mistura de bolor e gordura das fritadeiras de batatas do McDonald’s.

Atiro o resto do pão para o balde do lixo da casa de banho.

Fito a minha imagem no espelho, mas a única coisa que vejo é a versão mais triste de mim mesma. Talvez ter perdido a minha mãe ontem à noite me tenha

afetado mais do que quero admitir. Talvez a decisão de telefonar ao meu pai tenha sido precipitada, porque não quero estar aqui.

Mas também não queria ficar lá.

Neste momento, é difícil estar onde quer que seja. É muito difícil *existir*.

Ponto final.

Volto a apanhar o cabelo, suspiro e abro a porta da casa de banho. É uma porta pesada de aço espesso, por isso bate com força quando se fecha atrás de mim. Ainda não estou a dois passos da porta da casa de banho quando paro, porque alguém se afasta da parede do corredor estreito e me bloqueia a saída.

Dou por mim a fitar os olhos impenetráveis do rapaz da máquina fotográfica. Ele está a olhar para mim como se soubesse que eu estava na casa de banho e veio aqui com um propósito.

Agora que estou bastante mais perto dele, acho que talvez me tenha enganado ao pensar que é da minha idade. É capaz de ser alguns anos mais velho. Ou talvez o facto de ser rico o faça apenas parecer mais velho. Aparenta um ar confiante, e posso jurar que cheira a dinheiro.

Nem sequer conheço este tipo, mas já sei que não gosto dele.

Gosto tão pouco dele como dos outros todos. Este tipo acha que pode tirar fotografias a uma rapariga pobre durante um momento ligeiramente vulnerável e embaraçoso, tudo enquanto segura a máquina fotográfica como se fosse um palerma qualquer.

Tento passar ao lado dele para me dirigir à porta da saída, mas ele dá um passo ao lado e continua à minha frente.

Os seus olhos (que infelizmente são azul-claros e deslumbrantes) perscrutam o meu rosto, e eu detesto tê-lo tão perto de mim. Ele olha por cima do ombro, como se quisesse certificar-se de que estamos sozinhos, e, a seguir, faz deslizar discretamente qualquer coisa para a minha mão. Baixo os olhos e vejo uma nota de 20 dólares dobrada.

Desvio os olhos do dinheiro e olho novamente para ele, percebendo o que está a fazer. Estamos perto de uma casa de banho. Ele sabe que sou pobre.

Ele presumiu que estou suficientemente desesperada para querer arrastá-lo para a casa de banho e fazer por merecer os 20 dólares que acabou de me dar.

O que há em mim que possa ter feito este tipo pensar assim? Que tipo de vibração emito?

Fico tão furiosa que amarroto a nota e a atiro para cima dele. Estava a apontar para a cara dele, mas ele desvia-se graciosamente. Tiro-lhe a máquina fotográfica da mão. Viro-a até encontrar a ranhura do cartão de memória. Abro-a e retiro o cartão. Depois, atiro-lhe a máquina, mas ele não a apanha. Cai no chão com estrondo e uma peça parte-se, saltando-me para os pés.

— Mas que raio? — diz ele, baixando-se para a apanhar.

Viro-me, preparada para me afastar dele, mas dou de caras com outra pessoa. Como se não fosse suficiente estar encurralada num corredor minúsculo com um tipo que acabou de me oferecer 20 dólares por um broche, agora estou no meio de *dois* tipos. Este novo tipo não é tão alto como o da máquina fotográfica, mas o cheiro é o mesmo. Cheiram a golfe. *O golfe é um cheiro*? Devia ser. Podiam engarrafá-lo e vendê-lo a imbecis como estes dois.

Este segundo rapaz tem uma camisola preta com a palavra *Hispanic* escrita, mas *his* e *panic*[3] têm tipos de letra diferentes. Paro um segundo para respeitar a camisola porque, de facto, é uma ideia interessante, mas depois tento desviar-me dele.

— Desculpa, Marcos — diz o rapaz da máquina fotográfica, enquanto tenta consertá-la.

— O que aconteceu? — pergunta o tipo chamado Marcos.

Por um breve instante, ainda penso que talvez este Marcos tenha visto a nossa interação e tenha decidido vir em meu auxílio, mas ele parece mais preocupado com a máquina fotográfica do que comigo. Agora que sei que não pertence ao tipo que a estava a usar, sinto-me um pouco mal por a ter atirado ao chão.

Encosto-me à parede, na esperança de conseguir passar por eles sem darem por mim.

O rapaz da máquina fotográfica acena de forma descontraída na minha

direção.

— Bati contra ela sem querer e deixei cair a máquina fotográfica.

O Marcos olha para mim e depois para o Imbecil de Olhos Azuis. Há qualquer coisa na forma como olham um para o outro — algo implícito. Como se estivessem a comunicar numa linguagem secreta que não entendo.

O Marcos encolhe-se para passar por nós e abre a porta da casa de banho.

— Encontramo-nos no carro, estamos prestes a atracar.

Dou por mim novamente sozinha com o tipo da máquina fotográfica, mas a única coisa que quero é fugir e voltar para o carro do meu pai. Ele está concentrado na máquina fotográfica do Marcos, a tentar encaixar as peças, quando me diz:

— Não estava a propor-te nada. Vi-te a tirar aquela fatia de pão e pensei que podias precisar de ajuda.

Inclino a cabeça e cruzo o olhar com o dele, observando a sua expressão enquanto procuro por sinais de que está a mentir. Não sei o que é pior — o facto de me propor o que quer que seja ou de ter pena de mim.

Quero dar-lhe uma resposta inteligente, ou qualquer outra, mas fico imóvel enquanto nos fitamos. Há qualquer coisa neste rapaz que está a enterrar-se em mim, como se a sua aura tivesse garras.

Vejo um peso por trás dos seus olhos, um peso que presumo que só existe em pessoas como eu. O que pode haver de tão terrível na vida deste rapaz que me faça acreditar que também está destroçado?

Mas consigo perceber que está mesmo. As pessoas destroçadas reconhecem-se mutuamente. É como um clube do qual não queremos fazer parte.

— Podes devolver-me o meu cartão de memória? — pede-me, estendendo a mão.

Não lhe vou devolver o cartão com as fotografias que me tirou sem a minha permissão. Baixo-me, apanho a nota de 20 dólares do chão e ponho-a na sua mão.

— Toma estes 20 dólares. Compra um cartão de memória novo.

E, com isto, dou meia-volta e saio pela porta. Guardo o cartão de memória na mão fechada com força enquanto serpenteio por entre as filas de carros em direção ao do meu pai.

Entro para o lugar do passageiro e fecho a porta devagar, porque o meu pai ainda está ao telemóvel. Parece uma chamada de trabalho. Levo a mão ao banco de trás e guardo o cartão de memória na mochila. Quando me volto para a frente, os dois rapazes estão a sair da parte interior do *ferry*.

O Marcos está ao telemóvel e o outro rapaz continua a olhar para a máquina fotográfica e a tentar consertá-la, enquanto se encaminham para um carro perto do nosso. Enterro-me no banco e espero que não me vejam.

Eles entram num *BMW* duas filas à frente da nossa, do lado do meu pai.

O meu pai desliga a chamada e liga o carro no preciso momento em que o *ferry* começa a atracar. No céu só já resta metade do sol. A outra metade foi engolida pela terra e pelo mar, e eu quase desejo que o mar pudesse fazer o mesmo comigo.

— A Sara está muito entusiasmada por te conhecer — diz o meu pai, pondo o carro em movimento. — Além do namorado dela, não há muitas pessoas que vivam permanentemente na península. A maior parte das casas são casas de férias ou casas de arrendamento do Airbnb, do Vrbo e coisas desse estilo. Há muita gente nova a chegar e a ir-se embora poucos dias depois, por isso vai ser bom ela ter uma amiga.

Os carros começam a sair do *ferry* por filas. Não sei porquê, mas olho na direção do *BMW* que vai a passar por nós. O rapaz da máquina fotográfica está a olhar pela janela.

Reteso-me quando ele me vê no lugar do passageiro.

Os nossos olhares cruzam-se, e a expressão nos olhos dele mantém-se

imperturbável ao passar por nós. Não gosto que o meu corpo esteja a reagir ao seu olhar, por isso desvio os olhos e fixo o outro lado da janela.

— Como se chama o namorado da Sara?

Todas as fibras do meu corpo desejam que não seja o Marcos ou o imbecil do amigo com os olhos bonitos.

— Marcos.

Pois, claro.

QUATRO

A casa não é tão extravagante como eu temia, mas continua a ser a melhor casa onde já estive.

Fica em frente à água e tem dois pisos, construídos em cima de estacas de madeira, tal como todas as casas do bairro. Para chegarmos ao primeiro piso, temos de subir dois lanços de escadas.

Quando chegamos ao cimo das escadas, paro antes de seguir o meu pai para dentro de casa e conhecer a sua nova família.

Aprecio a vista durante alguns instantes. À minha frente, e até onde a vista alcança, parece que só vejo uma extensão de mar e de areia. A água parece estar viva. A agitar -se. A respirar. É, simultaneamente, magnífico e aterrador.

Pergunto -me se a minha mãe alguma vez terá visto o mar antes de morrer. Ela nasceu e cresceu no Kentucky, na mesma cidade em que morreu ontem à noite. Não me lembro de a ouvir contar nenhuma história de viagens nem de ver fotografias de férias durante a sua infância. Isto deixa-me triste por ela. Não sabia o que ia sentir ao ver o mar, mas, agora que o vi, gostava que todas as pessoas do mundo também o pudessem ver.

Ver o mar ao vivo parece-me quase tão importante como ter comida e abrigo. Não acho nada rebuscado pensar que podia haver uma instituição de solidariedade cujo único propósito fosse permitir que as pessoas tivessem dinheiro para fazer uma viagem à praia. Devia ser um direito humano básico. Uma necessidade. É como ter vários anos de terapia resumidos numa única paisagem.

— Beyah?

Desvio os olhos da praia para uma senhora que está de pé na sala de estar. É exatamente como a imaginei. Radiosa, como um gelado de gelo colorido, dentes brancos, unhas cor-de-rosa e um cabelo louro que aparenta ter uma manutenção muito dispendiosa.

Solto um grunhido, mas a minha intenção não era a de que as outras pessoas o ouvissem. Acho que saiu um pouco mais alto do que previ, porque ela inclina ligeiramente a cabeça. Mas, ainda assim, sorri para mim.

Vim preparada para me esquivar a abraços, por isso seguro o quadro da Madre Teresa de Calcutá e a mochila contra o peito, usando-os como barreira.

— Olá. — Entro em casa. Cheira a lençóis lavados e… a bacon. Que combinação estranha, mas mesmo esta mescla de lavado e bacon é uma boa mudança em relação ao bolor e fumo de tabaco que sempre invadia a nossa casa.

A Alana parece confusa acerca da melhor forma de me cumprimentar, já que não vai conseguir abraçar-me. O meu pai atira as chaves para a cornija da lareira e pergunta:

— Onde está a Sara?

— Já vou! — Uma voz aguda e pouco natural acompanha o som dos pés a saltitar pelas escadas abaixo. Depois, aparece uma versão mais jovem da Alana, um sorriso radioso de dentes ainda mais brancos do que os da mãe, se é que isso é possível. Ela dá um saltinho, acompanhado por palmas e um guinchinho, e, para ser sincera, o efeito é aterrorizador.

Atravessa a sala rapidamente e diz:

— Meu Deus, tu és tão bonita! — Agarra na minha mão e continua: — Anda, vou mostrar-te o teu quarto.

Nem me dá tempo para objetar. Vou atrás dela e do seu rabo de cavalo saltitante. A Sara tem vestidos uns calções de ganga e a parte de cima de um biquíni preto, mas não tem t-shirt. Cheira a óleo de coco.

— O jantar é daqui a meia hora! — grita a Alana do piso de baixo.

Quando chegamos ao piso de cima, a Sara larga-me a mão e abre a porta.

Olho em redor do meu novo quarto. As paredes estão pintadas de um calmante tom de azul, quase da mesma cor dos olhos do rapaz do *ferry*. A colcha da cama é branca, com um polvo azul gigante.

A cama está feita na perfeição e tem uma quantidade de almofadas francamente exagerada.

Tudo parece e cheira demasiado a limpo para poder ser tocado, mas a Sara deixa-se cair em cima da cama e fica a observar-me enquanto eu olho para o quarto. É três vezes maior do que o quarto onde cresci.

— O meu quarto fica do outro lado do corredor — diz ela, apontando para a porta por onde acabámos de entrar. A seguir, gesticula para as portas duplas que se abrem para uma varanda com uma vista desimpedida para a praia. — Mas este tem a melhor vista de toda a casa.

Alguma coisa deve ter de errado, se tem a melhor vista e ninguém quis cá ficar. Talvez a praia seja demasiado barulhenta e ativa de manhã e aqui se ouça mais o barulho.

A Sara salta da cama, abre uma porta e depois liga a luz da casa de banho.

— Não tem banheira, mas o chuveiro é bom. — Abre outra porta. — Aqui é o quarto de vestir. Tenho aqui parte das minhas coisas, mas vou tirá-las ainda esta semana. — Fecha a porta.

Encaminha-se para a cómoda e abre a gaveta de baixo. Está cheia de coisas.

— É a gaveta da tralha, mas as outras três estão livres. — Fecha-a e volta a sentar-se na cama. — Então? Gostas?

Assinto.

— Ótimo. Não sei em que tipo de casa vives agora, mas não queria que sentisses que estás a passar de cavalo para burro. — Alcança a mesa de cabeceira e pega num comando à distância. — Todos os quartos têm todas as plataformas de *streaming*. Netflix, Hulu, Prime. Podes entrar com as nossas contas, já estão criadas e prontas a usar.

Ela não faz ideia de que está a falar com alguém que nunca teve televisão sequer. Desde que entrámos no quarto que não me mexo nem digo nada. Ela está a fazer ambas as coisas pelas duas, mas lá consigo balbuciar.

— Obrigada.

— Vais ficar durante quanto tempo? — pergunta.

— Não sei bem ainda. Talvez durante o verão.

— Uau! Isso é espetacular.

Comprimo os lábios e assinto.

— Sim, é espetacular.

A Sara não deteta o meu sarcasmo. Sorri novamente, ou continua a sorrir. Talvez ainda não tenha parado de sorrir, não sei.

— Já te podes mexer, sabes? Pousar as tuas coisas.

Dirijo-me até à cómoda e pouso o saco de plástico. Deixo a mochila cair no chão.

— Onde está o resto das tuas malas? — pergunta ela.

— O aeroporto perdeu a minha bagagem.

— Oh, céus — diz ela, demasiado empática. — Deixa-me ir buscar algumas roupas para ti antes de irmos às compras. — Salta da cama e sai do quarto.

Não consigo perceber se o sorriso dela é genuíno ou não. Deixa-me ainda mais nervosa do que estava antes de a conhecer. Acho que confiaria mais nela se fosse distante ou até mesmo uma cabra.

Assim, a Sara parece mais uma das raparigas da minha escola. Chamo-lhes «as meninas dos balneários». São muito simpáticas no recinto, em frente aos treinadores. Mas quando chegam aos balneários, a história é outra.

Neste momento, não consigo perceber se estamos no recinto ou nos balneários.

— Que tamanho vestes? — pergunta-me ela do outro lado do corredor.

Vou até à porta e vejo-a a procurar roupa numa gaveta da cómoda, no outro quarto.

— Acho que é o 32. Ou então o 34.

Vejo-a parar por instantes. Olha para mim, deste lado do corredor, e assente constrangida, como se a minha resposta a tivesse perturbado de alguma forma.

Eu não me esforço para ser tão magra como sou. A minha vida tem sido uma batalha constante a tentar consumir as calorias necessárias para manter a energia para jogar voleibol, não tendo o acesso à comida que a maior parte das pessoas tem. Quando o verão acabar, espero já ter conseguido ganhar algum do peso de que tanto preciso.

— Bem, eu *não* visto certamente um 34 — diz a Sara, voltando a entrar no meu quarto. — Na verdade, visto muito acima disso. Mas tens aqui algumas t-shirts e dois vestidos. — Entrega-me a pilha de roupa. — De certeza que te vão ficar largos, mas devem servir, até receberes as tuas coisas da companhia aérea.

— Obrigada.

— Tu fazes dieta? — pergunta-me ela, enquanto me observa de alto a baixo. — Ou sempre foste assim magrinha?

Não consigo perceber se a observação é disfarçadamente maldosa ou não. Talvez seja porque não faz ideia do *motivo* por que sou tão magra, por isso parece-me um insulto. Abano a cabeça timidamente, com vontade de que a conversa acabe. Quero tomar um duche, mudar de roupa e ficar sozinha durante um instante. Ela não parou de falar desde que nos conhecemos.

Mas ela não se vai embora. Dirige-se à cama e volta a sentar-se, desta vez de lado, com a cabeça apoiada na mão.

— Tens namorado?

— Não. — Levo as roupas para o quarto de vestir.

— Ah, que bom. Conheço um tipo de quem acho que vais gostar. O Samson. Vive aqui ao lado.

Quero dizer-lhe que não vale a pena incomodar-se com isso, que os homens são todos escumalha, mas talvez ela não tenha o mesmo tipo de interações com rapazes que eu costumo ter. O Dakota não iria oferecer dinheiro a uma rapariga como a Sara. Fazia-se a ela de graça.

A Sara salta da cama mais uma vez e atravessa o quarto em direção à parede de cortinados. Faz deslizar um deles.

— Aquela é a casa do Samson — diz ela, apontando pela janela. — Ele é podre de rico. O pai está na indústria do petróleo, ou lá o que é. — Encosta a testa ao vidro. — Oh, meu Deus, anda cá.

Vou até onde ela está e fico a olhar pela janela. A casa do Samson é ainda maior do que esta onde estamos. Há uma luz acesa na cozinha. A Sara está a apontar para essa parte da casa.

— Olha, está uma rapariga com ele.

Vejo um rapaz de pé no meio das pernas de uma rapariga qualquer que está sentada na ilha da cozinha. Estão a beijar-se. Quando se separam, reprimo um arquejo silencioso.

O Samson é o Imbecil de Olhos Azuis. O Samson é o mesmo tipo que tentou dar-me 20 dólares para entrar na casa de banho do *ferry* com ele.

Que nojo.

Mas ligeiramente impressionante. Ele trabalha depressa. Estava no mesmo barco que eu, o que significa que chegou a casa há dez minutos. Será que também ofereceu 20 dólares àquela rapariga?

— É aquele tipo que queres que conheça? — pergunto, enquanto observo a língua dele a explorar o pescoço da outra rapariga.

— É — diz a Sara, com toda a descontração.

— Parece-me que já está comprometido.

Ela solta uma gargalhada.

— Não está nada. Ela daqui a pouco vai-se embora. O Samson só curte com raparigas que passam aqui os fins de semana.

— Parece-me ser um tipo horrível.

— É o típico menino rico e mimado.

Olho para ela, confusa.

— E mesmo assim queres fazer-me um arranjinho com ele?

— Ele é giro — diz a Sara, com um encolher de ombros. — E é amigo do meu namorado. Era fixe se pudéssemos sair os quatro, fazer coisas juntos. Às vezes, o Samson sente-se um bocado a mais connosco.

Abano a cabeça e afasto-me da janela.

— Não estou interessada.

— Sim, ele disse a mesma coisa quando lhe contei que talvez viesses passar o verão connosco. Mas, depois de o conheceres, talvez mudes de ideias.

Eu já o conheci. E continuo a não estar interessada.

— A última coisa de que preciso agora é de um namorado.

— Oh, Deus, não — diz a Sara. — Não estava a dizer que devias sair com ele *nesses* termos. Era só… tu sabes. Uma cena de verão, mas tudo bem. Compreendo que não queiras. — Suspira, como se isto a entristecesse.

Estou só à espera de que se vá embora, para poder ter alguma privacidade. Ela fica a olhar para mim durante um instante, e eu vejo a sua cabeça a funcionar a mil enquanto procura lembrar-se de mais alguma pergunta ou outra coisa qualquer para dizer.

— A minha mãe e o teu pai não vão ser demasiado severos, já que também acabaste o secundário. Só costumam querer saber onde estamos, que é basicamente no jardim da frente, ou seja, na praia. Todas as noites fazemos uma fogueira na areia e ficamos por lá.

Acabou de me ocorrer que esta rapariga conhece melhor do que eu o estilo de parentalidade do meu pai. Não tinha pensado nisto. Sei que o nome dele é Brian, que não tem uma perna partida e que trabalha em planeamento financeiro. Não sei muito mais.

— Onde queres ir às compras amanhã? Temos de ir a Houston, porque aqui a única loja que existe é o Walmart.

— O Walmart chega perfeitamente.

Ela solta uma gargalhada, mas depois percebe que não me estou a rir com ela e morde o lábio para parar de se rir.

— Oh, estavas a falar a sério. — A Sara pigarreia e fica com um ar muito confrangido. Talvez este seja o momento em que percebe que não somos minimamente parecidas.

Não sei como vou sobreviver a um verão inteiro com uma rapariga que acha que fazer compras no Walmart é uma piada. Eu sempre comprei roupa em lojas de segunda mão e em vendas de garagem. Para mim, o Walmart é um degrau acima na escada.

Sinto que estou à beira das lágrimas e nem sei bem porquê.

Consigo sentir as lágrimas a chegarem. De repente, tenho saudades da minha casa antiga, da minha mãe agarrada e do meu frigorífico vazio. Até tenho

saudades do fumo dos cigarros dela, e isso é algo que jamais pensei que pudesse acontecer. Pelo menos aquele cheiro era genuíno.

Este quarto cheira a riqueza, a sofisticação e a conforto. Cheira a fraude.

Aponto para a casa de banho.

— Acho que vou tomar um duche.

A Sara olha para a casa de banho e depois para mim. Percebe que é a sua deixa para sair.

— Tenta despachar-te, porque, aos fins de semana, a minha mãe gosta que jantemos em *família*. — Revira os olhos quando diz família e em seguida fecha a porta do quarto.

Fico parada no meio deste quarto que não me é familiar e sinto-me completamente assoberbada.

Não sei se alguma vez me senti mais sozinha do que neste instante. Quando estava em casa com a minha mãe, pelo menos parecia que me encaixava bem no espaço. Por muito diferentes que fôssemos, nós pertencíamos uma ao lado da outra. Aprendemos a tecer e passar pela vida à volta uma da outra, mas nesta casa não sei se vou conseguir existir e tecer os meus fios invisíveis à volta destas pessoas. Elas são como paredes de tijolo contra as quais vou embater constantemente.

A sensação é claustrofóbica.

Vou até às portas da varanda, abro uma e vou até lá fora. Começo a chorar assim que a brisa me atinge o rosto. Nem sequer é um choro discreto. É quase um soluço que surge de dentro de mim com 24 horas de atraso.

Pressiono os cotovelos contra o parapeito e tapo o rosto com as mãos, tentando reprimir o choro antes que a Sara decida aparecer novamente no meu quarto. Ou pior, que o meu pai aqui entre.

Nada funciona. Continuo a chorar. Durante cinco minutos, fico a olhar para a água através dos olhos desfocados e cheios de lágrimas enquanto soluço.

Preciso de contar ao meu pai o que aconteceu ontem à noite.

Inspiro várias vezes e limpo os olhos, recorrendo a todas as minhas forças

para conseguir recuperar o controlo das minhas emoções. Acabo por limpar as lágrimas dos olhos para poder apreciar verdadeiramente a vista do mar iluminado pela lua.

A rapariga que o Samson estava a beijar na cozinha acabou de atravessar a duna que se ergue entre as duas casas. Vai juntar-se ao pessoal que está reunido à volta de uma fogueira. São todos jovens, entre o final da adolescência e o início da casa dos 20 anos. Devem ser todos ricos, descontraídos e confiantes. E isto é provavelmente o que a Sara faz todas as noites, e aqueles devem ser os seus amigos.

Mais pessoas com as quais não tenho absolutamente nada em comum.

Não quero que me vejam aqui a chorar, por isso dou meia-volta e regresso ao meu quarto.

Mas paro, petrificada.

O Samson está sozinho na varanda da casa ao lado. Está a olhar fixamente para mim com uma expressão indecifrável.

Fito-o também durante dois segundos e a seguir entro no quarto e fecho a porta.

Primeiro, ele vê-me a comer pão no convés do *ferry*. Depois, oferece-me dinheiro — e continuo a não entender os motivos por detrás dessa oferta. A seguir, descubro que será o meu novo vizinho durante o verão.

E agora acabou de testemunhar o primeiro ataque de choro que tenho em anos.

Espetacular.

Que se lixe este verão.

Que se lixe esta gente.

Que se lixe todo o estado atual da minha vida.

CINCO

Dei o meu primeiro beijo aos 12 anos.

Foi num sábado de manhã. Estava em frente ao fogão, prestes a fazer ovos mexidos. Não tinha ouvido a minha mãe a voltar para casa na noite anterior, por isso presumi que estava sozinha. Tinha acabado de partir dois ovos para a frigideira quando ouvi a porta do quarto da minha mãe a abrir.

Olhei e vi um homem que não conhecia a sair do quarto, com um par de botas de trabalho na mão. Quando me viu ao fogão, parou.

Nunca o tinha visto. A minha mãe estava sempre numa relação nova ou numa separação recente. Eu fazia o meu melhor para ficar longe dela, quer estivesse a apaixonar -se quer estivesse a ficar com o coração partido. Ambas as fases eram igualmente dramáticas.

Nunca esquecerei a forma como aquele homem olhou para mim. Foi um olhar vagaroso, da cabeça aos pés, como se estivesse cheio de fome e eu fosse apenas uma refeição. Foi a primeira vez que um homem olhou para mim assim. Senti de imediato os pelos dos meus braços a arrepiarem-se e voltei a concentrar a minha atenção no fogão.

— Não me vais cumprimentar? — perguntou o homem.

Ignorei-o. Tinha esperança de que, se fosse mal-educada, ele se fosse embora. Mas, em vez disso, entrou na cozinha e encostou-se à bancada ao lado do fogão. Concentrei-me em mexer os ovos.

— Fizeste suficiente para mim?

Abanei a cabeça.

— Só tínhamos dois ovos.

— Para mim, está bom. Estou esfomeado.

Ele dirigiu-se à mesa e começou a calçar as botas. Quando acabou, eu também já tinha acabado de mexer os ovos. Não sabia o que fazer. Estava cheia de fome

e eram os únicos ovos que tínhamos, mas ele estava sentado à mesa com ar de quem esperava que eu o alimentasse. Nem sequer sabia quem ele era.

Pus os ovos num prato, agarrei num garfo e tentei sair rapidamente da cozinha em direção ao meu quarto. Ele alcançou-me no corredor, agarrou-me pelo pulso e empurrou-me contra a parede.

— É assim que tratas os teus hóspedes?

Agarrou-me no maxilar e beijou-me.

Debati-me para fugir dele. A sua boca magoava-me. A barba por fazer enterrava-se na minha pele e ele cheirava a comida podre. Mantive os dentes cerrados com força, mas ele apertou ainda mais o meu maxilar, tentando obrigar-me a abrir a boca. Acabei por lhe bater com o prato dos ovos na cabeça com toda a força que consegui reunir.

Ele recuou e deu-me uma bofetada.

A seguir, foi-se embora.

Nunca mais o vi. Nunca cheguei a saber o nome dele. A minha mãe acordou algumas horas depois, viu o prato partido e os ovos por comer no caixote do lixo. Ralhou comigo por ter desperdiçado os últimos dois ovos que tínhamos.

Desde esse dia, nunca mais voltei a comer ovos.

Mas dei bofetadas a bastantes namorados da minha mãe.

Falo disto agora porque, quando saí do chuveiro há alguns minutos, só me cheirava a ovos. E o cheiro continua presente.

Está a dar-me a volta à barriga.

Mal acabo de me vestir, ouço uma batida na porta. A Sara espreita e diz:

— O jantar batismal é daqui a cinco minutos.

Não faço ideia do que isto quer dizer. Será que eles são muito religiosos ou algo do género?

— O que é um jantar batismal?

— O Marcos e o Samson jantam sempre connosco ao domingo. É a nossa forma de celebrar a partida das pessoas que arrendam casas aqui. Jantamos

juntos e esquecemos os veraneantes de fim de semana. — Abre um pouco mais a porta e diz: — Esse vestido fica-te muito bem. Queres que te maquilhe?

— Para o jantar?

— Claro. Estás prestes a conhecer o *Samson*. — Sorri amplamente, o que me faz recordar como detesto que me façam arranjinhos, mesmo que esta seja a minha primeira experiência. Começo a dizer-lhe que já conheci o Samson, mas acabo por guardar essa informação para mim, juntando-a a todos os outros segredos que fui reunindo ao longo da minha vida.

— Não me apetece ir maquilhada. Desço daqui a cinco minutos.

A Sara fica algo desiludida, mas vai-se embora. Pelo menos sabe aceitar bem as minhas deixas.

Passados alguns segundos, ouço vozes lá em baixo que sei que não pertencem às pessoas que vivem aqui em casa.

Olho para o vestido amarrotado que usei durante todo o dia. Está enrolado no chão aos pés da cama. Pego nele e volto a vesti-lo. Não vou descer e tentar impressionar ninguém. Quando muito, gostava de fazer exatamente o contrário.

O meu pai é o primeiro a reparar em mim quando chego ao fundo das escadas e começo a dirigir-me para a cozinha.

— Ah, estás com um ar mais fresco — diz ele. — O quarto está bem para ti?

Assinto, mas não digo nada.

Assim que a Sara se vira para mim, vejo a surpresa nos seus olhos quando percebe que voltei a vestir o meu velho vestidinho. Mas ela esconde muito bem o choque. O Marcos está ao lado dela a servir-se de um copo de chá. Quando os seus olhos pousam em mim, fica parado, a fitar-me. É evidente que não esperava encontrar a rapariga do *ferry* no jantar desta noite.

O Samson não lhe deve ter dito que me viu há pouco a chorar na varanda.

Por falar no Samson, ele é o único que não olha para mim. Está a vasculhar o frigorífico enquanto a Sara levanta a mão e aponta para mim.

— Marcos, esta é a Beyah, a filha do meu padrasto. Beyah, este é o Marcos, o

meu namorado. — Aponta com o polegar por cima do ombro. — Aquele é o Samson, o nosso pau de cabeleira e vizinho do lado.

O Samson volta-se e fita-me por um instante. Levanta o queixo em jeito de cumprimento e abre uma lata de refrigerante. Enquanto leva a lata aos lábios e bebe um gole, a única coisa em que consigo pensar é que acabei de o ver a beijar o pescoço de uma rapariga qualquer.

— Bem-vinda ao Texas, Beyah — diz o Marcos, a fazer de conta que não me encontrou no *ferry*.

Fico feliz por nenhum dos dois estar a dar grande importância ao encontro.

— Obrigada — murmuro. Entro na cozinha, sem saber bem o que fazer. Não me sinto suficientemente confortável para pedir uma bebida, nem para preparar o meu próprio prato de comida. Limito-me a ficar ali parada a observar, à medida que todos deambulam com naturalidade pela cozinha.

Por muita fome que tenha neste momento, sinto pavor deste jantar. Por um motivo que desconheço, as pessoas sentem sempre a necessidade de aliviar o constrangimento com perguntas para as quais ninguém quer realmente saber a resposta. Tenho a sensação de que este jantar vai ser exatamente assim. O mais certo é começarem todos a disparar perguntas na minha direção durante a refeição inteira, mas só quero encher um prato de comida, levá-lo para o meu quarto e comer em silêncio antes de ir dormir.

Durante dois meses seguidos.

— Espero que gostes do pequeno-almoço, Beyah — diz a Alana, trazendo um prato de biscoitos para a mesa. — Por vezes, nós gostamos de trocar um pouco as coisas e tomar o pequeno-almoço ao jantar.

O meu pai pousa um prato de ovos mexidos. Na mesa já estão o bacon e as panquecas. Todos começam a sentar-se, pelo que faço o mesmo. A Sara senta-se entre o Marcos e a mãe, o que significa que fico com o lugar ao lado do meu pai. O Samson é o último a sentar-se e hesita quando se apercebe de que tem de ficar ao meu lado. Senta-se com relutância. Não sei se é impressão minha, mas ele parece estar a tentar desviar subtilmente a atenção de mim.

Toda a gente começa a passar os pratos de comida. Não tiro ovos, naturalmente, mas o cheiro sobrepõe-se ao de todos os outros alimentos. O meu pai começa com as perguntas assim que dou a minha primeira dentada numa panqueca.

— O que é que tens feito desde que acabaste a escola?

Engulo e, a seguir, respondo.

— Tenho trabalhado, dormido... e pouco mais.

— O que é que fazes? — pergunta a Sara. Pergunta isto com uma entoação de rica, não como «Onde é que trabalhas?», mas sim «O que é que fazes no trabalho?», como se eu tivesse uma espécie de competência qualquer.

— Trabalho na caixa de um McDonald’s.

Consigo ver que ficou surpreendida.

— Ah, que divertido — diz ela.

— Eu acho muito bem que tenhas decidido trabalhar enquanto ainda estavas no secundário — diz a Alana.

— Não foi propriamente uma escolha. Preciso de comer.

A Alana pigarreia, e eu percebo que a minha resposta honesta a deixou constrangida. Se isto a incomoda, questiono-me como aceitará a ideia de que a minha mãe morreu de *overdose*.

O meu pai tenta contornar a situação e diz:

— Parece que mudaste de ideias em relação aos cursos de verão. Vais começar a faculdade no outono?

A pergunta confunde-me.

— Eu não me inscrevi em nenhum curso de verão.

— Oh. Quando mandei o dinheiro para as propinas de outono, a tua mãe disse-me que também precisavas de pagar as propinas de verão.

A minha mãe pediu-lhe dinheiro para as propinas?

Mas eu ganhei uma bolsa de estudo completa para estudar na Penn State. Nem sequer tenho de pagar as propinas.

Quanto dinheiro é que ele deu à minha mãe sem eu saber? Já sei que, a certa

altura, me mandou um telemóvel que nunca recebi. E agora descubro que a minha mãe lhe pediu dinheiro para pagar as propinas de uma educação que nunca se preocupou o suficiente para discutir comigo.

— Pois — digo, tentando arranjar uma desculpa para o facto de estar no Texas e não nas aulas de verão que ele pagou. — Atrasei-me na inscrição e as turmas já estavam cheias.

De repente, fico sem apetite nenhum. Mal consigo acabar a segunda dentada de panqueca.

A minha mãe nunca me perguntou absolutamente nada acerca da faculdade. No entanto, foi pedir o dinheiro das propinas ao meu pai, dinheiro esse que deve ter acabado nas *slot machines* do casino ou a inundar as veias do seu braço. E ele deu-lhe o dinheiro sem questionar mais nada. Se me tivesse dito alguma coisa, ter-lhe-ia contado que podia ir para uma universidade pública de graça. Mas não queria ficar a estudar na cidade onde vivia. Precisava de me afastar o mais possível da minha mãe.

Acho que, pelo menos, este desejo acabou por se realizar.

Pouso o garfo. Sinto que estou prestes a vomitar.

A Sara também pousa o garfo e bebe um gole de chá enquanto me observa.

— Já sabes que especialização queres seguir? — pergunta a Alana.

Abano a cabeça e volto a pegar no garfo, só para fazer de conta que quero continuar a comer. Reparo que a Sara também pega no garfo.

— Ainda não tenho a certeza — respondo.

Corto alguns pedaços de panqueca, mas não levo nenhum à boca. A Sara faz a mesma coisa.

Pouso o garfo. A Sara também pousa o dela.

As conversas desenrolam-se à mesa, mas ignoro-as sempre que posso. Não consigo deixar de me concentrar no facto de a Sara estar a espelhar todos os meus movimentos enquanto tenta ser discreta.

Vou ter de ter cuidado com isto durante todo o verão. Acho que a rapariga

precisa de ser informada de que deve comer quando sentir vontade e não basear o seu consumo de alimentos na quantidade que *eu* vou comer.

Certifico-me de que como mais um pouco, apesar de estar enjoada e de cada garfada ser uma luta para mim.

Felizmente, a refeição foi rápida. Foram 20 minutos, no máximo. O Samson não abriu a boca enquanto comia. Ninguém agiu como se isto fosse uma coisa invulgar. Pode ser que ele seja habitualmente calado. Seria mais fácil, para não ter de lhe prestar atenção.

— A Beyah precisa de algumas coisas do Walmart — diz a Sara. — Podemos ir ainda esta noite?

Não quero ir esta noite. Quero dormir.

O meu pai tira várias notas de cem dólares da carteira e entrega-mas.

Mudei de ideias. Afinal, quero ir ao Walmart.

— Devias esperar até amanhã e levar a Beyah a uma loja melhor em Houston — sugere a Alana.

— O Walmart está ótimo — digo eu. — Não preciso de muita coisa.

— Já que lá vais, compra um daqueles telemóveis pré-pagos — diz o meu pai, entregando-me ainda mais dinheiro.

Fico com os olhos arregalados. Nunca na minha vida toquei em tanto dinheiro. Devo ter cerca de 600 dólares nas mãos.

— Vais tu a conduzir? — pergunta a Sara ao Marcos.

— Claro.

Subitamente, já não me apetece outra vez ir às compras, se isso significa que o Marcos e o Samson vêm connosco.

— Eu não vou — diz o Samson, enquanto pega no prato e se encaminha para o lava-louça. — Estou cansado.

Bem, agora que o Samson não vai, já quero ir outra vez.

— Não sejas mal-educado — diz a Sara. — Vens e pronto!

— Sim, vens connosco — acrescenta o Marcos.

Vejo o Samson a olhar para mim de relance pelo canto do olho. Pelo menos

parece tão desinteressado em mim como eu estou nele. A Sara começa a encaminhar-se para a porta.

— Vou só calçar-me — murmuro, dirigindo-me ao piso de cima.

*

Aparentemente, não há um Walmart na Península Bolivar, o que significa que é preciso apanhar o *ferry* para a Ilha Galveston. Isto não faz o menor sentido para mim. É preciso ir de *ferry* do continente para uma ilha para se fazer compras. Este lugar é tão confuso.

O *ferry* demora mais ou menos 20 minutos a fazer a travessia. Assim que o Marcos estaciona o carro, todos saem. A Sara reparou que eu não abri a porta, por isso abre-a por mim.

— Anda, vamos para o convés superior — diz ela.

Não soou tanto como um convite, mas sim como uma ordem.

Estamos aqui em cima há menos de cinco minutos quando a Sara e o Marcos se esgueiram e me deixam sozinha com o Samson. Já está a ficar tarde, devem ser 21h30, o que faz com que o *ferry* vá quase vazio. Estamos os dois a olhar para a água, a fazer de conta que esta situação não é nada constrangedora. Mas é, porque não faço ideia do que devo dizer. Não tenho nada em comum com este rapaz. Ele não tem nada em comum comigo. Já tivemos duas interações que não foram nada brilhantes, e só aqui cheguei há algumas horas. São mais duas interações do que as que desejaria ter tido.

— Tenho a sensação de que eles nos estão a empurrar um para o outro — diz o Samson.

Olho de relance para ele, mas o Samson continua a fitar a água.

— Não é uma sensação. É um facto.

Ele assente, mas não diz nada. Não sei por que motivo referiu o assunto. Talvez queira desanuviar o ambiente entre nós. Ou então está recetivo à ideia.

— Só para que saibas, não estou interessada — digo. — E não te estou a dizer

isto na esperança de que venhas atrás de mim por me agradar esse tipo de jogos. Não é o caso. Não estou *mesmo* interessada. Não apenas em ti, mas na generalidade das pessoas, para ser franca.

Ele faz um sorriso retorcido, mas continua sem olhar para mim. Quase como se fosse demasiado bom para manter o contacto visual.

— Não me lembro de ter expressado o meu interesse — diz ele, com um ar descontraído.

— Também *não* expressaste a tua falta de interesse, por isso estou só a dizer qual é a minha posição. Para não haver confusões.

Os olhos dele encontram os meus com um movimento lento da cabeça.

— Obrigado por teres esclarecido algo que não estava sequer em consideração.

Meu Deus, ele é mesmo bonito. Mesmo quando está a ser um sacana.

Sinto o rosto a arder. Desvio os olhos rapidamente, sem saber muito bem o que dizer depois disto. Cada interação que tenho com ele acaba por ser sempre humilhante para mim, mas não tenho a certeza se a culpa é dele ou minha.

Acho que deve ser minha, por permitir que ele me deixe embaraçada. A verdade é que não podemos sentir-nos embaraçados com a opinião de alguém a quem não atribuímos o menor valor. Logo, isto significa que, algures dentro de mim, me preocupo um pouco com o que ele pensa.

O Samson afasta-se do parapeito e endireita-se. Eu sou uma rapariga alta, tenho um metro e setenta e cinco. Mas, ainda assim, ele é mais alto do que eu.

— Sendo assim, vamos ser amigos — diz ele, enterrando as mãos nos bolsos.

Sem querer, solto uma gargalhada seca.

— As pessoas como tu não são amigas de pessoas como eu.

Ele inclina ligeiramente a cabeça para o lado.

— Isso é um pouco presunçoso.

— Diz o tipo que presumiu que eu era uma sem-abrigo.

— Comeste pão que estava no chão.

— Porque tinha fome. Tu és rico, não deves entender o que isso é.

Os olhos dele semicerram-se por instantes e, depois, ele volta a olhar para o mar. Olha para a água tão intensamente que é como se ela estivesse a falar com ele. A dar-lhe respostas silenciosas para todas as perguntas que ele fez em pensamentos.

O Samson acaba por desviar o olhar da água e de mim.

— Vou para o carro.

Fico a vê-lo a desaparecer pelas escadas.

Não sei por que motivo fico sempre tão defensiva quando estou perto dele. Afinal, se ele pensou mesmo que eu era uma sem-abrigo, não me ignorou. Veio ter comigo e ofereceu-me dinheiro. Deve haver uma alma algures dentro dele.

Neste caso, talvez seja *eu* a verdadeira pessoa sem alma.

SEIS

Dizer que fiquei aliviada quando o Marcos e o Samson se afastaram de nós ao chegar à loja é um eufemismo. Só estou no Texas há algumas horas e já passei grande parte desse tempo na presença do Samson.

— De que mais precisas além de roupa? — pergunta -me a Sara quando passamos pela secção de produtos de higiene e beleza.

— Preciso de quase tudo — respondo. — Champô, amaciador, desodorizante, escova e pasta de dentes. Todas as coisas que costumava roubar dos carros das empregadas de limpeza aos sábados.

A Sara para e olha para mim fixamente.

— Estás a brincar? Ainda não conheço o teu sentido de humor.

Abano a cabeça.

— Nós não tínhamos dinheiro para comprar produtos de higiene. — Não sei por que motivo estou a ser tão direta com ela. — Quando uma pessoa é pobre, tem de ser criativa, sabes? — Viro para o corredor seguinte e a Sara demora um segundo a vir atrás de mim.

— Mas o Brian não pagava a tua pensão de alimentos?

— A minha mãe era toxicodependente. Nunca vi um tostão do dinheiro que o meu pai lhe mandava.

A Sara caminha ao meu lado agora. Tento não olhar para ela porque sinto que a minha verdade está a extirpá-la da sua inocência. Mas talvez ela precise mesmo de uma dose de realidade.

— Nunca contaste isso ao teu pai?

— Não. Ele não vê a minha mãe desde que eu tinha 4 anos, e nessa altura ela ainda não era viciada.

— Devias ter-lhe dito. Ele teria feito alguma coisa para te ajudar.

Coloco uma embalagem de desodorizante no carrinho.

— Nunca achei que fosse um dever meu contar-lhe acerca das condições em

que vivia. Um pai devia ser mais consciente daquilo que se passa na vida de um filho.

Consigo perceber que este comentário incomoda a Sara. É evidente que ela tem uma imagem muito diferente do meu pai, por isso talvez seja suficiente plantar esta pequena semente para a fazer ver que existe outro mundo fora da bolha protetora em que ela vive, na sua bonita casa de praia.

— Vamos ver roupa — digo eu, mudando de assunto. Ela mantém-se em silêncio enquanto passamos pela secção de roupa. Agarro em várias peças, mas não faço a menor ideia se me vão servir. Encaminhamo-nos para os provadores.

— Também vais precisar de um fato de banho — diz a Sara. — Na verdade, vais precisar de vários. Nós passamos quase todos os dias na praia.

A secção de fatos de banho fica perto dos provadores, por isso agarro numa série deles e vou para a cabina com o resto das roupas nos braços.

— Sai depois de mudares de roupa, quero ver como as coisas te ficam — diz a Sara.

É isto que as raparigas fazem quando vão às compras? Posam umas para as outras?

A primeira coisa que visto é o biquíni. A parte de cima está um pouco grande, mas ouvi dizer que o primeiro sítio onde se ganha peso é no peito, e tenho a certeza de que vou ganhar algum peso durante o verão. Saio da cabina e fico parada em frente ao espelho. A Sara está sentada num banco, a mexer no telemóvel. Levanta a cabeça e arregala os olhos.

— Uau. Até podias vestir o número abaixo, acho que te servia.

Abano a cabeça.

— Não, estou a planear engordar um pouco durante o verão.

— Porquê? Eu matava para ter um corpo como o teu.

Detesto este comentário.

Ela está a olhar para mim enquanto faz beicinho. Faz-me pensar que está a comparar mentalmente os nossos corpos, salientando os aspetos do seu corpo que acha que são falhas.

— As tuas coxas nem sequer se tocam — murmura, quase com melancolia. — Eu sempre quis ter esse espaço entre as coxas.

Abano a cabeça e volto para o provador. Visto o segundo biquíni com uns calções de ganga por cima, para me certificar de que me servem. Quando saio, a Sara geme.

— Meu Deus, tudo te fica bem. — Levanta-se e põe-se ao meu lado. Fita o nosso reflexo no espelho. Ela tem apenas menos cinco centímetros do que eu, por isso é uma rapariga alta. Vira-se de lado e põe a mão sobre a t-shirt, mesmo por cima da barriga. — Quanto é que pesas?

— Não faço ideia. — Sei quanto é que peso, mas dizer-lhe isso só vai fazer com que ela estabeleça um objetivo que não tem necessidade nenhuma de perseguir.

Ela suspira, parecendo frustrada, e deixa-se cair novamente sobre o banco.

— Ainda me falta perder cerca de nove quilos para atingir o meu objetivo de verão. Acho que tenho de me esforçar mais — diz ela. — Qual é o teu segredo?

O meu segredo?

Solto uma gargalhada enquanto olho para a minha imagem no espelho e passo a mão pelo estômago quase côncavo.

— Sara, eu passei a maior parte da minha vida com fome. Nem toda a gente tem comida em casa todos os dias, a toda a hora. — Olho diretamente para a Sara e ela está a fitar-me com uma expressão que não consigo decifrar.

Os seus olhos desviam-se antes de pousarem no ecrã do telemóvel. Pigarreia.

— Isso é verdade?

— É.

Ela mastiga o interior da bochecha durante um instante e diz:

— Então, porque é que hoje à noite não comeste quase nada?

— Porque as últimas 24 horas foram as piores da minha vida e estava sentada à mesa com cinco pessoas que não conheço, numa casa onde nunca estive, num sítio completamente desconhecido. Até as pessoas com fome perdem o apetite de vez em quando.

A Sara não olha para mim. Não sei se a minha brusquidão a fez sentir-se desconfortável ou se está só a debater-se com o facto de as nossas vidas serem tão diferentes. Quero falar-lhe daquilo em que reparei durante o jantar — a forma como ela só comia quando eu comia. Mas não o faço. Sinto que já a magoei o suficiente esta noite, e acabámos de nos conhecer.

— Estás com fome? — pergunto. — Porque eu estou esfomeada.

Ela assente com um sorriso tímido, e, pela primeira vez, sinto que existe uma verdadeira ligação entre nós.

— Estou com tanta fome que nem consigo pensar como deve ser.

Solto uma gargalhada quando a ouço dizer isto.

— Já somos duas.

Regresso para o provador e visto a minha roupa. Quando saio, agarro na mão da Sara e puxo-a do banco.

— Vamos. — Atiro a roupa para dentro do carrinho e viro-me para a secção de mercearia.

— Para onde vamos?

— Para a secção alimentar.

Percorremos o corredor do pão. Paro o carrinho em frente ao expositor dos bolos embalados.

— Quais são os teus favoritos?

A Sara aponta para um pacote branco com pequenos dónutes de chocolate.

— Estes aqui.

Tiro um pacote da prateleira e abro-o. Tiro um dónute, levo-o à boca e a seguir entrego o pacote à Sara.

— Também vamos precisar de leite — digo, com a boca cheia.

A Sara olha para mim como se eu fosse louca, mas, mesmo assim, vai atrás de mim até à secção dos laticínios. Pego em dois pacotes pequenos de leite com chocolate e aponto para um sítio ao pé dos ovos. Levo o carrinho até lá e, a seguir, sento-me e encosto-me à longa arca frigorífica que contém todos os ovos.

— Senta-te — digo-lhe.

Ela olha em redor por instantes e, a seguir, senta-se lentamente ao meu lado no chão. Entrego-lhe um dos pacotes de leite com chocolate.

Abro o meu, bebo um grande gole e, em seguida, pego noutro dónute.

— Tu és doida — diz a Sara baixinho, mas acaba por tirar um dónute.

Encolho os ombros.

— Há uma linha muito fina a separar a fome da loucura.

Ela bebe um gole de leite com chocolate e encosta a cabeça à arca frigorífica.

— Meu Deus. Isto é divinal. — Ela estende as pernas à sua frente e nós ficamos ali sentadas durante algum tempo, a comer dónutes e a observar os clientes que nos olham com expressões de estranheza.

— Desculpa se disse alguma coisa ofensiva sobre o teu peso — diz finalmente a Sara.

— Não disseste nada que me ofendesse. Só não gosto que te compares comigo.

— É difícil não o fazer. Também não ajuda o facto de passar o verão inteiro na praia. Eu comparo-me com todas as raparigas que vejo de biquíni.

— Não devias, Sara — digo. — Mas entendo-te. Só que é estranha a forma como as pessoas julgam as outras com base na quantidade de pele e de carne que têm em redor dos ossos, não achas? — Meto outro dónute na boca e calo-me.

A Sara murmura um «Amém» mesmo antes de beber outro gole de leite com chocolate.

Um funcionário da loja para junto a nós quando nos vê sentadas no chão a comer.

— Nós vamos pagar a comida — digo, fazendo-lhe um gesto irreverente. Ele abana a cabeça e afasta-se.

Mantemo-nos em silêncio durante mais algum tempo, até que a Sara diz:

— Eu estava mesmo nervosa antes de te conhecer, sabes. Estava com medo de que me detestasses.

Solto uma gargalhada.

— Só hoje é que soube que tu existias.

O meu comentário parece ferir os sentimentos da Sara.

— O teu pai nunca te falou sobre mim?

Abano a cabeça.

— Mas não foi porque estivesse a tentar esconder o facto de tu existires, não é isso. Nós é que… não temos uma verdadeira relação. Desde que ele se casou que mal nos falamos. Para ser honesta, até me esqueci de que ele se tinha casado.

A Sara olha para mim como se estivesse prestes a dizer qualquer coisa, mas é interrompida.

— Já estão despachadas? — pergunta o Marcos.

Ambas levantamos os olhos e vemos o Samson e o Marcos a olhar para nós.

A Sara levanta o pacote de leite com chocolate.

— A Beyah disse-me para parar de andar obcecada com o meu peso e obrigou-me a comer porcarias.

O Marcos solta uma gargalhada e estende a mão para o pacote de dónutes.

— A Beyah tem razão. Tu és perfeita.

O Samson está a fitar-me, mas nunca sorri como o Marcos. O Marcos parece estar sempre a sorrir.

A Sara levanta-se do chão e ajuda-me a levantar-me também.

— Vamos embora.

SETE

Colocamos tudo na bagageira do carro, exceto o telemóvel pré-pago que comprei. Tenho estado a tentar perceber como se liga, mas está escuro no carro e custa-me a ler as instruções. Nem sei como se liga o telemóvel.

Estou evidentemente a debater -me com isto quando o Samson pergunta:

— Queres ajuda?

Olho de relance para ele, que está de mão estendida. Entrego -lhe a caixa e ele usa a lanterna do seu próprio telemóvel para iluminar as instruções.

Ainda está a ligar o telemóvel quando o Marcos imobiliza o carro no *ferry*.

— Vens? — pergunta a Sara, abrindo a porta.

Aponto para o telemóvel nas mãos do Samson.

— Vou já. O Samson está a ajudar -me a configurar o telemóvel.

A Sara sorri com um ar matreiro enquanto fecha a porta, como se o facto de o Samson me estar a ajudar com o telemóvel fosse de alguma forma dar origem a um romance de verão. Detesto que isto seja um objetivo dela. Não tenho o menor interesse em alguém que não demonstra qualquer interesse em mim.

O Samson tem de marcar um número para finalizar a configuração, mas a mensagem diz que deve esperar em linha durante dois minutos, enquanto o telemóvel é ativado.

Dois minutos não parece assim tanto tempo, mas tenho a sensação de que estou perante uma eternidade. Olho de relance pela janela, tentando ignorar a tensão silenciosa que preenche o espaço entre nós.

É tão incrivelmente desconfortável que, ao fim de apenas dez segundos, dou por mim a desejar que ele diga alguma coisa.

Vinte segundos depois, começo a sentir-me nervosa, por isso digo subitamente a única coisa que me ocorre.

— Por que motivo estavas a tirar-me fotografias hoje à tarde no *ferry*?

Olho para ele e vejo-o de cotovelo apoiado na porta do carro, junto à janela.

Está a arrastar levemente os dedos pelo lábio inferior, mas afasta-os quando me vê a fitá-lo. Fecha a mão num punho e bate ao de leve no vidro da janela.

— Por causa da forma como estavas a olhar para o mar.

As respostas dele são como fitas que se enrolam à volta da minha espinha.

— De que forma é que eu estava a olhar para o mar?

— Como se fosse a primeira vez que estavas a vê-lo.

Mexo-me no banco, sentindo-me de repente desconfortável com a maneira como as palavras dele me envolvem como seda.

— Já as viste? — pergunta ele.

— Já vi o quê?

— As fotografias?

Abano a cabeça.

— Bem, quando as vires, estás à vontade para apagar as que não gostares, mas queria mesmo que me devolvesses o cartão de memória. Tenho lá outras fotografias que gostava de guardar.

Assinto.

— E a que mais tiras fotografias? Além das raparigas que andam no *ferry*?

Ele sorri perante a minha pergunta.

— Fotografo principalmente a natureza. O mar. O nascer do sol. O pôr do sol.

Penso no pôr do sol de hoje e de como talvez ele tenha uma fotografia minha com o sol em pano de fundo. Vou ver se a Sara tem um computador que me possa emprestar, para poder ver o que está no cartão de memória. Agora fiquei curiosa.

— O pôr do sol de hoje foi mesmo bonito.

— Espera só até veres o nascer do sol da varanda do teu quarto.

— Pois, não me parece que vá acordar assim tão cedo — digo com uma gargalhada.

O Samson olha para o telemóvel quando a gravação avisa que a configuração está concluída.

— Queres que memorize os nossos números? — Abre os contactos do seu

próprio telemóvel e procura o nome da Sara.

— Pode ser.

Cria o contacto para a Sara. Depois, para o Marcos. A seguir, introduz o seu número. Faz mais algumas coisas no telemóvel e entrega-mo de seguida.

— Queres que te faça um tutorial de utilização?

Abano a cabeça.

— Não, uma amiga da minha terra tinha um telemóvel destes. Consigo desenrascar-me.

— Onde é que é a tua terra?

É uma pergunta simples, mas deixa-me a pele a arder. É uma pergunta que se faz a alguém que queremos conhecer melhor.

Pigarreio.

— No Kentucky. E a tua?

Os olhos dele demoram-se sobre mim durante um instante, em silêncio. A seguir, desvia o olhar e agarra no puxador da porta, como se se tivesse arrependido imediatamente de ter começado uma conversa comigo.

— Vou apanhar um pouco de ar — diz ele, abrindo a porta. Fecha-a atrás de si e afasta-se do carro.

Talvez devesse ficar ofendida com esta reação estranha, mas não fico. Sinto-me aliviada. Quero que ele sinta tanto desinteresse por mim como eu sinto por ele.

Ou pelo menos tanto desinteresse como estou a *tentar* demonstrar.

Olho para o telemóvel e acrescento o número da Natalie aos meus contactos. É uma das poucas amigas que tinha na minha terra com quem tive vontade de falar desde ontem à noite. Tenho a certeza de que a mãe dela já lhe deve ter dito que a minha mãe morreu, e, se assim foi, ela deve estar muito preocupada por não saber onde estou. Tem sido difícil mantermo-nos em contacto desde que ela foi para a faculdade, porque eu não tinha telemóvel. É também um dos fatores que contribui para o facto de eu não ter muitos amigos. É difícil manter o contacto com as pessoas quando estamos tecnologicamente excluídos.

Saio do carro e caminho até um ponto vazio do *ferry* para fazer a chamada. Viro-me para a água e marco o número, aguardando enquanto toca.

— Estou?

Solto um suspiro de alívio quando ouço a voz dela. Finalmente, alguma coisa que me é familiar.

— Olá.

— Beyah? Chiça, tenho estado tão preocupada contigo! Já soube do que aconteceu. Lamento muito. — A voz dela soa tão alto. Tento perceber como desligar a alta-voz, mas o ecrã só tem o teclado numérico. Olho em redor e vejo que não há ninguém à minha volta, por isso abafo o telemóvel com a mão para não incomodar ninguém que esteja nas proximidades.

— Beyah? Estou?

— Estou aqui, desculpa.

— Aqui, onde? Onde é que estás?

— No Texas.

— Por que raio é que estás no Texas?

— O meu pai mudou-se para cá. Achei que era melhor ficar com ele durante o verão. Como são as coisas em Nova Iorque?

— Diferentes — diz ela. — Mas de uma maneira boa. — Segue-se uma pausa antes de ela dizer: — Deus do céu, ainda não acredito que a Janean morreu. De certeza que estás bem?

— Estou. Tive uma crise de choro, mas… sei lá. Acho que talvez haja qualquer coisa avariada em mim.

— Não há nada. Ela era a pior mãe que já conheci.

E é por isto que gosto da Natalie. Ela diz sempre o que pensa. Não há muitas pessoas tão transparentes como ela.

— E o teu pai? Não se passou muito tempo desde que o viste da última vez? É estranho?

— É. E acho que até é capaz de ser pior agora que sou adulta. Mas ele vive

numa casa em frente à praia, o que é um grande ponto positivo. Agora é casado. E tem uma enteada.

— Uma casa de praia é ótimo! Já sobre o teu pai ter uma enteada, não tenho a certeza. Ela é da tua idade?

— Talvez seja um ano mais velha. Chama-se Sara.

— Soa a loura e bonita.

— Por acaso, é.

— Gostas dela?

Penso um pouco na resposta.

— Ainda não sei muito bem o que pensar. Acho que talvez ela seja uma «menina dos balneários».

— Ui, essas são as piores de todas. Pelo menos há por aí alguns rapazes giros?

Assim que a Natalie acaba de fazer a pergunta, algo me chama a atenção pelo canto do olho. Viro-me e vejo o Samson a caminhar na minha direção. Está a fitar-me, como se tivesse ouvido a última parte da conversa. Cerro o maxilar.

— Não, não há nem um rapaz giro por aqui. Paciência. Olha, tenho de ir. Guarda o meu número.

— Está bem, vou guardar.

Desligo a chamada e agarro com força no telemóvel. Meu Deus, é impressionante como este tipo aparece sempre nas piores alturas.

Ele dá mais alguns passos na minha direção até ficar mesmo ao meu lado no parapeito. Semicerra os olhos para mim, fitando-me com curiosidade.

— O que é uma «menina dos balneários»?

Odeio que ele tenha ouvido isso. Porque gosto mesmo da Sara. Nem sei por que razão disse isso à Natalie.

Suspiro e depois viro-me, apoiando as costas no parapeito.

— É o que chamava às miúdas más da minha escola.

O Samson assente, como se estivesse a processar a minha resposta.

— Sabes… quando a Sara soube que vinhas para cá, mudou-se para o quarto

de hóspedes porque queria que tu ficasses com o melhor quarto da casa. — E, dito isto, afasta-se do parapeito, contorna-me e regressa para o carro.

Viro-me e enterro a cara nas mãos enquanto solto um gemido.

Nunca na minha vida fiz semelhante figura de ursa em frente a alguém, e só o conheço há meio dia.

OITO

Quando chegamos a casa e consigo guardar todas as minhas coisas, já é tarde. Dizer que as últimas 24 horas foram esgotantes é pouco. Estou exausta. Talvez a dor esteja finalmente a atingir -me. E, apesar de eu e a Sara termos partilhado um pacote inteiro de dónutes, continuo esfomeada.

Vou até à cozinha e encontro o meu pai sentado à mesa, com um portátil e vários livros espalhados à sua volta. Quando me ouve, levanta os olhos.

— Olá — diz ele, endireitando -se na cadeira.

— Olá — respondo, enquanto aponto para a despensa. — Venho só buscar qualquer coisa para comer. — Abro a porta da despensa e pego num pacote de batatas fritas. Ao fechar a porta, a minha intenção é esgueirar-me para o meu quarto, mas o meu pai tem outros planos.

— Beyah — diz ele, assim que chego ao primeiro degrau das escadas. — Tens um minuto?

Assinto com relutância. Regresso à mesa e sento-me à sua frente. Levanto um joelho até ao peito e tento agir com naturalidade. Ele recosta-se na cadeira e esfrega a mão ao longo do maxilar, como se o que está prestes a dizer fosse um pouco confrangedor para ele.

Será que teve notícias acerca da minha mãe? Não sei se têm mais alguém em comum além de mim, por isso não faço ideia de como poderá ter descoberto.

— Desculpa não ter ido à tua cerimónia de formatura.

Oh. Afinal, é sobre ele. Fito-o por um instante e depois abro o pacote de batatas. Encolho os ombros.

— Não faz mal. Sei que é uma viagem longa para alguém com uma perna partida.

Ele comprime os lábios e inclina-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Pois, acerca disso — diz ele.

— Não me importo, pai. A sério. Todos nós dizemos mentiras de vez em quando para nos safarmos de coisas que não queremos fazer.

— Não é que não quisesse estar presente — diz o meu pai. — Apenas pensei que… tu não me *querias* lá.

— Porque é que não haveria de te querer lá?

— Porque tenho a impressão de que nos últimos dois ou três anos tens andado a evitar-me. E não te culpo por isso. Sei que não fui um pai muito bom para ti.

Baixo os olhos para o pacote de batatas e abano-o.

— Não foste, não. — Como outra batata frita com descontração, como se não tivesse acabado de soltar o maior insulto que um filho pode dirigir a um pai.

A expressão do meu pai fica carregada, e ele abre a boca para me responder, mas a Sara desce as escadas e irrompe pela cozinha com demasiada energia para esta hora da noite.

— Beyah, vai vestir o biquíni, vamos à praia.

O meu pai parece aliviado com a interrupção. Concentra a sua atenção no portátil. Levanto-me e levo mais uma batata à boca.

— O que é que há na praia?

A Sara solta uma gargalhada.

— Na praia há *a praia*. Não é preciso mais nada. — Ela está novamente com a parte de cima do biquíni e os calções de ganga.

— Estou mesmo cansada — digo.

Ela revira os olhos.

— Vamos lá só por uma horinha, e depois podes ir dormir.

*

Quando atravessamos as dunas, sinto-me defraudada. Estava à espera de encontrar ali mais gente, para poder tornar-me invisível, mas parece que a multidão que aqui estava antes se dissipou e agora só restam duas pessoas: o Marcos e o Samson. De resto, há só duas pessoas a nadar no mar.

O Marcos encontra-se em frente à fogueira, mas o Samson está sentado sozinho a um ou dois metros de distância, a contemplar o mar escuro. Sei que nos ouve a chegar, mas não se vira para olhar para nós. Ou está perdido nos seus pensamentos ou então está a fazer um esforço consciente para me ignorar.

Se o verão vai ser todo assim, com ele sempre por perto, vou ter de arranjar uma maneira de me sentir à vontade na sua presença.

Há seis cadeiras em volta da fogueira, mas duas delas têm toalhas por cima e cervejas pousadas nos braços, por isso presumo que estejam ocupadas. A Sara senta-se ao lado do Marcos e eu sento-me numa das duas cadeiras vazias.

A Sara olha para a água, para as duas pessoas que estão a nadar.

— É a Cadence que está ali com o Beau?

— Sim — diz o Marcos. — Acho que ela se vai embora amanhã.

A Sara revira os olhos.

— Mal posso esperar. Quem me dera que levasse o Beau com ela.

Não sei quem são o Beau e a Cadence, mas não me parece que a Sara e o Marcos sejam grandes admiradores deles.

Tento não olhar para o Samson, mas é difícil. Ele está a cerca de três metros de distância, sentado com os braços em volta dos joelhos, a observar as ondas a rebentarem sobre a areia. Detesto o facto de me questionar sobre o que estará ele a pensar, mas tem de estar a pensar nalguma coisa. É um dos efeitos que contemplar o mar produz. Pensamentos. Montes de pensamentos.

— Vamos nadar — diz a Sara, enquanto se levanta e despe os calções. Olha para mim. — Queres vir?

Abano a cabeça.

— Já tomei duche esta noite.

A Sara agarra na mão do Marcos e puxa-o da cadeira. Ele agarra nela ao colo e corre em direção à água. O guinchinho que a Sara solta parece despertar o Samson do transe em que estava. Levanta-se e sacode a areia dos calções. Vira-se para regressar para junto da fogueira, mas reparo que hesita ao ver que estou aqui sentada sozinha.

Continuo a olhar para a Sara e para o Marcos, nem que seja porque não sei para onde mais devo olhar. Decididamente, não quero olhar para o Samson enquanto ele se aproxima. Ainda me sinto envergonhada com a parte da conversa que ele ouviu no *ferry*. Não quero que pense que não gosto da Sara, porque não é verdade. Só não a conheço muito bem. Mas o que ele ouviu deve ter soado bastante pior do que a realidade.

Ele senta-se calmamente e fica a olhar para a fogueira, sem fazer o menor esforço para falar comigo. Olho em redor, para a extensão incrível da praia, e questiono-me como é que é possível que neste momento me sinta a sufocar.

Inspiro lentamente e depois liberto o ar com cuidado, antes de dizer:

— Eu não queria dizer aquilo há bocado. Acerca da Sara.

O Samson olha para mim com uma expressão estoica.

— Ainda bem.

E não diz mais nada.

Abano a cabeça e desvio o olhar, mas não antes de ele conseguir ver-me a revirar os olhos perante a sua resposta. Não sei porquê, mas, mesmo quando está a defender os amigos, ele parece ser um perfeito sacana.

— O que foi? — pergunta ele.

— Nada. — Recosto-me na cadeira e olho para o céu. — *Tudo* — murmuro para comigo.

O Samson agarra num galho que está na areia ao lado da sua cadeira. Começa a atiçar o fogo, mas não diz mais nada. Inclino a cabeça para a direita e olho para as casas que se perfilam em frente à praia. A do Samson é de longe a mais bonita. Mais moderna. É de um branco imaculado com os caixilhos pretos, quadrada, com muito vidro. Mas, comparada com a casa da Alana e do meu pai, parece tão fria e impessoal.

Também parece estar vazia, como se ele fosse a única pessoa que ali vive.

— Vives sozinho na tua casa?

— Não considero aquela casa realmente minha, mas sim, sou o único que lá vive.

— Onde estão os teus pais?

— Não estão aqui — diz ele.

As suas respostas curtas não se devem à timidez. Ele não é decididamente uma pessoa tímida. Pergunto-me se as conversas dele são assim com toda a gente ou só comigo.

— Estás na faculdade? — pergunto.

Ele abana a cabeça.

— Fiz uma pausa este ano.

Rio-me entre dentes. Não é minha intenção, mas esta resposta está tão desfasada da minha realidade.

Ele ergue uma sobrancelha, questionando silenciosamente o meu riso perante a sua resposta.

— Quando se é pobre, tirar um ano depois de acabar o secundário é o mesmo que atirar o futuro pela janela — explico. — Mas quando se é rico e se faz uma pausa nos estudos, é considerado algo sofisticado. Até lhe dão um nome pomposo e tudo.

Ele fica a olhar para mim por um instante, mas não diz nada. Por um lado, gostava de fazer um buraco na cabeça dele para que os pensamentos conseguissem sair. Mas, por outro lado, talvez não gostasse muito do que ele pensa.

— De qualquer maneira, qual é o objetivo de fazer uma pausa de um ano? — pergunto.

— Bem, supõe-se que a pessoa passe o ano a tentar *encontrar-se a si mesma*. — Diz esta última parte com um tom sarcástico.

— Tu conseguiste? Encontrar-te a ti mesmo?

— Nunca estive perdido — diz ele taxativamente. — Não passei o ano a viajar pela Europa de mochila às costas. Passei-o a gerir as casas que o meu pai tem para arrendar. Não é lá muito sofisticado.

Ele parece estar um pouco ressentido com esta ocupação, mas eu daria tudo para ser paga para viver numa casa tão bonita em frente à praia.

— Quantas casas tem a tua família aqui?

— Cinco.

— Vives em *cinco* casas de praia diferentes?

— Não ao mesmo tempo.

Acho que ele é capaz de ter sorrido um pouco. Não tenho a certeza. Pode ter sido só uma sombra da fogueira.

As nossas vidas são tão incrivelmente diferentes, e, contudo, aqui estamos, sentados na mesma praia, à frente da mesma fogueira. A tentar ter uma conversa que não reforce o facto de estarmos a mundos de distância um do outro. São tantos que nem sei se continuamos no mesmo universo.

Quem me dera poder viver dentro da cabeça dele durante um dia. Dentro da cabeça de uma pessoa rica qualquer. Como é que elas veem o mundo? Como é que o Samson me vê? Com o que é que se preocupam as pessoas ricas, se não tiverem de se preocupar com dinheiro?

— Como é que é ser rico? — pergunto.

— Não deve ser muito diferente de ser pobre. Só que temos mais dinheiro.

Isto é tão hilariante que nem sequer consigo rir-me.

— Só uma pessoa rica daria uma resposta dessas.

Ele deixa cair o galho para a areia e recosta-se na cadeira. Vira a cabeça e olha diretamente para mim.

— Então, como é ser pobre?

Quando ele me devolve a pergunta com a sua própria variação, sinto um nó a formar-se no meu estômago. Suspiro e questiono-me se devia ser honesta com ele.

Acho que sim. Nas últimas 24 horas, já contei demasiadas mentiras, de certeza que o *karma* me vai apanhar na curva. Quando lhe respondo, volto a concentrar a minha atenção na fogueira à nossa frente.

— Nós não recebíamos senhas de alimentação porque a minha mãe nunca estava suficientemente sóbria para comparecer às reuniões. Também não tínhamos carro. Há crianças que crescem sem nunca precisarem de se preocupar

com comida, há crianças cujas famílias vivem da assistência do Estado por vários motivos, e depois há crianças como eu. As que passam por entre as frinchas. Que aprendem a fazer o que for preciso para sobreviverem. Essas crianças crescem e nem hesitam em comer uma fatia de pão que encontram num saco abandonado no chão de um *ferry*, porque isso é normal. É um *jantar*.

O maxilar do Samson está cerrado enquanto olha intensamente para mim. Passam-se vários segundos de silêncio entre nós. Ele está com uma expressão quase culpada, mas depois desvia os olhos e fixa as chamas da fogueira.

— Desculpa ter dito que não era muito diferente. Foi uma resposta fútil.

— Tu não és uma pessoa fútil — digo calmamente. — As pessoas fúteis não olham para o mar com a intensidade com que tu olhas.

Assim que digo isto, os olhos do Samson regressam aos meus. Os olhos dele mudaram um pouco — estão semicerrados. Sombrios. Passa a mão pelo rosto e murmura.

— Porra.

Não sei por que motivo diz isto, mas provoca-me arrepios nos braços. Parece ter sido a perceção de alguma coisa a meu respeito.

Não lhe posso perguntar o que foi, porque vejo a rapariga e o rapaz que estavam na água a vir na nossa direção. A Cadence e o Beau.

À medida que se aproximam, apercebo-me de que é a rapariga que o Samson estava a beijar na cozinha ao início da noite. Enquanto caminha, ela olha para mim. Quanto mais se aproxima, mais me apercebo de como é bonita. Não se senta numa cadeira; senta-se ao colo do Samson. A seguir, fita-me como se esperasse alguma reação da minha parte perante o facto de estar a usar o Samson como seu assento pessoal, mas eu sou muito boa a esconder os meus sentimentos.

Por que motivo estou a sentir o que quer que seja em relação a isto?

— Quem és tu? — pergunta a Cadence.

— Chamo-me Beyah. Sou filha do padrasto da Sara.

Pela forma como os seus olhos me observam, percebo imediatamente que ela

é uma «menina dos balneários». Põe um braço à volta do Samson, como se estivesse a reclamar a sua propriedade. Ele parece aborrecido, ou perdido nos seus pensamentos. O Beau, que ainda agora estava na água com ela, senta-se ao meu lado depois de agarrar numa cerveja.

Os olhos dele pousam nos meus pés e deslizam pelo meu corpo acima até pararem finalmente nos meus olhos.

— Sou o Beau — diz, com um sorriso ambicioso, estendendo a mão.

Cumprimento-o com um aperto de mão, ao mesmo tempo que a Sara e o Marcos regressam da água. Quando vê o Beau a dedicar-me a sua atenção, a Sara geme.

— A Beyah está noiva e vai casar-se — diz ela. — Não percas o teu tempo.

O Beau olha para a minha mão.

— Não vejo anel nenhum.

— Isso é porque o diamante é tão grande e tão pesado que ela nem consegue andar com ele o dia todo — responde a Sara.

O Beau inclina-se na minha direção e olha para mim com um sorriso manhoso.

— Ela está a mentir porque me detesta.

— Pois, já percebi.

— De onde é que és?

— Do Kentucky.

— E quanto tempo vais cá ficar?

— Provavelmente, o verão todo.

Ele sorri.

— Fixe. Eu também. Se alguma vez te aborreceres, é ali que eu vivo. — Levanta a mão e aponta na direção da sua casa, mas para de falar porque a Sara se mete no meio de nós os dois.

Agarra-me na mão.

— Anda, Beyah. Vamos para casa.

Fico aliviada. Eu nem queria ter vindo.

Quando me levanto, o Beau revira os olhos, erguendo uma mão num gesto de derrota.

— Estás sempre a dar cabo da minha diversão, Sara.

A Sara debruça-se para dar um beijo de despedida ao Marcos. Eu olho de relance na direção do Samson, mas a única coisa que consigo ver é a mão que ele tem sobre a coxa da Cadence. Começo a virar-me para acompanhar a Sara, mas, no segundo imediatamente antes, ele cruza o olhar comigo. Fita-me com tanta intensidade que sinto um aperto no peito. Desvio o olhar e vou atrás da Sara sem olhar para trás.

— Qual é a história do Beau? — pergunto, durante o caminho de regresso a casa.

— Ele é inconveniente de todas as formas possíveis e imagináveis. Por favor, não lhe dês atenção, é a última coisa que ele merece.

Com o Samson por perto, é difícil dar atenção a mais alguém.

Enquanto eu e a Sara atravessamos as dunas, todas as fibras do meu corpo querem olhar para trás pela última vez, mas não o faço.

— E aquela rapariga, a Cadence?

— Não te preocupes com ela — diz a Sara. — Amanhã já se vai embora, e depois o Samson fica livre.

Solto uma gargalhada.

— Não estou propriamente na fila de espera.

— É capaz de ser melhor assim — diz a Sara quando chegamos a casa. — O Samson vai para a Força Aérea no fim do verão. Por muito que quisesse juntar-vos aos dois, seria uma treta se te apaixonasses mesmo antes de ele se ir embora.

Paro nas escadas quando ela diz isto, mas a Sara não se apercebe, porque vai à minha frente. Fui apanhada de surpresa. Ele não falou do que ia fazer no ano a seguir à pausa. Não sei porquê, mas não estava à espera de que enveredasse pela carreira militar.

Quando entramos em casa, as luzes estão todas apagadas.

— Queres ver um filme?

— Estou mesmo cansada. Talvez amanhã à noite.

Ela senta-se no sofá e agarra no comando. Encosta a cabeça no sofá e olha para mim de alto a baixo.

— Estou mesmo contente por estares aqui, Beyah. — Liga o televisor e desvia a sua atenção de mim, mas as suas palavras fazem-me sorrir.

Acredito nela quando me diz que está contente com a minha presença. É uma boa sensação. Não é muito frequente sentir que a minha presença é apreciada. Por vezes, acho que nem dão por mim.

Quando chego ao quarto, fecho a porta à chave.

Vou até às portas da varanda e abro-as, pois quero ouvir o som do mar enquanto adormeço. Mas também quero ver o que o Samson está a fazer.

O Marcos e o Beau continuam sentados à fogueira. A Cadence está a caminhar na direção oposta à casa do Samson.

E o Samson atravessa as dunas, a caminho de casa. Sozinho.

Por que razão é que isto me deixa feliz?

Não quero que ele me veja aqui, por isso recuo e fecho as portas da varanda.

Antes de me arrastar para dentro da cama, tiro o quadro da Madre Teresa de Calcutá do saco de plástico em que viajou e coloco-o em cima da cómoda. Parece extremamente deslocado neste quarto tão elegante, mas isso deixa-me ainda mais feliz por o ter trazido. Preciso de alguma coisa da minha casa para me lembrar de que este quarto, esta casa e esta cidade não são a minha realidade.

NOVE

Que raio de som é este?

Tapo o ouvido com a mão, confusa com o barulho que me está a obrigar a despertar de um sono profundo maravilhoso. Vem do outro lado do quarto. Abro os olhos e, quando levanto a cabeça da almofada, o som aumenta de volume. Olho de relance para a rua, mas não há luz quase nenhuma. O horizonte está cinzento, como se o mundo se preparasse para acordar.

Gemo e afasto os lençóis para tentar encontrar a origem deste barulho. Parece que vem da cómoda, por isso arrasto -me até lá.

É o meu telemóvel novo. Esfrego o sono dos olhos para conseguir ler o que está no ecrã. São só 5h59.

O telemóvel tem um alarme ligado que diz: *Vai ver o nascer do sol*.

Não diz mais nada.

Desligo o alarme e o quarto volta a ficar mergulhado no silêncio. Olho para trás, na direção da varanda.

Samson.

É bom que isto valha a pena.

Tiro o edredão da cama e embrulho-me nele. Saio e olho para a varanda do Samson. Está vazia. Sento-me numa das cadeiras e puxo o edredão até ao queixo. Fito o horizonte escuro. A este, vejo uma nesga minúscula de luz a espreitar sobre o mar. A norte, o céu está muito escuro e, de vez em quando, é rasgado por um relâmpago. Parece que se aproxima uma tempestade que ameaça abafar a luz.

Fico sentada na varanda a ver o sol a erguer-se lentamente e a iluminar a península. Ouço as ondas a rebentarem na areia. Ao longe, os trovões rugem e as gaivotas começam a grasnar aqui perto.

Fico num transe absoluto à medida que o vento começa a levantar-se. Por muito brilhante que tenha sido o início do nascer do sol, começa a escurecer

novamente com a aproximação da tempestade. O céu engole todas as tonalidades de cor que tentavam rasgá-lo e, pouco depois, tudo assume um tom de cinzento baço.

É neste instante que a chuva começa a cair. Estou protegida pelo telheiro da varanda e o vento não é muito forte, por isso deixo-me ficar cá fora, a observar, à medida que o dia que ainda há 15 minutos parecia tão luminoso se transforma lentamente em penumbra.

Questiono-me se o Samson saberia que o nascer do sol hoje iria trazer consigo uma tempestade. Olho de relance para a casa dele e vejo-o encostado à ombreira da porta, com uma chávena de café na mão. Não está a olhar para a chuva, nem para o mar ou para o céu.

Está a olhar para mim.

Vê-lo a observar-me agita qualquer coisa dentro de mim que preferia que ficasse quieta. Devolvo-lhe o olhar fixo por alguns instantes enquanto me pergunto se ele acorda cedo todos os dias para ver o nascer do sol ou se queria apenas ver o que eu fazia com o alarme que pôs no meu telemóvel.

Talvez ele goste mesmo de apreciar o nascer do sol. Será que ele é um dos poucos que não toma esta vista como um dado adquirido?

Penso que talvez exista uma possibilidade de estar errada a respeito dele. Posso ter sido precipitada a julgá-lo. Mas, por outro lado, o que é que importa se me enganei ou não? O ambiente entre nós é sempre constrangedor e não estou a ver isto a mudar, a não ser que um de nós faça um transplante de personalidade.

Quebro o olhar entre nós e volto para dentro. Arrasto-me até à cama.

Acho que vou ficar por aqui.

DEZ

Passei a maior parte dos últimos três dias no meu quarto. O facto de estar a chover, juntamente com a semana que tive, fez com que não tivesse a menor vontade de enfrentar o mundo. Além disso, este quarto está a transformar -se no meu local favorito, porque me sinto segura aqui, rodeada por estas quatro paredes. Tenho uma vista desimpedida do mar, um televisor que finalmente percebi como funciona e a minha própria casa de banho.

Podia mesmo ficar neste quarto para o resto da vida e sentir -me perfeitamente feliz com isso.

O problema são *todas* as outras pessoas que vivem nesta casa.

O meu pai veio várias vezes ver como estou. Disse -lhe que estava com dores de cabeça e de garganta, que me custava falar, por isso ele vem aqui acima de vez em quando perguntar se me sinto bem.

A Sara tem -me trazido várias coisas: comida, água e medicamentos dos quais não preciso. Ontem, a certa altura, enfiou -se na minha cama e ficou uma hora a ver Netflix comigo antes de ir ter com o Marcos. Não falámos muito e, para minha surpresa, não me importei com a sua companhia.

Ela tem uma boa energia. Por vezes, sinto-me um pouco como um buraco negro quando estou perto dela. É como se estivesse a sugar-lhe a vida só por estar ao lado da sua presença inocente.

Fui mantendo a rotina do Samson debaixo de olho mais do que gostaria de admitir. Não sei por que motivo me sinto tão curiosa em relação a ele, mas a sua rotina intriga-me.

Deixei o alarme do meu telemóvel ligado, porque, aparentemente, o nascer do sol tornou-se uma coisa nossa. Ele está na sua varanda todas as manhãs. Vemos o mundo a acordar sozinhos, mas, de certa forma, juntos. Cada vez que regresso ao meu quarto, os nossos olhares cruzam-se por instantes. Mas ele nunca me diz nada.

Das duas uma: ou não é uma pessoa matutina ou prefere apreciar o nascer do sol em silêncio. Seja como for, isto, de alguma forma, parece-me íntimo. Como se só nós os dois é que partilhássemos este segredo, um segredo que mais ninguém conhece, apesar de nunca falarmos durante estes encontros.

Normalmente, volto para a cama logo a seguir, mas o Samson sai de casa. Não sei onde é que ele vai de manhã tão cedo, mas fica fora durante a maior parte do dia. E, quando regressa à noite, a casa está sempre às escuras. Ele só liga a luz da divisão onde está, e apaga a luz assim que sai.

Ele parece viver já rodeado de precisão militar. Pelo que consigo ver da minha janela, a casa está sempre imaculada. Faz-me pensar no tipo de pai que tem. Se vai seguir a carreira militar, talvez tenha sido criado num ambiente militar. Talvez seja por isso que parece ser tão controlado e ter a casa tão limpa.

Se passo o tempo a pensar nisto, preciso mesmo de encontrar qualquer coisa com que ocupar o meu cérebro. Talvez fosse melhor arranjar um emprego. Não posso ficar neste quarto para sempre.

Podia comprar uma bola de voleibol e uma rede e treinar um pouco, mas não me apetece absolutamente nada. O treinador já nos enviou os planos de treino e os horários, mas ainda nem abri o e-mail. Não sei porquê, mas não tenho a menor vontade de pensar no voleibol até ir para a Pensilvânia. Vivi os últimos cinco anos da minha vida exclusivamente dedicada ao voleibol, e estou prestes a começar os próximos quatro.

Mereço um ou dois meses sem precisar de pensar nisso.

Hoje já não chove e o sol brilha no céu. Se continuar a fingir que estou doente pelo quarto dia consecutivo, o meu pai é capaz de me levar ao médico. Já não tenho uma boa desculpa para ficar fechada no quarto, e hoje seria um bom dia para procurar emprego. Talvez pudesse servir às mesas e guardar as gorjetas para ter algum dinheiro quando fosse para a faculdade.

Mas dava tudo para ter mais um dia igual a estes três últimos. Contudo, acho que não vai acontecer, porque ouço alguém a bater à porta do meu quarto.

— Sou eu — diz a Sara. — Posso entrar?

— Claro. — Já estou sentada na cama, encostada à cabeceira. Ela enfia-se na cama e senta-se ao meu lado. Cheira a canela.

— Sentes-te melhor?

Assinto e forço um sorriso.

— Sim, estou um bocadinho melhor.

— Ótimo. Até que enfim que parou de chover. Queres ir à praia mais logo?

— Não sei. Estava a pensar que, se calhar, devia procurar um emprego de verão. Preciso de poupar dinheiro para quando for para a faculdade.

Ela solta uma gargalhada.

— Não. Aproveita o último verão antes que a idade adulta te atinja a sério. Aproveita isto tudo — diz, acenando com a mão no ar.

Ela é tão alegre. Eu ainda estou encalhada no meu estado de espírito de ontem. Neste momento, o desequilíbrio entre nós é tão notório. Ela também repara nisto, porque deixa de sorrir e semicerra os olhos.

— Estás bem, Beyah?

Sorrio, mas é preciso tanto esforço para manter o sorriso que o deixo vacilar enquanto suspiro.

— Não sei. Isto é tudo… É um pouco estranho para mim.

— O que é que é estranho?

— Estar aqui.

— Queres voltar para casa?

— Não. — Nem sequer sei onde é a minha casa agora, mas não acrescento essa parte. Estou no limbo, e a sensação é muito estranha. É deprimente.

— Estás triste? — pergunta a Sara.

— Acho que sim.

— Posso fazer alguma coisa para te ajudar?

Abano a cabeça.

— Não.

Ela vira-se de lado e apoia a cabeça com uma das mãos.

— Temos de acabar com essa sensação. Achas que, em parte, se deve ao facto

de te sentires uma estranha nesta casa?

Assinto. É verdade que me sinto deslocada aqui.

— É possível que sim.

— Então, temos de nos tornar amigas mais depressa. — Deita-se de costas. — Vamos conhecer-nos melhor. Faz-me perguntas.

A verdade é que há mesmo muita coisa que gostava de saber sobre ela, por isso encosto a cabeça à cabeceira da cama e penso em perguntas para lhe fazer.

— Tens uma boa relação com a tua mãe?

— Sim. Adoro-a, é a minha melhor amiga.

Que sorte.

— Onde está o teu pai?

— Vive em Dallas. Eles divorciaram-se há cinco anos.

— Costumas vê-lo?

A Sara assente.

— Sim, ele é um bom pai. É muito parecido com o teu.

Não sei como, mas consigo manter uma expressão séria depois deste comentário.

A Sara tem dois progenitores bons e um padrasto que parece conhecê-la melhor do que à sua própria filha. Espero que ela não tome isto como um dado adquirido.

Só de olhar para ela, consigo perceber que não passou por muitas dificuldades na vida. É uma pessoa ainda cheia de esperanças.

— Qual foi a pior coisa que já te aconteceu? — pergunto.

— O divórcio dos meus pais foi muito difícil para mim.

— E qual foi a melhor coisa que já te aconteceu?

Ela sorri.

— O Marcos.

— Há quanto tempo é que estão juntos?

— Desde as férias da Páscoa.

— Só?

— Sim, sei que são só alguns meses, mas aposto a minha vida em como um dia vamos casar-nos.

— Não faças isso.

— Casar-me com ele? — pergunta ela, virando-se de barriga para baixo.

— Não apostes a tua vida. Só o conheces há alguns meses.

Ela volta a sorrir.

— Oh, não estava a dizer que nos vamos casar em breve. Vamos esperar até depois da faculdade. — Ainda está a sorrir com um ar sonhador quando acrescenta: — Eu vou mudar de faculdade para poder ficar mais perto dele.

— Ele também anda na faculdade?

— Anda, sim. Está a tirar um curso de Moda na Universidade de Houston, com um *minor* em Gestão.

— A licenciatura é em Moda?

A Sara assente.

— Ele quer lançar uma marca de roupa chamada *His-Panic*.

— Ah, isso explica as t-shirts.

— Sim, é um trocadilho muito inteligente. Ele nasceu em Chiapas, por isso o plano é doar uma parte do dinheiro que ganhar para ajudar a combater a pobreza na região, isto se a marca de roupa tiver sucesso. Ele já tem cinco mil seguidores no Instagram.

— Isso é bom? Não estou muito por dentro das redes sociais.

— É melhor do que *não ter* cinco mil seguidores. — Senta-se na cama e cruza as pernas. A Sara mexe-se tanto. Quem me dera ter metade da sua energia. — Posso fazer-te uma pergunta?

Assinto.

— Já te fiz umas dez perguntas, por isso é mais do que justo.

— O que é que te faz feliz? — A expressão dela é de curiosidade genuína.

Tenho de desviar o olhar antes que ela consiga ver a expressão do meu rosto, porque, honestamente, não sei o que me faz feliz. Também me sinto curiosa em

relação a isso. Passei a vida inteira a tentar sobreviver; nunca pensei a sério nas coisas que existiam para lá desse esforço.

Tomar uma refeição costumava deixar-me feliz. As noites em que a minha mãe não trazia homens para casa também, assim como os dias de pagamento no McDonald's.

Não sei exatamente por que motivo a pergunta dela me toca tanto, mas, pela primeira vez desde que aqui cheguei, apercebo-me de que as coisas que me faziam feliz já não são sequer preocupações reais na minha vida.

O que é que *me faz* feliz?

— Não sei. — Olho pela janela para a água e sinto uma onda de serenidade e de calma a abater-se sobre mim. — Talvez o mar.

— Nesse caso, devias aproveitar o mar enquanto podes. Não arranjes um emprego de verão. Tens o resto da vida para trabalhar. Faz deste verão uma coisa só tua. Tenho a impressão de que, para variar, mereces ser um bocadinho egoísta.

Assinto, concordando com ela.

— Mereço mesmo.

Ela sorri.

— Ainda bem que te apercebes disso. — Levanta-se da cama. — Bem, prometi ao Marcos que ia cortar o cabelo com ele e que depois íamos almoçar. Se quiseres vir connosco, estás à vontade.

— Não, preciso de tomar um duche. E depois sou capaz de ir dar um passeio pela praia.

A Sara sai do quarto às arrecuas.

— Tudo bem. Voltamos daqui a umas horas. Mas não jantes, porque hoje à noite vamos fazer o jantar na praia.

*

A Sara disse-me que havia uma parte extensa da Península Bolivar que era

conhecida por Praia Zoo. Os veículos e os carrinhos de golfe são permitidos na praia, por isso o tráfego e as festas são uma constante.

A área onde a Sara vive ainda tem algum trânsito, mas não tanto como noutras partes da península. A cerca de três quilómetros de distância de casa, começa um mundo completamente diferente. E não é necessariamente melhor. Presumo que dependa da disposição da pessoa, mas a minha disposição não está certamente para música aos berros e masculinidade tóxica.

Viro-me para voltar para trás antes de me aproximar muito da área mais concorrida. Vejo dois rapazes sentados na parte de trás de uma carrinha a provocar um cão com um hambúrguer.

As costelas do cão veem-se nitidamente por baixo do pelo. Observo o cão à medida que se aproxima lentamente dos rapazes na carrinha, como se soubesse que há um preço a pagar pela comida que está prestes a receber.

Sinto uma empatia imediata com o cão.

— É isso mesmo — incita um dos rapazes, estendendo-lhe o hambúrguer. — Só mais um passo.

Quando o animal fica ao seu alcance, o rapaz afasta a comida e o outro salta rapidamente para cima do cão e prende-o entre os joelhos. Estão os dois a rir-se quando ele põe um lenço por cima dos olhos do cão e o larga. O animal começa a cambalear, sem conseguir ver.

Precipito-me para o cão enquanto ele tenta tirar o lenço com a pata. Tiro-lhe o lenço da cabeça e ele olha para mim com medo, para depois fugir.

— Então, vá lá! — exclama um dos rapazes. — Só estávamos a divertir-nos um bocado com ele.

Atiro-lhe o lenço para cima.

— Fedelhos estúpidos. — O cão já vai a correr. Aproximo-me dos rapazes, tiro o hambúrguer que um deles ainda tem na mão e vou atrás do cão.

— Cabra — ouço um deles a resmungar.

Volto na direção de onde vim, afastando-me da multidão e em direção ao cão. Pobrezinho, foi esconder-se atrás de um caixote de lixo azul e está todo

encolhido. Encaminho-me lentamente para ele até estar a poucos passos de distância e, a seguir, atiro o hambúrguer para perto dele.

O cão fareja a comida por um instante e depois começa a comer. Eu continuo a andar, agora furiosa. Por vezes, não consigo entender os seres humanos, palavra de honra. Detesto isto, mas dou por mim a desejar que toda a humanidade sofresse um pouco mais do que sofre. Se todos tivessem sentido um pouco do que este cão já sentiu, aquilo por que já passou, talvez hesitassem antes de serem uns cabrões tão grandes.

Estou a meio caminho de casa quando me apercebo de que o cão vem atrás de mim. Deve pensar que tenho mais hambúrgueres.

Paro de andar, e o cão também para.

Fitamo-nos e avaliamo-nos mutuamente.

— Não tenho mais comida para te dar.

Recomeço a andar e o cão segue-me. De vez em quando, distrai-se com isto ou com aquilo, mas depois levanta a cabeça e desata a correr até me alcançar. Quando chego a casa, ele ainda vem atrás de mim.

Tenho quase a certeza de que não posso trazer um cão tão sujo como este para dentro de casa, mas, pelo menos, posso arranjar-lhe mais alguma comida. Quando chego aos degraus, viro-me e aponto para ele.

— Fica aqui!

O cão senta-se no sítio para onde aponto. Fico surpreendida. Pelo menos sabe respeitar ordens.

Vou ao frigorífico buscar umas fatias de carne de peru, arranjo uma tigela com água e desço as escadas para lhe dar a comida. Sento-me no último degrau e faço-lhe festas na cabeça enquanto come. Não sei se é um erro dar-lhe comida aqui em casa. Agora que o alimentei, o mais certo é ele ficar por aqui, mas talvez isso não seja assim tão mau. Dava-me jeito ter a companhia de alguém que não me julga.

— Beyah!

O cão arrebita as orelhas ao ouvir o meu nome. Olho para cima e em redor

para tentar ver quem me chamou, mas não vejo ninguém.

— Estou aqui!

Olho para uma casa que fica na diagonal da nossa, na segunda fila por trás de um lote vazio. Está um tipo em pé num telhado extremamente alto. Está tão alto que demoro alguns segundos até perceber que é o Samson.

Ele acena-me, e, como uma idiota, olho para trás para ver se é mesmo comigo, apesar de ele ter chamado especificamente o meu nome.

— Anda cá! — grita ele.

O Samson está em tronco nu. Quando me levanto de imediato, sinto-me tão patética e esfomeada como o cão.

Olho para o cão e digo:

— Volto já. Fica aqui.

Assim que começo a atravessar a rua, o cão vem atrás de mim.

Entro pelo jardim da casa onde o Samson se encontra perigosamente perto da beira do telhado, a olhar cá para baixo.

— Sobe as escadas e entra pela porta principal. No corredor, dirige-te para a primeira porta à esquerda, que dá acesso ao telhado. Quero mostrar-te uma coisa.

Daqui de baixo consigo ver o suor a brilhar na pele dele, por isso fito os pés durante um instante, tentando perceber o que fazer. Se não tenho tido grandes interações com ele, porque é que hei de me expor voluntariamente a mais situações?

— Tenho medo de alturas! — digo muito alto, olhando para ele.

O Samson solta uma gargalhada.

— Tu não tens medo de nada. Anda para aqui!

Não gosto da forma confiante com que diz isto, como se me conhecesse. Mas tem razão. Não tenho medo de muita coisa. Viro-me para o cão e aponto para a parte lateral das escadas.

— Fica aqui. — O cão vai para o sítio para onde apontei e senta-se. — Raios te partam, cão. És muito esperto.

Subo as escadas até à porta da frente. *Devo bater à porta*? Bato, mas ninguém

abre.

Presumo que o Samson esteja aqui sozinho, senão teria descido para me abrir a porta.

Empurro a porta e sinto-me muito desconfortável por estar a entrar numa casa que não me é minimamente familiar. Encaminho-me rapidamente para a porta à esquerda e abro-a. Encontro umas escadas que dão acesso a uma pequena área de estar circular, fechada mesmo no cimo das escadas. Parece assemelhar-se à forma do topo de um farol e situa-se mesmo no centro da casa. As paredes são todas feitas de janelas e oferecem uma vista completa de 360 graus.

É deslumbrante. Não sei porque é que as casas não têm todas um espaço destes. Eu viria para aqui todas as noites ler um livro.

Uma das janelas abre para o telhado e o Samson está a segurá-la aberta, à minha espera.

— Isto é mesmo bonito — digo, olhando para a rua. Preciso de um instante para ganhar coragem antes de sair para o telhado. Não é que tenha mesmo medo de alturas, mas a casa está construída sobre estacas e tem dois pisos por cima delas.

O Samson segura-me na mão e ajuda-me a sair para o telhado antes de fechar a janela.

Quando me situo, inspiro um pouco, trémula, porque só então me apercebo de como estamos realmente altos. Nem me atrevo a olhar para baixo.

Daqui de cima, tudo parece diferente. Por causa da altura do telhado, todas as outras casas parecem pequenas em comparação.

Junto aos pés do Samson vejo um monte de telhas empilhadas e uma caixa de ferramentas.

— Esta é uma das tuas cinco casas para arrendar?

— Não. Só estou a ajudar a minha amiga Marjorie. Ela tem uma infiltração. — O telhado aqui tem dois níveis, um é mais alto do que o outro em cerca de 60 centímetros. O Samson sobe para o segundo nível e põe as mãos nas ancas. — Anda até aqui.

Quando chego ao pé dele, aponta na direção oposta ao mar.

— Daqui de cima consegues ver o sol a pôr-se do outro lado da baía.

Olho na direção para onde ele aponta, e o céu está incandescente do outro lado da península. Tons de vermelho, lilás, cor-de-rosa e azul misturam-se num torvelinho colorido.

— A Marjorie tem a casa mais alta do bairro. Dá para ver a península inteira.

Viro-me num círculo lento, admirando a vista. A baía está iluminada com pinceladas de cores tão brilhantes que parece que tem um filtro. Consigo ver a praia toda até onde a minha vista alcança.

— É lindo.

O Samson fita o pôr do sol durante alguns instantes e a seguir salta para o nível de baixo do telhado. Encaminha-se até à caixa de ferramentas e ajoelha-se ao lado dela. Põe uma telha no telhado e começa a prendê-la.

Ver a forma como se movimenta no telhado, como se estivesse em terra firme, faz-me sentir instável, por isso sento-me.

— Era só o que eu queria — diz ele. — Sei que gostas do nascer do sol, por isso queria que visses o pôr do sol daqui.

— Para te dizer a verdade, hoje o nascer do sol deixou-me um pouco deprimida.

Ele assente, como se soubesse exatamente do que estou a falar.

— Pois. Por vezes, as coisas são tão bonitas que fazem com que tudo o resto pareça pouco impressionante.

Fico a observá-lo em silêncio durante algum tempo. Ele prende cinco telhas enquanto o céu engole quase toda a luz. O Samson sabe que estou a olhar para ele, mas, por qualquer motivo, desta vez não parece embaraçoso estar a observá-lo. É como se ele preferisse ter-me aqui a estar sozinho. Mais ou menos como acontece de manhã, quando nos sentamos cada um na sua varanda, sem falarmos.

O cabelo dele está molhado devido à transpiração, por isso o louro é mais escuro do que o normal. Ele usa um fio ao pescoço e, de vez em quando, ao

mexer-se, revela uma linha de bronzeado por baixo, como se nunca o tirasse. É um pedaço de madeira pendurado num fio de couro preto fino entrançado.

— O teu fio tem algum significado especial?

Ele assente, mas não explica que significado é esse. Limita-se a continuar a trabalhar.

— Vais dizer-me o que significa?

Ele abana a cabeça.

Pronto, então está bem.

Suspiro. Por que raio é que estou a tentar estabelecer uma conversa com ele? Já me tinha esquecido de como é.

— Arranjaste um cão hoje? — pergunta ele.

— Fui dar uma volta e ele seguiu-me até casa.

— Vi que lhe deste comida. Agora já não te vai largar.

— Não me importo.

O Samson olha para mim por um instante e depois limpa o suor da testa com o braço.

— Sabes o que é que a Sara e o Marcos vão fazer hoje à noite?

Encolho os ombros.

— Ela disse qualquer coisa sobre cozinhar na praia.

— Ótimo. Estou cheio de fome. — Recomeça a pregar as telhas no telhado.

— Quem é a Marjorie? — pergunto.

— É a dona desta casa. O marido dela morreu há uns anos, por isso costumo ajudá-la quando precisa.

Pergunto-me quantas mais pessoas conhecerá ele neste bairro. Será que cresceu no Texas? Em que escola é que andou? Porque é que vai para a Força Aérea? Tenho tantas perguntas.

— Há quanto tempo é que tens casas aqui?

— Eu não tenho casas aqui — diz ele. — Quem tem casas aqui é o meu pai.

— Há quanto tempo é que o *teu pai* tem casas aqui?

O Samson demora um segundo a responder.

— Não quero falar das casas do meu pai.

Mordo o lábio. Parece que com ele há muitas perguntas proibidas. Detesto isso, porque me deixa ainda mais curiosa. Normalmente, não encontro pessoas que colecionem segredos como eu. Na sua maioria, as pessoas querem alguém que as ouça. Alguém a quem possam contar tudo. O Samson não quer quem o ouça. E eu também não. O que provavelmente explica o motivo pelo qual as conversas que tenho com ele são diferentes das que tenho com as outras pessoas.

As nossas conversas são fragmentadas, pequenas manchas de palavras como pingos de tinta com muito espaço em branco à volta.

O Samson começa a arrumar as ferramentas na caixa. Ainda há luz no céu, mas já não vai durar muito. Ele levanta-se, sobe para a parte de cima do telhado e a seguir senta-se ao meu lado.

Está tão perto de mim que sinto o calor do seu corpo.

Apoia os cotovelos nos joelhos. Ele é realmente bonito. É difícil não olhar para ele. Mas acho que o seu carisma advém mais da sua postura, da forma como se apresenta, do que do seu aspeto. Ele é bem capaz de ter um lado artístico.

E há um lado sereno que o faz parecer introspetivo. Ou talvez seja apenas uma pessoa reservada.

Independentemente do que o compõe num todo, dou por mim a olhar para ele como um projeto ao qual me quero mesmo dedicar. Um desafio. Quero abri-lo e ver o que guarda dentro de si, o que faz dele a única pessoa deste mundo pela qual sinto uma curiosidade genuína.

O Samson passa o polegar pelo lábio inferior, mas fá-lo com tanta naturalidade que, quando começa a falar, eu já estou a olhar para a sua boca.

— Havia um pescador que costumava vir aqui muitas vezes — diz ele. — Chamava-se Rake. Vivia no barco e andava sempre de um lado para o outro ao longo da costa, daqui até South Padre. Por vezes, ele ancorava o barco mesmo aqui em frente e depois vinha a nado até à praia, para se juntar a quem estivesse por ali a comer. Não me lembro de muita coisa a respeito dele, mas recordo-me que costumava escrever poemas em pedaços de papel, que depois oferecia às

pessoas. Acho que foi o que mais me fascinou nele. Era um pescador destemido que escrevia poesia. — Sorri ao dizer isto. — Lembro-me de pensar que ele era uma espécie de criatura mítica intocável. — O sorriso do Samson desvanece-se e ele faz uma pausa. — O furacão Ike aconteceu em 2008 e destruiu a maior parte da ilha. Eu andava a ajudar a limpar os destroços quando encontrei o barco do Rake junto à extremidade da península, em Gilchrist. Estava completamente destruído. — Leva os dedos ao fio e baixa os olhos para o fitar. — Tirei um pedaço de madeira do barco e fiz este fio.

Continua a segurar no fio enquanto olha para o mar, fazendo deslizar o pedaço de madeira ao longo do couro.

— O que é que aconteceu ao Rake?

O Samson olha para mim.

— Não sei. Tecnicamente, ele não era um residente da região, por isso não entrou na contabilização de mortos ou desaparecidos. Mas ele jamais teria abandonado o barco, nem mesmo durante um furacão. Para ser sincero, nem sei se alguém procurou ativamente por ele. Nem sequer tenho a certeza se alguém deu pela sua falta depois do furacão.

— Tu deste.

A expressão do Samson muda quando digo isto. Há uma tristeza muito grande nele e um pouco desse sentimento passa cá para fora. Não me agrada, porque, aparentemente, aquilo a que me sinto mais ligada é à tristeza. Sinto que com esta expressão ele está a puxar-me a alma.

O Samson não é a pessoa que pensei que era quando o conheci. Não sei como processar esta informação. Admitir que ele é completamente diferente do que presumi deixa-me desiludida comigo mesma. Nunca pensei em mim como alguém que julga os outros, mas acho que, afinal, sou mesmo assim. Julguei-o a ele. Julguei a Sara.

Desvio os olhos dele e levanto-me. Desço para o nível inferior do telhado e viro-me para trás quando chego à janela. Trocamos um olhar silencioso que dura pelo menos cinco segundos.

— Eu estava enganada a teu respeito.

O Samson assente, sustendo o meu olhar.

— Não faz mal.

Não é muito frequente cruzar-me com pessoas com quem penso que posso aprender alguma coisa, mas ele é capaz de me ter percebido antes de eu o perceber. Acho isso atraente.

É por isso que saio do telhado e desço as escadas sentindo-me bastante mais pesada do que quando as subi.

Quando chego à rua, o cão continua sentado no mesmo lugar. Olha para mim com entusiasmo e abana a cauda quando chego ao último degrau.

— Olha só para ti, tão obediente. — Curvo-me e faço-lhe festas. Ele tem o pelo todo emaranhado. O pobre rafeiro enjeitado faz-me lembrar tanto de mim.

— Esse cão é teu?

Sigo a voz até que encontro uma senhora sentada a uma mesa de piquenique por baixo do primeiro piso da casa. Está a mexer num pacote de qualquer coisa que tem sobre o colo. É mais velha, deve ter cerca de 70 anos. Deve ser a Marjorie.

— Não sei — respondo, olhando para baixo, para o cão. — Acabámos de nos conhecer.

Aproximo-me da mesa. O cão vem atrás de mim.

— És amiga do Samson? — pergunta ela.

— Não sei — digo, repetindo-me. — Também acabámos de nos conhecer.

Ela solta uma gargalhada.

— Bem, quando conseguires entendê-lo, conta-me como é. Aquele rapaz é um mistério.

Presumo então que não sou a única a pensar isto dele.

— Ele queria que eu visse a vista do seu telhado. É maravilhosa. — Agora que estou mais perto, consigo ver que ela está a descascar nozes-pecã. Encosto-me a um dos postes que sustêm a casa. — Há quanto tempo é que conhece o Samson? — pergunto.

Ela levanta o queixo, pensativa.

— Acho que desde o início do ano. Tive um ataque cardíaco em fevereiro e já não consigo cuidar das coisas como antes, por isso ele vem aqui de vez em quando e ponho-o a trabalhar. Ele não se queixa e também não me cobra nada. Não sei bem o que ganha com isto.

Sorrio. Gosto que ele não aceite o dinheiro dela. Não que ela não possa pagar a alguém para a ajudar. Está sentada na casa mais alta naquele que é provavelmente o bairro mais agradável de toda a península. Não é a casa mais moderna. Na verdade, até está um pouco desatualizada, mas tem muito charme. Parece ter sido bem aproveitada, ao contrário de muitas das outras casas que estão prontas a arrendar e parecem todas iguais.

— Gosto mesmo da sua casa — digo, olhando em redor. — Como se chama este espaço onde estamos?

— Estamos no nível das palafitas — diz ela. Aponta para cima da cabeça. — Consideramos que é o primeiro piso da casa.

Olho em redor para as outras casas. Algumas fecharam as palafitas com painéis em volta das estacas. Algumas pessoas fizeram ali os seus lugares de estacionamento. Eu gosto do espaço da Marjorie. Tem um bar *tiki*, uma mesa de piquenique e algumas redes penduradas nas estacas.

— Algumas pessoas gostam de transformar o espaço das palafitas em divisões extra — diz ela. — Os novos idiotas da casa ao lado fecharam tudo e fizeram um quarto de hóspedes. Não foi muito inteligente, mas eles não quiseram saber da minha opinião. Em breve, hão de perceber a palermice que fizeram. Há dias em que o mar é nosso vizinho, mas há outros em que é nosso companheiro de casa. — Faz-me sinal para me aproximar. — Toma. Fica com isto. — Entrega-me um saco de nozes-pecã já descascadas.

— Oh, não é preciso — digo, tentando devolvê-las.

Ela abana a mão, desvalorizando o meu protesto.

— Fica com elas. Tenho demasiadas.

Não tenho ideia do que vou fazer com meio quilo de nozes-pecã. Acho que as

vou dar à Alana.

— Obrigada.

A Marjorie inclina a cabeça para o cão.

— Já lhe deste um nome?

— Não.

— Devias chamar-lhe *Queijo Pepper Jack*.

Solto uma gargalhada.

— Porquê?

— Porque não?

Olho para o cão. Não se assemelha nem um pouco a um pedaço de queijo. Acho que não há cão *nenhum* que tenha semelhanças com um queijo.

— *Pepper Jack* — digo, experimentando o nome. — Sentes-te um *Pepper Jack*?

— *Queijo Pepper Jack* — corrige a Marjorie. — Ele merece ter um nome completo.

Gosto da Marjorie. Ela é estranha.

— Obrigada pelas nozes. — Baixo os olhos para o cão. — Vamos para casa, *Queijo Pepper Jack*.

ONZE

A escola primária em que andei era pequena. Foi lá que conheci a Natalie. Ficava a poucos quarteirões da minha casa e era tão pequena que só tinha um professor por ano. O nosso grupo era a turma do nosso ano. Na escola primária, ninguém queria saber de dinheiro, porque éramos todos demasiado novos para valorizar essas coisas.

A escola preparatória e a escola secundária foram diferentes. As escolas eram estruturas bastante maiores, e, naquelas idades, o dinheiro determinava os grupos onde nos inseríamos. A não ser que fôssemos excecionalmente bonitos ou, como no caso do Zackary Henderson, famosos no *YouTube*. Ele não era rico, mas o seu estatuto nas redes sociais granjeou -lhe um lugar no grupo dos ricos. Para muita gente da minha idade, o número de seguidores é considerado um bem bastante mais valioso do que o dinheiro.

Eu vinha da pior parte da cidade, e toda a gente sabia disso. Os miúdos do meu bairro, que eram tão pobres quanto eu, começaram a desaparecer. Muitos deles seguiram as pisadas dos pais e entregaram-se às drogas. Eu nunca me senti parte desse grupo porque fiz sempre tudo o que estava ao meu alcance para ser o exato oposto da minha mãe e das pessoas como ela.

Mas na escola isso não importava. Até ter entrado para a equipa de voleibol, no primeiro ano do secundário, a Natalie era a minha única amiga. Algumas das raparigas da equipa aceitaram-me, principalmente depois de me ter tornado a melhor jogadora, mas a maior parte delas tinha aversão a mim. Continuavam a tratar-me como se eu fosse menos do que elas. E não era necessariamente um *bullying* típico. Ninguém me chamava nomes, nem me empurrava nos corredores. Acho que algumas delas me achavam demasiado intimidante para me acossarem.

Eu teria dado luta, e elas sabiam disso.

Acontecia que eu era evitada. Ignorada. Nunca me incluíam em nada. Tenho a

certeza de que isto se devia ao facto de eu ser das poucas pessoas da escola que não tinha um telemóvel, um portátil ou telefone fixo em casa. Não tinha como falar com os meus colegas fora do horário da escola, o que hoje em dia pode ser um fator de exclusão social sério. Ou talvez seja só a desculpa que uso para justificar a minha exclusão durante quase seis anos.

Quando alguém passa tanto tempo sozinha, não é difícil tornar-se uma pessoa amargurada. É especialmente difícil não me sentir amargurada ao estar inserida num sistema de classes e de pessoas com dinheiro, porque quanto mais ricos eram, menos eu parecia existir para eles.

É por isso que é tão difícil para mim estar agora nesta praia, rodeada de pessoas para quem tenho a certeza de que seria invisível se andasse com elas na escola secundária. Quero acreditar que, se conhecesse a Sara na escola, ela me trataria da mesma forma que trata agora. Quanto mais a conheço, menos a vejo como uma pessoa que seria intencionalmente má para alguém.

E o Samson. Como é que ele trataria os mais desfavorecidos?

Na minha escola, nem todos os que tinham dinheiro eram imbecis, mas a sua prevalência era suficiente para os agrupar todos no mesmo pacote. Uma parte de mim questiona-se sobre se as coisas poderiam ter sido diferentes se me tivesse esforçado mais. Se me tivesse aberto mais aos meus colegas. Teria sido aceite por eles?

Talvez só não tenha sido aceite porque não quis ser. Era mais fácil fechar-me na minha concha. Contava com a Natalie quando precisava dela, mas ela tinha telemóvel e outros amigos que a mantinham ocupada, por isso não éramos propriamente inseparáveis. Nem sequer posso dizer que éramos as melhores amigas.

Sei apenas que nunca fiz as coisas que estou a fazer agora. Nunca passei tempo com grupos de pessoas. Quando tive idade suficiente para arranjar um emprego, trabalhei o tempo todo que podia. Por isso, fazer fogueiras, jantares ao ar livre e conviver com pessoas da minha idade era algo totalmente desconhecido para mim. Estou a tentar encontrar uma forma de estar à vontade

no meio destas pessoas, mas vai demorar algum tempo. Passei muitos anos a transformar-me nesta pessoa que sou hoje. É difícil mudarmos quem somos em tão poucos dias.

Estão oito pessoas à volta da fogueira, mas nenhuma delas é o Samson. Ele veio até aqui, pegou num hambúrguer e, depois de o comer, voltou para casa. As únicas pessoas que conheço são a Sara e o Marcos, mas estão sentados à minha frente, com a fogueira a separar-nos. Acho que eles também não conhecem muito bem as outras pessoas que aqui estão. Ouvi o Marcos a perguntar a um dos tipos onde é que ele morava.

Isto deve ser uma coisa que se faz nas praias. Conviver com pessoas que mal conhecemos. Os desconhecidos reúnem-se à volta de uma fogueira e fazem perguntas fúteis uns aos outros até estarem suficientemente embriagados para fazerem de conta que se conhecem há uma vida inteira.

Acho que a Sara percebe que estou a recolher-me para dentro de mim mesma. Aproxima-se e senta-se ao meu lado. O *Queijo Pepper Jack* está deitado na areia, ao lado da minha cadeira. A Sara olha para ele e faz-lhe uma festa na cabeça.

— Onde é que encontraste este bichinho?

— Ele seguiu-me até casa hoje à tarde.

— Já escolheste um nome para ele?

— *Queijo Pepper Jack.*

Ela olha para mim.

— A sério?

Encolho os ombros.

— Olha que até gosto do nome. Devíamos dar-lhe um banho mais logo. Temos um chuveiro exterior lá em baixo.

— Achas que a tua mãe me deixa ficar com ele?

— Dentro de casa, não, mas podemos arranjar-lhe um sítio para ficar cá fora. Para ser sincera, o mais certo é ela nem reparar. Eles quase nunca estão em casa.

Já tinha reparado. Os pais chegam a casa tarde e pouco depois vão para a

cama. Saem de manhã bem cedo.

— Porque é que estão tanto tempo fora?

— Trabalham os dois em Houston. O trânsito é terrível, por isso, nos dias de semana, jantam juntos na cidade para não apanharem a hora de ponta. Mas, durante o verão, tiram sempre a sexta-feira para terem fins de semana prolongados.

— Porque é que se dão ao trabalho de andar para a frente e para trás de segunda a quinta? A casa principal não fica em Houston?

— A minha mãe ia ficar demasiado preocupada se eu ficasse aqui sozinha. Ela já não é tão rígida como era, porque tenho quase 20 anos, mas continua a querer assegurar-se de que durmo em casa todas as noites. E ela adora o mar, acho que dorme melhor quando está aqui.

— Alguém vive na vossa casa de praia durante o resto do ano?

— Não, costumamos arrendá-la. Vimos cá passar as férias e alguns fins de semana, para descontrair. — A Sara para de fazer festas ao *Queijo Pepper Jack* e olha para mim. — Para onde é que vais quando as tuas aulas começarem em agosto? Vais voltar para a casa da tua mãe?

O meu estômago contorce-se perante esta pergunta. Eles continuam a pensar que vou para uma universidade estatal no Kentucky. Isto para não dizer que ainda não contei a ninguém o que aconteceu à minha mãe.

— Não. Vou para…

O Marcos aparece e puxa a Sara da cadeira antes de eu poder acabar a frase. Pega nela ao colo e ela solta um gritinho enquanto lhe abraça o pescoço e ele corre com ela em direção à água. O *Queijo Pepper Jack* levanta-se e ladra perante a comoção.

— Não faz mal — digo-lhe, pousando uma mão na sua cabeça. — Deita-te.

Ele regressa à sua posição na areia. Olho fixamente para a casa do Samson e questiono-me o que é que ele estará a fazer. Será que tem alguma rapariga com ele? Isso explicava por que razão não está aqui a socializar connosco.

Agora que a Sara e o Marcos estão na água, não gosto de estar aqui sozinha.

Não conheço nenhuma destas pessoas, e estão a começar a ficar mais barulhentas. Acho que sou a única que não está a beber.

Levanto-me e vou dar um passeio para me afastar do grupo antes que algum deles se lembre de jogar ao jogo da garrafa ou qualquer outro igualmente terrível. O *Queijo Pepper Jack* segue-me.

Estou a começar a gostar mesmo deste cão. A lealdade dele sabe-me bem, mas o nome que a Marjorie escolheu é demasiado grande. Acho que lhe vou chamar só *P. J.*

A alguns metros do grupo está um castelo de areia abandonado, já meio destruído, e o *P. J.* corre até ele para começar a farejá-lo. Sento-me ao lado do castelo de areia e começo a reconstruir um dos muros.

A vida é esquisita. Um dia estamos a fitar a nossa mãe morta no sofá, e alguns dias depois estamos sozinhos na praia a construir castelos na areia, de noite, com um cão com nome de queijo.

— Daqui a uma hora, a maré sobe e leva-o.

Levanto os olhos e vejo o Samson de pé ao meu lado. Fico extremamente aliviada por o ver aqui, o que me faz sentir estranha. Começo a sentir um conforto invulgar quando estou com ele.

— Nesse caso, é bom que me ajudes a construir um muro de contenção.

O Samson contorna o castelo e senta-se do outro lado. Olha para o cão.

— Ele gosta de ti.

— Dei-lhe comida. Se lhe tivesses dado um hambúrguer, ele também andaria atrás de ti.

O Samson inclina-se para a frente e começa a empilhar areia do seu lado do castelo. Vê-lo a fazer isto provoca-me um sorriso aberto. Um rapaz bonito, em tronco nu, a brincar na areia.

De vez em quando, roubo uns olhares na sua direção, impressionada com a concentração dele.

— Ele chama-se *Queijo Pepper Jack* — digo, interrompendo o silêncio.

O Samson sorri.

— Já conheceste a Marjorie?

— Como é que sabes que foi ideia dela?

— Ela tem dois gatos. Chamam-se *Queijo Cheddar* e *Mozarela*.

Solto uma gargalhada.

— Ela é peculiar.

— Pois é.

A maré aproxima-se e um pouco de água salpica o sítio onde estamos a trabalhar. O Samson para de alisar os muros com as mãos.

— Já tomaste banho no mar?

— Ainda não. Tenho uma certa desconfiança.

— Porquê?

— Porque tem alforrecas. Tubarões. Todas as criaturas que não consigo ver à superfície.

O Samson ri-se.

— Hoje estivemos pendurados no terceiro piso de uma casa. Estás mais segura no mar do que estavas naquele telhado. — Levanta-se e limpa a areia dos calções. — Anda.

Começa a caminhar para a água, sem esperar por mim. Olho em volta à procura do Marcos e da Sara, mas eles estão um pouco mais afastados.

O mar é imenso, por isso não sei por que motivo entrar nele com o Samson me parece uma coisa tão íntima. Levanto-me, dispo os calções e atiro-os para perto do *Queijo Pepper Jack*.

— Guarda-me a roupa — digo-lhe.

Entro na água, que está menos fria do que eu estava à espera. O Samson está vários metros à minha frente. Continuo a andar, surpreendida até onde tenho de ir para a água me dar sequer pelos joelhos. O Samson mergulha numa onda e desaparece debaixo de água.

Quando a água me chega finalmente ao peito, ele reaparece. Está a pouco mais de meio metro à minha frente quando vem à superfície. Puxa o cabelo para trás e olha para mim.

— Estás a ver? Não é nada assustador.

Baixa-se até ficar com a água pelo pescoço. Os nossos joelhos tocam-se acidentalmente, mas ele faz de conta que nem reparou. Parece preparar-se para recuar, mas eu afasto-me um pouco primeiro, para me certificar de que não volta a acontecer. Não o conheço assim tão bem e não sei se quero dar-lhe a ideia de que gosto de tanta proximidade. Ainda na outra noite ele estava com outra rapariga ao colo. Não tenciono ser mais um troféu de colo.

— A Marjorie deu-te algumas nozes-pecã hoje? — pergunta ele. Assinto e ele solta uma gargalhada. — Tenho tantas nozes em casa — diz ele. — Agora até já as deixo nos alpendres das outras pessoas.

— É isso que ela faz durante todo o dia? Descascar nozes?

— Basicamente.

— Onde é que as arranja? Nem sequer tem árvores no jardim.

— Não faço ideia — responde o Samson. — Eu não a conheço muito bem. A primeira vez que falei com ela foi há alguns meses. Ia a passar perto da casa dela e a Marjorie perguntou-me se, em breve, ia à mercearia. Perguntei-lhe do que precisava e ela respondeu-me que precisava de pilhas. A seguir, perguntei-lhe de que tamanho, e ela disse: «Surpreende-me.»

Sorrio, mas não por causa do que ele disse. Sorrio porque gosto da maneira como ele fala. Há qualquer coisa na forma como o lábio inferior se mexe que me rouba completamente a atenção.

O olhar do Samson regressa ao meu rosto, mas não está a fitar os meus olhos. Reparo que olha de relance para a minha boca e que, a seguir, desvia o olhar. Depois, nada para um pouco mais longe.

Já tenho a água pelo pescoço. Tenho de usar os braços para me manter neste sítio porque ainda tenho pé.

— A Sara disse-me que estiveste doente nestes últimos dias — diz ele.

— Não estava a sentir-me muito bem, mas acho que era mais uma doença emocional do que física.

— Tens saudades de casa?

Abano a cabeça.

— Não. Não tenho saudades nenhumas de casa. — Ele parece estar invulgarmente conversador. Aproveito-me disso. — Para onde é que vais todos os dias? Além de ajudares velhinhas de borla, o que é que fazes mais?

— Tento apenas manter-me invisível — diz ele.

— O que é que isso quer dizer?

O Samson desvia os olhos de mim para a lua cheia, que se balança mesmo à beira da água.

— É uma explicação longa. E hoje não estou com grande vontade de me lançar em explicações longas.

Não me surpreende. Ele não parece querer aprofundar as conversas.

— Eu não te consigo perceber — digo.

A expressão dele não muda nem um pouco, mas, quando me responde, a sua voz tem uma centelha de diversão.

— Não sabia que querias perceber-me.

— Isso é porque achei que já tinha entendido quem és. Mas, como te disse, estava enganada a teu respeito. Tu tens muitas camadas.

— Camadas? — repete ele. — Como uma cebola ou como um bolo?

— Uma cebola, decididamente. As tuas camadas são daquelas que uma pessoa tem de puxar com força.

— É isso que estás a tentar fazer?

Encolho os ombros.

— Não tenho mais nada para fazer. Talvez passe o verão todo a retirar as tuas camadas, até me responderes a uma pergunta.

— Já te respondi a uma pergunta. Contei-te a história do meu fio.

Assinto.

— É verdade, contaste-me essa história.

— Tu achas que és fácil de entender? — pergunta ele.

— Não sei.

— Não és.

— Estás a tentar?

Ele sustém o meu olhar por um instante.

— Se tu estiveres.

Esta resposta faz com que os meus joelhos pareçam duas âncoras.

— Tenho a sensação de que não vamos muito longe um com o outro — digo. — Eu gosto de guardar os meus segredos, e sinto que tu também.

Ele assente.

— Posso prometer-te já que não vais conseguir passar da minha primeira camada.

Algo me diz que vou conseguir.

— Por que razão és tão reservado? A tua família é famosa ou qualquer coisa do género?

— Qualquer coisa do género — diz ele.

Ele continua a aproximar-se de mim. Faz-me pensar que esta atração que sinto é mútua, mas tenho dificuldade em entender se assim for. Que um tipo tão bonito e rico como ele possa achar-me minimamente interessante.

Faz-me lembrar do que senti da primeira vez que o Dakota me beijou. É por isso que me afasto do Samson. Não quero que ele diga ou faça alguma coisa que possa fazer-me sentir o que o Dakota me fez sentir logo *após* o nosso primeiro beijo.

Não quero voltar a sentir-me assim nunca mais, mas questiono-me se com o Samson as coisas seriam diferentes. Seria ele tão desumano como o Dakota foi?

Acabámos por nos virar e agora estou de costas para a praia. É como se nos mexêssemos tão devagarinho que nem damos pelo movimento. O Samson tem gotas de água no lábio inferior e eu não consigo parar de olhar para elas.

Os nossos joelhos voltam a tocar-se. Desta vez, não me afasto, mas a ligação dura um mero segundo. Quando passa, sinto-me um pouco abatida.

Questiono-me o que sentirá ele. Provavelmente, não está tão confuso em relação ao que quer como eu estou.

— Qual é o teu motivo para seres tão reservada? — pergunta-me.

Penso na resposta durante alguns instantes.

— Acho que nunca tive ninguém a quem quisesse contar as minhas coisas.

Os olhos dele espelham um certo entendimento. E diz «Eu também não», mas quase como se fosse um murmúrio. Deixa-se submergir na água e desaparece. Alguns segundos depois, ouço-o a aparecer atrás de mim para respirar. Quando me viro, ele está ainda mais perto de mim do que antes. As nossas pernas estão definitivamente a tocar-se, mas nenhum de nós se afasta.

Não sei se já senti isto alguma vez — como se o meu sangue estivesse a correr desenfreado pelas minhas veias. As minhas interações com os rapazes fizeram sempre com que quisesse afastar-me mais deles. Não estou habituada a desejar que *não* houvesse qualquer espaço entre mim e outra pessoa.

— Faz-me perguntas — diz ele. — É provável que não responda à maior parte delas, mas quero perceber o que queres saber sobre mim.

— Provavelmente mais do que aquilo que me vais mostrar.

— Experimenta.

— És filho único?

Ele assente.

— Quantos anos tens?

— Vinte.

— Onde cresceste?

Ele abana a cabeça, recusando-se a responder à pergunta.

— Nem sequer é uma pergunta invasiva — digo.

— Se soubesses a resposta, ias perceber que é, na verdade.

Ele tinha razão. Isto vai ser um desafio. Mas acho que ele não se apercebeu de como posso ser competitiva. Ganhei uma bolsa de estudo para a Penn State graças à minha determinação em ganhar.

— A Sara disse-me que vais para a Academia da Força Aérea.

— É verdade.

— Porquê?

— É uma tradição familiar.

— Ah — respondo. — Eis uma migalha. O teu pai esteve na Força Aérea?

— Sim. E o meu avô também.

— Por que razão a tua família é tão rica? Não se ganha assim tão bem a fazer carreira militar.

— Algumas pessoas querem fazer carreira militar pelo prestígio, não pelo dinheiro.

— Queres *mesmo* ir para a Força Aérea ou só vais porque é isso que esperam de ti?

— Quero ir.

— Isso é bom.

Não sei se é o Samson ou a corrente, mas ele está ainda mais perto de mim. Uma das minhas pernas está no meio dos joelhos dele e a minha coxa toca ocasionalmente na dele. Sou capaz de estar a fazer isto de propósito, o que me surpreende. Talvez ele esteja a fazer o mesmo.

— Qual é o teu animal favorito? — pergunto.

— A baleia.

— E a tua comida favorita?

— Peixe e marisco.

— Qual é a coisa que mais gostas de fazer?

— Nadar.

Solto uma gargalhada.

— São as respostas típicas de um rato de praia. Não vou conseguir chegar a lado nenhum com isto.

— Faz-me perguntas melhores — diz ele mordazmente.

Mais um desafio. Fitamo-nos com intensidade enquanto penso numa pergunta para a qual quero mesmo uma resposta.

— A Sara disse-me que não tens relacionamentos, que só andas com raparigas que estão aqui de férias. Porquê?

Ele não responde. Acho que deve ser mais uma pergunta que está para lá dos limites.

— Tudo bem, é demasiado privado. Vou pensar noutra mais fácil.

— Não, eu respondo — diz ele. — Só estou a tentar perceber como. — Baixa-se até ficar com a água pelo queixo. Eu faço o mesmo. Gosto que a única coisa em que podemos concentrar-nos seja o olhar um do outro. Embora o dele não me diga muito.

— Tenho dificuldade em confiar nas pessoas.

Não estava à espera desta resposta. Pensei que me ia dizer que gosta de ser descomprometido ou qualquer coisa igualmente estereotipada.

— Porquê? Partiram-te o coração?

Ele comprime os lábios enquanto pondera se me vai responder ou não.

— Sim — diz inexpressivamente. — Fiquei destruído. Chamava-se Darya.

O facto de ter dito o nome da rapariga em voz alta faz com que eu sinta uma minúscula e inesperada pontada de ciúmes nas entranhas. Quero perguntar-lhe o que aconteceu, mas não quero verdadeiramente que me responda.

— Como é que é? — pergunto-lhe.

— Ter o coração partido?

Assinto.

Ele afasta uma alga que flutua perto de nós.

— Nunca estiveste apaixonada?

Solto uma gargalhada.

— Não. Nem nada que se pareça. Nunca amei ninguém e também nunca fui amada *por* ninguém.

— Foste, sim — diz ele. — A família também conta.

Volto a abanar a cabeça, porque, mesmo que a família contasse, a minha resposta seria a mesma. O meu pai mal me conhece. A minha mãe não era capaz de me amar.

Desvio os olhos dele e olho para o vazio do mar.

— Não tenho esse tipo de família — digo calmamente. — Não há muita gente que tenha uma mãe como a minha. Não me lembro de ela me abraçar. Nem uma

única vez. — Volto a olhar para os olhos dele. — Agora que penso nisso, nem sei se alguma vez alguém me *abraçou*.

— Como é que isso é possível?

— Quero dizer, já dei abraços a pessoas enquanto cumprimento. Um abraço rápido de olá ou de despedida. Mas nunca fui… nem sei bem qual é o termo.

— Envolvida num abraço.

Assinto.

— Sim. Acho que essa é uma descrição melhor. Nunca ninguém me *envolveu* num abraço. Não sei qual é a sensação. Na verdade, tento evitá-lo. Acho que seria constrangedor.

— Acho que depende de quem te envolvesse no abraço.

Sinto a garganta a fechar-se. Engulo em seco e assinto, mas não consigo dizer nada.

— Fico surpreendido por achares que o teu pai não te ama. Ele parece ser um tipo simpático.

— Mas não me conhece. Esta é a primeira ocasião em que nos vemos desde os meus 16 anos. Sei mais sobre ti do que sobre ele.

— Não sabes muito sobre mim.

— Precisamente — respondo, voltando a encará-lo.

O joelho do Samson roça o interior das minhas coxas e, desta vez, fico contente por ele não conseguir ver nada do meu queixo para baixo, porque estou toda arrepiada.

— Não pensei que houvesse no mundo muitas pessoas como eu — diz ele.

— Achas que somos parecidos? — Tenho vontade de me rir com esta comparação, mas a expressão dele não tem a menor centelha de humor.

— Acredito que temos muito mais em comum do que aquilo que tu julgas, Beyah.

— Achas que estás tão sozinho neste mundo como eu?

Ele comprime os lábios e assente — é o gesto mais honesto que alguma vez vi na vida. Jamais teria imaginado que alguém com tantas posses pudesse ter uma

vida tão merdosa como a minha, mas vejo-o agora na forma como ele olha para mim. Subitamente, tudo nele me parece familiar.

Ele tem razão. Nós somos parecidos, mas apenas na mais triste das formas.

Quando volto a falar, a minha voz surge num murmúrio:

— Quando te vi no *ferry* pela primeira vez, percebi que estavas destroçado.

Vejo uma centelha de luz nos olhos dele quando inclina a cabeça para a direita.

— Achas que estou destroçado?

— Sim.

Ele aproxima-se ainda mais na água, mas a verdade é que já não havia muito espaço entre nós. É um movimento deliberado, e há tanto de mim a tocar em tanto dele.

— Tens toda a razão — diz ele de forma suave, pondo a mão por trás do meu joelho esquerdo. — Não resta mais nada de mim a não ser um enorme monte de destroços malditos. — Puxa-me para ele e enrola as minhas pernas ao seu corpo. Mas não faz mais nada. Não tenta sequer beijar-me. Limita-se apenas a juntar os nossos corpos como se isso fosse suficiente enquanto os braços nos mantêm à tona.

Estou rapidamente a sucumbir ao Samson. Não sei em que medida, mas talvez em todas. Porque, neste instante, preciso que ele faça alguma coisa. Qualquer coisa. Que me beije. Que me toque. Que me leve para debaixo de água.

Ficamos a olhar-nos por um instante e é quase como olhar para um espelho partido. Ele inclina-se lentamente, mas não em direção à minha boca. Encosta os lábios ao meu ombro com tanta suavidade que sinto só um leve roçar.

Fecho os olhos e inspiro.

Nunca senti nada tão sensual como isto. Tão perfeito.

Uma das mãos dele desaparece para debaixo de água e encontra a minha cintura. Quando abro os olhos, o rosto dele está a escassos centímetros do meu.

Olhamos fixamente para a boca um do outro durante um breve segundo e depois sinto umas pontadas na perna que parecem disparos de fogo.

— Porra!

Fui picada por alguma coisa.

Fui picada por alguma coisa precisamente quando estava prestes a ser beijada. Se isto não é a minha sina, valha-me Deus!

— Merda, merda, merda! — Agarro-me aos ombros do Samson. — Fui picada por alguma coisa.

Ele abana a cabeça como se estivesse a sair de um transe. Apercebe-se então do que aconteceu.

— Foi uma alforreca — diz ele. Agarra-me na mão e puxa-me em direção à praia, mas a perna dói-me tanto que tenho dificuldade em andar.

— Oh, meu Deus, dói-me tanto.

— A Sara tem um frasco de vinagre no chuveiro exterior. Vai ajudar a acalmar a picada.

Quando percebe que não estou a conseguir acompanhá-lo, curva-se e pega-me ao colo. Quero desfrutar do facto de ele me levar nos braços, mas não consigo desfrutar de coisa nenhuma.

— Onde é que te picou? — pergunta.

— Na perna direita.

Quando a água lhe dá por baixo dos joelhos, consegue caminhar mais depressa. Leva-me rapidamente para lá da fogueira e até ao chuveiro exterior no meio das palafitas. Ouço a Sara a gritar atrás de nós.

— O que é que aconteceu?

— Alforreca! — grita ele por cima do ombro.

Quando chegamos ao chuveiro, quase não há espaço para os dois. Ele pousa-me e eu viro-me de costas, pressionando as mãos contra a parede do chuveiro.

— Picou-me no cimo da coxa.

Quando ele começa a borrifar vinagre na minha perna, sinto que tenho facas minúsculas a enterrarem-se na parte mais carnuda da coxa. Fecho os olhos e encosto a testa à parede de madeira. Gemo em agonia.

— Oh, meu Deus.

— Beyah — diz o Samson com uma voz contida e profunda. — Por favor, não faças esses ruídos.

Estou com demasiadas dores para dissecar este comentário. A única coisa que sinto é dor por cima de mais dor, no momento em que o vinagre me toca na pele.

— Isso dói, Samson. Por favor, para!

— Ainda não — diz ele, borrifando mais vinagre para se certificar de que o ardor da picada desaparece por completo. — Daqui a uns segundos, vais sentir-te melhor.

Ele é mentiroso, só quero morrer.

— Não, isso dói. Para, por favor.

— Estou quase a acabar.

Ele para subitamente depois de dizer isto, mas não por escolha própria. O Samson desaparece numa agitação confusa e repentina. Viro-me e endireito a cabeça mesmo a tempo de ver o meu pai a dar um murro na cara do Samson.

Ele cambaleia para trás e, a seguir, cai sobre o parapeito de betão que faz parte dos alicerces da casa.

— Ela pediu-te para parares, filho da mãe! — grita-lhe o meu pai.

O Samson põe-se de pé com dificuldade e afasta-se do meu pai. Levanta as mãos para se defender, mas o meu pai dá-lhe outro murro. Agarro o braço do meu pai, mas de nada vale para aligeirar o impacto do segundo murro.

— Pai, para!

A Sara aparece e olho para ela com uma expressão suplicante, para que me ajude. Ela corre para o meu pai e tenta agarrar-lhe o outro braço, mas ele está a agarrar o pescoço do Samson.

— Ele estava a ajudar-me! — grito. — Larga-o!

Isto faz com que o meu pai afrouxe um pouco a mão à volta do pescoço do Samson, mas sem o largar. Ele tem o nariz a sangrar. De certeza que podia dar luta, mas não o faz. Está só a abanar a cabeça, enquanto olha para o meu pai com os olhos arregalados.

— Eu não estava… a Beyah foi picada por uma alforreca. Estava só a ajudá-

la.

O meu pai olha por cima do ombro, à minha procura. Quando os nossos olhos se cruzam, assinto vigorosamente.

— Ele está a dizer a verdade, pai. Estava só a borrifar vinagre na minha perna.

— Mas eu ouvi-te dizer… — O meu pai fecha os olhos quando percebe que foi tudo um mal-entendido. Expira profundamente. — Merda. — Larga o Samson.

Agora, o sangue já lhe escorre até ao pescoço.

O meu pai põe as mãos nas ancas e tenta recuperar o fôlego durante alguns segundos. Depois, faz sinal para o Samson o seguir.

— Entra — resmunga. — Acho que te parti o nariz.

DOZE

O samson está encostado à bancada da casa de banho das visitas, com um trapo encostado ao nariz para estancar a hemorragia. Eu estou sentada na banheira vazia com uma compressa quente na perna. A porta da casa de banho está ligeiramente aberta e, apesar de a Alana e o meu pai estarem ao fundo do corredor, conseguimos ouvir tudo o que eles dizem.

— Ele vai processar -nos — diz o meu pai.

O Samson ri -se baixinho.

— Não o vou processar — murmura.

— Ele não nos vai processar — diz a Alana.

— Não sabes. Mal o conhecemos e parti -lhe o nariz — responde o meu pai.

O Samson olha para mim.

— Não está partido. Ele não bate assim com tanta força.

Solto uma gargalhada.

— Estou confusa — ouço a Alana dizer. — Por que motivo lhe bateste?

— Eles estavam no chuveiro exterior. E pensei que ele estava a…

— Nós conseguimos ouvir-vos! — grito. Não quero que o meu pai acabe esta frase. Isto já é demasiado embaraçoso.

O meu pai abre completamente a porta e entra na casa de banho.

— Tu tomas a pílula?

Oh, meu Deus.

A Alana tenta tirá-lo da casa de banho.

— Não faças essas perguntas em frente ao miúdo, Brian.

O Samson tira o trapo do nariz e semicerra os olhos para mim.

— O *miúdo*? — murmura.

Pelo menos está a encarar isto com sentido de humor.

— Se calhar, é melhor ires-te embora — sugiro. — Isto está a ficar demasiado embaraçoso.

Ele assente, mas o meu pai está novamente à porta.

— Não estou a dizer que não podes fazer sexo. És praticamente adulta. Só quero que, se o fizeres, o faças com segurança.

— Eu *sou* adulta, pai. Não há nada de *praticamente* na minha idade — respondo.

O Samson está de pé perto do meu pai, mas ele bloqueia completamente a saída enquanto está a falar comigo. Nem repara que o Samson tenta encolher-se para passar por ele e ir-se embora.

— Só posso sair por aqui — diz o Samson ao meu pai, apontando por cima do seu ombro. — Por favor, deixe-me sair.

O meu pai apercebe-se de que está a bloquear-lhe o caminho e desvia-se para o lado.

— Peço desculpa pelo teu nariz.

O Samson faz um aceno com a cabeça e, em seguida, vai-se embora. Quem me dera poder sair também, mas tenho quase a certeza de que ainda tenho tentáculos embutidos na perna que me provocam dor quando tento mexer-me.

O meu pai volta a concentrar a sua atenção em mim.

— A Alana pode levar-te a uma consulta para começares a tomar a pílula, se não a estiveres a tomar.

— Nós não… eu e o Samson não… ai, pai, *esquece*. — Dou impulso na banheira para me levantar. — Esta conversa é mesmo muito intensa e eu sinto que a minha coxa está prestes a derreter e a separar-se do resto do corpo. Podemos falar disto mais tarde?

Ambos assentem, mas o meu pai vem atrás de mim.

— Pergunta à Sara. Nós somos bastante abertos em relação a estas coisas, por isso, se alguma vez quiseres conversar, estás à vontade.

— Sim, agora já estou a par. Obrigada — digo, encaminhando-me para as escadas para subir para o meu quarto.

Uau. Então ter pais envolvidos na nossa vida é assim? Não sei se gosto muito.

Vou diretamente até à janela do meu quarto e vejo o Samson a entrar em casa.

Ele liga a luz da cozinha e depois debruça-se sobre a bancada, pressionando a testa contra o granito. Agarra a nuca com as mãos.

Não sei o que pensar disto. Será um sinal de arrependimento? Ou estará apenas devastado porque levou dois murros e se recusou a dar luta? A forma como está a reagir agora deixa-me com tantas perguntas. Perguntas para as quais sei que não vou gostar das respostas. Ele é como um cofre, e quem me dera ter a chave para o abrir.

Ou então explosivos.

Quero uma desculpa para ir a casa dele e ver mais de perto o que está a incomodá-lo tanto. Preciso de saber se é o facto de quase me ter beijado.

Se lhe desse essa oportunidade, será que tentava outra vez?

Quero dar-lhe essa oportunidade. Quero tanto este beijo, mas, ao mesmo tempo, não o quero.

Ainda tenho o cartão de memória da máquina fotográfica dele. Podia ir lá devolver-lho. Mas ainda não vi as fotografias. Quero muito vê-las antes de lhe dar o cartão.

A Sara tem um computador no quarto, por isso vou buscar o cartão de memória à minha mochila e vou até ao computador dela.

Espero vários minutos até as fotografias carregarem. São muitas. As primeiras a aparecer são todas fotografias de natureza. De todas as coisas que ele disse que gostava de fotografar. Inúmeras fotografias do nascer e do pôr do sol. Outras da praia. Mas não são necessariamente imagens bonitas. São reconfortantemente tristes. A maior parte delas foi tirada com o foco num detalhe ao acaso, como um pedaço de lixo a flutuar na água ou algas amontoadas na areia.

É interessante. É como se ele focasse a coisa mais triste que está à frente da lente, mas a fotografia, enquanto um todo, continua a ser bonita.

As fotografias que me tirou começam então a carregar. São muito mais do que pensei, e ele parece ter começado a fotografar-me muito antes de eu ter ido para a parte da frente do *ferry*.

Na sua maioria até são de quando estava na parte lateral, a ver o pôr do sol

sozinha.

Ele focou-me em todas as fotografias. Mais nada. E, com base nas outras que tirou, presumo que achou que eu era o detalhe mais triste em todo o enquadramento.

Há uma fotografia em particular que me chama a atenção. Está ampliada e foca um pequeno rasgão na parte de trás do meu vestido, que eu nem sabia que existia. Mesmo com o foco em algo tão triste como o meu vestido, a fotografia continua a ser deslumbrante. O meu rosto está desfocado, mas, se fosse uma imagem de qualquer outra pessoa, diria que era uma obra de arte linda.

Em vez disso, fico envergonhada por ele me ter prestado tanta atenção antes mesmo de eu me aperceber da sua presença.

Passo por todas as fotografias e reparo que não há uma única imagem minha a comer o pão. Porque é que será que não fotografou esse momento?

Isto diz muito a respeito dele. Arrependo-me mesmo da forma como reagi quando ele tentou oferecer-me dinheiro no *ferry*. O Samson é capaz de ser uma pessoa decente, e as fotografias neste cartão só o confirmam.

Tiro o cartão do computador e, apesar de ainda estar com dores e só me apetecer ir dormir, desço as escadas, saio de casa e atravesso o jardim. O Samson entra sempre pela porta das traseiras, por isso vou nessa direção. Subo os degraus e bato à porta.

Espero um pouco, mas não ouço os passos dele, e daqui não consigo ver a cozinha. Contudo, ouço qualquer coisa atrás de mim. Quando me viro, o *P.J.* está sentado ao cimo das escadas, a observar-me. Sorrio um pouco. Gosto que ele ainda esteja por aqui.

O Samson acaba por abrir a porta. Entre o momento em que o observei pela janela e agora, ele já mudou de roupa. Tem uma das t-shirts *HisPanic* do Marcos, que parecem ser as únicas que usa nas raras vezes em que anda vestido. Gosto que apoie a visão do Marcos. O tipo de amizade entre eles é quase enternecedor.

O Samson está descalço, mas não sei por que motivo olho para os seus pés. Levanto o olhar novamente até ao rosto dele.

— Vim só trazer-te o teu cartão de memória. — Entrego-lhe o cartão.

— Obrigado.

— Não apaguei nada.

O canto esquerdo da boca dele ergue-se.

— Não achei que o fosses fazer.

Ele dá um passo para o lado e faz-me sinal para entrar. Comprimo-me entre a ombreira da porta e o corpo dele e entro na sua casa escura. Ele acende uma luz e eu tento disfarçar o meu arquejo, mas a casa ainda é maior por dentro do que parece por fora.

É tudo de um branco imaculado, sem cor. As paredes, os armários, os rodapés. O chão é de madeira escura, quase preta. Viro-me num círculo, admirando o espaço, mas também reconhecendo que não transmite uma sensação de lar. Não tem alma praticamente nenhuma.

— É um pouco… estéril. — Assim que digo isto, desejo ter ficado calada. Ele não me pediu opinião sobre a casa, mas é difícil não reparar como parece pouco habitada.

O Samson encolhe os ombros, como se a minha opinião sobre a sua casa não o incomodasse.

— É uma casa para arrendar. São todas assim. Muito genéricas.

— Está tão limpa.

— Por vezes, as pessoas arrendam as casas com muito pouca antecedência. É mais fácil para mim se as mantiver sempre prontas a arrendar. — O Samson vai até ao frigorífico e abre-o, acenando com a mão. Está praticamente vazio, à exceção de alguns frascos de molhos na porta. — Não há nada no frigorífico nem na despensa. — Fecha a porta.

— Onde é que guardas a tua comida?

Ele faz sinal para um armário perto das escadas que dão acesso ao piso de cima.

— Mantemos as coisas a que não queremos que os inquilinos tenham acesso neste armário. Tem um pequeno frigorífico. — Depois, aponta para uma mochila

que está ao lado da porta. — O resto das minhas coisas está naquela mochila. Quanto menos coisas tiver, mais fácil é movimentar-me entre propriedades.

Já o vi algumas vezes com a mochila, mas nunca pensei no que significava. É um pouco irónico que ambos tenhamos a nossa vida numa mochila, não obstante a vasta diferença de riqueza entre nós.

Olho de relance para perto da porta, para uma fotografia pendurada na parede. É a única coisa da casa que tem alguma personalidade. Encaminho-me para ela. É a fotografia de um menino de cerca de 3 anos a caminhar na praia. Atrás dele está uma mulher com um vestido branco esvoaçante. Está a sorrir para a pessoa que tira a fotografia.

— É a tua mãe? — Faz-me lembrar aquelas fotografias idílicas que se põem nas molduras de exposição.

O Samson assente.

— E este és tu quando eras pequenino?

Ele volta a assentir.

Na fotografia, o cabelo dele é tão louro que parece quase branco. Já escureceu desde que era criança, mas ainda consideraria o seu cabelo louro. Só não sei se no inverno também é tão claro. Parece-me ser o tipo de cabelo que vai mudando de cor com as estações.

Questiono-me como será o pai do Samson, mas não vejo fotografias suas em casa. Esta é a única fotografia nesta parte da casa.

Tenho tantas perguntas para fazer enquanto olho para a fotografia. A mãe dele parece feliz. Ele também. O que será que lhe aconteceu para se tornar tão discreto e reservado? Será que a mãe morreu? Duvido que me contasse grande coisa, mesmo que lhe perguntasse.

O Samson acende mais luzes e encosta-se à bancada da cozinha. Não sei como é que consegue estar tão descontraído, quando todos os meus músculos estão contraídos com tensão.

— Estás melhor da perna? — pergunta-me.

Percebo que não quer falar da fotografia, da mãe ou de qualquer outra coisa

que possa ter mais uma camada de profundidade. Entro na cozinha e fico à frente dele, encostada contra a ilha grande que está a meio da divisão. É a mesma ilha onde a Cadence estava sentada há algumas noites, quando o vi a beijá-la.

Afasto este pensamento da cabeça.

— Estou um pouco melhor, mas duvido que volte a entrar na água.

— Vais ficar ótima — diz ele. — Isto raramente acontece.

— Pois, já me tinhas dito, mas aconteceu mesmo.

Ele sorri.

Faz-me querer recuperar o nosso momento. Quero voltar a sentir o que senti quando ele me puxou para si e me beijou o ombro, mas não sei como o fazer. Aqui há muita luz. A atmosfera é completamente diferente do que quando estávamos no mar.

Acho que não gosto muito desta casa.

— Como está o teu rosto? — pergunto.

Ele passa a mão pelo maxilar.

— Dói-me mais o maxilar do que o nariz. — Baixa a mão e agarra a bancada ao lado do corpo. — Mas o gesto do teu pai foi simpático.

— Achas que foi simpático atacar-te?

— Não. Achei simpático o modo como te protegeu.

Não tinha pensado nisso. Quando me ouviu a pedir a alguém que parasse, o meu pai não pensou duas vezes. Mas não sei se isso foi especificamente por minha causa. Tenho a certeza de que protegeria qualquer pessoa que estivesse naquela situação.

— Para onde é que vais quando esta casa é arrendada? — pergunto, desviando a conversa para longe do meu pai.

— Só arrendamos quatro casas de cada vez, por isso tenho sempre onde ficar. Esta é a mais cara de todas e é aquela que as pessoas arrendam menos vezes. Estou aqui 75 por cento do tempo.

Olho em redor e tento encontrar mais alguma coisa como aquela fotografia, para me dar mais pistas sobre o seu passado.

— É um pouco irónico — digo. — Tens cinco casas, mas nenhuma é um verdadeiro lar para ti. O teu frigorífico está vazio. Tens as tuas coisas numa mochila. É surpreendente como as nossas vidas são parecidas.

Ele não responde a isto. Limita-se a observar-me. Faz muito isso, e eu gosto. Nem sequer quero saber em que pensa quando está a olhar fixamente para mim. Gosto apenas que me ache suficientemente intrigante para me fitar, mesmo que os seus pensamentos não sejam só positivos. Isso significa que me *vê*. Não estou habituada a ser vista.

— Qual é o teu apelido? — pergunto.

Ele fica com um ar divertido.

— Tu fazes muitas perguntas.

— Avisei-te de que ia fazer.

— Pois eu acho que é a minha vez.

— Mas não consegui chegar a lado nenhum. Tu és terrível a dar respostas.

Ele não discorda, mas também não responde à minha pergunta. Os seus olhos ficam com os cantos enrugados enquanto pensa no que me vai perguntar.

— O que estás a pensar fazer com a tua vida, Beyah?

— Isso é uma pergunta bastante abrangente. Pareces um orientador escolar.

Ele solta uma pequena gargalhada e eu sinto-a no estômago.

— O que vais fazer no fim do *verão*? — reformula.

Matuto sobre a pergunta. Devo ser honesta com ele? Se for honesta, talvez ele também se abra um pouco mais.

— Vou responder, mas não podes contar a ninguém.

— É segredo?

Assinto.

— Sim.

— Nesse caso, não conto a ninguém.

Confio nele. Não sei porquê, uma vez que não confio em ninguém. Das duas, uma: ou sou uma idiota ou sinto-me profundamente atraída por ele, e não gosto de nenhuma das opções.

— Ganhei uma bolsa de estudo completa para estudar na Penn State. Vou mudar-me para uma residência no dia 3 de agosto.

Ele ergue ligeiramente as sobrancelhas.

— Ganhaste uma bolsa de estudo?

— Sim.

— Com o quê?

— Com o voleibol.

Os olhos dele vão descendo, passando por todo o meu corpo. Mas não é um olhar sedutor, é mais curioso do que outra coisa.

— Consigo perceber que sejas atleta. — Quando os nossos olhares voltam a cruzar-se, ele diz: — E que parte disto é um segredo?

— Tudo. Não contei a ninguém. Nem sequer ao meu pai.

— O teu próprio pai não sabe que ganhaste uma bolsa de estudo?

— Não.

— Porque é que não lhe contaste?

— Porque ele ia ficar a sentir que tinha feito alguma coisa bem enquanto meu pai. E quem trabalhou arduamente para ganhar esta bolsa de estudo fui eu, porque ele fez tudo errado.

Ele assente, como se conseguisse perceber. Desvio o olhar, porque todo o meu corpo começa a aquecer quando olho para ele durante muito tempo. Receio que seja bastante óbvio.

— O voleibol é a tua paixão?

A pergunta dele faz-me hesitar. Nunca ninguém me perguntou isto.

— Não. Para ser sincera, até nem gosto assim tanto.

— Porque não?

— Esforcei-me muito para ser boa jogadora porque sabia que era a minha única possibilidade para sair da cidade onde cresci. Mas nunca ninguém me foi ver jogar, por isso o desporto propriamente dito começou a parecer-me algo deprimente. As minhas colegas tinham sempre os pais a torcer por elas em todos os jogos. Eu nunca tive ninguém, e acho que isso me impediu de gostar tanto de

voleibol quanto podia ter gostado. — Suspiro e decido partilhar mais pensamentos em voz alta. — Por vezes, pergunto-me se estou a fazer o que é mais correto sujeitando-me a mais quatro anos de desporto. Fazer parte de uma equipa de pessoas com vidas tão diferentes da minha faz com que, por vezes, me sinta ainda mais sozinha do que se não fizer parte de equipa nenhuma.

— Não estás entusiasmada por ir para a faculdade?

Encolho os ombros.

— Estou orgulhosa por ter conseguido ganhar esta bolsa. E estava muito entusiasmada por sair do Kentucky. Mas agora que estou aqui e que descansei do voleibol pela primeira vez em anos, acho que não sinto falta. Começo a questionar-me se não devia arranjar um emprego e deixar-me ficar por aqui. Talvez também faça uma *pausa* de um ano. — Digo isto em parte para ser sarcástica, mas a verdade é que a ideia começa a parecer-me atrativa. Passei os últimos anos a trabalhar no duro para conseguir sair do Kentucky. Agora que já não estou lá, sinto que preciso de tempo para respirar. Para reavaliar a minha vida.

— Estás a ponderar desistir de uma bolsa de estudo numa ótima universidade só porque o desporto que te garantiu a entrada às vezes te faz sentir sozinha?

— Sinto que essa questão é bastante mais complicada do que a fazes parecer — respondo-lhe.

— Queres saber a minha opinião?

— Claro.

— Acho que devias usar auriculares nos ouvidos durante os jogos e fazer de conta que as pessoas estão lá a torcer por ti.

Solto uma gargalhada.

— Pensei que ias dizer qualquer coisa profunda.

— Pensei que isto *era* profundo — diz ele, sorrindo com um ar malandro. Quando o vejo a sorrir, apercebo-me de que o maxilar está a ficar negro. Mas o sorriso desvanece-se e ele inclina um pouco a cabeça. — Porque é que estavas a chorar na varanda na noite em que chegaste?

Reteso-me perante esta pergunta. É um salto e tanto da conversa sobre voleibol. Principalmente num espaço tão iluminado como este. Talvez me sentisse mais à vontade se a cozinha não parecesse tanto uma sala de interrogatório.

— Podes desligar algumas das luzes? — peço.

Ele fica confuso com o meu pedido.

— Está demasiada luz aqui dentro. Faz-me sentir desconfortável.

O Samson dirige-se aos interruptores e desliga as luzes todas, menos uma. A luz que contorna os armários continua ligada, mas a divisão fica bastante mais escura, e eu sinto-me mais descontraída quase de imediato. Percebo por que motivo mantém a casa às escuras. As luzes brilhantes e as superfícies brancas fazem com que pareça uma ala psiquiátrica.

Ele regressa ao lugar onde estava e encosta-se à bancada.

— Está melhor assim?

Assinto.

— Porque é que estavas a chorar?

Expiro profundamente e depois digo tudo rapidamente antes que me arrependa e lhe minta.

— A minha mãe morreu na véspera de eu vir para cá.

O Samson não reage às minhas palavras. Já percebi que a sua forma de reagir às coisas é *não* reagir de todo.

— Isto também é um segredo — digo. — Ainda não contei ao meu pai.

A expressão dele é solene.

— Como é que ela morreu?

— Com uma *overdose*. Encontrei-a quando cheguei a casa depois do trabalho.

— Lamento muito — diz ele com sinceridade. — Estás bem?

Levanto um ombro com incerteza e, quando o faço, sinto que aqueles sentimentos que me obrigaram a chorar na varanda estão a tentar vir novamente à tona. Não estava preparada para falar disto. Para ser franca, não me apetece

falar mais. Não é muito justo que eu seja incapaz de não responder às perguntas dele, quando ele não me responde a quase nada.

Quando estou com ele, sinto-me como se fosse uma cascata, a deixar fluir todos os meus segredos à nossa volta.

Quando o Samson vê que os meus olhos se enchem de lágrimas, a expressão dele torna-se empática.

Afasta-se da bancada e começa a caminhar na minha direção, mas endireito-me rapidamente e abano a cabeça. Pressiono a mão contra o peito dele e impeço-o de me tocar.

— Não. Não me abraces agora. Já te disse que nunca fui abraçada assim, e não vai parecer mais do que um gesto paternalista.

O Samson abana suavemente a cabeça e baixa o olhar para mim.

— Não te ia abraçar, Beyah — murmura. O rosto dele está tão perto do meu que, quando fala, a respiração roça na minha pele. Sinto que estou prestes a deslizar para o chão, por isso agarro-me à bancada atrás de mim.

Ele baixa a cabeça até os seus lábios tocarem nos meus. A boca dele é suave, como um pedido de desculpas, e eu aceito-a.

A língua dele convence os meus lábios a entreabrirem-se e eu acolho-o enterrando as mãos no seu cabelo, puxando-o ainda mais para mim. O nosso peito encontra-se, as nossas línguas deslizam uma contra a outra, quentes, molhadas e suaves.

Quero este beijo, mesmo que só esteja a acontecer porque ele se sente atraído por coisas tristes.

O Samson puxa-me para longe da bancada e mais para si. Depois, com um movimento ágil, senta-me na ilha e põe-se no meio das minhas pernas. A mão esquerda desce pela minha perna até os dedos roçarem a parte de fora da coxa.

Sinto-me inundada de sensações que normalmente não me acontecem. Calor, tensão e vivacidade.

Assusta-me.

O beijo dele assusta-me.

Não sou impenetrável contra a sua boca. Sou vulnerável e sinto a minha guarda a baixar. Era capaz de lhe revelar imediatamente todos os meus segredos, mas eu não sou nada assim. O beijo dele é poderoso o suficiente para me transformar numa rapariga que não reconheço. Adoro-o e detesto-o ao mesmo tempo.

Por muito que tente manter-me concentrada no que está a acontecer entre nós, é difícil não deixar que a imagem que vi dele com a Cadence invada a minha mente. Não quero ser só mais uma que ele beija em cima da ilha da cozinha.

Não sei se vou conseguir aguentar ser só mais uma miúda descartável para o Samson como fui para o Dakota. Preferia não ser beijada a permitir que isso voltasse a acontecer, para não ter de olhar pela janela do meu quarto amanhã e ver outra pessoa empoleirada no mesmo lugar, a sentir o que ele me está a fazer sentir neste momento.

A mesma coisa que o Dakota me fez sentir antes de se afastar e arruinar os anos seguintes da minha vida com um único gesto.

Deus do céu, e se o Samson se afastar e olhar para mim da mesma maneira que o Dakota olhou naquela primeira noite na carrinha dele?

Este pensamento deixa-me enjoada.

Preciso de ar. De ar fresco. Não do ar dos seus pulmões ou desta casa estéril.

Interrompo o beijo abruptamente, sem aviso prévio. Empurro o Samson e afasto-me da ilha, deixando-o confuso. Evito os olhos dele enquanto me encaminho para a porta. Vou para a rua e agarro-me ao parapeito da varanda enquanto respiro com dificuldade.

Já passei por coisas suficientes na minha vida para saber que não quero que um rapaz mude as coisas de que gosto mais em mim. Sempre tive orgulho da minha determinação inabalável, mas, não sei como, ele infiltra-se em mim como se eu estivesse cheia de buracos. O Dakota nunca conseguiu chegar tão longe no meu íntimo.

Ouço o Samson a vir para a rua, mas não me viro para olhar para ele. Inspiro profundamente mais uma vez e, a seguir, fecho os olhos. Mas sinto-o ao meu

lado. Calado, melancólico, sedutor, reservado — aparentemente, tem todas as caraterísticas que gosto de encontrar num rapaz. *Então, por que razão interrompi o beijo*?

Acho que talvez o Dakota me tenha deixado mesmo destroçada.

Quando abro os olhos, o Samson está encostado ao parapeito a fitar os próprios pés.

Os nossos olhares cruzam-se e eu consigo ver os meus próprios medos refletidos nos olhos dele. Não quebramos o olhar. Nunca fitei tanto uma pessoa sem falar como faço com ele. Olhamos muito um para o outro sem trocarmos uma palavra sequer, mas ambas as coisas me parecem igualmente produtivas. Ou infrutíferas. Nem sequer consigo perceber o que está a desenvolver-se entre nós. Há alturas em que parece algo imenso e importante, e noutras parece ainda menos do que nada.

— Escolhi uma altura mesmo má para te beijar — diz ele. — Desculpa.

Acho que muitas pessoas concordariam com ele, que beijar uma rapariga logo depois de ela ter contado que a sua mãe morreu — ou talvez *por* ela ter contado — revela alguma falta de sentido de oportunidade.

Talvez eu esteja completamente lixada da cabeça, mas, para mim, o sentido de oportunidade foi perfeito. Até ter deixado de ser.

— Não foi por isso que vim cá para fora.

— Então, porque foi?

Expiro uma onda silenciosa de ar enquanto tento perceber como posso responder-lhe. Não quero dizer que, no fundo, tenho medo de que ele não seja muito melhor do que o Dakota. Não quero falar na Cadence ou no facto de ele só se envolver com raparigas que apenas vêm cá passar o fim de semana. Ele não me deve absolutamente nada. Eu é que apareci à porta dele a desejar que alguma coisa acontecesse.

Abano a cabeça.

— Não quero responder a essa pergunta.

Ele vira-se e ficamos os dois debruçados sobre o parapeito. Ele puxa uma

lasca de tinta até revelar a madeira por baixo. Sacode a lasca de tinta por cima do parapeito e ficamos a vê-la a flutuar até ao chão.

— A minha mãe morreu quando eu tinha 5 anos — diz ele. — Estávamos a nadar a pouco mais de meio quilómetro daqui quando ela foi apanhada por uma corrente forte. Quando a tiraram da água, já era tarde demais.

Ele olha de relance para mim, provavelmente para avaliar a minha reação. Mas ele não é o único que consegue esconder bem as suas emoções.

Tenho a sensação de que não contou isto a muita gente. Um segredo por um segredo. Talvez as coisas entre nós sejam assim. Talvez seja esta a forma como o Samson permite que as suas camadas sejam reveladas — se eu revelar as minhas primeiro.

— Detesto que isso te tenha acontecido — murmuro. Mantenho os braços cruzados sobre o parapeito, mas inclino-me ligeiramente na direção dele. Encosto a boca ao seu ombro e dou-lhe um beijo, como ele fez comigo quando estávamos no mar.

Quando levanto a cabeça, ele leva a mão ao meu rosto. O polegar acaricia-me a maçã do rosto, mas, quando começa a baixar a cabeça para me beijar outra vez, afasto-me imediatamente.

Estremeço porque me sinto embaraçada com a minha própria indecisão.

Ele afasta-se do parapeito e, a seguir, passa a mão pelo cabelo antes de olhar para mim à procura de orientações. Sei que estou a enviar-lhe toda a espécie de sinais contraditórios, mas é só um reflexo daquilo que se passa dentro de mim. Sinto-me agitada e confusa, como se as minhas experiências anteriores e os meus sentimentos atuais tivessem sido atirados para uma misturadora ligada a alta velocidade.

— Desculpa — digo, frustrada comigo mesma. — As minhas experiências com rapazes não foram as melhores, portanto sinto-me um pouco…

— Hesitante? — sugere ele.

Assinto.

— Sim. E confusa.

Ele começa a raspar o mesmo pedaço de madeira.

— Como é que foram as tuas experiências com rapazes?

Quase que me rio com vontade.

— Bem, o plural, *rapazes*, é um pouco exagerado. Só houve um.

— Pensei que nunca ninguém te tinha partido o coração.

— E não partiu. Não foi esse tipo de experiência.

O Samson olha para mim de relance, à espera de que conte mais qualquer coisa. Contudo, nunca irei explicar o que aconteceu.

— Ele obrigou-te a fazer alguma coisa que tu não querias? — O maxilar do Samson está contraído quando me faz esta pergunta, como se já estivesse zangado em meu nome.

— Não — respondo rapidamente, querendo que ele tire essa ideia da cabeça. Mas depois penso na vida que tinha no Kentucky e nos momentos que passei com o Dakota, e, agora que já não estou a viver a situação, encaro-a de forma diferente.

O Dakota nunca me obrigou a fazer nada. Mas também nunca me facilitou a vida. Nunca estivemos em pé de igualdade em relação a quem se aproveitou de quem.

Pensar nisto desperta pensamentos negros em mim. Sentimentos sombrios. Sinto as lágrimas a começarem a arder-me nos olhos, e, quando inspiro com força para as controlar, o Samson apercebe-se disso. Vira-se novamente e encosta-se ao parapeito, para conseguir ver melhor o meu rosto.

— O que é que te aconteceu, Beyah?

Rio-me, porque é absurdo estar a pensar nisto agora. Na maior parte das vezes, sou bastante boa a não pensar. Sinto uma lágrima a cair-me pelo rosto. Limpo-a rapidamente.

— Isto não é justo — murmuro.

— O quê?

— Por que razão dou por mim a querer responder a todas as perguntas que me fazes?

— Não tens de me contar o que aconteceu.

Olho-o nos olhos.

— Mas eu quero contar-te.

— Então, podes contar-me — diz ele com meiguice.

Os meus olhos concentram-se em todo o lado menos nele. Olho para o telhado da varanda, depois para o chão e a seguir para o mar para lá do ombro do Samson.

— Ele chamava-se Dakota — digo. — Eu tinha 15 anos. Estava no primeiro ano do secundário. Ele estava no último ano. Era o tipo com que todas as raparigas da escola queriam sair. O tipo que todos os rapazes queriam ser. Eu tinha uma paixoneta por ele, tal como toda a gente, mas não era nada sério. Uma noite, ele viu-me a ir para casa a pé depois do jogo de voleibol e ofereceu-me boleia. Recusei porque tinha vergonha que ele visse onde eu vivia, embora toda a gente o soubesse. No entanto, ele convenceu-me a entrar na carrinha. — Não sei como, mas volto a olhar para o Samson. O maxilar dele está novamente contraído, como se estivesse à espera de que a história se encaminhasse para aquilo que presumiu antes. Mas não é o caso.

Não sei por que razão lhe conto isto. Talvez, a um nível subconsciente, esteja à espera de que, depois de ouvir isto, me deixe em paz durante o resto do verão, e assim deixo de ter esta distração constante tão intensa.

Ou talvez esteja à espera de que me diga que o que fiz foi aceitável.

— Ele levou-me a casa e ficámos a conversar durante meia hora. Ele parou a carrinha em frente à minha casa e não me julgou. Ouviu-me. Falámos sobre música, sobre voleibol e sobre como ele detestava ser filho do chefe da polícia. E depois… beijou-me. E foi perfeito. Por um instante, imaginei que talvez as coisas que eu achava que as pessoas pensavam a meu respeito não eram verdade.

O Samson afasta as sobrancelhas.

— Porquê por um instante? O que é que aconteceu depois do beijo?

Sorrio, mas não por ser uma boa recordação. Sorrio porque a memória me faz sentir ignorante. Como se já devesse estar à espera.

— Ele tirou duas notas de 20 dólares da carteira e a seguir desapertou as calças.

A expressão do Samson é vazia. A maior parte das pessoas presumiria que a história ficava por aqui. Iriam pensar que atirei o dinheiro para cima do Dakota e que saí da carrinha. Mas pela forma como o Samson está a olhar para mim, percebo que ele sabe que não é assim que a história acaba.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Quarenta dólares é muito dinheiro — digo, enquanto outra lágrima me cai pelo rosto. No último instante, faz uma curva e pousa no meu lábio. Quando a limpo, consigo saborear o sal. — Depois disto, deu-me boleia para casa pelo menos uma vez por mês. Nunca falou comigo em público, mas eu também não esperava que o fizesse. Eu não era o tipo de rapariga que ele pudesse exibir pela cidade. Era o tipo de rapariga de quem nem aos amigos falava.

Quem me dera que o Samson dissesse alguma coisa, porque, quando olha para mim em silêncio, eu continuo a tagarelar.

— Por isso, para responder à tua pergunta, não, ele não me obrigou a fazer nada. E, para ser sincera, nunca me atirou nada à cara. Na verdade, até era um tipo decente, comparando com…

O Samson interrompe-me de imediato.

— Tinhas 15 anos quando isso aconteceu pela primeira vez, Beyah. Não podes dizer que esse gajo era *decente*.

O resto da minha frase fica-me entalada na garganta, por isso engulo-a.

— Um tipo decente oferecia-te dinheiro sem esperar nada em troca. O que ele fez foi… — O Samson está com uma expressão plena de repulsa. Não tenho a certeza se é dirigida ao Dakota ou a mim. Passa a mão pelo cabelo com frustração. — Naquele dia, no *ferry*, quando te ofereci dinheiro… foi isso que pensaste?

— Foi — respondo baixinho.

— Mas sabes que não era essa a minha intenção, não sabes?

Assinto.

— Agora sei. Mas mesmo sabendo disso… tive medo quando me beijaste. Foi por isso que vim cá para fora. Tive medo de que olhasses para mim da mesma forma que ele me olhou. Preferia não voltar a ser beijada do que arriscar sentir-me novamente tão reles e sem valor.

— Eu beijei-te porque gosto de ti.

Questiono-me quão verdadeira é esta afirmação. As suas palavras são precisas ou convenientes? Será que já as disse antes?

— Também gostas da Cadence? — pergunto. — E das outras miúdas todas com quem curtes?

Não estou a tentar atirar-lhe isto à cara. Sinto-me genuinamente curiosa. O que sentem as pessoas quando beijam outras tão frequentemente como ele faz?

O Samson não parece ficar ofendido com a minha pergunta, mas acho que o fiz sentir-se desconfortável. A sua postura retesa-se um pouco.

— Sinto-me atraído por elas. Mas contigo é diferente. É um tipo distinto de atração.

— Melhor ou pior?

Ele pensa um pouco antes de se decidir por uma resposta.

— Mais assustador.

Solto uma gargalhada rápida. Provavelmente, não devia encarar isto como um elogio, mas encaro, porque isto significa que ele está a provar um pouco do meu próprio medo quando estamos juntos.

— Achas que as raparigas com quem te envolves gostam de estar contigo? — pergunto. — O que retiram disto, se for apenas um caso de fim de semana?

— Retiram o mesmo que eu.

— Que é exatamente o quê?

Ele está decididamente desconfortável. Suspira e inclina-se sobre o parapeito.

— Não gostaste quando nos beijámos há pouco?

— Gostei — digo. — Mas também não gostei.

Encontro conforto na sua presença sem fazer julgamentos, mas é confuso, e,

se estou confortável perto dele e se me sinto atraída, por que razão comecei a entrar em pânico quando me beijou?

— O Dakota tirou-te uma coisa de que deverias desfrutar e, em vez disso, fez-te sentir vergonha. Isso não acontece com todas as raparigas. Aquelas com quem estive apreciam o contacto tanto quanto eu. Se não fosse assim, jamais permitira que alguma coisa acontecesse.

— Eu gostei do beijo… um pouco — admito. — Mas não durante o tempo todo. Só que, como é óbvio, a culpa não é tua.

— Também não é tua — diz ele. — E não vou voltar a beijar-te. A não ser que me peças para o fazer.

Não digo nada. Não sei por que motivo isto me parece, ao mesmo tempo, um gesto cavalheiresco e um castigo.

Ele esboça um ligeiro sorriso.

— Não te vou beijar, não te vou abraçar, não vou voltar a levar-te para o mar.

— Eu sei, eu sou a diversão em pessoa — digo, revirando os olhos.

— Provavelmente, até és. Caramba, até eu sou capaz de ser. Mas temos tanta tralha amontoada em cima de nós que nem sabemos quem somos quando não estamos sob tanta pressão.

Assinto numa concordância absoluta com ele.

— A Sara e o Marcos são divertidos. Mas nós os dois? Somos só… deprimentes.

O Samson solta uma gargalhada.

— Não somos nada deprimentes. Somos profundos. É diferente.

— Se tu o dizes.

Não sei como é possível acabarmos esta noite e esta conversa a sorrir. Mas tenho medo de que, se não me for embora já, um de nós diga qualquer coisa que arruíne o momento. Recuo um passo.

— Vemo-nos amanhã?

O sorriso dele vacila.

— Sim. Boa noite, Beyah.

— Boa noite.

Passo por ele e encaminho-me para as escadas. O *Queijo Pepper Jack* levanta-se e vem atrás de mim. Quando chegamos junto às estacas da minha casa, viro-me para trás e olho para ele. O Samson ainda não entrou. Está debruçado no parapeito da varanda a olhar para mim. Caminho às arrecuas durante alguns passos, até estar por baixo da casa e ele não me conseguir ver.

Quando já não o vejo, paro de andar e encosto-me a uma das palafitas. Fecho os olhos e passo as mãos pela cara. Não há a menor hipótese de conseguir estar perto dele durante todo o verão sem me deixar consumir por ele. Mas também não quero deixar-me consumir por alguém de quem vou ter de me despedir.

Por vezes, até posso sentir-me invencível, mas não sou a Mulher Maravilha.

*

Quando volto a entrar em casa, a Alana ainda está acordada, na cozinha. Está junto à bancada, debruçada sobre uma taça de gelado. Tira a colher da boca e esboça um sorriso.

— Sentes-te melhor?

— Sim. Obrigada.

— E o Samson? Ele está bem?

Assinto.

— Está ótimo. Ele diz que o pai não bate assim com tanta força.

A Alana solta uma gargalhada.

— Fiquei surpreendida por o teu pai lhe ter batido. Não sabia que tinha aquele instinto dentro dele. — Aponta para o gelado. — Queres uma taça?

Por acaso, comer gelado agora parece-me maravilhoso. Preciso de alguma coisa que me arrefeça.

— Sim, adoraria.

A Alana tira uma taça do armário e eu sento-me num banco. Ela vai buscar o gelado ao congelador e começa a encher a minha taça.

— Desculpa se há pouco te envergonhámos.

— Não faz mal.

A Alana faz deslizar a taça de gelado por cima da bancada. Como uma colherada do gelado, que é tão bom que tenho vontade de gemer. Mas fico calada e como o gelado como se fosse uma coisa à qual sempre tive acesso. Na verdade, nunca tivemos gelado em casa. Aprendi a não guardar muita coisa no congelador porque, quando nos cortavam a luz por falta de pagamento, não era muito divertido limpar um congelador com comida a apodrecer.

— Posso fazer-te uma pergunta? — diz a Alana.

Assinto, mas mantenho a colher na boca. Estou nervosa com aquilo que me quer perguntar. Só espero que não queira saber da minha mãe. A Alana parece ser muito boa pessoa, e não sei se lhe consigo mentir, mas não quero mesmo contar-lhe a verdade agora.

— És católica?

Não estava nada à espera desta.

— Não. Porquê?

Ela acena em direção ao teto.

— Porque vi o quadro da Madre Teresa de Calcutá que tens no teu quarto.

— Oh. Não. É só uma… uma espécie de recordação.

Ela assente e depois diz:

— Então não tens motivos religiosos para te opores à pílula contracetiva?

Ah, cá está. Desvio os olhos e fito o gelado.

— Não. Mas neste momento não estou a tomar. Eu não… tu sabes.

— Não és sexualmente ativa? — Ela diz isto com uma naturalidade tão grande.

— Pois. Agora já não.

— Bem — diz a Alana. — É bom saber. Mas, se achares que durante o verão te podes deparar com uma situação em que isso possa mudar, não fazia mal estares preparada. Posso marcar-te uma consulta, se quiseres.

Como mais uma colherada de gelado para atrasar a minha resposta. Ela deve

conseguir ver que tenho o rosto corado.

— Não é nada de que devas sentir vergonha, Beyah.

— Eu sei — digo. — Eu é que não estou habituada a falar destas coisas com as pessoas.

A Alana pousa casualmente a colher na taça vazia e vai até ao lava-louça.

— A tua mãe nunca fala contigo sobre estes assuntos?

Espeto a colher no gelado.

— Não.

Ela vira-se e olha para mim em silêncio durante um instante.

— Como é que ela é?

— A minha mãe?

A Alana assente.

— Sim. O teu pai nunca chegou a conhecê-la muito bem e eu sinto curiosidade. Ela parece ter feito um excelente trabalho contigo.

Solto uma gargalhada.

Quem me dera não me ter rido, porque consigo perceber que a minha reação originou pelo menos mais uma dúzia de perguntas na cabeça da Alana. Como mais uma colherada de gelado.

— Ela não é nada parecida contigo.

Digo-o como um elogio, mas a Alana parece ficar confusa com a minha resposta. Espero que não a tenha encarado como um insulto, mas não quero mesmo continuar a falar deste assunto, caso contrário vou acabar por lhe contar a verdade. Quero contar primeiro ao meu pai. Sinto que devo contar-lhe primeiro a ele do que à Alana.

E devia mesmo ter-lhe contado antes de dizer ao Samson. Mas não sei porquê, quando estou com ele, parece que não consigo controlar os meus segredos.

Afasto a taça meio cheia de gelado.

— Eu gostava de tomar a pílula. Não que eu e o Samson estejamos… — Olho para o teto e expiro. — Sabes o que quero dizer. Gostava de ter alguma

segurança, não vá dar-se o caso. — *Deus do céu, é tão difícil falar disto. Principalmente com uma mulher que é quase uma estranha para mim.*

A Alana sorri.

— Amanhã marco-te uma consulta. Não é nada de mais.

— Obrigada.

A Alana vira-se para lavar a minha taça e eu aproveito o momento para escapar para a privacidade do piso de cima. Estou quase a entrar no meu quarto quando ouço a Sara.

— Espera aí, Beyah. Preciso de um relatório detalhado.

Paro e olho para o quarto dela. Tem a porta aberta e está sentada na cama com o Marcos. Olha para ele e acena-lhe.

— Já podes ir para casa.

Ele fica com ar de quem não está habituado a ser enxotado.

— Pronto, está bem. — Levanta-se e debruça-se para lhe dar um beijo. — Amo-te, apesar de estares a escorraçar-me.

Ela sorri.

— Eu também te amo, mas agora tenho uma irmã, por isso tens de me partilhar com ela. — Dá uma palmadinha no colchão onde ele estava sentado e olha para mim. — Anda cá.

O Marcos cumprimenta-me quando vai a sair do quarto da Sara.

— Fecha a porta — diz-lhe ela.

Vou até à cama e sento-me. Ela põe a televisão em pausa e depois vira-se na cama para ficar de frente para mim.

— Como é que correu?

Encosto-me à cabeceira da cama.

— A tua mãe emboscou-me na cozinha com gelado e a seguir falou sobre a minha vida sexual.

A Sara revira os olhos.

— Nunca caias no truque do gelado. Ela usa-o constantemente comigo. Mas

não é disso que estou a falar e tu sabes muito bem. Há pouco vi-te a ir a casa do Samson.

Não sei se hei de contar à Sara que nos beijámos, mas sinto que é uma coisa que devo guardar para mim, por enquanto. Pelo menos até conseguir perceber se quero que volte a acontecer.

— Não aconteceu nada.

Ela fica desanimada e deixa-se cair para trás na cama.

— Oh. E eu que queria pormenores escaldantes.

— Não há nenhum, lamento.

— Tu tentas pelo menos namoriscar com ele? — pergunta ela, voltando a sentar-se. — Não é preciso muito para o Samson se entusiasmar e beijar uma rapariga. Se ela tiver mamas e respirar, é o suficiente.

O meu estômago contorce-se com este comentário.

— Isso devia fazer-me desejá-lo mais? É que não faz.

— Estou a exagerar — diz ela. — Ele é giro, é rico e as raparigas têm tendência para se atirar aos pés dele. Por vezes, apanha uma ou outra. Que rapaz não o faria?

— Eu não me atiro às pessoas. Evito as pessoas.

— Mas foste a casa dele.

Levanto uma sobrancelha, mas não digo nada.

A Sara sorri, como se tivesse material suficiente com que trabalhar.

— Talvez amanhã pudéssemos sair os quatro.

Não quero encorajá-la, mas também não tenho a certeza se me oponho à ideia.

— Presumo que o teu silêncio seja um sim — diz ela.

Solto uma gargalhada. Depois gemo e tapo a cara com as mãos.

— Oh. Isto é tudo tão confuso. — Baixo os braços e deixo-me deslizar até ficar a olhar para o teto. — Sinto que estou a pensar demasiado nisto. Estou sempre a tentar pensar em todos os motivos pelos quais isto não é uma boa ideia.

— Diz-me alguns — sugere a Sara.

— Não sou boa em relacionamentos.

— O Samson também não.

— Vou-me embora em agosto.

— O Samson também.

— E se doer muito quando as coisas acabarem?

— É provável que doa.

— Então, por que razão hei de sujeitar-me a isso?

— Porque, na maior parte das ocasiões, aquilo que te divertes até sentires dor compensa essa dor.

— Não tenho como saber. Nunca me diverti.

— Pois, dá para perceber — diz ela. — Sem ofensa.

— Não fico ofendida.

Viro a cabeça e olho para a Sara. Ela está de lado, com a cabeça apoiada na mão.

— Nunca gostei de ninguém. Se isso acontecer agora, quanto é que vou sofrer quando o verão acabar?

Ela abana a cabeça.

— Tens de parar com isso. Estás a pensar muito à frente. Os verões servem para se pensar no dia de hoje e mais nada. Não se pensa no dia de amanhã, nem no de ontem. Pensa-se no dia de *hoje*. Por isso, o que é que queres fazer *agora*?

— Agora mesmo? — pergunto.

— Sim. O que é que queres fazer *neste preciso instante*.

— Comer mais uma taça de gelado.

Ela endireita-se e mostra-me um sorriso aberto.

— Caramba, adoro ter uma irmã.

E eu adoro que a Sara nem sequer vacile quando falo de gelado. Talvez eu não seja assim tão má influência como pensava. Posso não ser tão alegre e descontraída como ela, mas saber que está a começar a apreciar comida e a não se preocupar tanto com o peso como quando aqui cheguei faz-me pensar que tenho alguma coisa boa com que contribuir para esta amizade.

Isto é uma sensação nova — a ideia de que talvez valha a pena alguém me ter

por perto.

TREZE

O despertador do meu telemóvel toca antes de o sol nascer.

Devia desligar esta bodega, mas há qualquer coisa de entusiasmante em ver o sol a nascer e na possibilidade de ver o Samson de relance enquanto isso acontece.

Saio da cama só com a t-shirt com que me deitei ontem à noite. Visto uns calções, para o caso de ele estar acordado e na varanda.

Estou acordada há dez segundos e já pensei nele duas vezes. Afastá-lo na noite passada parece não ter funcionado muito bem para mim.

Abro a porta da varanda e deslizo-a.

A seguir, dou um grito.

— Chiu! — diz o Samson a rir-se. — Sou só eu.

Está sentado no sofá de verga da varanda, com os pés apoiados no parapeito. Levo a mão ao peito e expiro para me acalmar.

— O que é que estás a fazer aqui?

— Estou à tua espera — diz ele com descontração.

— Como é que aqui chegaste?

— Saltei. — Levanta o braço e mostra-me o cotovelo. Está esfolado e com sangue. — Afinal, fica mais longe do meu parapeito do que pensava, mas safei-me.

— És louco?

Ele encolhe os ombros.

— Mesmo que não tivesse conseguido, a queda não era grande. Ia aterrar no telhado da varanda aqui por baixo.

É verdade, não teria caído para o chão por causa da forma como a casa está posicionada. Ainda assim, o espaço entre as duas casas é de cerca de um metro e não há mais nada por baixo.

Sento-me ao lado dele. O sofá é para duas pessoas, mas é pequeno, por isso os

nossos corpos tocam-se. Acho que era esse o objetivo dele, senão ter-se-ia sentado num dos sofás individuais.

Encosto a cabeça às costas do sofá. Não sei como, mas acabo por me encostar mais a ele do que era minha intenção e estou com a cabeça junto ao cimo do braço dele, mas não parece um gesto forçado.

Estamos os dois a olhar para a água e para a faixa estreita de sol que desperta para o mundo.

Passamos vários minutos em silêncio, juntos, a ver o nascer do sol. Tenho de admitir que sabe muito melhor vê-lo com o Samson na minha varanda do que quando ele está na dele.

O Samson apoia o queixo no cimo da minha cabeça. É um movimento mínimo, mas até uma demonstração de afeto tão discreta e silenciosa me parece, de certa forma, uma explosão de sentimentos. Não sei como todo o meu interior pode parecer tão agitado e sonoro, quando esta parte do mundo ainda está a dormir.

O sol mostra agora três quartos de si. A parte de baixo continua a parecer mergulhada no mar.

— Tenho de me ir embora. Vou ajudar um homem a reparar um passadiço sobre as dunas aqui na ilha. Queremos acabar antes que fique muito calor. Que planos é que tens para hoje?

— Devo voltar para a cama e dormir até ao meio-dia. Acho que depois a Sara quer ir à praia.

Ele tira o braço das costas do sofá. Os meus olhos percorrem o corpo dele enquanto se levanta. Antes de se ir embora, olha para mim e diz:

— Contaste à Sara que nos beijámos?

— Não. É uma coisa que queiramos esconder dela e do Marcos?

— Não — diz ele. — Só estava curioso por saber se lhe tinhas contado. Não sei se o Marcos irá dizer alguma coisa hoje e queria que ambos lhes disséssemos a mesma coisa.

— Não contei nada.

Ele assente e encaminha-se para o parapeito, mas depois vira-se novamente para trás.

— Não me importo que lhe contes, sabes? Não foi por isso que te perguntei.

— Samson, para de te preocupar com os meus sentimentos.

Ele afasta o cabelo da testa.

— Não consigo evitar. — Começa a recuar lentamente.

— O que é que estás a fazer? Vais saltar outra vez?

— Não é assim tão longe. Eu consigo.

Reviro os olhos.

— Ainda estão todos a dormir. Desces as escadas e sais pela porta da frente, antes que partas um braço com o salto.

Ele olha para o sangue que tem no cotovelo.

— Pois, se calhar é melhor.

Levanto-me e entramos no meu quarto. A caminho da porta, ele para e olha para o quadro da Madre Teresa de Calcutá.

— És católica? — pergunta.

— Não, sou apenas estranhamente sentimental.

— Não pensei que fosses sentimental.

— Por isso usei o advérbio «estranhamente».

Ele ri-se e segue-me para fora do quarto. Quando chegamos ao fundo das escadas, ambos paramos.

O meu pai está na cozinha, em frente à cafeteira. Arrasta os olhos para as escadas e vê-me ali com o Samson. Subitamente, sinto-me como uma criança que foi apanhada numa mentira. Nunca tive de lidar com os castigos paternais. A minha mãe não me dava atenção suficiente para se ralar com o que eu fazia, por isso não sei o que está prestes a acontecer. Considerando que o meu pai não está com uma expressão muito satisfeita, sinto-me um pouco nervosa. Ele olha para lá de mim, para o Samson.

— Pois, isto assim não pode ser — diz o meu pai.

O Samson põe-se à minha frente e estende as mãos para se defender.

— Eu não passei a noite cá em casa. Por favor, não me dê mais murros.

O meu pai olha para mim à espera de uma explicação.

— Ele chegou há 15 minutos, pai. Estávamos a ver o nascer do sol na varanda.

O meu pai foca a atenção no Samson.

— Eu estou na cozinha há mais de 15 minutos. Se chegaste há um quarto de hora, como é que entraste?

O Samson coça a nuca.

— Eu, pois… saltei. — Levanta o braço para mostrar o cotovelo ensanguentado. — Por pouco não me espalhava.

O meu pai fita-o por um instante e depois abana a cabeça.

— És um idiota — resmunga. Enche a chávena e pergunta: — Alguém quer café?

Hum. Passou-lhe depressa.

— Não, obrigado — diz o Samson, passando em direção à porta. Olha para mim. — Vemo-nos mais logo?

Assinto e o Samson ergue uma sobrancelha, olhando para mim com intenção. Fico a olhar para a porta e a sorrir vários segundos depois de ele se ir embora. O meu pai pigarreia e traz-me de volta à realidade. Olho para ele, esperando que a conversa fique por aqui.

— Aceito um pouco de café — digo, tentando desviar a atenção dele para outra coisa qualquer.

O meu pai tira uma caneca do armário e enche-a.

— Tomas o café simples?

— Não. Põe o máximo de açúcar e natas que conseguires. — Enquanto ele prepara o café, sento-me à bancada.

Ele faz deslizar a caneca na minha direção.

— Não sei bem o que sentir a respeito do que acabou de acontecer.

Olho para o café e bebo um gole, só para não ter de olhar para o meu pai. Quando pouso a caneca na bancada, envolvo-a com as mãos.

— Eu não estava a mentir-te. Ele não passou a noite cá em casa.

— Não passou, ainda. Eu também já fui adolescente. A varanda dele e a tua estão a um metro de distância uma da outra. Hoje podem só ter visto o nascer do sol, mas tu vais cá ficar durante o verão todo. Eu e a Alana não permitimos que a Sara traga rapazes para dormirem aqui em casa, por isso é justo que as mesmas regras se apliquem a ti.

Assinto.

— Está bem.

O meu pai está a olhar para mim como se não soubesse se estou a concordar com ele só para lhe agradar ou se, de facto, concordo mesmo. Para ser franca, nem eu sei.

Ele debruça-se sobre a bancada e bebe um gole de café.

— Acordas sempre assim tão cedo? — pergunta.

— Não. O Samson queria que eu visse o nascer do sol e pôs um alarme no meu telemóvel.

O meu pai acena em direção à porta por onde o Samson acabou de sair.

— Então, vocês… namoram?

— Não. Eu vou para a Pensilvânia em agosto, não quero um namorado agora.

O meu pai semicerra os olhos para mim.

— Vais para a Pensilvânia?

Merda.

Escapou-me.

Baixo imediatamente os olhos para o café. Fico com a garganta tapada de tantos nervos. Expiro devagar.

— Vou — digo, mas não acrescento mais nada. Talvez ele não pergunte.

— Porque é que vais para a Pensilvânia? Quando é que decidiste isso? O que é que há na Pensilvânia?

Agarro a caneca com mais força.

— Eu ia contar-te. Só estava… à espera do momento certo. — *Estou a mentir. Não tinha a menor intenção de lhe contar, mas agora já comecei.* — Ganhei uma bolsa de estudo com o voleibol para ir para a Penn State.

O meu pai fica a olhar para mim com uma expressão vazia. Não revela surpresa, entusiasmo ou fúria. Só um olhar vazio, indecifrável, antes de perguntar:

— Estás a falar a sério?

Assinto.

— Sim. Ganhei uma bolsa completa. Mudo-me para lá no dia 3 de agosto.

A expressão dele continua vazia.

— Quando é que soubeste disso?

Engulo em seco e bebo um gole lento de café, tentando decidir se devo contar-lhe a verdade. Pode deixá-lo ainda mais furioso.

— Quando estava no 11.º ano — respondo baixinho.

Ele engasga-se com ar.

Parece muito surpreendido. Ou ofendido. Não consigo perceber.

Afasta-se da bancada em silêncio e vai até à janela. Fica a olhar para o mar com as costas voltadas para mim. Depois de cerca de meio minuto de silêncio, vira-se novamente.

— Porque é que não me contaste?

— Não sei bem.

— Beyah, isto é uma coisa importante. — Agora vem na minha direção. — Devias ter-me contado. — Antes de chegar ao pé de mim, para. Vejo a confusão a invadir-lhe o rosto. — Se no ano passado ganhaste uma bolsa de estudo, por que razão me disse a tua mãe que precisavas de dinheiro para as propinas na universidade local?

Expiro longamente enquanto agarro a nuca. Pouso os cotovelos sobre a bancada e permito-me um momento para tentar perceber como é que vou responder a isto.

— Beyah? — insiste o meu pai.

Abano a cabeça, pois preciso que ele fique em silêncio durante um instante. Aperto a testa.

— Ela mentiu-te — digo. Levanto-me e levo a caneca para o lava-louça. —

Eu nem sequer sabia que ela te tinha pedido dinheiro para as propinas. Ela também não sabia da bolsa de estudo, mas garanto-te que tudo o que lhe tenhas mandado pensando que era para as propinas nunca chegou a mim.

Deito o café pelo ralo e lavo a caneca. Quando me viro para olhar para o meu pai, ele está com uma expressão abatida. Confusa. Abre a boca como se quisesse dizer alguma coisa, mas depois fecha-a e abana a cabeça.

Sei que deve ser muita coisa para assimilar de uma só vez. Nós nunca falámos da minha mãe. Deve ter sido a primeira vez que lhe contei alguma coisa negativa a seu respeito, e por muito que gostasse de lhe contar como ela nunca foi uma mãe de verdade, são seis e meia da manhã e não posso ter esta conversa com ele agora.

— Vou voltar para a cama — digo, enquanto me encaminho para as escadas.

— Espera, Beyah.

Paro no segundo degrau e viro-me devagar para olhar para ele. O meu pai está de pé, com as mãos nas ancas, a olhar para mim intensamente.

— Estou orgulhoso de ti.

Assinto, mas assim que me viro para subir as escadas, sinto uma bola de raiva a apertar-se dentro de mim.

Não quero que ele tenha orgulho em mim.

Foi exatamente por isso que não lhe contei nada.

E, apesar de parecer que agora está a fazer um esforço, não consigo deixar de sentir um enorme ressentimento por ter passado a maior parte da minha vida sem que ele fizesse parte dela.

Não vou permitir que as suas palavras me façam sentir bem, nem as vou usar para desculpar a sua parentalidade de segunda categoria.

Claro que estás orgulhoso de mim, Brian. Mas devias estar orgulhoso apenas por eu ter conseguido sobreviver milagrosamente a uma infância solitária, sem a ajuda de ninguém.

CATORZE

Depois de o Samson sair hoje de manhã, não consegui voltar a dormir, por muito que tentasse. Talvez tenha sido a conversa com o meu pai que fez com que fosse difícil regressar ao sono.

Depois do almoço, a Sara pôs espreguiçadeiras e um guarda-sol na praia, e, a certa altura, devo ter adormecido na minha espreguiçadeira, porque acabei de acordar. Tenho baba no braço.

Quando abro os olhos, vejo que estou deitada de barriga para baixo, com a cara virada para o lado oposto da espreguiçadeira da Sara. Limpo o braço e dou impulso para me virar e deitar-me de costas.

Depois de me instalar, olho para a Sara, mas não é ela que está ao meu lado.

É o Samson.

Ele está a dormir na espreguiçadeira dela.

Sento-me a olhar para a água. A Sara e o Marcos estão um pouco afastados da costa, em pranchas de *paddle*.

Agarro no telemóvel e vejo as horas. São quatro da tarde. Dormi durante uma hora e meia.

Deito-me de costas e olho de relance para o Samson enquanto ele dorme. Está virado de barriga para baixo, com a cabeça apoiada sobre os braços. Tem um boné com a pala virada para trás e óculos de sol. Não tem t-shirt, mas isso até é agradável.

Viro-me de lado e apoio a cabeça no braço. Fico a olhar para ele durante algum tempo. Sei tão pouco sobre as peças que compõem o todo que é o Samson, mas sinto que sei que tipo de pessoa essas peças formam.

Talvez não seja preciso sabermos a história de uma pessoa para percebermos quem ela é no presente. E a pessoa que comecei a perceber que ele é por dentro só o torna ainda mais atraente por fora. Suficientemente atraente para pensar nele quase sempre que estou acordada.

Dou por mim concentrada na boca dele. Não sei porque é que me passei ontem à noite quando ele estava a beijar-me. Talvez porque ainda estou a tentar adaptar-me a tudo o que aconteceu na última semana.

Foi muita coisa ao mesmo tempo, e parece que tudo culminou e gritou dentro de mim durante o beijo que demos ontem. Faz-me questionar se reagiria da mesma forma caso ele me beijasse outra vez hoje à noite. Ou se iria permitir-me ir em frente com o beijo e apreciá-lo de verdade, tal como apreciei os primeiros segundos.

Fito os lábios dele, convencendo-me a mim mesma de que vale a pena uma segunda tentativa. E uma terceira, e talvez uma quarta. Se o beijar vezes suficientes, talvez acabe por ser só perfeito.

— Tens noção de que os meus olhos estão abertos, não tens?

Merda.

Pensei que ele estava a dormir. Tapo a cara com a mão. Não tenho como esconder o embaraço.

— Não te preocupes — diz ele com a voz rouca, como se lhe arranhasse a garganta. — Eu fiz a mesma coisa o tempo todo em que estiveste a dormir. — Estende a mão e toca no meu cotovelo com o dedo. — Onde é que fizeste esta cicatriz?

Viro-me de lado e fico novamente de frente para ele.

— Num jogo de voleibol. — A espreguiçadeira está a 30 centímetros da minha, mas, quando para de me tocar no braço, parece que fica a um quilómetro de distância.

— A tua equipa era boa?

— Ganhámos o campeonato estadual duas vezes — respondo. — Praticaste algum desporto quando andavas no secundário?

— Não. Não andei numa escola tradicional.

— Em que tipo de escola andaste?

O Samson abana a cabeça, indicando que não quer responder.

Reviro os olhos.

— Porque é que fazes isso? Porque é que me fazes perguntas, às quais eu respondo, e, quando te pergunto a mesma coisa, recusas-te a dar uma resposta?

— Já partilhei mais coisas contigo do que com qualquer outra pessoa. Desde sempre — diz ele. — Não sejas gananciosa.

— Então, deixa de me fazer perguntas a que não estás disposto a responder também.

Ele sorri com um ar malandro.

— Então, deixa de responder às minhas perguntas.

— Achas que eu saber onde andaste na escola é mais pessoal do que ter a tua língua na minha boca? Ou do que contar-te sobre o Dakota? Ou sobre a minha mãe? — Ponho os braços atrás da cabeça e fecho os olhos. — A tua noção de lógica é bastante parva, Samson.

Não vale realmente a pena tentar ter uma conversa com ele, se tudo o que está disposto a fazer é evitar todos os assuntos, como se fossem obstáculos numa corrida.

— Andei num colégio interno em Nova Iorque — diz ele, por fim. — E odiei cada segundo que lá passei.

Sorrio, sentindo que, de certa forma, ganhei esta batalha, mas, por dentro, fico um pouco triste com a resposta. Um colégio interno não parece ser muito divertido. Não admira que ele não quisesse falar disso.

— Obrigada.

— Não tens de quê.

Viro a cabeça para olhar para ele. Tirou os óculos de sol e o reflexo da luz faz com que os seus olhos pareçam quase transparentes. Alguém com os olhos tão transparentes como os dele não devia ser tão difícil de entender, tão opaco.

Ficamos a olhar um para o outro, como já é costume, mas desta vez é diferente. Agora já sabemos qual é o sabor do outro. Ele conhece os meus segredos mais sombrios, mas, no entanto, continua a olhar para mim como se eu fosse a coisa mais interessante desta península.

Ele baixa o olhar para o espaço entre as espreguiçadeiras e arrasta um dedo

sobre a areia.

— Como é que se soletra o teu nome?

— B-e-y-a-h.

Observo-o enquanto ele escreve o meu nome na areia. Quando acaba, passa um dedo por cima das letras e risca-as, depois arrasta a mão até o meu nome desaparecer.

Não sei como é que é possível sentir os seus gestos por baixo da minha pele, mas sinto.

O Samson olha de relance para a água.

— A Sara e o Marcos vêm aí. — Volta a pôr os óculos de sol e levanta-se de um salto.

Mantenho as mãos atrás da cabeça, para fazer de conta que estou descontraída, não obstante a sensação de que acabei de ser eletrocutada. O Samson vai ter com a Sara, que está com dificuldades em segurar a prancha. Ele pega na prancha e acaba de a arrastar da água por ela.

Quando chega ao pé de mim, a Sara puxa o rabo de cavalo e senta-se na espreguiçadeira onde o Samson estava. Aperta o cabelo para escorrer a água.

— Fizeste uma boa sesta? — pergunta-me.

— Fiz. Nem acredito que adormeci.

— E ressonaste — diz ela, a rir-se. — Perguntaste ao Samson se quer sair connosco hoje?

— Não. Não se proporcionou.

O Marcos e o Samson trazem as pranchas na nossa direção.

— Samson, hoje vamos sair os quatro num encontro duplo — diz a Sara. — Tens de estar pronto às seis.

O Samson não hesita e pergunta:

— Quem é o meu par?

— A Beyah. Idiota.

Ele olha para mim como se estivesse a pensar.

— É um encontro de amigos?

— É apenas um jantar — diz o Marcos. — Não deixes que a Sara categorize a saída.

— Vamos comer marisco? — pergunta-lhe o Samson.

— E tu deixavas-nos comer outra coisa?

O Samson volta a olhar para mim.

— Gostas de camarão, Beyah?

— Não sei. Acho que nunca comi.

O Samson inclina a cabeça.

— Não consigo perceber se estás a ser sarcástica.

— Eu sou do Kentucky. Não há muitas marisqueiras acessíveis por lá.

— Nunca foste a um Red Lobster? — pergunta o Marcos.

— Vocês esquecem-se de que restaurantes como o Red Lobster são sítios demasiado elegantes para muita gente.

— Nesse caso, eu escolho por ti — diz o Samson.

— É muito chauvinista da tua parte — digo, para o provocar.

A Sara põe o páreo por cima do fato de banho e levanta-se.

— Vamos, temos de nos arranjar.

— Agora? Mas ainda faltam duas horas.

— Pois faltam, mas temos muito que fazer até estares pronta.

— Como assim?

— Vou fazer-te uma mudança de visual.

Abano a cabeça.

— Não, por favor, não faças isso.

Ela acena com a cabeça.

— Faço, sim. Vou arranjar-te o cabelo, as unhas e maquilhar-te. — Agarra-me na mão e puxa-me da espreguiçadeira. Aponta para as coisas todas que trouxemos para a praia ao início da tarde. — Vocês os dois, cavalheiros deslumbrantes, tratam disto, não tratam?

Quando já estamos a meio caminho entre a praia e a casa, a Sara diz:

— Ele gosta de ti. Consigo vê-lo. Não olha para as outras raparigas como olha

para ti.

Não lhe respondo porque recebo uma mensagem a meio do seu comentário. Raramente recebo mensagens. Não há muita gente que tenha o meu número.

Olho para o telemóvel enquanto a Sara começa a subir as escadas. A mensagem é do Samson.

Olha só para nós, vamos ter um encontro espontâneo.
Se calhar, até SOMOS divertidos.

— Vens? — pergunta a Sara.

Apago o sorriso do rosto e sigo-a para dentro de casa.

QUINZE

Estão todos a olhar para mim, à espera de que dê a primeira dentada. Até o empregado de mesa.

— Mergulha-o primeiro no molho de cocktail — sugere o Marcos.

O Samson afasta o molho de cocktail de mim.

— Estás doido? Isso só a vai fazer vomitar. — Empurra o molho tártaro na minha direção. — Experimenta antes este.

A Sara revira os olhos enquanto junta três dos menus. Ela e o Marcos já pediram, mas eu e o Samson ainda não, porque ele queria certificar-se primeiro de que gosto de camarão. O empregado de mesa achou graça ao facto de eu nunca ter provado e, por isso, trouxe-me um para eu provar e deixou-se ficar aqui para ver a minha reação.

É camarão grelhado sem casca nem rabo. Não sou grande apreciadora de peixe, logo a minha expetativa não é alta, mas, quando mergulho o camarão no molho tártaro, a pressão é real.

— Vocês estão a agir como se a reação dela fosse uma questão de vida ou de morte — diz a Sara. — Estou a ficar com fome.

— Só é de vida ou de morte se ela for alérgica a marisco — diz o empregado.

Paro antes de dar a dentada.

— O que é que se enquadra realmente na definição de marisco? — pergunta o Samson. — Lagosta. Camarão. Coisas em conchas.

— Caranguejo, lagostim, tartarugas — diz o Marcos.

— As tartarugas não são marisco — diz a Sara, a revirar os olhos.

— Era uma piada — responde o Marcos.

— Alguma vez comeste lagosta ou caranguejo? — pergunta-me o Samson.

— Sim, já comi caranguejo.

— Então, estás à vontade.

— Por amor de Deus, come e pronto, senão como eu — diz a Sara. — Estou

cheia de fome.

Trinco o camarão, mas só como metade. Estão todos a observar-me a mastigar, até a Sara. O sabor é bom. Não é a melhor coisa que já comi na vida, mas escapa.

— Não é mau — digo, pondo o resto na boca.

O Samson sorri e entrega o menu ao empregado.

— Vamos escolher ambos a travessa de camarão.

O empregado regista o pedido e afasta-se. A Sara enruga o nariz.

— Ele escolheu mesmo por ti. Não consigo decidir se é um gesto querido ou repugnante.

— Uma vez, tentei escolher por ti e deste-me uma cotovelada nas costelas — diz o Marcos.

A Sara assente.

— Sim, tens razão. É repugnante. — Bebe um gole da sua bebida. — Este fim de semana, apetece-me fazer qualquer coisa turística.

— Como por exemplo? — pergunta o Marcos.

— Ir ao parque aquático? Ou andar num daqueles autocarros anfíbios. — Olha para mim e para o Samson. — Vocês querem vir?

— Eu estou livre todos os dias à tarde, exceto na sexta-feira. Vou acabar de arranjar o telhado da Marjorie.

Bem, isto derrete-me um pouco o coração.

— Shawn?

Olhamos os quatro na direção da voz. Um rapaz está a aproximar-se da nossa mesa a olhar para o Samson. É alto e magro, com os braços cobertos de tatuagens. Reparo numa tatuagem de um farol que tem no antebraço quando sinto o Samson a retesar-se ao meu lado.

— Cum caraças — diz o rapaz. — És *mesmo* tu. Como é que estás, meu?

— Olá — diz o Samson. Não parece muito entusiasmado por encontrar este rapaz. E… *por que raio lhe chamou Shawn*?

O Samson dá-me um toque na perna para o deixar sair do banco corrido.

Levanto-me para o deixar sair e o Samson dá um abraço ao rapaz. Volto a sentar-me e nós os três nem nos damos ao trabalho de esconder que estamos atentos à conversa deles.

— Meu — diz o rapaz ao Samson. — Quando é que saíste?

Saíste?

O Samson olha para a nossa mesa. Consigo perceber que agora está desconfortável. Põe uma mão nas costas do rapaz e afasta-se da mesa para não ouvirmos a conversa.

Olho para a Sara e para o Marcos para ver quais são as suas reações. O Marcos está a beber a sua bebida, mas a Sara tem a cabeça inclinada com curiosidade enquanto olha fixamente para o Samson. Recosta-se no lugar e diz:

— Que estranho. Porque é que aquele rapaz lhe chamou Shawn?

O Marcos encolhe os ombros.

— Talvez Samson seja o segundo nome — digo, mais para mim do que para eles os dois. Questiono-me por que razão não exigi saber o seu nome completo ontem à noite quando lhe perguntei. É estranho não saber o primeiro nome dele. Mas acho que ele também não sabe que o meu apelido é Grim. Ou talvez saiba, já que é o apelido do meu pai.

— E porque é que lhe terá perguntado quando é que ele saiu? — continua a Sara. — Saiu de onde? Da prisão?

O Marcos volta a encolher os ombros.

— Podia estar a falar de alguma clínica de reabilitação.

— Ele esteve *internado*? — pergunta a Sara.

— Não faço ideia, conheço-o há tanto tempo como tu — diz ele.

Instantes depois, o Samson regressa à nossa mesa já sem o amigo. Levanto-me e ele senta-se no banco. Não diz uma única palavra. Não oferece qualquer explicação. Na verdade, não importa, porque a Sara não vai deixar escapar nada disto. Basta olhar para a forma como está a fitá-lo.

— Porque é que aquele rapaz te chamou Shawn?

O Samson fita-a por um momento e depois solta uma gargalhada suave.

— O quê?

Ela acena na direção em que o rapaz se encaminhou.

— Ele chamou-te Shawn! E depois perguntou-te quando é que saíste. Onde é que estiveste? Na prisão?

Por algum motivo, o Samson olha para mim. Não digo nada porque estou à espera das mesmas respostas que a Sara.

Ele volta a olhar para ela e diz:

— É o meu nome. Shawn Samson. — Acena com a mão para o Marcos. — Ele começou a chamar-me Samson quando nos conhecemos, e todos aqui começaram a usá-lo. Mas, de resto, toda a gente me trata por Shawn.

O Marcos leva a palhinha da bebida aos lábios.

— Por acaso, agora que penso nisso, soa-me vagamente familiar.

Shawn? O nome dele é *Shawn*?

Estou tão habituada a tratá-lo por Samson que não sei se consigo chamar-lhe Shawn.

— Muito bem — diz a Sara. — Mas ele perguntou-te quando é que saíste. *De onde*? Da prisão? Estiveste preso?

O Samson suspira e eu percebo que não quer falar do assunto.

— Deixa-o em paz — diz o Marcos, reconhecendo também o desconforto do Samson.

A Sara acena com a mão na minha direção.

— Estou a tentar fazer com que a Beyah se interesse por ele, por isso acho que merecemos saber se é alguma espécie de delinquente ou criminoso.

— Não há problema — diz o Samson. — Ele estava a falar da cidade. Nós andámos no mesmo colégio interno, e ele sabe como detestei estar em Nova Iorque.

Consigo vê-lo a engolir em seco depois de dizer isto, como se estivesse a engolir uma mentira. Quais seriam as probabilidades de se encontrar com alguém de Nova Iorque numa península do Texas?

Muito poucas, mas será que isto é da conta da Sara? Ou da minha? Nenhum

de nós deve o seu passado ao outro.

Neste momento, não sei por que razão me sinto tão protetora em relação a ele, mas sei que detesta falar sobre si. Talvez a Sara não saiba isso a respeito do Samson.

Mais tarde hei de arrancar-lhe a verdade. Mas agora só quero que o desconforto desapareça, por isso digo:

— Nunca fui a Nova Iorque. O Texas é apenas o terceiro estado onde já estive.

— A sério? — pergunta a Sara.

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Sim. Eu só saía do Kentucky para ir ter com o meu pai a Washington. E não fazia ideia de que o Texas era tão quente. Ainda não sei bem se gosto disto.

O Marcos solta uma gargalhada.

O empregado de mesa aparece com as entradas que a Sara pediu. Leva o meu copo para voltar a enchê-lo e o Samson pega num calamar para o meter na boca.

— Já provaste calamares, Beyah?

Tiro um pedaço da mão dele.

— Não.

O Marcos gira a cabeça.

— É como se tivesses sido educada num planeta completamente diferente.

Desta vez, a Sara não espera que eu comece a comer. Coloca algumas entradas no prato e dedica-se a elas. Este pequeno momento pode não parecer nada de especial para os rapazes, mas fico aliviada por constatar que a Sara já não está a colocar tanta pressão sobre si própria como na noite em que aqui cheguei.

Ela começa a perguntar-me que outras coisas nunca experimentei e a conversa deixa de ser sobre o Samson para não ter nada que ver com ele.

Alguns minutos depois, ele segura-me na mão por baixo da mesa. Antes de a largar, aperta-ma. Quando olho para ele, noto um *obrigado* silencioso.

Mal conheço este tipo, mas, por alguma razão, consigo comunicar melhor com ele sem usar palavras do que alguma vez comuniquei verbalmente com qualquer outra pessoa.

Ele olha para mim de tal forma que é a prova de que não preciso de saber mais nada, pelo menos por enquanto.

Vou retirar-lhe as camadas ao seu ritmo.

DEZASSEIS

Quando chegámos à fogueira desta noite, não havia dois lugares ao lado um do outro, por isso o Samson está sentado à minha frente.

Infelizmente, quem está ao meu lado é o Beau.

Reparei que o Samson olha para o Beau de cada vez que este fala comigo. Estou a tentar deixar bastante claro que não estou interessada nele, mas parece que o Beau não percebe. Os rapazes como ele nunca percebem. Estão habituados a conseguir tudo o que querem, por isso não reconhecem quando o que querem não os quer também. Tenho a certeza de que para o Beau a ideia de que não o quero é absolutamente inconcebível.

— Oh, Deus do céu — resmunga a Sara.

Olho para a Sara e ela aponta para a travessia entre as dunas, a cerca de 15 metros da fogueira.

A Cadence está a atravessar a duna.

— Pensei que ela se tinha ido embora — digo.

— Também eu — diz a Sara.

À medida que a Cadence se aproxima, sinto um nó no estômago. O Samson está de costas para ela, por isso não sabe que ela vem aí.

Quando ela chega ao pé dele, tapa-lhe os olhos por trás. Ele afasta-lhe as mãos e inclina a cabeça para olhar para ela.

Antes que ele consiga reagir, ela exclama:

— Surpresa! — A seguir, debruça-se e dá-lhe um beijo na boca. — Voltámos para mais uma semana.

Sinto que o sangue do meu corpo se transformou em lava.

Quando ela se afasta, os olhos do Samson procuram imediatamente os meus. O meu rosto não demonstra o ciúme que sinto, mas a verdade é que me percorre o corpo todo.

O Samson levanta-se e vira-se para a Cadence. Não consigo ouvir o que lhe

diz, mas ele olha para mim por um breve instante antes de pousar a mão no fundo das costas da Cadence e de apontar para a água. Começam a caminhar nessa direção e a única coisa que consigo fazer é olhar para baixo, para o meu colo.

Espero que se esteja a afastar de nós para a poder rejeitar com suavidade. Ou com urgência, não quero saber.

Não que me deva alguma coisa. Quem interrompeu o beijo ontem à noite fui eu.

— Estás bem? — pergunta a Sara, reparando na mudança da minha postura.

Expiro com firmeza.

— O que é que eles estão a fazer?

— Quem? A Cadence e o Samson?

Assinto.

— A caminhar — diz ela. Depois, semicerra os olhos e fita-me com desconfiança. — O que é que se passa entre vocês?

Abano a cabeça.

— Não se passa nada.

A Sara recosta-se na cadeira.

— Eu sei que és reservada em relação a muitas coisas, Beyah, e consigo lidar bem com isso, mas se o Samson te beijar durante este verão, podes, *por favor*, dar-me um sinal? Nem precisas de dizer nada em voz alta. Basta um «dá cá mais cinco» ou qualquer coisa do género.

Acedo com uma inclinação da cabeça e depois olho de relance para o Samson e para a Cadence. Estão de pé a mais de meio metro um do outro. Ela tem os braços cruzados sobre o peito e parece estar zangada.

Volto a concentrar o olhar na fogueira, mas alguns segundos depois ouço um arquejo coletivo.

— Cum caraças — diz o Marcos, a rir-se. Olho para ele, mas ele está a olhar para o Samson, que agora se encaminha de volta para onde estamos. Vem a esfregar a cara.

— Ela deu-lhe uma bofetada — murmura a Sara. Quando o Samson chega ao seu lugar, ela pergunta-lhe: — O que é que lhe disseste?

— Nada que ela quisesse ouvir.

— Não me digas que acabaste de a rejeitar? — pergunta o Beau. — Por que raio havias de fazer isso, porra? Ela é boa como o milho.

O Samson olha para ele com uma expressão fria. Acena na direção em que a Cadence se afasta a passos largos.

— É toda tua, Beau. Dá o teu melhor.

O Beau abana a cabeça.

— Não, só estou interessado em dar o meu melhor nesta aqui — diz ele, apontando com uma mão para mim.

— Não vai acontecer, Beau — respondo.

Ele sorri para mim com um ar manhoso e eu não faço ideia como podem as minhas palavras de recusa mais do que evidente significar qualquer outra coisa para ele. Levanta-se e agarra-me na mão. Tenta puxar-me para cima, mas não cedo.

— Vem nadar comigo — diz ele.

Abano a cabeça.

— Já te disse duas vezes que não quero.

Ele tenta pegar em mim ao colo, mas dou-lhe um pontapé no joelho no instante em que o Samson se põe entre nós, de frente para o Beau.

— Ela disse que não.

O Beau olha para o Samson e depois para lá dele, para mim. Agita um dedo entre nós os dois.

— Oh, já percebi. Vocês os dois estão juntos.

— Isto não tem nada que ver comigo — diz o Samson. — Mas já a ouvi pedir-te várias vezes que a deixes em paz. Vê se percebes, porra!

O Samson está zangado. Não sei se deriva do ciúme ou apenas do facto de o Beau ser um parvalhão.

Espero que a conversa fique por aqui, mas, aparentemente, o Beau não gosta

que lhe gritem. Puxa o braço atrás e dá um murro na cara do Samson. A seguir, ergue os dois punhos como se estivesse pronto para a luta, mas o Samson leva a mão ao queixo e fita o Beau.

— A sério, cabrão?

— Sim, a sério, cabrão — responde o Beau, ainda com uma postura combativa.

O Marcos está de pé, pronto para defender o Samson, mas este não parece estar com vontade de jogar o mesmo jogo do Beau.

— Vai para casa, Beau — diz o Marcos, metendo-se entre ambos.

O Beau olha para o Marcos.

— Como é que se diz *cabrão* em mexicano?

A única coisa que detesto mais do que um parvalhão é um parvalhão racista.

— A língua é espanhol, não é mexicano — respondo. — E acho que a tradução correta para cabrão é Beau.

O Samson solta uma gargalhada ao ouvir-me dizer isto. O Beau fica ainda mais irritado.

— Vai-te foder, fedelho rico do papá! E podem ir todos para o inferno. — O Beau está vermelho de raiva.

— No inferno já nós estamos, sempre que tu apareces por aqui — diz a Sara inexpressivamente.

O Beau aponta para a Sara:

— Vai-te foder — diz. Depois, aponta para mim:

— E tu também, vai-te foder!

Acho que é neste ponto que o Samson estabelece o seu limite. Não bate no Beau, mas avança na direção dele tão depressa que o Beau se sobressalta. A seguir, vira-se, agarra nas coisas que tem na cadeira e vai-se embora.

É uma visão maravilhosa.

O Samson deixa-se cair na cadeira e agarra-se ao maxilar.

— Desde que tu aqui chegaste, já levei uma bofetada de uma rapariga e murros de dois homens.

— Então, deixa de tomar o meu partido. — Ele olha para mim com um ligeiro sorriso, quase como se dissesse: *Isso não vai acontecer*.

— Estás a sangrar. — Agarro numa toalha que está por perto e limpo-lhe o queixo. Tem um pequeno corte no maxilar. O Beau devia ter um anel. — É melhor pores um penso rápido.

Os olhos dele mudam de expressão enquanto me fita.

— Tenho alguns em casa. — Levanta-se da cadeira, contorna a fogueira e encaminha-se para casa.

Ele não me convida nem espera por mim, mas, pela sua expressão, percebo que quer que o siga. Pressiono uma mão no pescoço, sentindo a temperatura do corpo a aumentar. Levanto-me. Olho de relance para a Sara antes de me ir embora.

— Não te esqueças — murmura ela. — Um sinal. Um «dá cá mais cinco».

Rio-me e a seguir vou atrás do Samson até à sua casa. Ele está vários metros à minha frente, mas deixa a porta aberta, por isso sabe que o sigo.

Quando chego ao cimo das escadas, expiro calmamente. Não sei por que motivo estou nervosa. Beijámo-nos ontem à noite. A parte mais difícil já está.

Fecho a porta depois de entrar. O Samson está junto ao lava-louça, a molhar um pedaço de papel de cozinha. Entro na cozinha e reparo que ele não acendeu as luzes. As únicas luzes em casa são provenientes dos eletrodomésticos e do luar que entra pelas janelas.

Debruço-me sobre a bancada para ver o corte. Ele inclina a cabeça para eu o poder observar.

— Ainda está a sangrar? — pergunta-me.

— Um bocadinho. — Recuo e observo-o enquanto ele encosta outra vez o papel molhado ao maxilar.

— Não tenho pensos rápidos. Estava a mentir.

Assinto.

— Eu sei. Não tens nada nesta casa.

A boca dele contorce-se como se quisesse rir-se, mas há qualquer coisa a

pesar-lhe sobre o sorriso. Seja o que for, está a pesar-me também.

O Samson afasta o papel e atira-o para cima da bancada, depois agarra-se à beira como se quisesse controlar as mãos.

Desta vez, não vai dar o primeiro passo, por muito que pareça querer fazê-lo. Mas, por muito nervosa que esteja, quero voltar a experimentar um beijo inteiro com ele, do princípio ao fim.

O olhar do Samson parece ter força magnética, puxando-me para si. Dou um passo em frente, com movimentos tímidos. Embora o meu nervosismo seja evidente, ele não me pressiona. Limita-se a esperar por mim. Quando se torna evidente para os dois que estou prestes a beijá-lo, sinto o coração a bater com força dentro do peito.

A sensação é diferente de ontem à noite. Como passámos os dois o dia inteiro a pensar nisto, este beijo parece ter algum significado, porque é óbvio que ambos chegámos à conclusão de que queremos que volte a acontecer.

Mantemos o contacto visual enquanto me ponho em bicos dos pés para pressionar os meus lábios contra os dele. Ele inspira enquanto a minha boca está encostada à sua, como se quisesse invocar uma paciência que já não existe dentro de si.

Recuo alguns centímetros porque preciso de ver a reação dele. O olhar intenso e os lábios entreabertos são uma indicação promissora do que pode acontecer a seguir. Sinto que desta vez não vou acabar a fugir da cozinha, agora que passei as últimas 24 horas a arrepender-me de o ter feito.

O Samson baixa a testa e encosta-a à minha. Quando fecha a mão em redor da minha nuca, eu fecho os olhos com força. Mantém a testa encostada à minha e imagino que também tenha os olhos fechados. É como se ele quisesse estar perto de mim, mas sabe que não me pode abraçar e não tem a certeza se deve beijar-me.

Inclino instintivamente a cabeça para trás, querendo os lábios dele mais uma vez sobre os meus. Ele aceita este convite silencioso e beija-me o canto da boca

e depois o centro. Liberta uma expiração trémula, como se saboreasse o que está prestes a acontecer.

A mão envolvida no meu cabelo inclina-me a cabeça para o lado e depois ele beija-me com confiança.

É lento e profundo, como se talvez não conseguisse sobreviver se, entretanto, não engolisse um pouco da minha alma neste beijo. Ele sabe a água salgada, e o meu sangue é como o mar, ondulando furioso e colidindo contra as minhas veias.

Quero viver nesta sensação. Quero adormecer e acordar nela.

Não quero que este beijo acabe já, mas, quando ele começa a abrandar, também gosto de como o faz: de forma gradual, cuidadosa, difícil, como se estivesse a parar com a mesma velocidade de um comboio.

Quando já não estamos a beijar-nos, ele larga-me, mas eu não me mexo. Continuo encostada a ele, mas o Samson já está a segurar novamente a bancada com as mãos ao lado do corpo, em vez de me segurar a mim. Gosto que não esteja a envolver-me nos seus braços neste instante.

Esta noite, já provei que consigo lidar com os beijos, mas ainda não estou pronta para ser acolhida nos braços de alguém, e ele já sabe o que sinto em relação a isso.

Encosto a testa ao ombro dele e fecho os olhos.

Consigo ouvir a sua respiração, profunda e descontrolada, ao mesmo tempo que apoia levemente a cabeça na minha.

Ficamos assim durante algum tempo, e não sei o que sentir ou o que pensar. Não sei se é normal sentir-me uma tonelada mais pesada depois de beijar alguém.

Sinto que estou a fazer isto tudo mal, mas, ao mesmo tempo, a sensação é a de que talvez eu e o Samson sejamos as únicas pessoas do mundo inteiro que estão a fazer isto bem.

— Beyah — murmura ele. A sua boca está mesmo sobre a minha orelha, por isso, quando diz o meu nome, sinto o pescoço e os braços a arrepiarem-se.

— Sim?

Segue-se uma pausa que parece muito mais longa do que é na verdade.

— Em agosto, vou-me embora.

Não sei o que dizer perante isto. Foram apenas quatro palavras, mas ele acabou de desenhar uma linha muito profunda na areia. Uma linha que eu sabia que acabaria por aparecer.

— Eu também — digo.

Levanto a cabeça e os meus olhos são atraídos para o fio dele. Toco-lhe, passo os dedos pelo pedaço de madeira. Ele está a olhar para mim como se quisesse beijar-me outra vez. Seria capaz de receber mais mil beijos destes esta noite. Desta vez, não senti nada de negativo. Foi tudo bom, embora arrepiante. É como se me beijasse ao contrário, de dentro para fora — da mesma forma que, por vezes, parece olhar para mim. Como se visse primeiro quem eu sou por dentro e só depois reparasse no exterior.

O Samson levanta-me o queixo com um dedo e pressiona os lábios contra os meus, desta vez com os braços abertos, a absorver-me. Afasta-se, mas não muito. Quando fala, todas as suas palavras parecem entrar na minha boca.

— Se fizermos isto, tem de ficar na parte menos profunda da água.

Assinto, mas depois abano a cabeça. Não sei se concordo com isto ou não.

— O que queres dizer com a parte menos profunda da água?

O olhar dele condiz com o aperto que sinto no peito. Passa a língua pelo lábio superior, como se estivesse a pensar em como pode explicar a sua ideia sem ferir os meus sentimentos.

— Queria só dizer… se isto se transformar em alguma coisa. Numa coisa de verão… é só isso que quero que seja. Não quero ir-me embora em agosto e deixar uma relação para trás.

— Eu também não quero que isso aconteça. Vamos estar em lados opostos do país.

Ele passa a parte de trás dos dedos ao longo do meu braço. Quando os desliza novamente para cima, não para no meu ombro; continua para a clavícula e depois até tocar no meu rosto.

— Mesmo assim, às vezes, as pessoas afogam-se na parte menos profunda — murmura.

É um pensamento sombrio, que acho que tinha intenção de guardar para si. Mas aqui estou eu, a puxar as suas camadas para trás, mesmo que ele não queira.

E ele tem tantas camadas.

Não sei porque é que beijá-lo me faz sentir que passei por todas elas e me alojei diretamente no seu âmago, mas é o que sinto. É como se visse quem ele realmente é, apesar de desconhecer tantas das coisas que o rodeiam.

— Quem era aquele tipo que apareceu durante o jantar?

Ele engole em seco e desvia o olhar; dá-me vontade de passar a mão pelo seu pescoço para o acalmar.

— Não te quero mentir, Beyah. Mas também não posso ser honesto contigo.

Não faço ideia do que isto significa, mas o Samson não aparenta ser o tipo de pessoa que gosta de ter as atenções sobre si ou que inventa dramas. Por isso, ao dizer uma coisa como esta, faz-me pensar que ainda é algo pior do que faz parecer.

— Qual é que foi a pior coisa que já fizeste na vida? — pergunto.

Ele volta a fitar os meus olhos com mais um previsível abanar de cabeça.

— É assim tão mau?

— É mau.

— Pior do que o que fiz com o Dakota?

O Samson comprime os lábios numa linha fina e irritada e depois baixa a cabeça e fita-me com intensidade.

— Há dois tipos de coisas erradas. Aquelas que fazemos porque somos fracos e as que fazemos porque somos fortes. Tu fizeste uma escolha porque eras uma pessoa forte e precisavas de sobreviver. Não a fizeste por seres fraca.

Agarro-me com unhas e dentes a estas palavras, porque quero fazer delas a minha verdade.

— Respondes-me só a uma pergunta? — peço. Ele não diz que sim, mas

também não diz que não. Fica à espera da pergunta. — Foi algum tipo de ataque ou agressão?

— Não. Não foi nada disso.

Fico aliviada com a resposta. Ele percebe. Afasta-me o cabelo dos ombros com as duas mãos e, a seguir, encosta a boca à minha testa. Beija-me e depois apoia a cabeça na minha.

— Na véspera de ires para a faculdade, eu conto-te.

— Se vais acabar por me contar, porque é que não contas agora?

— Porque quero passar o resto do verão contigo. Se te contar agora, não sei se vais querer ficar comigo.

Não sei bem o que poderia contar-me que fizesse com que não falasse mais com ele, mas sei que, se pensar demasiado nisto, vou ficar stressada.

Vou esperar.

Ao ritmo a que as nossas conversas se sucedem, arranco-lhe a história toda antes de agosto.

Mas, por enquanto, limito-me a assentir, porque não há nada que ele queira contar-me esta noite. E se há alguma coisa que posso fazer por ele é conceder-lhe a mesma paciência com que ele me tratou ontem à noite.

Beija-me novamente. É um beijo rápido. Um beijo de boa-noite.

À medida que me afasto dele e me encaminho para a porta, não digo mais nada, porque sinto que todas as palavras são grandes demais para a minha voz. É difícil sair agora por esta porta. Não imagino como será no dia 3 de agosto.

O *P.J.* está à minha espera na rua. Segue-me lealmente pelas escadas abaixo e até casa. Quando chego ao cimo das escadas da minha casa, ele dirige-se para a sua cama e deita-se.

Felizmente, quando chego, não está ninguém na sala de estar. Tranco a porta e subo as escadas em silêncio. Antes de abrir a porta do meu quarto, olho para a porta do quarto da Sara.

Acho que quero contar-lhe que nos beijámos. É uma sensação estranha querer

contar estas coisas a outra rapariga. Nunca contei à Natalie o que se passava entre mim e o Dakota. Tinha demasiada vergonha.

Bato suavemente na porta do quarto da Sara, porque não quero acordar mais ninguém cá em casa. A Sara não responde. Ainda deve estar na praia.

Abro a porta para ver se ela está na cama, mas, assim que espreito para o quarto, fecho a porta.

O Marcos está em cima dela. Está vestido, mas, ainda assim, não estava à espera disto.

Vou para o meu quarto, mas depois lembro-me do que a Sara disse na praia quando me pediu um sinal silencioso.

Volto a ir ao quarto dela. Eles já pararam de se beijar e estão a olhar para mim. Aproximo-me da cama e levanto uma mão no ar, para lhe dar um «dá cá mais cinco».

Ela solta uma gargalhada e bate com a sua mão na minha.

— Estava a ver que não! — murmura, enquanto saio do quarto dela.

DEZASSETE

Os últimos dias foram os menos stressantes da minha vida. Parece que passar tempo com o Samson liberta uma espécie de hormona no meu cérebro que me fez falta durante 19 anos. Sinto-me mais feliz. Não me sinto sempre na iminência de desabar.

Tenho a certeza de que isto não se deve apenas ao Samson. É uma combinação de todas as coisas que nunca tive antes, como um abrigo decente que não esteja a apodrecer por dentro com as térmitas. Três refeições por dia. Uma amiga presente que vive do outro lado do corredor. O mar. O nascer do sol.

São quase demasiadas coisas boas a acontecerem ao mesmo tempo. Estou a ter uma *overdose* de coisas boas, o que só pode querer dizer que vou acabar por ter de passar por um período de ressaca quando o verão acabar. Mas, como disse a Sara, os verões são para nos concentrarmos apenas no dia presente. Quando chegar a 3 de agosto, logo me preocupo com a parte dolorosa do verão.

O Samson decidiu que a forma mais segura de vir à minha varanda de manhã era através de uma escada, em vez de se pôr a saltar. Estou sentada no meu lugar habitual na varanda, a comer umas uvas que acabei de ir buscar ao frigorífico, quando o ouço a levantar a escada. A minha parte favorita da nossa rotina matinal é quando ele chega ao cimo da escada e sorri para mim, mesmo que a noite de ontem tenha sido melhor do que as nossas manhãs juntos. Ele convenceu-me a entrar novamente no mar e beijámo-nos sem sermos interrompidos por dores lancinantes.

Dizer que nos beijámos é um eufemismo.

Curtimos à brava. Tanto quanto se consegue curtir no mar sem enfiar as mãos dentro de fatos de banho e calções. Mas foi o único momento nos últimos dias em que conseguimos estar juntos sozinhos, sem contar com as manhãs. Não me sinto muito confortável com demonstrações de afeto à frente das outras pessoas, e estamos sempre com a Sara e com o Marcos.

O Samson chega ao cimo da escada e ambos sorrimos.

— Bom dia.

— Olá. — Levo outra uva à boca. Depois de passar por cima do parapeito, ele curva-se, dá-me um beijo rápido e depois senta-se ao meu lado.

Tiro uma uva do saco e aproximo-a dos lábios dele. Ele mal os afasta enquanto sorri, obrigando-me a empurrar a uva para a boca com o dedo. Fecha os lábios à volta do meu dedo por um instante e depois afasta-se lentamente. Começa a mastigar a uva.

— Obrigado.

Pronto, agora quero passar o dia todo a dar-lhe uvas à boca.

Ele põe o braço sobre as costas do sofá e eu encosto-me a ele, mas não o suficiente para ele o interpretar como um sinal para me puxar para si. Observamos o nascer do sol em silêncio e eu penso na volta que a minha vida deu desde que aqui cheguei.

Pensava que sabia quem era, mas não fazia ideia de que as pessoas podem ser diferentes versões de si mesmas consoante os ambientes em que estão inseridas. Neste ambiente, onde tudo é bom e perfeito, sinto-me em paz com a minha vida. Não adormeço todas as noites com amargura no coração. Já não detesto o meu pai como detestava. E já não me sinto tão incrédula em relação ao amor. Não sou cética aqui, porque consigo olhar para a vida através de uma outra lente.

Mas isto faz-me questionar que tipo de pessoa serei quando for para a faculdade. Serei feliz lá? Terei saudades do Samson? Continuarei a desabrochar ou voltarei a murchar até ser quem era antes?

Sinto-me como uma flor que foi tirada da sombra e colocada ao sol. Estou a florescer pela primeira vez desde que irrompi pelo solo.

— Quais são os planos para hoje? — pergunta o Samson.

Encolho os ombros.

— A esta altura, acho que é bastante evidente que não tenho quaisquer planos antes do dia 3 de agosto.

— Ótimo. Queres alugar um carrinho de golfe hoje à tarde e dar uma volta

pela praia? Conheço um sítio muito recatado.

— Claro. Parece-me divertido. — Principalmente porque ele disse a palavra *recatado*. Parece um convite para poder estar finalmente algum tempo a sós com ele.

O sol já subiu no céu e costuma ser nesta altura que o Samson se vai embora, mas, em vez de se levantar, puxa-me para o seu colo de maneira a ficar com uma perna de cada lado das dele. Encosta a cabeça ao sofá e pousa as mãos nas minhas ancas.

— Devíamos começar a ver o nascer do sol nesta posição.

— Eu tapava-te a vista toda — respondo.

Ele levanta uma mão até ao meu rosto, e, quando os dedos tocam na minha mão, parecem minúsculos fogos que ardem contra a pele.

— Tu és mais bonita do que a vista, Beyah. — Põe a mão atrás da minha cabeça e aproxima-me da sua boca.

Os braços começam a envolver-me, mas mexo-me um pouco para ele se lembrar de que não deve fazê-lo. Não gosto que os seus braços me envolvam quando nos beijamos porque me faz pensar que está a abraçar-me, e, para mim, um abraço é mais pessoal do que um beijo, até do que sexo.

Gosto de beijar o Samson. Gosto de passar tempo com ele. Mas não gosto da ideia de partilhar uma coisa tão íntima com alguém que não tenciona partilhar mais do que algumas semanas de vida comigo.

As mãos dele voltam às minhas ancas, como lhe ensinei nos últimos dias. Ele beija-me o maxilar e depois o lado da cabeça.

— Tenho de me ir embora — diz. — Tenho montes de coisas para fazer hoje.

Ele tem coisas diferentes para fazer todos os dias. Ajudar alguém a reparar um telhado, a reconstruir uma duna. Na maior parte das vezes, parece ser trabalho árduo. Não sei se recebe algum dinheiro pelo trabalho que faz.

Saio de cima dele e fico a vê-lo descer a escada e a desaparecer. Encosto a cabeça às costas do sofá e levo mais uma uva à boca.

Tenho a certeza de que ele quer mais do que aquilo que lhe estou a dar

fisicamente, mas, se ele insiste em ficar na parte menos profunda da água, não posso dar-lhe muito mais. Para ele, abraços e aninhar-me nele podem ser coisas superficiais, mas, para mim, essas coisas estão enterradas algures na Fossa das Marianas.

Prefiro fazer sexo casual com ele do que deixar que me abrace.

Isto é provavelmente uma prova de que tenho coisas muito profundas que precisam de ser desconstruídas por um terapeuta. Mas, enfim, é o que é.

Até agora, a terapia do mar tem feito maravilhas por mim e é de graça.

*

Dizer que este lugar é recatado é pouco.

Ele trouxe-nos tão até ao fundo da praia que as casas já nem estão aglomeradas em bairros. São poucas e estão afastadas umas das outras. Não há pessoas. Atrás de nós só há dunas, à frente só há o mar. Se pudesse escolher o sítio para construir uma casa, seria aqui.

— Por que razão não há tantas casas aqui? O terreno inunda facilmente?

— Dantes havia muitas casas nesta zona, mas o furacão Ike destruiu tudo. — O Samson bebe um gole de água. Ele trouxe sanduíches, água e uma manta. Diz que este é o nosso primeiro encontro oficial, porque sair com a Sara e com o Marcos não conta. Até me foi buscar de carrinho de golfe às escadas de casa e tudo.

— Achas que alguma vez vai voltar a ser o que era antes do furacão?

Ele encolhe os ombros.

— Talvez não exatamente igual. A reconstrução trouxe a gentrificação a toda a península, mas a verdade é que está a prosperar mais do que pensei. É um trabalho em curso, e ainda vai demorar alguns anos até ficar sequer parecida com o que era. — Aponta para uma zona atrás de nós. — Foi ali que encontrei o barco do Rake. Ainda deve haver pedaços de madeira enterrados na duna. Eles não fizeram muitos trabalhos de limpeza nesta área desde o furacão.

Dou um pedaço do meu pão ao *P.J.*. Ele veio connosco na parte de trás do carrinho de golfe.

— Achas que este cão pode ter pertencido a alguém cuja casa foi destruída?

— Acho que ele nunca pertenceu a ninguém senão a ti.

Sorrio quando ele diz isto, embora eu não seja a única pessoa que o *P.J.* já amou. Ele conhece as ordens básicas, por isso alguém passou tempo a ensinar-lhe essas coisas.

Sempre quis ter um cão, mas nunca tive comida suficiente para isso. Acolhia cães vadios, mas eles acabavam por me deixar por outras famílias que os alimentavam com maior frequência.

— O que é que vais fazer com ele quando chegar agosto? — pergunta o Samson, debruçando-se sobre mim para fazer uma festa na cabeça do *P.J.*.

— Não sei. Estou a tentar não pensar muito nisso.

Nesse instante, o olhar do Samson cruza-se com o meu, formando uma expressão de contemplação entre nós.

O que é que eu vou fazer com o cão?

O que será que *nos* vai acontecer?

Como é que vai ser a despedida?

O Samson estende-se na areia. Estou sentada de pernas cruzadas, por isso ele apoia a cabeça no meu colo e olha para mim com um ar pensativo. Passo a mão pelo cabelo dele, tentando não pensar em nada além deste momento.

— O que é que as outras pessoas pensam de ti? — pergunta ele.

— É uma pergunta estranha.

O Samson olha para mim expectante, como se não quisesse saber que a pergunta é estranha. Solto uma gargalhada e olho para a água enquanto penso.

— Eu não sou uma pessoa submissa, por isso há algumas situações em que a minha atitude pode ser encarada como sendo arrogante. Na minha terra, era muitas vezes classificada em conjunto com a minha mãe. Quando se é julgado com base na pessoa que nos criou, não é possível sermos neutros acerca de nós mesmos. Ou deixamos que isso nos consuma e tornamo-nos aquilo que os outros

pensam que somos, ou lutamos com todas as nossas forças. — Olho para ele. — E tu, o que é que achas que as pessoas pensam de ti?

— Acho que as pessoas não pensam em mim de todo.

Abano a cabeça, discordando dele.

— Eu penso. E sabes o que é que acho?

— O que é que achas?

— Acho que quero ir para o mar contigo.

O Samson sorri com um ar matreiro.

— Estamos bastante longe de vinagre.

— Então, é bom que faças com que valha a pena, só para o caso de eu ser picada novamente.

O Samson levanta-se e puxa-me para cima. Tiro os calções enquanto ele despe a t-shirt. Segura-me na mão à medida que passamos pelas ondas e nos afastamos da costa. Quando a água me dá pelo peito, paramos, ficando frente a frente, e baixamo-nos até a água nos dar pelo pescoço.

Vamos diminuindo o espaço que nos separa até começarmos a beijar-nos.

De cada vez que nos beijamos, parece que deixamos mais de nós dentro do outro. Quem me dera saber mais sobre relacionamentos e amor e todas essas coisas para as quais costumava achar que era boa demais, ou talvez *não* suficientemente boa para as ter. Gostava de saber como fazer com que este sentimento fosse duradouro. Quero saber se um rapaz como o Samson poderá alguma vez apaixonar-se por uma rapariga como eu.

Uma onda rebenta sobre nós, fazendo com que nos separemos. A água encharca-me completamente o cabelo. Estou a afastá-lo dos olhos e a rir-me quando o Samson regressa para junto de mim. Envolve as minhas pernas na sua cintura, mas ele mantém as mãos nas minhas ancas.

Vejo uma centelha de felicidade nos olhos dele.

É a primeira vez que a vejo.

Estou aqui há quase duas semanas e é a primeira vez que ele parece estar

completamente à vontade. Faz-me sentir bem o facto de ele conseguir sentir-se assim comigo, mas fico triste por não ser uma coisa constante.

— Que tipo de coisas é que te fazem feliz, Samson?

— As pessoas ricas nunca estão contentes com a vida — diz ele instantaneamente. É triste que nem sequer tenha precisado de pensar na resposta.

— Então é verdade o que dizem? O dinheiro não traz felicidade?

— Quando se é pobre, há coisas com as quais podes sonhar. Objetivos que te entusiasmam. Pode ser a casa dos teus sonhos, ou até umas férias ou um jantar em determinado restaurante numa sexta-feira à noite. Mas quanto mais dinheiro tens, mais difícil é encontrares coisas que te entusiasmem. Já tens a casa dos teus sonhos. Podes ir a qualquer lugar do mundo sempre que te apetecer. Podes contratar um *chef* privado para te preparar todas as comidas que desejas. As pessoas que não são ricas pensam que estas coisas são todas muito satisfatórias, mas não são. Podes encher a tua vida com coisas boas, mas elas não preenchem os buracos que tens na alma.

— O que é que preenche os buracos da alma?

Os olhos do Samson perscrutam o meu rosto durante alguns instantes.

— Pedaços da alma de outra pessoa.

Ele levanta-me um pouco, para que o meu corpo esteja o menos possível debaixo de água. Arrasta a boca pelo meu maxilar e, quando os lábios encontram os meus, estou faminta por eles. Morro de fome deles.

Sinto-o a ficar excitado, apesar de estarmos dentro de água. Mesmo assim, a única coisa que fazemos é beijar-nos. Este beijo dura vários minutos. É ao mesmo tempo insuficiente e mais do que suficiente.

— Beyah — murmura ele contra a minha boca. — Podia ficar aqui para sempre, mas talvez seja melhor regressarmos, antes que anoiteça.

Assinto, mas beijo-o novamente, porque, na verdade, não quero saber se anoitece ou não. O Samson ri-se, mas depressa se cala e volta ao beijo ainda com mais rapidez.

Quem me dera que houvesse mais partes dele que pudesse alcançar. Não

consigo parar de passar as mãos pelo peito, pelos ombros e pelas costas dele. Acabam no seu cabelo à medida que a boca desce sobre o meu peito. Sinto a respiração quente dele sobre a minha pele, mesmo no meio dos seios. Ele leva a mão à minha nuca e sinto-o tocar no nó do fio do biquíni.

A seguir, olha-me nos olhos, a pedir-me permissão em silêncio. Assinto e ele puxa suavemente a ponta do fio até este se soltar.

As fitas do biquíni caem e o Samson inclina-se para a frente, beijando-me a parte de cima do peito. Começa a descer lentamente a boca até a pousar sobre o mamilo.

Inspiro, trémula. A sensação da língua dele contra a minha pele provoca-me arrepios no corpo todo. Fecho os olhos e encosto a cara ao cimo da sua cabeça enquanto desejo que ele não pare nunca.

Mas ele para, graças ao barulho de um motor que se ouve ao longe.

Assim que o ouvimos, ele afasta-se de imediato. Há uma carrinha na praia e vem na nossa direção.

O Samson pega no fio do biquíni e volta a atá-lo atrás do meu pescoço. Solto um gemido e acho que até faço beicinho. Voltamos para a praia, apesar de a carrinha ter dado meia-volta antes de chegar perto de nós e seguir agora na direção oposta.

Estamos ambos calados enquanto guardamos as nossas coisas no carrinho de golfe. O sol começa a pôr-se do outro lado da península, lançando um brilho vermelho e lilás através do céu. O vento vindo do mar aumentou um pouco de intensidade, e eu, por instantes, olho para o Samson. Ele está parado, de frente para a brisa, com os olhos fechados. Emana uma serenidade que passa também para mim.

Os estados de espírito dele são contagiosos. Ainda bem que só tem dois ou três. Desde que passo tanto tempo com ele, nunca me senti tão estável como agora.

— Alguma vez fechaste os olhos e ficaste só a ouvir o mar? — pergunta. Abre os olhos e vira-se para mim.

— Não.

A seguir, volta a virar-se para a água e a fechar os olhos.

— Experimenta.

Fecho os olhos e expiro. A mão do Samson encontra a minha e ficamos os dois juntos, em silêncio, de frente para a água.

Procuro escutar o que ele escuta.

As gaivotas.

As ondas.

A paz.

A esperança.

Não sei quanto tempo ficamos aqui, porque me deixo envolver nesta meditação. Acho que nunca fiquei parada num sítio só, de olhos fechados, libertando simplesmente os meus pensamentos.

Liberto-os agora. Todos.

Acabo por ter a sensação de que o mundo fica mergulhado num silêncio absoluto.

Sinto-me a ser arrancada deste silêncio quando o Samson me beija a parte de trás da cabeça. Abro os olhos e inspiro profundamente.

E é assim que acaba. Jantar, uma sessão de beijos no mar e uma meditação para aliviar o stress. Que belo encontro.

— Onde é que está o teu cão? — pergunta ele, quando começa a subir para o carrinho de golfe.

Olho em redor, mas não vejo o *Queijo Pepper Jack* em lado nenhum. Chamo por ele, mas ele não aparece a correr. O meu coração acelera um pouco e isto não passa despercebido.

O Samson chama-o.

Começo a ficar preocupada, porque estamos bastante longe das nossas casas e, se não o encontrarmos, ele pode não conseguir descobrir o caminho sozinho.

— Se calhar está atrás das dunas — sugere o Samson. Vamos ambos naquela direção e passamos sobre os montes altos de areia. O Samson agarra-me nas

mãos e ajuda-me a subir uma duna. Quando chegamos ao topo, olho para o outro lado e fico imediatamente aliviada ao ver o *P.J.*.

— Oh, graças a Deus — digo, descendo o outro lado da duna.

— O que é que ele está a fazer? — pergunta o Samson, caminhando atrás de mim. O *P.J.* está talvez a três metros de distância, a escavar furiosamente na areia.

— Talvez tenha encontrado alguns caranguejos.

Quando chegamos ao pé dele, fico petrificada. Não sei o que é que ele encontrou, mas não é um caranguejo. Parece um…

— Samson? — murmuro. — O que é aquilo?

O Samson põe-se de joelhos e começa a sacudir pó do que parecem ser ossos com a forma de uma mão.

Puxo o *P.J.* para trás, mas ele debate-se para escapar das minhas mãos. O Samson está a escavar agora, a afastar a areia, revelando cada vez mais do que é, obviamente, um braço humano.

— Oh, meu Deus — murmuro. Tapo a boca com a mão e o *P.J.* foge, afastando-se de mim. Apressa-se a ir para junto do Samson, que o empurra.

— Senta! — ordena ao cão.

O *P.J.* senta-se, mas fica a ganir.

Baixo-me de joelhos ao lado do Samson e fico a ver enquanto ele continua a destapar mais ossos.

— Talvez não devêssemos tocar nisto — sugiro.

O Samson não diz nada. Continua a escavar até chegar ao ombro de um esqueleto. Ainda tem uma camisa vestida. É vermelha axadrezada, já desbotada e rasgada. O Samson toca num pedaço do tecido, que se desfaz sob as suas mãos.

— Achas que é um corpo completo?

Ele continua sem me responder. Limita-se a ficar agachado para trás e a fitar o chão.

— Vou buscar o meu telemóvel para ligarmos à polícia. — Começo a

levantar-me, mas o Samson agarra-me no pulso. Olho para ele e vejo súplica nos seus olhos.

— Não faças isso.

— O quê? — Abano a cabeça. — Nós temos de comunicar isto.

— Não, Beyah — diz ele novamente. Nunca o vi com uma expressão tão inflexível. — Este homem é aquele de quem te falei no outro dia. O Rake. Reconheço a camisa. — Volta a olhar para o braço que desenterrou. — A polícia vai limitar-se a enterrá-lo como um indigente.

— Mesmo assim, temos de comunicar que o encontrámos. É um cadáver. Uma pessoa desaparecida.

Ele torna a abanar a cabeça.

— Ele não foi dado como desaparecido. Como te disse, ninguém se apercebeu sequer que ele tinha desaparecido. — Pela postura do Samson, consigo perceber que não vou conseguir fazê-lo mudar de ideias. — Ele haveria de querer ficar no mar. É o único sítio onde realmente pertence.

Ficamos ambos em silêncio durante algum tempo enquanto pensamos.

Não sei exatamente porquê, mas sinto que esta não é uma decisão minha. Mas não quero ficar aqui nem mais um segundo, isso é certo.

O Samson levanta-se e desaparece para a encosta da duna. Eu não tenho a menor intenção de ficar aqui sozinha com um cadáver, por isso vou atrás dele.

O Samson vai até ao mar e, quando está a poucos passos da água, para de caminhar e prende as mãos atrás da cabeça. Fico para trás, porque ele parece precisar de um minuto para processar isto tudo.

Fica a olhar para a água durante o que me parece ser uma eternidade. Eu ando de um lado para o outro atrás dele, dividida entre fazer o que sei que é mais correto ou deixar essa decisão ao critério do Samson. Ele é que conhecia o homem, não eu.

Algum tempo depois, quebro finalmente o silêncio.

— Samson?

Ele não se vira para mim. Quando fala, a sua voz é determinada:

— Preciso que leves o carrinho de golfe para casa.

— Sozinha?

Ele assente, ainda de costas para mim.

— Vou ter contigo logo à noite.

— Não te vou deixar aqui. É demasiado longe para caminhares às escuras.

Vira-se então para mim, e, quando o faz, é uma pessoa completamente diferente da que era há dez minutos. As suas feições estão endurecidas e há mais qualquer coisa recentemente despedaçada dentro de si.

Caminha na minha direção e segura-me no rosto com as mãos. Tem os olhos vermelhos, como se estivesse na iminência de chorar.

— *Por favor* — suplica. — Vai-te embora. Preciso de fazer isto sozinho.

A sua voz transmite dor. Uma dor que não me é familiar.

É uma agonia que esperava sentir depois de ter encontrado a minha mãe morta, em vez de me ter sentido apenas vazia e entorpecida.

Não faço ideia por que razão precisa disto, mas consigo perceber que a necessidade que ele tem que o deixe fazer o que tem a fazer é maior do que a minha necessidade de discordar dele. Assinto, e a minha voz é um mero murmúrio quando lhe digo:

— Está bem.

Pela primeira vez na vida, sinto uma necessidade avassaladora de abraçar alguém, mas não o faço. Não quero que o nosso primeiro abraço fique ligado a um momento tão estranho. Subo para o carrinho de golfe.

— Leva o *P.J.* contigo — diz ele. Espero enquanto ele volta a subir a duna para o ir buscar. Quando regressa com o *P.J.*, senta-o no lugar do passageiro. O Samson agarra a parte de cima do carrinho de golfe e, quando fala, a sua voz tem um tom inexpressivo.

— Eu fico bem, Beyah. Vemo-nos logo à noite. — Afasta-se do carrinho de golfe e torna a subir a duna.

Vou para casa, deixando o Samson com algo que sei que nunca me vai explicar e de que, provavelmente, não voltará a falar.

DEZOITO

Estou preocupada com o Samson, como é evidente. Mas quanto mais tempo fico aqui sentada à espera dele, mais me pergunto se esta preocupação devia ser acompanhada por fúria.

Não foi justo da parte dele pedir-me para me vir embora, mas a expressão dos seus olhos fazia crer que era muito mais importante para ele levar os restos mortais do Rake para o mar do que era para mim comunicar a descoberta do corpo à polícia.

Eu já vi merdas bastante perturbadoras na minha vida. Uns quantos ossos a serem transportados de uma duna para o mar é uma coisa surpreendente, mas não é algo chocante para mim. Não sei bem o que isto diz a meu respeito. Ou do Samson, a bem dizer.

Apesar de não estar zangada com ele, estou preocupada. Tenho o estômago todo aos nós. Já cheguei a casa há quase quatro horas. Para tentar passar o tempo, fui tomar um duche, jantei e estive a conversar distraída com o meu pai e com a Alana. Mas a minha cabeça esteve sempre concentrada no Samson, do outro lado daquela duna.

Estou sentada em frente à fogueira, à espera, a fitar a casa escura do Samson.

— Onde é que está o Samson? — pergunta a Sara.

Excelente pergunta.

— Está a ajudar uma pessoa. Vem daqui a pouco. — Bebo um gole de água para lavar as mentiras da boca. Uma parte de mim quer contar a verdade à Sara, mas sei que não o devo fazer. Como podia chegar ao pé dela e dizer: *Olha, Sara, há restos mortais ali ao fundo da praia e o Samson está a desenterrá-los e a levar as ossadas para o mar*.

Pois, talvez ela não fosse capaz de lidar com uma coisa desta magnitude.

— Então, como é que foi o beijo? — pergunta-me ela a seguir.

Quando olho para a Sara, ela está a fitar-me com os olhos cheios de esperança.

Tenho a sensação de que a Sara, provavelmente, preferia ter outra pessoa com quem trocar mexericos enquanto ambas lavassem os dentes à noite. Fico triste por ela não ter podido ter alguém assim. Em vez disso, ficou comigo, alguém que não sabe divertir-se.

— Para dizer a verdade, o beijo foi um pouco deprimente.

— Como assim? Porquê?

— Não estou a dizer que não foi um bom beijo. Ele beija muito bem. Mas… está sempre tão sério. E eu também. É difícil partilhar um beijo sexy e divertido quando nenhum dos dois tem a leveza para se saber divertir. — Suspiro e apoio a cabeça na cadeira. — Por vezes, gostava de ser mais como tu.

A Sara solta uma gargalhada.

— Se fosses mais como eu, o Samson não olhava para ti como olha.

Isto faz-me sorrir. Talvez ela tenha razão. Algumas pessoas encaixam simplesmente uma na outra. Eu certamente não encaixaria com o Marcos, e ela também não encaixaria com o Samson.

Quem me dera que o nosso outono e inverno encaixassem tão bem quanto o nosso verão.

A Sara levanta as mãos no ar quando começa a dar uma música que não conheço.

— Adoro esta canção! — Põe-se de pé num salto e começa a dançar. O Marcos levanta-se e vai dançar com ela. Não é uma música romântica, por isso estão os dois aos saltos e às voltas como se a vida de ambos fosse leve, solta e descontraída.

Fico a vê-los a dançar até a canção acabar e a Sara se deixar cair na cadeira, ofegante. Estende a mão para uma garrafa de álcool que está pousada na areia.

— Toma — diz ela, entregando-ma. — O álcool torna tudo mais divertido.

Levo a garrafa à boca e faço de conta que bebo um gole. Preferia ser aborrecida a transformar-me na minha mãe, por isso não tenho o menor desejo de beber o que quer que seja. Mas, para agradar à Sara, faço de conta. Já estive a noite toda com uma disposição negativa, não quero recusar o álcool e fazer com

que ela se sinta culpada por estar a beber. Devolvo-lhe a garrafa no mesmo instante em que alguma coisa atrás dela me chama a atenção.

Até que enfim. Já lá vão quatro horas.

O Samson tem de fazer este caminho para ir para casa. Vem coberto de areia e tem um ar cansado. Quando os nossos olhares se cruzam, até parece sentir-se um pouco culpado. Desvia os olhos rapidamente, mas depois vira-se enquanto passa por nós. Volta a levantar os olhos ao mesmo tempo que caminha para trás. Faz-me sinal com a cabeça, inclinando-a em direção à sua casa, depois vira-se novamente e desaparece na escuridão.

— Alguém te chamou — diz a Sara.

Continuo sentada durante alguns instantes, sem querer parecer demasiado ansiosa por ir atrás dele.

— Pois, mas não sou nenhum cão.

— Vocês zangaram-se?

— Não.

— Então, vai atrás dele. Eu gosto quando o Marcos me chama. Significa que vai acontecer alguma coisa boa. — Olha para o Marcos e diz: — Ei, Marcos, chama-me lá!

O Marcos acena imediatamente com a cabeça e a Sara salta da cadeira para ir ter com ele, caindo no seu colo com dramatismo. A cadeira cai para trás e acabam os dois na areia. O Marcos continua a segurar a cerveja no ar. Não entornou uma única gota.

Deixo-os sozinhos e encaminho-me para a casa do Samson. Quando me aproximo, ouço a água do chuveiro exterior a correr. Avanço pelo chão de betão do piso das palafitas da casa dele. Nunca estive aqui muito tempo, mas é um espaço muito agradável. Além do chuveiro, tem um bar e algumas mesas. Não sei porque não passamos aqui as noites, em vez de irmos para a praia. O Samson tem aquele tipo de casa que seria perfeita para festas, mas não parece ser o tipo de pessoa que as organiza.

Quando me aproximo do chuveiro, não vejo os calções dele, o que significa

que ainda está vestido. O chuveiro não tem porta. As paredes são de madeira e há uma abertura depois da curva à esquerda que tenho de dobrar antes de o ver.

Está de costas para mim. Tem as palmas das mãos apoiadas contra a madeira e a água cai-lhe na nuca. A cabeça está descaída entre os ombros.

— Desculpa — diz ele baixinho. Vira-se e afasta o cabelo molhado da testa.

— Porquê?

— Por te colocar nesta posição. Por esperar que guardes segredos quando não te conto nenhum dos meus.

— Não me pediste para não contar a ninguém. Só me disseste para não ligar à polícia.

Ele passa a mão pelo rosto e recua para ficar debaixo da água.

— Contaste a alguém?

— Não.

— Vais contar?

— Se não quiseres que conte, eu não o faço.

— Preferia que isto ficasse entre nós — diz ele.

Concordo em silêncio. Não é assim tão difícil para mim guardar segredos. Sou uma profissional nessa matéria.

Até gosto que o Samson seja um livro fechado. Não se pode realmente não gostar de um livro que ainda não lemos. Mas acho que consigo ser paciente com ele, porque me disse que acabará por me contar todas as suas verdades. Caso contrário, podia achar que ele não valia o esforço.

— Sinto que esta história do Rake tem mais que se lhe diga — afirmo. — Vais explicar-ma quando me deres todas as outras respostas no dia 2 de agosto?

Ele assente.

— Sim. Nessa altura, conto-te tudo.

— Vou começar a fazer uma lista de todas as perguntas para as quais quero respostas.

Os lábios dele contorcem-se, como se eu estivesse a diverti-lo.

— No dia 2 de agosto respondo a todas as perguntas.

Dou um passo na direção dele.

— Prometes?

— Prometo.

Pego numa das mãos dele. Ele tem sujidade por baixo das unhas todas.

— Desenterraste tudo?

— Sim.

— E tens a certeza de que era ele?

— Absoluta.

Pela sua voz e pela postura, ele parece exausto. Talvez até esteja triste. Acho que o Rake era uma parte muito mais significativa da sua vida do que ele me contou. Olho de relance para o fio e depois para o rosto dele. Está a fitar-me atentamente, com a água a escorrer-lhe pelo rosto abaixo.

As minhas roupas estão a ficar molhadas por causa dos salpicos, por isso tiro a t-shirt e atiro-a por cima da parede do chuveiro. Fico com os calções e a parte de cima do biquíni vestidos e começo a ajudar o Samson a limpar as unhas. Ele deixa-se ficar pacientemente de pé enquanto tiro a sujidade de baixo de cada unha e a seguir lhe lavo as mãos com sabonete.

Quando acabo, o Samson agarra-me na mão e puxa-me até eu ficar debaixo de água com ele. Beija-me e eu acompanho os seus movimentos enquanto ele se encosta à parede, tirando-me para fora de água.

É um beijo demorado. As mãos dele repousam nas minhas ancas enquanto ele se recosta na parede do chuveiro e me deixa conduzir o momento.

Encosto-me a ele, pressionando o peito contra o peito despido dele e envolvendo o seu pescoço com a minha mão esquerda. *Não devia ter dito à Sara que o beijo foi deprimente. É uma descrição terrível para o que isto realmente é.*

Duradouro seria uma palavra melhor.

Todos os nossos beijos me parecem importantes, algo que vai ficar comigo para sempre. Não são pequenas e efémeras demonstrações de afeto. Há qualquer coisa maior por detrás dele, algo mais do que uma mera atração. Neste momento,

este algo maior é tristeza, e quero afastar este sentimento dele, mesmo que seja só por alguns minutos.

Arrasto a mão direita pelo peito dele até os meus dedos tocarem no elástico dos calções. Meto a mão por dentro dos calções e, quando o faço, o Samson inspira bruscamente. Paramos de nos beijar enquanto lhe toco pela primeira vez. Os olhos estão intensamente focados nos meus, como se me dissesse em silêncio que não preciso de fazer isto, enquanto, ao mesmo tempo, me pede para não parar.

Envolvo firmemente o pénis dele com a mão e ele atira a cabeça para trás, com um suspiro.

— Beyah — murmura.

Beijo-lhe o pescoço e começo a mexer a mão devagar para cima e para baixo. Ele é muito maior do que o Dakota, o que não me surpreende. Todos os aspetos do Samson são maiores, mais profundos do que em qualquer outra pessoa que conheço.

Uso a mão esquerda para baixar os calções de maneira que o tecido não nos deixe confinados. Ficamos nesta posição durante pelo menos uns dois minutos. Eu a tocá-lo e o Samson a respirar de modo pesado e profundo, agarrando as minhas ancas com mais força à medida que o acaricio. Observo o rosto dele o tempo todo, sem conseguir desviar o olhar. Por vezes, ele olha para mim, outras vezes, fecha os olhos com força, como se isto fosse demasiado.

Quando todos os músculos do corpo dele começam a ficar sob tensão, ele leva subitamente uma mão ao meu cabelo e puxa-mo com suavidade, inclinando-me a cabeça para trás, para a sua boca pousar sobre a minha. Dá dois passos rápidos e encosta-me à parede oposta do chuveiro, enquanto me beija com mais força do que alguma vez já me beijou.

A minha mão continua a agarrá-lo, e é como se ele não conseguisse respirar e beijar-me ao mesmo tempo, porque interrompe o beijo e encosta o lado da cabeça ao meu. Tem a boca mesmo por cima do meu ouvido quando o ouço soltar um som gutural:

— Foda-se…

Quando começa a estremecer debaixo da minha mão, sinto-me trespassada por arrepios que me cruzam o corpo todo. Continuo a acariciá-lo até sentir o fluxo quente e pegajoso dele na palma da minha mão, até ele suspirar de prazer e enterrar o rosto no meu pescoço.

O Samson demora um instante a recuperar o fôlego e depois pega no chuveiro. Coloca-o entre nós, para lavar o seu corpo e a minha mão, e a seguir deixa-o cair no chão antes de me beijar novamente.

Está a ofegar como se tivesse acabado de correr uma maratona. Eu devo estar com uma respiração semelhante.

Quando finalmente se afasta e olha para mim, algum do peso que o seu olhar tinha já não está lá. Era tudo o que eu queria, que ele se sentisse um pouco melhor com o que lhe aconteceu esta noite naquela praia.

Beijo-lhe o canto da boca com ternura, preparando-me para dizer boa noite, mas ele passa os dedos pelo meu cabelo molhado e murmura:

— Quando é que me vais deixar abraçar-te?

Os seus olhos têm uma expressão de súplica, como se precisasse mais de um abraço do que disto que acabei de lhe dar.

Se não tivesse tanto medo de desatar a chorar, provavelmente deixava-o abraçar-me agora mesmo. Ele parece perceber nos meus olhos a guerra interior que estou a travar, porque assente e beija-me o lado da cabeça.

— Boa noite — murmuro.

— Boa noite, Beyah. — Desliga o chuveiro e eu pego na t-shirt, visto-a e vou-me embora.

DEZANOVE

As cinco casas do Samson estão arrendadas durante o fim de semana do 4 de Julho, por isso ele fica esses dias em casa do Marcos.

Já se passou uma semana desde que encontrou o Rake, mas não voltámos a falar disso. Falta menos de um mês para chegarmos a 2 de agosto, o dia em que vou ter todas as minhas respostas. Não estou muito ansiosa pela chegada dessa data. Para mim, 2 de agosto é apenas a véspera do dia em que vamos ter de nos despedir.

Estou a tentar pensar apenas no dia de hoje.

E hoje as praias estão tão movimentadas que nem temos vontade de ir para lá. Estamos na varanda do Marcos. A casa dele fica a algumas ruas da praia, e é por isso que aqui estamos. Há tanta música e o barulho é tanto, com mais bêbedos do que é possível encontrar em qualquer bar do Texas, que nenhum de nós tem vontade de estar perto destas multidões.

Esta noite jantámos com a família do Marcos. Ele tem duas irmãs mais novas e a casa é um bulício de atividade, conversas e comida. O Samson parece estar muito à vontade com a família do Marcos, o que me faz questionar como será quando está com a sua própria família.

Também farão refeições em família, como o meu pai e a Alana gostam de fazer? Iriam aceitar-me se alguma vez me conhecessem? Algo me diz que não, senão ele não seria tão reservado a respeito deles.

Mas esta noite sinto-me acolhida nesta família. Acolhida e bem alimentada. O meu plano para ganhar algum peso durante o verão foi um sucesso. Já nem sei se caibo no único par de calças de ganga que trouxe comigo. A minha roupa de verão tem-se resumido a calções e biquínis.

O sol está prestes a pôr-se, mas o fogo de artifício começou antes disso. Agora que já escureceu, está a aumentar e vê-se em toda a península.

— O fogo de artifício de Galveston vai começar daqui a uns minutos — diz a

Sara. — Quem me dera que o conseguíssemos ver daqui.

— Somos capazes de conseguir ver bem do telhado da Marjorie — diz o Samson.

— Achas que ela nos deixava entrar? — pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Depende se estiver acordada ou não.

O Marcos levanta-se.

— Ninguém consegue dormir com esta barulheira.

Vamos todos para a casa da Marjorie, incluindo o *P.J.*, que estava à nossa espera junto da casa do Marcos.

Quando chegamos à rua da Marjorie, ela está sentada no alpendre a observar a comoção na praia. Vê-nos a aproximar-nos e diz:

— Pensei que viessem mais cedo. — Acena com a mão para a porta da frente. — Estejam à vontade.

— Obrigado, Marjorie — diz o Samson.

Depois de entrarmos, ele espera que a Sara e o Marcos subam as escadas primeiro, depois subo eu. Quando chegamos à passagem para o telhado, a Sara sai pela janela de mãos e joelhos apoiados. O Marcos tenta ajudá-la a levantar-se, mas ela abana a cabeça.

— É demasiado alto. Não consigo mexer-me.

O Samson solta uma gargalhada.

— Tenta chegar a meio do telhado, ali só vês o céu, não vês o chão.

A Sara gatinha até meio do telhado. Depois, seguimo-la e sentamo-nos ao lado dela. O Samson senta-se ao meu lado.

— Como é que consegues andar aqui em pé? — pergunta-lhe a Sara.

— Não olho para baixo — responde ele.

A Sara tapa o rosto por um instante enquanto tenta acalmar as tonturas que sente.

— Não fazia ideia de que tinha medo de alturas.

O Marcos põe um braço à volta do corpo dela.

— Anda cá, fofa. — Ela chega-se para perto dele, e vê-lo a abraçá-la assim deixa-me bastante consciente de que eu e o Samson nem sequer estamos a tocar um no outro. Olho de relance para ele, mas está a contemplar o fogo de artifício algures na praia.

— A Marjorie não tem família? — pergunto.

Ele olha para mim e sorri.

— Tem um filho que é advogado em Houston. Vem visitá-la algumas vezes por mês.

Isto faz-me sentir melhor.

O Samson vê o alívio no meu rosto, debruça-se na minha direção e dá-me um beijo rápido no rosto.

— Tu és querida — murmura. Depois, agarra-me na mão, entrelaça os dedos nos meus e ficamos a ver o fogo de artifício em silêncio.

Quanto mais tempo passa, mais explosões há no ar. Vemo-las em toda a nossa volta, na baía, vindas de Galveston. Não sei como, mas até há fogo de artifício a ser lançado no meio do mar.

O Marcos olha para a Sara e diz:

— Este teria sido um momento excelente para te pedir em casamento, com fogo de artifício como pano de fundo. É uma pena só nos termos conhecido nas férias da Páscoa.

— Traz-me aqui no próximo ano — diz ela. — E eu faço de conta que nunca tivemos esta conversa.

Eles dão-me vontade de rir.

Alguns minutos depois, a Sara diz ao Marcos que tem de descer porque está a sentir tonturas. Eles os dois vão-se embora, mas eu e o Samson continuamos no telhado da Marjorie.

Dou por mim a olhar mais para o Samson do que para o fogo de artifício. Ele parece enamorado de tudo.

— Nunca vi a Darya tão bonita — murmura ele.

Espera. *O quê*? Darya é o nome da rapariga que ele disse que lhe partiu o

coração.

— Olha como o fogo de artifício se reflete nela — diz ele, apontando para a água. Olho na direção do dedo dele e depois para ele, mas estou confusa.

— Estás a chamar Darya à água do *mar*?

— Sim — diz ele, com toda a descontração. — Darya significa *o mar*. Era assim que o Rake lhe chamava.

— Disseste-me que a Darya foi a ex-namorada que te partiu o coração.

O Samson solta uma gargalhada.

— Disse-te que a Darya me partiu o coração, mas nunca disse que estava a falar de uma rapariga.

Tento recordar esta conversa. Ele esteve o tempo todo a falar da *água*?

— Como é que o mar pode partir-te o coração?

— Conto-te no dia…

— Dois de agosto — completo a frase dele enquanto reviro os olhos. Afasto-me um pouco e levo a mão ao bolso para pegar no telemóvel. — Estou sempre a tomar notas, sabias? Já me deves muitas explicações.

O Samson ri-se.

— Posso ver a lista?

Depois de acrescentar esta última pergunta, entrego-lhe o telemóvel. Ele começa a ler a lista.

«Por que razão não queres falar das casas que o teu pai arrenda? Quem era o tipo que interrompeu o nosso jantar? Qual foi a pior coisa que já fizeste na vida? Porque é que não gostas de falar da tua família? Qual é a verdadeira história do Rake? Com quantas raparigas já fizeste sexo?» Ele hesita e, por instantes, olha para mim, regressando depois à lista. «Qual é o teu nome completo? Como é que o mar te partiu o coração?»

Fica a olhar para o meu telemóvel durante alguns instantes e depois devolve-mo.

— Dez — diz ele. — Mas, na verdade, só me lembro de nove. A minha memória de uma das raparigas é bastante difusa.

Dez. São muitas, em comparação comigo, mas não tantas tendo em conta o que presumi que o seu passado envolvia. Ele podia ter dito 50, que eu não sei se ficaria surpreendida.

— Dez não é um número muito alto.

— Comparado com o teu um, até é — diz ele, a provocar-me.

— Pensei que fossem mais, só isso. Pela forma como a Sara me falou de ti, parecia que todos os fins de semana dormias com uma rapariga diferente.

— Raramente durmo com elas. Mas não faço ideia de com quantas já curti. Por favor, não me faças essa pergunta no dia 2, porque não vou conseguir responder.

Uma enorme explosão de fogo de artifício começa a rebentar mesmo à nossa frente. A atenção do Samson desvia-se de mim para o espetáculo de luz, mas eu continuo a olhar para ele.

— Por vezes, questiono-me se quero mesmo saber as respostas a estas perguntas. Acho que uma das coisas de que mais gosto em ti é o mistério que te rodeia. Se bem que é, ao mesmo tempo, uma das coisas de que *menos* gosto em ti.

O Samson não me encara quando me pergunta:

— Queres saber qual é a minha coisa favorita em ti?

— Qual é?

— Que tu sejas a única pessoa que já conheci que talvez gostasse mais de mim se eu fosse pobre.

É a mais honesta das verdades.

— Tens toda a razão. O teu dinheiro é decididamente aquilo de que menos gosto em ti.

O Samson beija-me o ombro e depois volta a fitar a água.

— Estou feliz por teres aparecido aqui este verão, Beyah.

— Eu também — murmuro.

VINTE

Não gosto de tomar a pílula. Já a tomo há quase uma semana e sinto que está a mexer-me com as emoções. Estou a começar a sentir ainda mais intensamente as coisas que senti quando cá cheguei. Há momentos em que tenho umas saudades terríveis da minha mãe. Outros em que me convenço de que estou apaixonada pelo Samson. Outros ainda em que me sinto entusiasmada por estar a conversar com o meu pai.

Não sei exatamente no que estou a transformar -me, mas não tenho a certeza se gosto. Duvido que tenha realmente que ver com a pílula contracetiva, mas sabe-me bem poder atribuir a culpa a outra coisa qualquer.

O Samson esteve fora durante a maior parte do dia. Eu e a Sara passámos algum tempo na praia com o Marcos, sem o Samson. Já passa da hora do jantar e estamos com fome, por isso estamos a começar a arrumar as nossas coisas quando três rapazes começam a montar uma rede de voleibol na praia, entre a nossa casa e a do Samson. Quando eu e a Sara pousamos as nossas cadeiras de praia nos arrumos do piso de baixo, volto a olhar para trás, na direção deles.

Sinto uma pontada estranha no peito, como se o voleibol fosse uma coisa da qual sinto falta.

Nunca pensei que isto pudesse acontecer.

— Vou perguntar-lhes se posso jogar com eles — digo. — Queres vir?

A Sara abana a cabeça.

— Quero ir tomar um duche. Até no rabo tenho areia! — Dirige-se para as escadas. — Mas diverte-te. Dá cabo deles.

Quando chego ao pé dos rapazes, eles estão prestes a começar uma partida de um contra um.

O terceiro rapaz está sentado na linha lateral invisível do campo, enquanto os outros dois se posicionam para começar a jogar.

— Olá — cumprimento-os, interrompendo. Viram-se os três e olham para

mim. Agora que estou um pouco mais perto, sinto-me algo intimidada. Depois de ver o tamanho deles, fico com receio de fazer uma triste figura. — Precisam de mais uma pessoa para jogar?

Eles entreolham-se. O mais alto dos três tem um sorriso malandro no rosto quando pergunta:

— Tens a certeza de que queres jogar connosco?

Aquele sorriso irrita-me.

— Claro. E, para ser mais justo para vocês, até posso fazer equipa com o que joga pior.

Eles começam a rir-se. Depois, dois deles apontam para o rapaz que ficou sentado.

— Ele é o pior dos três.

O rapaz na areia concorda.

— É verdade. Sou péssimo nisto.

— Ótimo. Vamos jogar. — O *P.J.* está ao meu lado, por isso vou com ele até um sítio onde não vai estorvar e digo-lhe para ficar sentado.

Antes de começarmos a jogar, os rapazes apresentam-se. O que faz equipa comigo chama-se Joe, o mais alto é o Topher e o outro é o Walker. O Walker serve a bola para mim e eu atiro-a com facilidade por cima da rede.

O Walker passa a bola para o Topher, que tenta rematá-la para o chão perto de mim. Antes que ele dê por isso, já estou na rede a bloqueá-la com sucesso.

— Impressionante — resmunga o Topher, depois de eu conseguir o meu primeiro ponto.

Marco três pontos antes de o Joe tocar sequer na bola.

Há algum tempo que não faço exercício físico, por isso reparo que estou a ficar cansada mais depressa do que é habitual. Também vou atribuir as culpas disto à pílula. E à areia. Nunca joguei na areia.

Eles marcam mais dois pontos antes de eu e o Joe trocarmos de posições. Estou prestes a fazer o serviço quando vejo o Samson de pé na varanda de casa.

Está a fitar-me, a observar-nos. Aceno, mas ele não me responde.

Estará com ciúmes?

Afasta-se da varanda e entra em casa.

Mas que raio?

Isto deixa-me completamente furiosa. O Samson sabe que eu jogo voleibol. Devia poder jogar um simples jogo de voleibol à vontade sem ele partir do princípio de que estou a meter-me com algum destes três rapazes.

A fúria que sinto serve para alimentar o serviço, fazendo-me bater na bola com mais força do que pretendia. Felizmente, cai dentro do campo, mesmo ao lado da linha.

Era disto que eu estava com receio. Quanto mais tempo passar com o Samson, mais coisas sobre ele poderei descobrir, e talvez não goste assim tanto de algumas. O ciúme é decididamente algo que não me agrada.

Acabamos mais uma ronda rápida antes de eu conseguir olhar de relance para a varanda dele. Ainda não voltou a sair.

Descarrego toda a minha fúria e energia no jogo. Atiro-me à bola e caio de joelhos. Caio mais três vezes antes de o Joe voltar a tocar na bola. Quando este jogo acabar, vou estar da cor de uma beringela.

Marcamos mais um ponto e estamos empatados a quatro. O Joe vem até mim e dá-me um «dá cá mais cinco».

— Este é capaz de ser o primeiro jogo que ganho — diz ele.

Rio-me dele, mas o meu sorriso vacila quando vejo o Samson a descer as escadas. Se vier até aqui fazer uma cena, vou ficar tão zangada!

E vem mesmo. Ele vem para aqui.

E traz… uma *cadeira*.

— Cuidado! — grita o Joe. Levanto os olhos e vejo a bola a vir rumo a nós, quase fora do meu alcance. Mergulho para a apanhar e, quando chego ao chão, fico com a boca cheia de areia, não conseguindo tocar na bola.

— Levanta-te, Beyah! — ouço o Samson a gritar.

Ponho-me de pé num salto e olho na direção dele. Está a vir rumo a nós, com a cadeira na mão. Pousa-a na areia ao lado do *P.J.*, a cerca de um metro e meio

da rede, e senta-se, tirando os óculos de sol e colocando-os na cabeça. Depois, põe as mãos em concha à volta da boca.

— Vai, Beyah, força! — grita.

O que é que ele está a fazer?

A seguir, a bola vai na direção do Joe, que a posiciona finalmente na perfeição para eu a rematar junto à rede. Mal eles sabem que eu era a melhor atacante da minha equipa junto à rede.

Remato a bola para a areia mesmo entre o Topher e o Walker. Quando a bola bate no chão e ganhamos um ponto, o Samson salta da cadeira.

— Sim! — grita. — Continua, Beyah!

Quando me apercebo do que ele está a fazer, fico boquiaberta. O Samson lembra-se de que lhe contei que nunca ninguém foi ver um dos meus jogos.

Ele veio torcer por mim.

— Quem é que é este tipo? — pergunta o Joe, fitando o Samson.

O Samson sobe para a cadeira e começa a gritar:

— Beyah! Beyah!

É capaz de ser a coisa mais pirosa que já vi na vida. Um rapaz, sozinho no meio de uma multidão invisível, a gritar a plenos pulmões por uma rapariga que sabe que nunca teve ninguém a gritar por ela.

É também a coisa mais comovente que alguém já fez por mim.

O Topher faz o serviço e eu fico surpreendida por conseguir acertar na bola através das nuvens de lágrimas que me enchem os olhos.

Porra para as emoções. Também vou culpar a pílula por este momento.

O Samson não se cala. Parece-me que os três rapazes estão a ficar aborrecidos com ele, mas acho que nunca sorri tanto na minha vida. Sorrio no meio de todas as quedas, de todos os pontos e de todas as vezes que fico sem ar. Sorrio porque nunca gostei tanto de jogar voleibol como neste preciso momento. Sorrio porque o Samson me fez perceber as saudades que tinha disto. Vou comprar uma bola de voleibol imediatamente. Preciso de começar a treinar.

Não que esteja a jogar tão mal como o Joe. Ele está a dar o seu melhor, mas

sou eu quem nos mantém em jogo. A certa altura, ele está tão ofegante que se afasta e me deixa sozinha durante uns bons 30 segundos.

Quando o jogo se aproxima do fim, estou milagrosamente à frente por um ponto. Se conseguir marcar mais um, ganho.

Reparo que o Samson fica em silêncio quando levanto a bola para fazer o serviço. Olha intensamente para mim, como se estivesse mesmo a gostar. As suas únicas manifestações são um sorriso tímido e os polegares para cima. Inspiro, faço o serviço e rezo para que a bola bata na areia do outro lado da rede.

A bola passa mesmo junto à rede. O Topher e o Walker mergulham para a apanharem, mas sei que nenhum dos dois vai conseguir chegar a ela. *Ponto Direto*! Quando a bola bate na areia com um baque surdo, o Samson dá um salto da cadeira.

— Conseguiste!

Fico ali de pé, em choque.

Consegui. Diria que *conseguimos*, mas a verdade é que o Joe não me ajudou muito. Choco a minha mão contra a dele e a seguir cumprimento os outros dois rapazes com um aperto de mão.

— Tu és mesmo boa jogadora — diz o Topher. — Queres jogar mais uma partida?

Olho para o Samson e abano a cabeça. Procuro recuperar o fôlego e digo:

— Hoje, não, mas se quiserem jogar amanhã, estou por aqui.

Aceno-lhes e vou a correr para o Samson. Ele recebe-me com o maior sorriso do mundo. Atiro os braços em redor do pescoço dele e ele apanha-me e gira comigo no ar. Quando os meus pés voltam a tocar na areia, ele não me larga.

— Tu és uma máquina, porra! — exclama. Limpa-me a areia do rosto. — Uma máquina implacável.

Solto uma gargalhada e o Samson puxa-me para si. Pressiona o rosto contra o cimo da minha cabeça e aperta-me com força.

Apercebemo-nos ao mesmo tempo do que está a acontecer entre nós. Sinto o

corpo dele a hesitar, como se não soubesse ao certo se devia soltar-me ou abraçar-me com mais força.

Tenho o rosto pressionado contra a t-shirt dele.

Tiro os braços do pescoço do Samson e ponho-os em redor da sua cintura. Fecho os olhos e deixo-me mergulhar na proximidade do corpo dele.

Sinto os braços dele a apertarem-me com mais força, acariciando-me as costas com uma mão e soltando um suspiro. Ajeita-se um pouco, para o meu corpo se encaixar ainda melhor no dele.

E depois deixamo-nos ficar assim, enquanto o mundo gira à nossa volta. Ele a abraçar-me e eu a deixar-me ser abraçada.

A *desejar* ser abraçada.

Não fazia ideia de que isto me iria saber tão bem. Nada disto. Todos os momentos que passei com ele são avassaladores e excitantes, e eu sinto-os mesmo no centro do meu peito. É como se ele tivesse acordado uma parte de mim que esteve adormecida durante 19 anos. Desfruto de tantas coisas que achava que nunca iria conseguir desfrutar.

Gosto de ser beijada por alguém que realmente me respeita. Adoro que ele se sinta tão orgulhoso de mim a ponto de me levantar no ar e andar comigo à roda. Deu-se ao trabalho de ir gritar como um idiota na parte lateral do campo num simples jogo de voleibol de praia só para me fazer sentir melhor.

A certa altura deste abraço, começo a chorar. Não é um choro evidente, mas sinto as lágrimas a caírem-me pelo rosto.

Para ser franca, não sinto que estejamos suficientemente próximos, apesar de não podermos estar mais encostados um ao outro. Quero derreter-me nele. Quero tornar-me uma parte de si. Quero ver se consigo fazer com que o interior do peito dele se sinta tão vivo quanto ele me faz sentir.

É como se ele percebesse que não o quero largar. Levanta-me até as minhas pernas lhe contornarem a cintura e depois leva-me diretamente para a casa dele, para longe dos rapazes.

Quando chegamos ao piso de baixo, ele pousa-me no chão. Afasto-me dele

com relutância e levanto os olhos para o fitar, mas, com o sol a pôr-se e as sombras das palafitas, não o vejo assim tão bem quanto gostaria. Resta muito pouca luz no céu e a penumbra lança uma sombra sobre os olhos dele. Ele passa os dois polegares pelo meu rosto, limpando a humidade das lágrimas. Depois, beija-me.

O nosso sabor é uma mistura de lágrimas e grãos de areia.

Afasto-me.

— Preciso de tomar banho. Tenho areia em todo o lado.

— Usa o chuveiro exterior — diz ele, fazendo sinal para o chuveiro.

Não lhe largo a mão enquanto entramos juntos no chuveiro. Tenho o corpo todo dorido e ainda estou um pouco ofegante. O Samson tira a t-shirt e deixa-a cair no chão antes de entrar no chuveiro. Liga a água e desvia-se, para eu poder ficar debaixo dela. Abro a boca para tirar os grãos de areia que ainda tenho e, a seguir, bebo um pouco.

Pego no chuveiro e lavo o corpo para tirar a areia. O Samson encosta-se à parede e fica o tempo todo a observar-me.

Gosto da forma como me olha. Apesar de estar escuro, sobretudo aqui no chuveiro, ele parece absorver cada centímetro do meu corpo.

Quando acabo de me passar por água, volto a pendurar o chuveiro no suporte. Pelo canto do olho, vejo o Samson mexer-se e, a seguir, sinto-o atrás de mim. Põe um braço à minha volta e pressiona a palma da mão sobre o meu estômago.

Encosto a cabeça ao ombro dele e viro o rosto para ele. O Samson pousa a boca sobre a minha.

Ficamos assim enquanto nos beijamos — as minhas costas contra o peito dele, o braço a abraçar-me por trás. A mão dele desliza pela minha barriga e desaparece atrás da parte de cima do biquíni.

Cobre-me o seio com a mão e eu inspiro de imediato, num arquejo. Depois, a outra mão começa a descer pela minha barriga. Quando chega à costura do biquíni, põe o polegar por dentro e afasta-se da minha boca. Olha-me nos meus olhos e percebe qual é a minha resposta.

Não quero que pare.

Entreabro os lábios, já a prever o que ele vai fazer.

Ele observa o meu rosto enquanto a mão desaparece entre as minhas pernas. Arqueio as costas e gemo, e este movimento faz com que a mão dele me toque ainda com mais pressão.

Desde a noite em que nos beijámos pela primeira vez que imaginei qual seria a sensação de estar assim com ele, mas as suas carícias põem a minha imaginação a um canto.

Não é preciso muito tempo para todo o meu corpo reagir. É embaraçosamente rápido o tempo que demoro a estremecer sob o toque dos seus dedos. Agarro a perna dele atrás de mim e aperto-lhe a coxa. Ele deixa-se cair contra a parede e leva-me consigo, sem nunca interromper o ritmo das carícias. Felizmente, quando tudo começa a ser demasiado intenso, ele beija-me e abafa os meus gemidos e ruídos.

Quando tudo acaba, o Samson continua a beijar-me. Tira a mão do meio das minhas pernas e vira-me até ficar encostada ao peito dele.

Estou completamente ofegante quando me deixo cair sobre ele, os meus braços estão inertes e as pernas doridas. Suspiro com dificuldade.

— Quero fazer uma tatuagem — diz o Samson.

Solto uma gargalhada contra o peito dele.

— *Essa* é a primeira coisa em que estás a pensar neste momento?

— Não, foi a segunda coisa em que pensei — diz ele. — Só não disse a primeira em voz alta.

— Qual era a primeira? — Olho para ele.

— Acho que é óbvia.

Abano a cabeça.

— Não, não é. Receio que tenhas mesmo de a dizer em voz alta.

Ele baixa a cabeça e encosta os lábios ao meu ouvido.

— Mal posso esperar pela nossa primeira vez — murmura. Depois, desliga a

água e sai do chuveiro como se aquele pensamento nunca tivesse sido pronunciado. — Queres uma? — pergunta.

Acho que ainda estou um pouco em choque, por isso demoro alguns segundos a responder-lhe.

— Uma quê?

— Uma tatuagem.

Até agora, nunca achei que queria.

— Sim, acho que quero.

O Samson espreita novamente para o chuveiro e sorri.

— Olha bem para nós, a decidir fazer tatuagens de forma tão espontânea. Somos mesmo divertidos, Beyah!

VINTE E UM

— Tive uma ideia — diz o Marcos com a boca cheia de comida. — O meu amigo Jackson.

Hoje é noite de jantar batismal. É novamente pequeno-almoço. Não temos estado a falar de nada demasiado específico, por isso ninguém percebe ao que o Marcos se está a referir. Olhamos para ele com rostos inexpressivos e ele aponta para o outro lado da mesa, para o Samson.

— O Jackson tem cabelo louro-escuro e olhos azuis. A estrutura das vossas caras é diferente, mas é um estúdio de tatuagens, duvido que olhem mesmo para a vossa identificação.

Ah. Isso. O Samson não sabe onde tem a carteira e já se passaram três dias desde que falou em fazer uma tatuagem.

Não se pode fazer tatuagens sem mostrar a identificação, e, apesar de já ter virado a casa do avesso nestes três dias, ainda não teve sorte. Acha que os últimos hóspedes a encontraram e a levaram. Disse que tem sempre a carteira na mochila, mas fomos os dois procurá-la e não estava lá. Todas as restantes coisas estão nos seus sítios. Não sei como costuma andar com a mochila para trás e para a frente tão descontraidamente, pois pesa uns 25 quilos.

O Samson pondera a sugestão do Marcos e depois encolhe os ombros.

— Vale a pena tentar.

— Um estúdio de tatuagens? — pergunta o meu pai. — Quem é que vai fazer uma tatuagem?

A Sara aponta imediatamente para mim e para o Samson.

— Estes dois. Eu é que não vou.

— Graças a Deus — resmunga a Alana.

Não que eu seja mais do que a filha do seu marido, mas o comentário dela irrita-me. Não se importa que eu faça uma tatuagem, mas fica obviamente aliviada por a sua filha não a querer fazer.

O meu pai olha para mim e pergunta.

— O que é que vais fazer?

Aponto para o interior do meu pulso.

— Vou fazer qualquer coisa aqui, mas ainda não sei bem o quê.

— E quando é que vão fazê-lo?

— Hoje à noite — responde o Marcos, pegando no telemóvel. — O Jackson disse que podemos passar por casa dele e que te empresta a carta de condução.

— Fixe — diz o Samson.

— Já sabes o que é que vais fazer, Samson?

— Ainda não — responde, levando uma garfada grande de ovos mexidos à boca.

O meu pai abana a cabeça.

— Daqui a algumas horas, vocês os dois vão tatuar uma coisa que vai ficar na vossa pele para o resto da vida e nem sequer sabem o que querem tatuar?

— Ainda temos de apanhar o *ferry* para lá chegarmos — diz o Samson. — Há muito tempo para pensar nisso. — Chega a cadeira para trás e levanta-se. Segura uma fatia de bacon na mão enquanto leva o prato para a cozinha. — Se calhar, era melhor irmos andando. A fila no *ferry* é capaz de ser grande, uma vez que o fim de semana já acabou.

— Beyah — diz o meu pai com uma voz suplicante. — Talvez seja melhor pensares neste assunto durante algumas semanas.

Que coisa tão parental de se dizer. Acho que gosto.

— Acredita em mim, pai, hei de ter arrependimentos muito maiores na minha vida do que uma simples tatuagem.

A expressão dele vacila quando me ouve a dizer isto. A minha intenção era fazer uma piada, mas agora ele fica com um ar genuinamente preocupado a respeito das minhas capacidades de decisão.

*

O estúdio de tatuagens está vazio, o que me parece jogar a nosso favor. Quando o tipo aceitou a carta de condução falsa do Samson, primeiro olhou para ele e depois outra vez para a carta de condução. Abanou a cabeça, mas não disse nada. Limitou-se a desaparecer pela porta para fazer cópias dos nossos documentos.

Antes de aqui virmos, quando o Marcos chegou ao carro com a carta de condução do Jackson, não consegui parar de rir. Ele deve ter menos 20 quilos do que o Samson e é uns bons 15 centímetros mais baixo. O Marcos disse ao Samson que, se no estúdio de tatuagens não acreditassem que era ele, bastava dizer que tem andado a fazer musculação.

Eles nem puseram nada em causa. Eu, se fosse o Samson, ficava ofendida.

— Devem estar desesperados por clientes — murmuro. — Ele nem sequer te perguntou nada.

O Samson faz deslizar para a minha frente um álbum de fotografias com ideias para tatuagens. Pega num outro álbum e começamos os dois a folhear as páginas.

— Quero uma coisa delicada — digo, passando por páginas de corações e flores, mas nada me chama a atenção.

— Eu quero o oposto de delicado — diz o Samson.

Qual é o oposto de delicado? Avanço para o fim do álbum, onde encontro tatuagens que devem ser mais do tipo do Samson do que do meu, mas nenhuma delas parece ser o que ele quer. Quando chego à última página, fecho o álbum e tento concentrar-me.

Delicado, para mim, significa gracioso, suave, frágil. Por isso, o oposto seria o quê? Forte? Duradouro? Talvez até ameaçador?

Depois de pensar nisto, sei imediatamente o que ele devia fazer. Pego no telemóvel e procuro fotografias de furacões. Passo por várias antes de encontrar uma que acho que ele vai adorar.

— Encontrei uma que acho que devias fazer.

O Samson nem levanta os olhos do álbum enquanto diz:

— Está bem. — Continua a passar as páginas e vira o braço esquerdo para

cima. — Quero-a aqui. — Aponta para o interior do antebraço, na parte de cima. — Vai mostrar o desenho ao rapaz para ele começar a preparar tudo.

— Mas não queres ver primeiro o que é?

O Samson desliza os olhos até aos meus.

— Achas que vou adorar?

Assinto.

— Acho.

— Nesse caso, é essa a tatuagem que quero fazer. — É tão descontraído em relação a isto, como se não houvesse a menor dúvida de que esta tatuagem é mais sobre mim do que qualquer outra coisa. Não consigo evitar beijá-lo depois disto.

*

Esta noite há dois tatuadores a trabalhar, mas, apesar de ambos termos decidido fazer uma tatuagem, ainda não encontrei o que quero. O Samson já está sentado na cadeira, com a agulha da máquina pressionada contra o seu braço. Tem a cabeça virada para o lado oposto, para não ver o que é antes de a tatuagem estar acabada.

Está a procurar no telemóvel, a tentar ajudar-me a encontrar algo de que goste.

— E se for o nascer do sol? — pergunta-me.

Não é uma má ideia, por isso vou procurar alguns desenhos. Acabo por decidir que não quero um nascer do sol.

— Isso parece-me que vai precisar de muita tinta, e esse tipo de paisagem fica melhor se for maior. Quero começar com uma tatuagem pequena.

Já vi todos os álbuns de tatuagens que há no estúdio. Começo a pensar que se calhar o meu pai tinha razão. Talvez precise de pensar um pouco melhor nisto.

— Tenho uma ideia — diz o Samson. — Devíamos procurar significados e ver se há símbolos que se relacionem com eles.

— Está bem.

— O que é que queres que simbolize? — pergunta.

— Talvez alguma coisa que signifique sorte. Dava-me jeito ter um pouco mais de sorte na minha vida.

Ele começa a procurar no telemóvel enquanto eu verifico o progresso da sua tatuagem. Apesar de ter escolhido um furacão, não é o típico desenho a tinta preta. Escolhi uma tatuagem que se assemelha a uma imagem de radar, com tons vermelhos, amarelos, azuis e verdes. Não é necessariamente uma tatuagem em aguarela, mas as cores estão juntas em espiral contra os contornos a preto esbatido e a visão geral acaba por parecer uma aguarela.

Está a ficar ainda melhor do que imaginei.

— Encontrei a tua — diz o Samson. Faz o gesto de me entregar o telemóvel para eu ver o que escolheu para mim, mas não o aceito.

— Confio em ti — digo. É mais do que justo.

— Não devias.

Depois de dizer estas palavras, a expressão do seu rosto trespassa-me como uma pontada de desconforto. Ele tem razão. Não devia confiar numa pessoa sobre a qual nada sei. Só concordei para o deixar fazer aquilo que fiz por ele — aceitar cegamente a tatuagem que escolhi. No entanto, entre os dois, estranhamente, sinto que eu sou a mais confiável. Pego no telemóvel e olho para a imagem.

— O que é?

— Um cata-vento.

Olho para a fotografia. É delicado e colorido. E ele não sabe que escolhi um furacão para ele, por isso ficamos os dois com tatuagens que parecem um padrão de rotação.

— Diz-se que os cata-ventos ajudam a transformar o azar em sorte.

— É perfeito — murmuro.

*

A Sara e o Marcos estão na rua desde que começámos a preencher a papelada para as tatuagens, o que já foi há mais de duas horas e meia, mas ainda nenhum dos dois veio cá dentro queixar-se da espera. De certeza que arranjaram qualquer coisa com que se entreter.

A minha tatuagem já está terminada. É perfeita. O tatuador fez o contorno com uma linha preta fina e depois coloriu o interior do cata-vento, mas as cores escorrem para lá do contorno, como se fossem pingos de tinta. Fi-la no pulso esquerdo. Mostrei-a ao Samson e tirei uma fotografia antes de o rapaz a tapar com uma película protetora.

O tatuador do Samson faz a última limpeza à tatuagem. Ele não espreitou uma única vez.

— Já está — diz o rapaz.

O Samson senta-se na cadeira sem olhar para a tatuagem. Levanta-se e vai até à casa de banho, depois faz-me sinal com a cabeça para o seguir.

Quer vê-la sem ninguém por perto. Não o culpo. Pode detestá-la, e, se assim fosse, não era só eu que ficaria a sentir-me mal, mas também o tatuador.

Entro na casa de banho com ele e fecho a porta. É uma casa de banho pequena, por isso estamos mesmo juntinhos.

— Estás nervoso?

— Não estava — diz ele. — Mas agora que já está feita, sim, sinto-me nervoso.

Sorrio e depois começo a balançar-me sobre os dedos dos pés, tal é a minha ansiedade.

— Vê lá, estou tão impaciente.

O Samson olha para a tatuagem pela primeira vez. Tem mais ou menos o tamanho de um punho e está mesmo por baixo da curva interior do cotovelo. Fito o rosto dele à espera de uma reação.

Mas ele não tem reação.

Limita-se a olhar para ela.

— É o furacão Ike — explico, passando o dedo por cima do desenho. —

Escolhi uma imagem de radar de quando estava mesmo sobre a Península Bolivar e pedi ao tatuador que a transformasse numa tatuagem.

A única coisa que recebo do Samson é um suspiro. E não consigo perceber se é um suspiro bom ou não.

Agora sinto-me mesmo ansiosa. Estava tão convencida de que ele ia gostar; nem sequer pensei no que podia significar se ele não aprovasse a minha escolha.

O Samson levanta os olhos devagar. A expressão dele não revela absolutamente nada sobre o que está a pensar.

Mas depois agarra-me no rosto e beija-me de repente, com tanta força que bato contra a porta da casa de banho. *Acho que isto significa que ele gosta*. Baixa as mãos até às minhas coxas e levanta-me encostada à porta até estar completamente embrulhada nele, como se estivesse a tentar dar um nó permanente entre os dois.

Beija-me com uma intensidade inteiramente nova, algo com que nunca me beijou antes. Agora que me deparo com *esta* resposta, não sei se teria sido adequada qualquer outra reação ao ver a sua tatuagem.

Ele movimenta-se contra mim de uma forma que me faz gemer, mas, assim que o faço, afasta a boca da minha como se o meu gemido fosse um enorme sinal de STOP. Baixa a testa contra a minha e, quando fala, as suas palavras surgem carregadas de emoção.

— Se não merecesses melhor do que isto, fazia amor contigo aqui mesmo.

E eu deixava.

VINTE E DOIS

—Não. — A resposta do meu pai é categórica.

— Por favor, pai!

— Não.

— Tenho 19 anos.

— Ela já está a tomar a pílula — diz a Alana.

Pouso o garfo e pressiono a mão contra a testa. Nem sei porque me dei ao trabalho de lhe perguntar se podia passar a noite em casa do Samson. Devia ter-me esgueirado e regressado antes de ele acordar e pronto. Mas estou a tentar não quebrar nenhuma das suas regras.

A Sara acabou de comer antes de esta discussão começar e está com ar de quem está a gostar muito. Está sentada à mesa com o joelho puxado até ao peito, a assistir à conversa como se fosse um programa de televisão. Só lhe falta um pacote de pipocas.

— A tua mãe deixa-te passar noites fora de casa com rapazes? — pergunta o meu pai.

Solto uma gargalhada meia desolada perante isto.

— A minha mãe não se interessa onde passo as noites. Mas eu *quero* que tu te interesses. E também adoraria se pudesses confiar em mim.

O meu pai passa a mão pela cara como se não soubesse o que deve fazer. Olha para a Alana à procura de respostas.

— Tu deixavas a Sara passar a noite com o Marcos?

— A Sara e o Marcos passam montes de noites juntos — diz a Alana.

Olho de relance para a Sara e ela endireita-se na sua cadeira.

— Não passamos nada.

A Alana roda a cabeça.

— Eu não sou parva, Sara.

A Sara fica com uma expressão de verdadeira surpresa.

— Oh. Pensava que não sabias.

Solto uma gargalhada, mas mais ninguém se ri.

Perante esta notícia, o meu pai parece mais dividido do que nunca.

— Escuta, pai — digo, com toda a suavidade que consigo reunir. — Eu não estava realmente a pedir a tua autorização. Estava mais ou menos a dizer-te que esta noite vou ficar em casa do Samson. Era um gesto de cortesia, porque estou na tua casa e estou a tentar respeitar-te. Mas, se me dissesses simplesmente que sim, ias tornar tudo muito mais fácil.

O meu pai geme e recosta-se na cadeira.

— Ainda bem que dei uns murros àquele miúdo quando tive oportunidade para isso — resmunga. Depois, acena para a porta da frente. — Está bem, como queiras. Mas… que não se torne um hábito. E é bom que chegues a casa antes de eu acordar, para poder fazer de conta que esta noite nunca aconteceu.

— Obrigada — digo, afastando-me da mesa. A Sara vem imediatamente atrás de mim enquanto saio da cozinha e subo as escadas. Quando chegamos ao meu quarto, deixa-se cair em cima da cama.

— Não acredito que a minha mãe sabe que o Marcos às vezes dorme cá em casa. Pensei que éramos tão sorrateiros.

— Até podem ser sorrateiros, mas não são certamente silenciosos.

Ela solta uma gargalhada.

— Não posso deixar o Marcos descobrir que a minha mãe sabe. Ele gosta do lado proibido da coisa.

Mando uma mensagem ao Samson para lhe dizer que vou mesmo dormir em casa dele, depois abro o armário e olho para a roupa.

— O que é que vou vestir?

— Não me parece que isso seja importante. O objetivo é acabar a noite sem roupa nenhuma, não é?

Consigo sentir um arrepio na pele com os nervos. Já fiz sexo muitas vezes, mas nunca numa cama. E nunca completamente despida. E, decididamente, nunca com alguém de quem gosto.

O Samson manda-me uma mensagem com um *emoji* de fogo de artifício. Reviro os olhos e guardo o telemóvel no bolso.

— Vocês ainda não fizeram sexo? — pergunta a Sara.

Decido não mudar de roupa. Ponho uma t-shirt lavada e roupa interior na minha mochila.

— Ainda não.

— Porquê?

— Porque não temos tido muitas oportunidades para isso — respondo. — Estamos sempre contigo e com o Marcos. E quando estamos sozinhos… bem, já fizemos outras coisas. Mas não *isso*.

— Eu e o Marcos fazemos sexo montes de vezes. Até enquanto vocês estavam a fazer as tatuagens na semana passada.

Olho para ela e estremeço.

— No banco de trás do carro?

— Sim. Duas vezes.

Que nojo. Eu e o Samson viemos para casa sentados naquele banco.

— Amanhã vais contar-me os detalhes todos? Ou só vou receber mais um «dá cá mais cinco»?

A Sara tem sido muito paciente comigo, considerando o pouco que partilho em relação a alguns aspetos da minha vida e a forma como sou brusca em relação a outros.

— Amanhã conto-te tudo — digo, mesmo antes de sair do meu quarto. — Prometo.

— Quero todos os pormenores! Se for preciso, toma notas!

Felizmente, o meu pai e a Alana já não estão na cozinha e posso sair de casa sem ter de continuar a discutir o facto de que esta noite vou para a cama com o nosso vizinho. Não estou nada habituada a ter uma família que debate todos os assuntos tão abertamente como eles.

O Samson está à minha espera ao fundo das escadas.

— Estás assim tão desesperado? — provoco-o.

Ele beija-me e tira-me a mochila.

— Estou ansioso.

Começamos a caminhar em direção à casa dele e o *P.J.* vem atrás de nós, mas o Samson não tem uma cama onde ele possa dormir.

— *P.J.*, vai para casa! — Aponto para as escadas e o *P.J.* hesita por um instante. Repito a ordem e ele lá volta para trás, subindo as nossas escadas.

O Samson agarra-me a mão e segura-a até entrarmos na sua casa. Fecha a porta da frente atrás de si, insere o código do alarme e descalça os ténis.

Olho em redor, questionando-me onde é que isto vai acontecer. *Como* é que vai acontecer. É um pouco estranho saber o que aí vem. No que diz respeito ao sexo, prefiro a espontaneidade aos planos. O Dakota tratava-me como se fizesse parte de uma escala rigorosa e rotativa.

— Tens sede? — pergunta o Samson.

Abano a cabeça.

— Estou bem.

Ele atira a minha mochila contra a parede, para junto da sua. Agarra-me na mão e vira-me o pulso para cima, para ver a minha tatuagem. Já as fizemos há uma semana e ambas cicatrizaram bem. Quase me dá vontade de fazer outra, mas sinto que preciso de esperar até ter um bom motivo para isso. Fazer esta com o Samson foi algo importante e especial. Vou esperar por outro momento importante na minha vida para fazer a segunda.

— Ficou mesmo muito bonita — diz ele, passando um dedo sobre o desenho.

— Acabaste por não me dizer se gostavas da tua.

— Disse-te que a adorava logo na noite em que a fiz. Só não to disse por palavras. — Desliza os dedos entre os meus e leva-me pelas escadas acima. Quando abre a porta do quarto, deixa-me entrar primeiro.

As portas da varanda estão abertas, deixando entrar uma brisa que agita as cortinas finas. A cama está imaculadamente feita, e continuo a não acreditar que ele mantém a casa sempre tão limpa. O Samson liga um candeeiro na mesa de cabeceira.

— É bonito — digo, caminhando até à varanda. Saio e olho de relance para o meu quarto. Esqueci-me da luz ligada, e consigo ver a minha cama com grande nitidez. — Dá mesmo para ver o meu quarto.

O Samson está ao meu lado.

— Sim, eu sei. Tu é que não deixas a luz ligada vezes suficientes.

Olho para ele e vejo que está a sorrir com um ar malandro. Empurro-lhe o ombro a brincar e volto a entrar no quarto. Vou até à cama e sento-me na beira do colchão. Tiro os ténis e, em seguida, deito-me na sua cama a observá-lo. Ele caminha lentamente até à cama e olha para mim de todos os ângulos.

— Sinto que estás a rodear-me como se fosse a tua presa — digo.

— Bem, não quero ser o tubarão desta história. — O Samson deixa-se cair para cima da cama e apoia a cabeça na mão. — Pronto, agora sou o plâncton.

— Assim está melhor — digo a sorrir.

Ele acaricia uma madeixa do meu cabelo por cima da orelha e revela uma expressão pensativa no rosto.

— Estás nervosa?

— Não. Sinto-me confortável ao teu lado.

Esta frase faz com que uma breve sombra de preocupação lhe tolde as feições, quase como se fosse desconfortável para ele que me sinta confortável na sua companhia. Mas é uma expressão fugaz, que rapidamente desaparece.

— Eu *vi* esse pensamento — digo baixinho.

— Que pensamento?

— Esse pensamento negativo que acabou de te ocorrer. — Levo o dedo até ao meio das sobrancelhas dele. — Estava aqui, neste ponto.

Ele fica em silêncio enquanto digere as minhas palavras.

— Para alguém que não sabe muito sobre mim, a verdade é que sabes muito sobre mim.

— As coisas que manténs em segredo não são as que importa realmente saber.

— Como é que sabes isso, se não fazes ideia dos segredos que escondo de ti? — pergunta ele.

— Não preciso de saber nada sobre o teu passado para perceber que és uma boa pessoa. Consigo vê-lo através das tuas ações e da forma como me tratas. Por que motivo haveria de me importar o tipo de família que tens, ou quão rico és, ou o que significaram as pessoas do teu passado antes de nos conhecermos? — O pensamento negativo está de volta, por isso levanto o dedo e aliso a ruga na testa dele. — Para com isso — murmuro. — És demasiado duro contigo mesmo.

O Samson deixa-se cair para trás e pousa as mãos sobre o peito. Fica a fitar o teto por um instante, por isso chego-me para trás para ficar mais perto dele e apoio a cabeça na mão. Toco no fio dele e depois passo o dedo pelo pescoço até chegar aos lábios.

Ele vira o rosto para mim.

— Se calhar não devíamos fazer isto.

As palavras dele são mais uma pergunta do que uma afirmação, por isso abano imediatamente cabeça.

— Mas eu quero.

— Não é justo para ti.

— Porquê? Porque não sei tudo a teu respeito?

Ele assente.

— Se soubesses toda a verdade sobre mim, não creio que estivesses agora a dizer que sim.

Encosto brevemente os meus lábios aos dele.

— Estás a ser dramático.

— Por acaso, não estou — diz ele. — Mas vivi uma vida dramática que é capaz de não te agradar muito.

— É a mesma coisa. Somos ambos dramáticos porque temos pais e passados dramáticos. Se parasses de te sentir tão culpado, podíamos estar neste momento a fazer sexo dramático também.

Ele sorri. Endireito-me na cama e tiro a t-shirt. A preocupação desaparece dos olhos dele quando me puxa para cima de si, de modo a ficar sentada com uma perna de cada lado do seu corpo. Ele parece já estar a postos, mas levanta a mão

e contorna lentamente a renda do meu soutien como se não tivesse pressa absolutamente nenhuma.

— Eu só fiz sexo na carrinha do Dakota — digo. — Esta será a minha primeira vez numa cama.

O Samson arrasta o dedo até à minha barriga, parando junto aos botões dos calções.

— Esta será a minha primeira vez com alguém de quem realmente gosto.

Tento ser tão estoica como ele quando o ouço fazer esta declaração, mas as suas palavras trespassam-me de tal forma que franzo o sobrolho.

Ele leva a mão à minha boca e arrasta os dedos sobre os lábios.

— Porque é que ficaste triste agora?

Penso em abanar a cabeça para não responder a esta pergunta, mas, se há uma coisa que aprendi este verão, é que os segredos não são assim tão valiosos como eu pensava. Prefiro optar pela honestidade.

— Quando dizes coisas dessas, faz-me ter medo do dia em que nos vamos despedir. Não estava à espera de acabar o verão com o coração partido.

O Samson vira a cabeça e olha para mim com uma candura absoluta.

— Não te preocupes. Os corações não têm ossos. Não podem partir-se de verdade.

Ele rebola para cima de mim e tira a t-shirt, o que é o suficiente para me acalmar durante dois segundos, mas os meus pensamentos regressam ao ponto em que estavam antes de ele ficar meio despido.

Baixa-se por cima de mim, mas, antes de nos beijarmos novamente, digo:

— Se dentro de um coração não há nada que se possa partir, porque é que sinto que o meu se vai rachar em dois quando chegar a hora de me ir embora no próximo mês? O teu coração não sente a mesma coisa?

Os olhos do Samson viajam por alguns instantes sobre o meu rosto.

— Sente — murmura. — Sente, sim. Talvez tenhamos deixado crescer ossos nos nossos corações.

Assim que diz isto, agarro-lhe a nuca e puxo-o para a minha boca. Quero

apanhar tantas das suas palavras quanto possível e guardá-las dentro de mim. A frase que disse permanece em pedaços, como se as palavras flutuassem à nossa volta, entre nós, e entrassem através dos meus poros enquanto nos beijamos.

Ele pode ter razão. Talvez tenhamos deixado crescer ossos nos nossos corações. E se a única forma de sabermos se temos ossos no coração é sentir a agonia quando ele se partir?

Tento não pensar na nossa iminente despedida, mas é difícil passar por uma coisa destas, que parece tão perfeita, sem termos a consciência dilacerante de que está prestes a ser-nos arrancada das mãos.

O Samson apoia-se nos joelhos. Puxa o botão dos meus calções até estes se abrirem. Olha-me fixamente enquanto abre o fecho e começa a tirar-me os calções. Levanto as ancas e depois as pernas para o ajudar a despir-me. Ele atira-os para o lado e fica um instante a olhar para mim. Gosto de me ver através da expressão dele, faz-me sentir mais bonita do que provavelmente sou.

Ele puxa os lençóis sobre nós e deita-se ao meu lado enquanto tira os seus calções. Não sinto o menor desconforto, por isso não hesito um segundo em despir a minha roupa interior. Sinto um grande nível de intimidade com ele, como se já tivéssemos feito isto uma dúzia de vezes, mas sinto-me inundada com a ansiedade e a expetativa de quem nunca fez isto na vida.

Quando ficamos completamente despidos debaixo dos lençóis, viramo-nos de lado um para o outro e fitamo-nos. O Samson leva a mão até ao meu rosto e deixa-a ali pousada com suavidade.

— Ainda pareces triste.

— Ainda estou triste.

O Samson desliza a mão pelo meu pescoço, sobre o ombro. Os seus olhos seguem a mão, e ele não está a olhar para os meus olhos quando diz:

— Eu também.

— Então, por que razão temos de nos separar? Eu posso ir para a faculdade, tu podes ir para a Força Aérea, mas podemos continuar em contacto, podemos visitar-nos e…

— *Não podemos*, Beyah. — Os olhos dele voltam aos meus ao dizer isto, mas depois estremecem e desviam-se novamente. — Eu não vou para a Força Aérea. Nunca tive intenção de ir para a Força Aérea.

As palavras dele e a expressão do seu rosto fazem com que sinta o coração já a começar a partir-se. Quero perguntar-lhe o que significa isto, mas tenho demasiado medo de saber a verdade, por isso não o faço.

O Samson suspira pesadamente e inclina-se na minha direção. Quando me beija o ombro, agarra-me o braço com mais força. Fecho os olhos e sinto a sua respiração sobre a minha pele. Desejo tanto dele neste momento. Desejo a sua honestidade, mas também desejo o seu silêncio, o toque e o beijo. Algo me diz que não posso ter tudo. A escolha é entre este momento e a verdade.

Ele aninha o rosto na curva do meu pescoço.

— Por favor, não me perguntes o que isto significa, porque, se o fizeres, vou ser honesto contigo. Não te posso mentir mais. Mas nunca na vida quis tanto uma coisa como quero agora passar esta noite contigo.

As palavras dele deslizam sobre mim como uma onda, rebentando sobre a minha pele com tanta força que estremeço. Passo a mão pelo cabelo dele e viro o rosto até ficarmos a olhar um para o outro.

— Amanhã, quando acordarmos, vais ser honesto comigo?

Ele assente. Não diz nem que sim nem que não em voz alta, mas acredito nele. Acredito nele porque parece ter medo de me perder. E é provável que perca. Mas esta noite sou sua, e é a única coisa que me interessa.

Beijo-o para ele saber que a verdade pode esperar por amanhã. Neste momento, quero sentir o que sempre mereci sentir durante o sexo — que o meu corpo é respeitado, que o meu toque tem mais do que um mero valor monetário.

O Samson vira-se ligeiramente para ir buscar um preservativo à mesa de cabeceira. Depois, coloca-o por baixo dos lençóis e rebola para cima de mim. É paciente enquanto me beija e espera pelo momento certo para entrar em mim.

Quando finalmente o faz, olha-me fixamente, observando a expressão do meu rosto. Arquejo e sustenho a respiração até estarmos tão ligados quanto é

humanamente possível. Ele solta um suspiro trémulo. Depois, quando começa a sair de dentro de mim com a mesma lentidão com que entrou, repousa a boca sobre a minha.

Gemo quando volta a pressionar-se contra mim, espantada com a forma com que o Samson faz com que tudo isto seja uma novidade para mim. Não há uma única célula do meu corpo que não queira estar aqui agora, e isso faz toda a diferença do mundo.

Ele apoia a testa na minha.

— Sentes-te bem com isto?

Abano a cabeça.

— Sinto-me muito melhor do que «bem».

Sinto a sua gargalhada contra o meu pescoço.

— Concordo. — A voz dele parece esforçada, como se estivesse a controlar-se com medo de me magoar.

Encosto a boca à orelha dele e enterro os dedos no seu cabelo.

— Não precisas de ser cuidadoso comigo. — Fecho as pernas em redor do corpo dele e beijo-lhe o pescoço até sentir que a sua pele se arrepia contra a minha língua.

As minhas palavras fazem-no gemer, e é como se, de súbito, tivesse ganhado vida. A boca do Samson encontra a minha e beija-me como se estivesse faminto, toca-me como se morresse de fome.

Não sei como, mas melhora a cada minuto que passa. Encontramos um ritmo entre os dois corpos, um tempo certo para cada beijo e uma cadência para os gemidos em conjunto. Transforma-se em tudo o que nunca senti durante o sexo.

Transforma-se em amor.

Não importa o que a verdade de amanhã nos vai trazer, já sei que não vai alterar o que sinto por ele, apesar de ele estar convencido de que vai. Não sei se ele tem noção do quanto significa para mim. Saber que vou conhecer finalmente a verdade sobre ele não me parece nem um pouco ameaçador.

O Samson faz-me questionar se há alguma diferença entre um mentiroso e

uma pessoa que diz mentiras para proteger alguém da verdade.

Ele não me parece um mentiroso. Parece-me protetor, não desonesto.

Neste momento, o Samson está a ser mais honesto do que nunca comigo e não está a dizer uma única palavra.

Nunca me senti tão apreciada como me sinto neste instante. Não apenas apreciada, saboreada. Respeitada. Desejada.

Talvez até amada.

VINTE E TRÊS

—Lamento muito.

As palavras do Samson parecem uma flecha a trespassar-me. Ainda nem abri os olhos, mas a voz dele parece mais pesarosa do que qualquer outro som que já ouvi.

Terá sido um sonho?

Um pesadelo?

Levo a mão à almofada dele e abro os olhos, mas não encontro nada. Adormeci nos braços dele, mas agora ele já não está aqui e os meus braços estão vazios. Quando me viro e olho em direção à porta do quarto, vejo-o. Tem as mãos atrás das costas. Um agente da polícia está a agarrá-lo por um braço e a empurrá-lo para fora do quarto.

Sento-me de imediato.

— Samson?

Só quando digo o nome dele é que reparo que há outro agente no quarto, uma mulher, que está com a mão na anca, encostada à arma. Puxo os lençóis para tapar o peito. Ela vê o medo nos meus olhos e levanta a mão.

— Podes vestir-te, mas não faças movimentos bruscos.

Sinto a pulsação acelerada enquanto tento perceber o que se passa. A agente baixa-se e atira-me a minha t-shirt. Quando a visto por baixo dos lençóis, sinto as mãos a tremer.

— O que é que se passa?

— Preciso que venhas comigo até ao piso de baixo — diz a agente.

Meu Deus, o que é que está a acontecer? Como é que a noite passou de nós a fazermos amor para o Samson estar algemado pela polícia? Isto tem de ser um erro qualquer. Ou uma piada cruel. Não pode ser real.

— Nós não fizemos nada de errado. — Saio da cama e começo a procurar os

meus calções. Nem me lembro de onde estão, mas também não tenho tempo de procurar. Tenho de os impedir de levarem o Samson.

Precipito-me para a porta, mas a agente diz:

— Espera!

Paro e olho para ela.

— Tens de acabar de te vestir. Estão mais pessoas lá em baixo.

Mais pessoas?

Talvez tenha havido algum assalto. Talvez estejam a confundir o Samson com outra pessoa qualquer. Ou então alguém descobriu o que ele fez com os restos mortais do Rake.

Será que é disso que se trata?

A ideia deixa-me em pânico, porque eu também lá estive. Vi o que ele fez e não comuniquei à polícia, o que faz de mim tão culpada como o Samson.

A agente sai do quarto enquanto visto os calções. Espera por mim e depois segue-me enquanto desço as escadas. Quando chego à sala de estar do Samson, estão lá mais dois agentes.

— O que é que se passa? — murmuro para mim mesma. Olho para a rua e o sol ainda nem nasceu, o que quer dizer que estamos a meio da noite. Eu e o Samson adormecemos já passava da meia-noite.

Olho de relance para o relógio de parede. São duas e meia da manhã.

— Senta-te — diz a agente.

— Estou detida?

— Não. Só temos algumas perguntas para te fazer.

Agora já estou assustada. Não sei porque levaram o Samson.

— Quero o meu pai. Vivemos na casa ao lado. Alguém me pode dizer o que se passa, por favor?

Ela assente e um dos agentes sai de casa.

— Onde é que está o Samson? — pergunto.

— Foi assim que ele disse que se chamava? — A agente pega num bloco de notas e começa a escrever qualquer coisa.

— Sim. Shawn Samson. Esta casa é dele e vocês acabaram de o tirar da sua própria cama a meio da noite.

A porta da frente abre-se e entra outro agente, seguido por um homem com uma criança ao colo. Atrás do homem vem uma mulher. Deve ser a mulher dele, porque agarra-se a ele assim que entram em casa.

Por que razão está aqui tanta gente?

A mulher parece-me familiar, mas não sei de onde a conheço. Tem ar de quem esteve a chorar. O homem olha para mim com desconfiança enquanto entrega a criança à sua mulher.

— Há quanto tempo é que estás instalada aqui? — pergunta a agente.

Abano a cabeça.

— Não estou. Vivo na casa ao lado.

— Como é que conheces o jovem?

Sinto-me zonza e assustada e só quero que o meu pai chegue rapidamente. Não gosto destas perguntas. Quero saber onde está o Samson. Será que preciso de um advogado? Será que o Samson precisa de um advogado?

— Como é que entraste aqui? — A pergunta vem do homem que tinha a criança ao colo.

— Como é que entrei?

— Na *nossa* casa — diz ele.

Na casa *deles*?

Olho primeiro para a mulher e depois para a criança. De seguida, olho para a fotografia ao lado da porta. É ela quem está na fotografia. E a criança também é a mesma.

— Esta casa é sua? — pergunto ao homem.

— É.

— É o dono?

— Sou.

— E o Samson é seu filho?

O homem abana a cabeça.

— Não o conhecemos de lado nenhum.

Volto a olhar para a fotografia. Aquela que o Samson disse ser sua e da mãe. *Será que também mentiu a respeito disso*?

Estou a abanar a cabeça na mais absoluta confusão quando o meu pai irrompe pela porta.

— Beyah? — Entra pela sala, mas para quando um dos agentes pousa a mão no seu ombro e se interpõe entre nós.

— Não se importa de esperar do outro lado da porta, por favor?

— O que é que se passa? — pergunta o meu pai. — Por que razão é que eles estão a ser detidos?

— A sua filha não está detida. Não acreditamos que ela faça parte disto.

— Disto o *quê*? — pergunto.

A agente inspira lentamente, como se não quisesse dizer o que está prestes a dizer.

— A casa pertence a esta família — diz, acenando para o casal e a criança. — O seu amigo não tinha autorização para cá estar. Vai ser acusado de roubo com arrombamento.

— Filho da mãe — diz o meu pai com os dentes cerrados.

Sinto as lágrimas a arderem-me nos olhos.

— Mas isso não pode ser verdade — murmuro. Esta casa é do pai do Samson. Ele até ligou o alarme. Não se consegue invadir uma casa quando se conhece o código do alarme. — Isto deve ser um mal-entendido qualquer.

— Não é um mal-entendido — diz a agente. Guarda o bloco de notas no bolso. — Não te importas de vir connosco à esquadra? Precisamos de fazer um relatório e temos muitas perguntas para te fazer.

Assinto e levanto-me. Eles podem ter muitas perguntas para me fazer, mas eu não tenho certamente respostas para lhes dar.

O meu pai dá um passo em frente e acena com a mão na minha direção.

— A minha filha não fazia ideia de que a casa não pertencia ao rapaz. Fui eu quem lhe deu autorização para aqui dormir esta noite.

— É apenas uma formalidade. O senhor está à vontade para ir à esquadra também, e, se tudo estiver certo, ela pode voltar para casa consigo.

O meu pai assente.

— Não te preocupes, Beyah. Vou já em seguida.

Não me *preocupo*?

Estou aterrorizada, porra!

Antes de sair de casa, pego na minha mochila e na do Samson, que ainda estão ao lado da porta. Entrego-as ao meu pai.

— Podes levar as minhas coisas para casa, por favor? — Não lhe digo que uma das mochilas é do Samson.

Ele aceita-as e olha firmemente para os meus olhos.

— Não respondas a nada até eu chegar.

VINTE E QUATRO

A sala é tão pequena que sinto que nem tem ar suficiente para nós os quatro.

O meu pai está sentado ao meu lado na mesa minúscula, por isso inclino-me para a direita para tentar preservar a minha bolha pessoal. Tenho os cotovelos enterrados na mesa e a cabeça entre as mãos.

Estou preocupada.

O meu pai está só zangado.

— Sabes há quanto tempo é que ele está naquela casa?

Fiquei a saber que o nome da agente é Ferrell. Mas não sei o nome do homem. Ele ainda não disse grande coisa. Está só a tirar notas, e, neste momento, não me apetece olhar para ninguém.

— Não.

— A Beyah mudou-se para cá em junho. Mas o Samson tem estado naquela casa desde as férias da Páscoa. Pelo menos, foi quando o conhecemos.

— Não conhece os donos da casa? — pergunta a agente ao meu pai.

— Não. Já lá vi gente, mas presumi sempre que fossem inquilinos. Nós vivemos em Houston durante a maior parte do ano, por isso ainda não conheço muitos dos vizinhos da nossa zona.

— Sabes como é que o Samson conseguiu desligar o alarme? — Esta pergunta é-me dirigida diretamente.

— Ele sabe o código. Ainda esta noite o vi a ligar o alarme.

— Sabes como é que o obteve?

— Não.

— Conheces mais alguma das casas em que ele tenha ficado?

— Não.

— Sabes onde é que ele fica quando os donos estão em casa?

— Não. — Não sei de quantas formas diferentes lhes posso dizer que não,

mas a verdade é que não sei as respostas para praticamente nenhuma das suas perguntas.

Não sei de onde o Samson é. Não sei o nome do pai dele. Não sei quando faz anos, onde nasceu, onde cresceu, se a sua mãe está viva ou morta. Quantas mais perguntas me fazem, mais embaraçada fico.

Como é que posso não saber nada a respeito dele e, ainda assim, sentir que o conheço tão bem?

Talvez não o conheça de todo.

Esta ideia faz-me pousar a cabeça sobre os braços. Estou cansada e também quero respostas, mas sei que até conseguir falar com o Samson não as vou obter. A única pergunta para a qual preciso realmente de resposta é se ele deixou crescer ossos no seu coração ou não. Se deixou, estará a partir-se neste momento?

Porque o meu está.

— A minha filha não sabe mesmo mais nada — diz o meu pai. — Já é tarde. Podem ligar-nos para casa se surgir mais alguma pergunta?

— Claro que sim. Deixe-me só verificar uma coisa rapidamente antes de se irem embora. Voltamos já.

Ouço ambos os agentes a sair da sala, levanto a cabeça e, a seguir, recosto-me na cadeira.

— Estás bem? — pergunta o meu pai.

Assinto. Se lhe disser que não estou bem, ele vai começar uma conversa, e eu prefiro não falar.

A porta abre-se, o que me dá uma oportunidade de ver o que se passa fora da sala. Um homem que está claramente sob o efeito de qualquer coisa encontra-se sob detenção numa sala do outro lado do corredor. Enquanto estivemos nesta sala, ouvimo-lo a fazer ruídos ininteligíveis sem motivo aparente. De cada vez que o fazia, eu estremecia.

Devia estar habituada a este comportamento, porque era uma constante na minha casa. A minha mãe passava o tempo todo a murmurar sozinha,

principalmente durante o último ano. Ela até falava com pessoas que não estavam presentes.

Quase me esqueci de como é viver com um dependente de drogas. Fico triste ao ver aquele homem ali. A cadeia não o vai ajudar com o vício, da mesma forma que nunca ajudou a minha mãe. Quando muito, ainda vai fazer pior. Ser preso e libertado vezes sem conta é um ciclo que se fortalece a cada nova detenção.

A minha mãe foi presa várias vezes. Não sei exatamente por que motivos, mas estavam sempre relacionados com drogas. Posse. Intenção de compra. Lembro-me que uma vizinha veio várias vezes a nossa casa a meio da noite e me levou para dormir na sua casa.

A minha mãe precisava de mais ajuda do que aquela que eu lhe conseguia dar. Tentei ajudá-la várias vezes, mas não era capaz de fazer mais. Agora, ao olhar para trás, quem me dera ter podido fazer mais. Talvez devesse ter pedido ajuda ao meu pai.

Se ela não estivesse tão doente, acho que não seria uma má pessoa. É isso que a dependência é, certo? Uma doença. Uma doença à qual sou suscetível, mas que estou determinada a não apanhar.

Questiono-me o que poderia ter sido a minha mãe se não fosse viciada em drogas. Seria de alguma forma parecida comigo?

Olho de relance para o meu pai.

— Como é que era a minha mãe quando a conheceste?

Ele parece incomodado com a pergunta. Abana a cabeça.

— Para te dizer a verdade, não me lembro bem. Desculpa.

Não sei por que motivo estava à espera de que ele se lembrasse de alguma coisa. Foi apenas uma noite, quando ele era pouco mais velho do que eu. O mais certo era estarem os dois embriagados. Por vezes, tenho vontade de lhe perguntar como se conheceram, mas não sei ao certo se quero saber. De certeza que foi num bar e que não foi um momento romântico de que ele consiga recordar-se.

Questiono-me como o meu pai se tornou uma pessoa normal enquanto a

minha mãe se tornou a pior versão de si mesma. Terá sido simplesmente porque era viciada? Foi um desequilíbrio entre o inato e o adquirido na sua vida?

— Achas que os humanos são a única espécie que se deixa viciar? — pergunto ao meu pai.

— Como assim?

— Em drogas e álcool. Achas que os animais têm alguns vícios?

Os olhos do meu pai perscrutam o meu rosto como se não conseguisse entender as perguntas que saem da minha boca.

— Acho que li algures que os ratinhos de laboratório também podem ficar viciados em morfina — diz ele.

— Não era disso que estava a falar. Gostava de saber se, no ambiente natural de um animal, também há coisas que os possam deixar viciados. Ou se os humanos são a única espécie que sabota a sua própria vida e a de todos os que os rodeiam quando se deixa cair no vício.

O meu pai coça a testa.

— A tua mãe é dependente de substâncias, Beyah? — pergunta. — É isso que me estás a dizer?

Não acredito que deixei passar este tempo todo e ainda não lhe contei que ela morreu. Não acredito que ele ainda não percebeu.

— Agora já não é.

Os olhos dele semicerram-se com preocupação.

— Eu nem sabia que já tinha sido. — Olha para mim, inabalável na sua preocupação. — Estás bem?

Reviro os olhos perante a sua pergunta.

— Estamos sentados na esquadra da polícia a meio da noite. Não, pai, não estou bem.

Ele pestaneja duas vezes.

— Pois, eu sei. Mas as tuas perguntas. Elas… não fazem muito sentido.

Solto uma risada. Parece mesmo a risada do meu pai. É a coisa nova em mim de que menos gosto.

Levanto-me para esticar as pernas. Vou até à porta, na esperança de ver o Samson em algum lado, mas ele não está aqui.

Parece existir um hiato entre o momento em que me sentei no carro da polícia e aquele em que poderei falar de novo com o Samson. Um enorme hiato emocional em que não sinto nada nem me preocupo com mais nada a não ser com a nossa eventual conversa.

Recuso-me a aceitar o que está a acontecer. Seja lá o que isto for. Deve ser por isso que os meus pensamentos são tão desconexos enquanto espero. Se desabafar, talvez consiga convencer-me de que o Samson é um perfeito desconhecido para mim. Mas, na noite passada, isso pareceu tão longe da verdade.

Pela segunda vez neste verão, dou por mim espantada com a forma como a vida pode mudar de um dia para o outro.

A agente Ferrell regressa à sala com uma caneca de café. Recuo um pouco e encosto-me à porta. O meu pai levanta-se.

— Já temos tudo o que precisamos da vossa parte. Podem ir-se embora.

— E o Samson? — pergunto.

— Ele não vai ser libertado esta noite. Provavelmente não será libertado tão cedo, a não ser que alguém lhe pague a fiança.

As palavras dela pontapeiam-me o peito. *Quanto tempo é «tão cedo»*? Levo uma mão ao estômago.

— Posso vê-lo?

— Ainda estão a tratar da papelada, e daqui a algumas horas vai ser presente ao juiz. Tem direito a visitas a partir das nove horas de amanhã.

— Nós não o vamos visitar — diz o meu pai.

— Vamos, sim — contrario-o.

— Beyah, tu nem deves saber o nome verdadeiro dele.

— O nome dele é Shawn Samson — digo em tom defensivo. Mas depois estremeço e olho para a agente, questionando-me se ele também não foi honesto a respeito disto. — Não é este o nome dele?

— Na verdade, o seu nome completo é Shawn Samson *Bennett* — corrige a agente.

O meu pai acena com a mão na direção da agente enquanto olha para mim.

— Estás a ver? — Quando se vira para a agente Ferrell, tem as mãos nas ancas. — Devemos ficar preocupados? Ele está a ser acusado de quê exatamente? E quanto tempo é que vai ficar detido?

— Responde a duas acusações de roubo com arrombamento. Uma acusação de violação de liberdade condicional. Uma acusação de fogo posto.

Esta última deixa-me sem fôlego.

— *Fogo posto*?

— No ano passado, deflagrou um incêndio que destruiu parcialmente uma casa que ele estava a ocupar sem autorização. Há imagens dele captadas pelas câmaras de vigilância e foi emitido um mandado de captura. Ele deixou de comparecer às reuniões com o agente da liberdade condicional, o que nos levou a tomar conhecimento dos mandados anteriores, que agora se completam com as novas acusações.

— Por que motivo é que foi detido inicialmente? — pergunta o meu pai.

— Pelo roubo de um automóvel. Cumpriu uma pena de seis meses.

O meu pai começa a andar de um lado para o outro.

— Então há um certo padrão no seu comportamento?

— Pai, tenho a certeza de que ele é apenas o produto de um sistema defeituoso. — O meu pai para repentinamente e fita-me como se não acreditasse como é que uma declaração tão ridícula pode sair da minha boca. Olho para a agente. — E os pais dele?

— Já morreram os dois. Ele afirma que o pai desapareceu depois do furacão Ike e que, desde então, está sozinho.

O *pai* dele desapareceu?

O Rake era o pai dele? Isto explica muita coisa sobre o seu comportamento quando encontrou os restos mortais na praia. Quero regressar ao momento em

que ele parecia estar a sofrer tanto. Quero voltar atrás e abraçá-lo como devia ter abraçado.

Começo a fazer as contas. Se o Samson foi honesto em relação à sua idade, isso quer dizer que tinha apenas 13 anos quando o furacão Ike atingiu a costa.

Ele está sozinho desde os *13* anos? Não admira eu ter percebido que ele também estava destroçado.

— Deixa de ter pena dele, Beyah. Vejo-o no teu rosto, é mais do que evidente.

— Ele era só um miúdo quando o pai morreu. Não fazemos ideia de que tipo de vida teve depois disso. Tenho a certeza de que tudo o que fez foi por necessidade.

— E isso continua a ser desculpa para uma pessoa de 20 anos? Ele podia ter arranjado um emprego, como todos nós fazemos.

— Se estava completamente sozinho, o que é que ele podia fazer depois de ter saído da prisão pela primeira vez? O mais certo é nunca ter tido documentos nenhuns, se não tinha pais para o guiarem nesses assuntos. Ele não tinha família, não tinha dinheiro. As pessoas passam pelas brechas do sistema, pai. Isso acontece de verdade. — *Aconteceu-me a mim e tu nem deste por nada.*

O meu pai acha que o comportamento do Samson é um padrão que ele escolheu, mas a mim parece-me mais uma vida da qual pode não ter conseguido escapar. Sei tudo o que há a saber sobre más decisões tomadas em momentos de necessidade.

— Podemos obter uma ordem judicial contra ele? Não o quero perto da minha propriedade ou da minha filha.

Não acredito no meu pai. Ele nem sequer falou com o Samson, não ouviu o seu lado da história, e sente-se ameaçado por ele?

— Pai, ele é inofensivo.

O meu pai olha para mim como se fosse eu quem não está a ser razoável.

— Está no seu direito de proteger a sua propriedade, mas a sua filha é maior de idade e teria de ser ela a fazer um pedido de ordem judicial para se proteger e ele não poder aproximar-se dela — diz a agente Ferrell.

— Mas proteger-me de quê? Ele é boa pessoa. — Parece que não estão a ouvir-me.

— Ele estava a *fingir* que era uma boa pessoa, Beyah. Tu nem sequer o conheces.

— Conheço-o melhor a ele do que a ti — resmungo.

O meu pai comprime os lábios, mas não diz mais nada.

Não obstante as coisas más que o Samson fez no passado, não foi por escolha própria. Tenho a certeza disso, o Samson nunca foi ameaçador. Ele tem sido a parte mais reconfortante e não ameaçadora do Texas desde que aqui cheguei.

Mas o meu pai já tomou a sua decisão em relação a ele.

— Preciso de ir à casa de banho — digo. Preciso de respirar fundo antes de entrar no carro com o meu pai.

A agente aponta para o fundo do corredor. Precipito-me para a casa de banho e, antes de fechar a porta, inspiro todo o ar que me cabe nos pulmões. Liberto-o lentamente enquanto me olho ao espelho.

Fito o meu reflexo. Antes de conhecer o Samson, quando me olhava ao espelho, via uma rapariga que não tinha importância para ninguém. Mas desde que o conheço, cada vez que vejo a minha imagem refletida no espelho, vejo uma rapariga que é importante para outra pessoa.

Questiono-me o que vê o Samson quando se olha ao espelho.

Terá alguma noção do quanto é importante para mim?

Quem me dera poder ter-lho dito na noite passada, quando tive oportunidade para isso.

VINTE E CINCO

Quando eu e o meu pai paramos o carro no caminho de acesso a casa, são sete da manhã. Vejo o *Queijo Pepper Jack* a abanar o rabo junto à porta do passageiro assim que a abro.

Neste momento, só quero estar com o meu cão.

Estou cansada de responder a perguntas, e o *P.J.* é a única criatura viva que encontro nas últimas horas que não dispara perguntas na minha direção.

O meu pai sobe as escadas de casa e eu escolho ficar no piso das palafitas. Sento-me à mesa de piquenique e faço festas na cabeça do *P.J.* enquanto olho para o mar. Talvez tenha tido três minutos de paz antes de ouvir passos rápidos a descer as escadas.

A Sara.

— Oh, meu Deus, Beyah — diz ela, precipitando-se para a mesa e sentando-se à minha frente. Estende a mão e aperta-me, forçando um sorriso triste. — Estás bem?

Abano a cabeça.

— Só vou ficar bem quando conseguir falar com o Samson.

— Estava tão preocupada. O teu pai saiu daqui à pressa e depois mandou uma mensagem à minha mãe a dizer que o Samson tinha sido detido. O que é que aconteceu?

— A casa não é dele.

— Ocupou-a?

— Qualquer coisa assim.

Ela passa a mão pelo rosto.

— Lamento muito. Sinto-me tão mal. Fui eu quem te empurrou para ele. — Debruça-se, segura-me no pulso e depois olha para mim com sinceridade. — Nem todos os rapazes são como ele, Beyah. Juro.

Ela tem razão, mas, para mim, é um alívio que o Samson não seja como os

outros rapazes. Ele podia ser como o Dakota. Ou como o Gary Shelby. Prefiro mil vezes apaixonar-me por um rapaz que tem um passado dúbio e me trata tão bem quanto o Samson me tratou do que apaixonar-me por um que me trata como lixo enquanto aparenta ser uma excelente pessoa à frente de toda a gente.

— Eu não estou zangada com ele, Sara.

Ela solta uma gargalhada, mas é uma gargalhada nervosa. Mais ou menos como fazia quando nos conhecemos, quando ainda não sabia se eu estava a brincar ou não.

— Eu sei que parece que o Samson é uma pessoa terrível, mas não o conheces como eu conheço. Ele não tem orgulho no seu passado, e estava a planear contar-me tudo, só não queria que a verdade arruinasse o resto do nosso verão.

A Sara cruza os braços sobre a mesa de piquenique e debruça-se.

— Beyah, sei que estás perturbada e que gostas dele, mas ele mentiu-te. Mentiu-nos a todos. Eu e o Marcos conhecemo-lo desde março. Tudo o que ele nos contou desde essa altura é mentira.

— Tudo o quê?

Ela acena com a mão para a casa do lado.

— Para começar, que esta casa era dele.

— Sim, e o que mais?

Os lábios da Sara comprimem-se numa linha fina e ela agita-se enquanto pensa.

— Não sei. Agora não me ocorre nada de específico.

— Exatamente. Ele mentiu em relação ao sítio onde vivia, mas depois só alinhou na narrativa de menino rico com que vocês o rotularam. Ele fez tudo o que pôde para não falar de si mesmo para *não* vos estar a mentir mais.

A Sara estala os dedos.

— O rapaz que apareceu ao jantar! O que lhe chamou Shawn. Ele mentiu quando disse que andou no colégio interno com ele.

— Mentiu porque o forçámos a responder.

— Eu tê-lo-ia respeitado muito mais se nos tivesse contado a verdade naquele

momento e pronto.

— Isso não é verdade. Ele teria apenas sido julgado naquela altura, tal como está a ser julgado agora. — Para as pessoas como a Sara, tudo é branco ou preto. O mundo real não funciona numa dicotomia simples entre o certo e o errado. As pessoas que nunca tiveram de ceder uma parte da sua alma por um pedaço de comida ou um abrigo não conseguem entender as inúmeras más decisões que as pessoas desesperadas são obrigadas a tomar. — Não quero falar mais sobre isto, Sara.

Ela suspira, como se ainda não tivesse acabado de tentar convencer-me a esquecer o Samson.

Vai ser preciso muito mais do que um passado dúbio para eu esquecer um rapaz que nem vacilou quando lhe contei o meu próprio passado, igualmente dúbio.

É evidente que, no que diz respeito ao Samson, a Sara concorda com o meu pai. De certeza que todos concordam com ele.

— Gostava mesmo de ficar sozinha.

— Está bem — diz a Sara. — Mas, se precisares de conversar, estou aqui.

Ela deixa-me entregue aos meus pensamentos e sobe as escadas. Quando volta a entrar em casa, faço uma festa atrás da orelha do *P.J.*

— Acho que só restamos nós os dois do lado do Samson.

Quando o meu telemóvel começa a vibrar, o *P.J.* arrebita as orelhas. Ponho-me de pé com um salto e tiro o telemóvel do bolso. Quando vejo que a identificação de chamada não está disponível, sinto uma pontada no coração. Atendo de imediato.

— Samson?

«Está a receber uma chamada do Estabelecimento Prisional Central de Galveston», diz a gravação. «Por favor, prima 1 para a aceitar ou 2 para…», primo 1 e encosto o telemóvel ao ouvido.

— Samson? — A minha voz está inundada de pânico. Aperto a testa e volto a sentar-me.

— Beyah?

Ele parece estar tão longe, mas consigo senti-lo finalmente. Suspiro de alívio.

— Estás bem?

— Estou. — A voz dele não está cheia de medo, como a minha. Na verdade, até parece calmo, como se já estivesse à espera deste momento. — Não posso falar durante muito tempo. Eu só…

— Quanto tempo tens?

— Dois minutos. Mas disseram-me agora que, a partir das nove horas de amanhã, já posso ter visitas.

— Eu sei. Vou visitar-te. Mas o que é que posso fazer por ti neste momento? Tens alguém a quem possa ligar?

Há uma pausa do lado de lá. Não tenho a certeza se ele ouviu a pergunta, mas depois suspira e diz:

— Não. Não tenho ninguém.

Deus, como odeio isto. Eu e o *P.J.* somos realmente tudo o que ele tem.

— Acho que o meu pai não vai pagar a tua fiança. Ele está bastante zangado.

— Não é uma responsabilidade dele — diz o Samson. — Por favor, não lhe peças para fazer isso.

— Mas vou encontrar outra solução.

— Eu ainda vou ficar aqui durante algum tempo, Beyah. Fiz merda da grossa.

— E é por isso que vou ajudar-te a arranjar um advogado.

— Eu tenho direito a um advogado do Estado — diz ele. — Já passei por isto antes.

— Está bem, mas eles já têm mais do que fazer. Não faz mal nenhum tentar arranjar um advogado que tenha mais tempo para se preparar e para te defender.

— Não tenho dinheiro para um advogado. Para o caso de ainda não teres percebido, eu não sou rico.

— Ainda bem. Sabes bem que o teu dinheiro era o que menos gostava em ti.

O Samson fica em silêncio, apesar de eu sentir que ele tem tanto para dizer.

— Vou passar o resto do dia a tentar arranjar emprego. Vou poupar e ajudar-te

a arranjar um advogado. Não estás sozinho nisto, Samson.

— Os meus erros também não são responsabilidade *tua*. Não há nada que possas fazer. Além disso, a audiência no tribunal é só daqui a algumas semanas. Nessa altura, já estarás na Pensilvânia.

— Eu não vou para a Pensilvânia. — Se ele pensa que o vou abandonar, está louco. Será que acha mesmo que vou deixá-lo a apodrecer numa prisão enquanto me mudo para o outro lado do país como se não tivesse deixado que me crescessem ossos no coração durante este verão? — E o filho da Marjorie? Que tipo de advogado é ele?

Ele não responde à minha pergunta.

— Samson? — Afasto o telemóvel e vejo que a chamada foi desligada. — *Merda*.

Encosto o telemóvel à testa. Ele não deve conseguir ligar-me outra vez. Tenho de esperar para falar com ele pessoalmente amanhã. Tenho tantas perguntas que preciso de acrescentar à lista.

Mas também tenho trabalho para fazer, por isso atravesso a rua e encaminho-me para a casa da Marjorie. Bato à porta até ela abrir.

Esqueci-me de que é muito cedo. Ela ainda está de camisa de dormir e vem a atar o roupão quando abre a porta.

— O que raio te deixou tão agitada?

— O Samson. Está preso.

Uma onda de preocupação inunda-lhe os olhos. A seguir, dá um passo ao lado para me deixar entrar.

— Porquê?

— Porque a casa onde ele tem ficado não lhe pertence. Foi detido a meio da noite, quando os verdadeiros donos apareceram.

— O Samson? Tens a certeza?

Assinto.

— Eu estava com ele. Ele vai precisar de um advogado, Marjorie. Alguém que possa dedicar mais tempo ao caso dele do que um dos advogados do Estado.

— Sim, é boa ideia.

— O seu filho. Que tipo de advogado é?

— É advogado de… *não*. Não posso pedir ao Kevin que faça isto.

— Porque não? Eu vou arranjar um emprego. Posso pagar-lhe.

A Marjorie parece dividida. Não posso dizer que a culpo por isso. Quando nos conhecemos, ela admitiu que mal conhecia o Samson. Eu tenho mais em jogo do que ela, mas ela também não pode ignorar tudo o que ele fez por si. Um dos gatos da Marjorie salta para a bancada ao seu lado. Ela pega nele e encosta-o ao peito.

— Quanto é que o Samson lhe cobrou pelos trabalhos que fez cá em casa?

Demora um minuto a perceber o propósito da minha pergunta. A sua postura abate-se um pouco.

— Nada. Ele não aceitava nem um tostão.

— Exatamente. Ele não é uma pessoa má e a Marjorie sabe disso. — Entrego-lhe o meu telemóvel. — Por favor, ligue ao seu filho. Deve esse favor ao Samson.

Ela pousa o gato no chão e, em seguida, acena desembaraçada para o telemóvel.

— Eu sei lá como é que essas coisas funcionam. — Vai até ao outro lado da cozinha, pega no telefone fixo e começa a marcar o número do filho.

*

O Kevin concordou em entrar em contacto com o Samson, mas só porque sabe o quanto ele ajudou a Marjorie ao longo dos últimos meses. Não concordou em defendê-lo *pro bono*, nem sequer disse que ia aceitar o seu caso, mas estou mais perto de o poder ajudar do que estava quando cheguei a casa da Marjorie.

À saída, ela dá-me mais um quilo de nozes-pecã.

— Para a semana recebo amêndoas — diz ela.

Sorrio.

— Muito obrigada, Marjorie.

Quando regresso a casa, pouso as nozes em cima da mesa e agarro nas duas mochilas que o meu pai trouxe esta madrugada. Vou a subir as escadas quando ele aparece no corredor.

— Beyah?

Continuo a andar.

— Vou ficar no meu quarto o resto do dia. Preferia que não me incomodassem. Vou dormir.

— Beyah, espera — ouço-o dizer.

Quando chego ao cimo das escadas, ouço a Alana:

— Ela pediu para ficar sozinha, Brian. E acho que estava a falar a sério.

A Alana está certa. Estou mesmo a falar a sério. Não me apetece ouvir os sermões do meu pai sobre a pessoa terrível que o Samson é. Estou demasiado triste para os ouvir. E demasiado cansada.

Esta noite, devo ter dormido, no máximo, duas horas, e mesmo com toda a adrenalina que tem percorrido as minhas veias desde que acordei, estou a começar a sentir os olhos cada vez mais pesados.

Pouso as mochilas ao lado da cama e caio sobre o colchão. Fico deitada a olhar para as portas de vidro da varanda. O dia está tão luminoso. Tão quente. Tão feliz.

Levanto-me, fecho as cortinas e, a seguir, rastejo de volta para a cama. Só quero que o dia acabe, e ainda nem é hora do almoço.

Fico aqui às voltas e a olhar para o teto durante mais de uma hora. Não consigo parar de pensar no que vai acontecer. Quanto tempo é que ele vai ficar detido? E isso quer dizer que vai mesmo receber uma sentença de prisão? Se vai enfrentar realmente tantas acusações, quanto tempo é que pode ficar preso? Seis meses? Dez anos?

Não vou conseguir adormecer sem ajuda. Tenho a cabeça demasiado agitada. Abro a porta do quarto e espero até me certificar de que não ouço barulho na cozinha. Desço as escadas e vou até à despensa. Sei que há um sítio onde eles

guardam os medicamentos. Procuro entre os frascos, mas não encontro nada que me possa ajudar a dormir.

Talvez guardem os comprimidos na casa de banho deles. O meu pai e a Alana devem estar a trabalhar, por isso vou até à casa de banho e abro o armário dos medicamentos. Só encontro pasta de dentes e escovas suplentes. Uma espécie de unguento e uma caixa com cotonetes.

Fecho a porta do armário, mas assusto-me quando vejo a Alana através do espelho, atrás de mim.

— Desculpa. Pensei que estavas a trabalhar.

— Tirei o dia — diz ela. — Estás à procura de quê?

Viro-me e olho para ela, desesperada.

— Preciso de qualquer coisa que me ajude a dormir. Ainda não consegui adormecer e tenho a cabeça a mil. — Abano as mãos em frente à cara, tentando empurrar as lágrimas que consegui conter milagrosamente durante a noite toda.

— Posso fazer-te um chá.

Chá? Ela quer fazer-me um chá?

Ela é dentista. De certeza que tem um tranquilizante qualquer algures nesta casa.

— Não quero *chá*, Alana. Preciso de alguma coisa que faça efeito. Neste momento, não quero mesmo estar acordada. — Levanto as mãos e tapo a cara. — Dói-me tanto pensar — murmuro. — Nem sequer quero sonhar com ele. Só quero dormir e não sonhar, não pensar, nem sentir nada.

De repente, tudo começa a atingir-me o centro do peito.

Tudo o que o Samson me disse ao telefone começa a abater-se sobre mim violentamente e tenho de me encostar ao lavatório para me segurar. A voz dele ecoa na minha cabeça. *Eu ainda vou ficar aqui durante algum tempo, Beyah*.

Quanto tempo é que vai passar até me sentir novamente feliz?

Não quero voltar a ser quem era antes de o conhecer. Nessa altura, não tinha nada dentro de mim a não ser amargura e raiva. Não sentia nada, não tinha alegria nem conforto.

— E se ele ficar preso durante muito tempo e depois não quiser fazer parte da minha vida quando sair?

Não queria ter dito isto em voz alta. Ou talvez quisesse.

As lágrimas começam a cair e a Alana reage imediatamente. Não diz nada que me faça sentir mal por estar triste. Limita-se a envolver-me nos seus braços e a pousar a minha cabeça sobre o seu ombro.

É um conforto que me é absolutamente desconhecido, mas de que, neste momento, preciso desesperadamente. É o conforto de uma mãe. Soluço contra o corpo dela durante vários minutos. Ela é tudo o que eu não sabia que precisava agora. Uma simples demonstração de solidariedade da parte de *alguém*.

— Quem me dera que tivesses sido minha mãe — digo por entre as lágrimas.

Sinto o seu suspiro.

— Oh, minha querida — murmura com ternura. Recua e olha para mim suavemente. — Vou dar-te um *Ambien*, mas é a única coisa deste tipo que alguma vez te darei.

Assinto.

— Prometo que nunca mais to peço.

VINTE E SEIS

Dormi de modo demasiado profundo. Sinto que tenho o cérebro todo comprimido do lado direito da cabeça.

Sento-me na cama e olho para a rua. Já está quase escuro lá fora. Olho para o telemóvel e vejo que já passa das sete da tarde. O meu estômago está a fazer tanto barulho que acho que foi o que me acordou.

Deixei o telemóvel com o som ligado bem alto, mas não tocou e não tenho chamadas perdidas.

Faltam 14 horas até o poder ver.

Estendo a mão até ao chão e pego na mochila do Samson. Despejo o conteúdo sobre a minha cama e começo a examinar tudo o que lá está.

Tudo o que ele possui encontra-se, literalmente, em cima da minha cama.

Tem dois pares de calções e duas t-shirts da marca do Marcos. Tinha vestido o outro conjunto quando foi detido, o que quer dizer que só tem três mudas de roupa? Reparei que usava muitas vezes as mesmas t-shirts, mas pensei que o fazia só para apoiar o Marcos. Devia lavá-las com regularidade, para ninguém reparar.

Num saco tem alguns produtos de higiene: pasta de dentes, desodorizante, escova de dentes, corta-unhas. Mas não tem carteira.

Será que perdeu mesmo a carteira antes de irmos fazer as tatuagens ou nunca a teve sequer? Se está sozinho desde que o pai morreu, como é que conseguiu tirar a carta?

Tenho tantas perguntas. A minha visita de amanhã não vai certamente ser longa o suficiente para ele responder a todas.

No fundo da mochila encontro um saco de plástico com fecho de correr. Está cheio do que me parecem ser fragmentos de papéis.

Têm todos um tom amarelado e estão esbatidos, por isso é evidente que são antigos.

Abro o saco, tiro um dos papéis e desdobro-o.

Menino

Mordido pelo furor como eu
A exaustão no seu olhar
Cresce zangado com o mar
Mais cansado do que deveria estar Tão cansado de ser livre e de navegar

Rake Bennett
13/11/07

O Samson mencionou que o Rake escrevia poesia. Olho para o poema e tento percebê-lo.

Será sobre o Samson? Serão todos estes bilhetes do seu pai? A data é de quando o Samson devia ter cerca de 12 anos. Um ano antes de o furacão atingir a costa.

Tão cansado de ser livre e de navegar.

O que é que isto quer dizer? Que o pai achava que o Samson estava cansado de viver no mar com ele?

Tiro o resto dos papéis porque preciso de ler tudo. Todos têm data de antes de o furacão Ike chegar e todos são da autoria do pai.

Ela Vive

Quando nasceste, nasceu também a tua mãe.
Enquanto viveres, Ela vive também.

Rake Bennett
30/08/06

Desaparecida

Conheci a tua mãe quando estava na praia,
pés enterrados na areia. Arrependo-me de não ter caído de joelhos e reunido os grãos
que ela pisava
para os guardar nas palmas das mãos.
Questiono-me se algum dos que tocamos agora
já foram pisados pelos seus pés.
Ou se todos os grãos de areia por onde ela passou
já foram também levados pelo mar?

Rake Bennett
16/07/07

Querido Shawn,

Todas as crianças acabam por desejar um novo lugar para existir.
Decidi que a tua primeira casa seria um barco,
mas agora pergunto-me: Será este barco a casa de onde vais fugir?
Se assim for, então um erro terrível devo carregar. Porque quando um homem diz «Vou para casa»,
devia sempre dirigir-se ao mar.

Rake Bennett
03/01/08

Há pelo menos 20 poemas e cartas neste saco. Apenas umas quantas escritas diretamente ao Samson, mas, tendo em conta as folhas de papel, fico com a impressão de que o que o Samson me contou sobre o pai era verdade. O Rake vivia na água, a única parte que o Samson omitiu foi a de que ele também lá vivia com o pai.

VINTE E SETE

—Beyah Grim?

Quase salto da cadeira. O meu pai também se levanta, mas não quero que entre comigo quando eu for ver o Samson.

— Não tens de vir, pai.

— Não vou deixar que vás ali para dentro sozinha. — A sua afirmação é final, como se não houvesse o menor espaço para negociações.

— Pai, *por favor*. — Não sei se o Samson terá muita vontade de ser honesto comigo se o meu pai estiver sentado à sua frente. — Por favor.

Ele assente, tenso.

— Espero no carro.

— Obrigada.

Sigo o guarda que me leva para o interior de uma sala grande. Há várias mesas e quase todas estão cheias de pessoas que vieram visitar os outros reclusos.

É deprimente, mas não tão deprimente como pensei que seria. Pensei que estaríamos separados por um vidro e que nem sequer lhe poderia tocar.

Os meus olhos procuram-no de imediato. Encontro o Samson sentado sozinho a uma mesa do outro lado da sala. Tem vestido um macacão azul-escuro. Vê-lo com outra roupa que não os calções de praia habituais torna isto tudo mais real.

Quando ele levanta os olhos e me vê, põe-se de pé. Não sei por que motivo estava à espera de que os pulsos estivessem algemados, mas fico aliviada ao constatar que não estão. Corro para ele e precipito-me para os seus braços. Ele puxa-me para si com os braços tensos.

— Lamento tudo isto — diz ele.

— Eu sei.

Abraça-me por um instante, mas não quero arranjar-lhe problemas, por isso separamo-nos e sento-me à sua frente. A mesa é pequena, não estamos assim tão longe um do outro, mas ainda o sinto a um mundo de distância.

Ele segura uma das minhas mãos no meio das suas, pousadas em cima da mesa.

— Devo-te tantas respostas. Por onde é que queres que comece?

— Por onde quiseres.

Ele demora um instante a perceber por onde há de começar. Junto a minha outra mão até estarem as quatro em cima da mesa.

— Tudo o que te contei sobre a minha mãe é verdade. Chamava-se Isabel. Eu só tinha 5 anos quando aconteceu, mas, apesar de não me lembrar muito bem da vida que tínhamos antes de ela morrer, sei que mudou drasticamente depois de a perdermos. O Rake era o meu pai; omiti este facto. Depois de a minha mãe morrer, ele parecia estar perdido sempre que não estava no mar. Era como se não conseguisse imaginar-se em nenhum sítio onde ela não estivesse, por isso tirou-me da escola e vivemos no barco dele durante vários anos. Foi esta a minha vida até a Darya o ter levado também.

— Era disso que falavas quando me disseste que a Darya te tinha partido o coração?

Ele assente.

— Onde é que estavas quando o furacão se abateu sobre a península?

O maxilar do Samson fica tenso, como se não quisesse reviver esta memória. Quando fala, fita as nossas mãos.

— O meu pai foi deixar-me à igreja. Foi onde muitos dos residentes se abrigaram, mas recusou-se a ficar comigo. Queria garantir que o barco ficava em segurança, já que tínhamos ali a nossa vida toda. Disse-me que regressava antes de escurecer, mas depois daquela noite não voltei a vê-lo. — Olha-me de novo nos olhos. — Queria ficar na península, mas depois do furacão já nada restava. Era difícil para um miúdo de 13 anos esconder-se por ali, ou até sobreviver, por isso tive de me ir embora. Se dissesse a alguém que o meu pai tinha desaparecido, sabia que me enfiavam logo numa instituição ou algo parecido, por isso passei os anos seguintes a tentar ser invisível. Acabei por ficar a trabalhar com um amigo que fiz em Galveston. Fazíamos biscates, cortávamos

relva e coisas assim. Foi o rapaz que encontrámos no restaurante. Éramos muito novos e fizemos algumas coisas mesmo estúpidas. Acabámos por nos entalar.

— E a acusação de fogo posto?

— Tecnicamente, não tive culpa. O dono da casa tinha mandado fazer uns arranjos no sistema elétrico, mas estavam mal feitos. Se eu não tivesse entrado em casa naquela noite e acendido a luz, a casa não teria ardido, por isso, formalmente, sim, a culpa *foi* minha. — O Samson entrelaça os dedos nos meus. — Assim que soube que tinha mais um mandado de captura, decidi vir para cá uma última vez antes de me entregar. Não sei se vim à procura de um fim para este capítulo ou se tinha esperança de encontrar o meu pai, mas a verdade é que acabei por encontrar as duas coisas. E também te encontrei a ti, o que me deu vontade de nunca mais sair daqui. — O Samson roça o polegar sobre as costas da minha mão esquerda. — Sabia que ia ficar uns tempos preso, por isso estava a tentar prolongar ao máximo o tempo que tinha contigo, antes de partires. — Suspira. — O que é que queres saber mais?

— Como é que sabias o código do alarme?

— O proprietário usa o número da casa como código. É a coisa mais fácil de adivinhar.

Tenho dificuldade em julgá-lo, porque seria extremamente hipócrita da minha parte. Quando muito, admiro as suas capacidades de sobrevivência.

— Então e a questão da Força Aérea? Tinha algum fundo de verdade?

Ele baixa os olhos, sem conseguir encarar-me, e abana a cabeça.

— Eu queria ir para a Força Aérea. Era esse o meu plano, até ter lixado tudo. Mas há coisas sobre as quais te menti, como quando te disse que era uma tradição de família. Disse muitas coisas que não são verdade. Tive de fundamentar a minha história para estar naquela casa e fi-lo com mentiras que nunca te quis contar. Por isso é que não queria responder às tuas perguntas. Não gostei de ser desonesto contigo. Nem com ninguém. Eu só…

— Não tiveste escolha — digo, completando o seu pensamento. Eu entendo. Fui assim durante a minha vida inteira. — Também me disseste que as más

decisões que tomamos são um produto da força ou da fraqueza. Tu não mentiste por seres fraco, Samson.

Ele inspira lentamente, como se temesse o que vem a seguir. Quando volta a olhar-me nos olhos, toda a sua postura se altera. Com este olhar, sinto o peso da sala inteira a abater-se sobre mim.

— Ontem, ao telefone, disseste que não ias para a Pensilvânia.

É uma afirmação, mas a sua intenção é que seja seguida de uma resposta.

— Não te posso deixar.

Ele abana a cabeça e tira as mãos das minhas. Passa-as pelo rosto, como se estivesse frustrado comigo, e depois volta a agarrar-me nas mãos com mais força.

— Tu vais para a faculdade, Beyah. Não te compete a ti resolver as minhas confusões.

— As tuas *confusões*? Samson, o que fizeste não é assim tão mau. Foste um miúdo que se criou praticamente sozinho nas ruas. Como é que podias voltar a endireitar a tua vida depois de teres saído da prisão pela primeira vez? Tenho a certeza de que, se lhes contares o motivo da deflagração do incêndio e por que razão violaste a liberdade condicional, eles vão entender.

— O tribunal não quer saber porque é que infringi a lei, só quer saber que a infringi e pronto.

— Pois, mas *devia* querer saber.

— Não importa quão falível é o sistema, Beyah. Nós os dois não vamos ter oportunidade de o mudar da noite para o dia. Eu arrisco-me a apanhar vários anos, e não há nada que possamos fazer acerca disso, por isso não tens motivos para ficar no Texas.

— Tu és motivo suficiente. Como posso vir visitar-te se estiver na Pensilvânia?

— Não quero que venhas visitar-me. Quero que vás para a faculdade.

— Posso ir para uma faculdade aqui.

Ele solta uma gargalhada, mas é um som que não tem um sorriso a

acompanhá-lo. É uma gargalhada exasperada.

— Porque é que estás a ser tão teimosa? Este foi o nosso plano durante o verão todo: ir cada um à sua vida quando chegasse a hora de ires para a faculdade.

As palavras dele cravam-se em mim e contorcem-me as entranhas. Quando falo, a minha voz surge num murmúrio:

— Pensei que as coisas tinham mudado. Tu disseste que deixámos crescer ossos nos nossos corações.

Todo o corpo do Samson sente este comentário. Encolhe-se um pouco, como se eu estivesse a magoá-lo. Não o quero magoar, mas ele vale mais do que isto. Para mim, ele não foi algo que tenha usado para agora deitar fora.

— Não posso estar tão longe de ti — digo baixinho. — Telefonemas e cartas não vão ser suficientes.

— Eu também não quero telefonemas e cartas. Quero que vás viver a tua vida e que não te deixes afetar pela minha. — Ele vê o choque no meu rosto, mas não me dá tempo para argumentar. — Beyah, nós estivemos os dois sozinhos a vida inteira, cada um na sua própria ilha. Foi por isso que nos sentimos ligados um ao outro, porque reconhecemos a mesma solidão no outro. Mas esta é a tua oportunidade de saíres da tua ilha e eu recuso-me a puxar-te para trás, a reter-te aqui durante os anos em que vou cá estar.

Sinto as lágrimas. Baixo os olhos quando uma delas cai em cima da mesa.

— Não podes estar a excluir-me da tua vida. Não consigo fazer isto sem ti.

— Já o *fizeste* sem mim — diz ele, com uma voz determinada. Estende a mão sobre a mesa e levanta-me a cabeça até eu ficar a olhar para ele. Parece tão destroçado como eu me sinto. — Eu não tive a menor responsabilidade nas coisas que conseguiste alcançar. Não tive nada que ver com a pessoa em que te tornaste. Por favor, não faças de mim o motivo que te vai fazer desistir de tudo.

Quanto mais determinado ele se mostra perante a ideia de não querer manter o contacto comigo, mais zangada fico.

— Isto não é justo para mim. Estás à espera de que saia daqui sem nunca ter

qualquer tipo de contacto contigo? Porque é que deixaste que me apaixonasse por ti, se já sabias que ia ser este o desfecho?

Ele expira com força.

— Nós concordámos que as coisas acabavam em agosto, Beyah. Combinámos que íamos ficar na parte menos profunda da água.

Reviro os olhos.

— Quem disse que há pessoas que se afogam nas águas menos profundas foste tu. — Inclino-me para a frente até ele voltar a olhar para mim. — Estou a afogar-me, Samson. E és tu quem me está a segurar debaixo de água. — Limpo os olhos, furiosa.

O Samson volta a pegar-me nas mãos, mas, desta vez, quando fala, a sua voz é diferente. Transmite dor.

— Peço-te muita desculpa. — Não diz mais nada, mas consigo perceber que é esta a sua forma de se despedir de mim.

Ele levanta-se, como se a conversa tivesse acabado e ele quisesse que eu me levantasse também. Cruzo os braços sobre o peito.

— Não me vou despedir de ti com um abraço. Já não mereces abraçar-me.

Ele assente ao de leve.

— Nunca mereci. — Prepara-se para se ir embora e eu sinto-me instantaneamente aterrorizada ao pensar que talvez esta seja a última vez que o vejo. O Samson não diz coisas com esta expressão, a não ser que esteja mesmo a falar a sério. Não vai permitir que venha visitá-lo novamente. É aqui. É aqui que tudo acaba.

Quando ele começa a afastar-se, levanto-me de repente.

— Samson, espera!

Ele vira-se mesmo a tempo de me agarrar quando atiro os braços em redor do corpo dele. Enterro o rosto no seu pescoço. Quando me abraça, começo a chorar.

Sinto tantas coisas a trespassarem-me em simultâneo. Já tenho tantas saudades dele, mas também nunca me senti tão zangada na minha vida. Eu sabia que este momento ia chegar — a despedida. Mas nunca pensei que fosse nestas

circunstâncias. Sinto-me impotente. Quero que a nossa despedida seja algo em que também tenho uma palavra a dizer, mas sinto que não é isso o que está a acontecer.

Ele beija-me o lado da cabeça.

— Aceita a bolsa de estudo, Beyah. E diverte-te. *Por favor*. — A voz do Samson quebra-se quando diz «por favor». Solta-me e caminha até ao guarda que está ao lado da porta. Sinto-me pesada sem ele, como se tivesse perdido um sistema de apoio inteiro, e, por isso, não consigo suster-me de pé sozinha.

O Samson é levado da sala e não olha para trás uma única vez, não vê a destruição que deixou à sua passagem.

Quando chego ao carro do meu pai, estou a chorar convulsivamente. Bato com a porta, furiosa e destroçada. Nem sequer consigo começar a interiorizar o que acabou de acontecer. Não estava à espera. Esperava o oposto do que aconteceu. Pensei que íamos resolver isto como uma equipa, mas, em vez disso, ele deixou-me completamente sozinha, como sempre fizeram todas as pessoas que passaram pela minha vida.

— O que é que aconteceu?

Abano a cabeça. Nem consigo dizê-lo em voz alta.

— Vamos embora, pai.

O meu pai agarra o volante com força até ficar com os nós dos dedos brancos. Liga o carro e engata a marcha-atrás.

— Devia ter espancado este miúdo na noite em que o tirei de cima de ti no chuveiro.

Nem sequer tento explicar-lhe que naquela noite ele não me protegeu do Samson. O Samson estava a ajudar-me, mas, nesta altura, qualquer explicação seria inútil. Limito-me a fazer uma declaração genérica.

— Ele não é má pessoa, pai.

O meu pai para o carro e vira-se para mim com uma expressão inflexível.

— Eu não sei onde errei enquanto pai, mas não criei uma filha para ela agora

defender um tipo que lhe mentiu durante o verão inteiro. Achas que ele quer saber de ti? Ele só quer saber de si mesmo.

Ele está a falar a sério?

Teve mesmo a audácia de dizer que me *criou*?

Olho furiosamente para ele, já com a mão no manípulo da porta.

— Tu não criaste filha *nenhuma*! Se há alguém a mentir nesta situação, és *tu*. — Abro a porta e saio do carro. Não vou ficar fechada com ele no carro até chegarmos à Península Bolivar, nem pensar.

— Beyah, entra no carro.

— Não. Vou ligar à Sara para ela me vir buscar. — Sento-me no passeio ao lado do carro. O meu pai sai enquanto eu pego no telemóvel. Dá um pontapé na gravilha e aponta para o automóvel.

— Entra. Eu levo-te a casa.

Depois de marcar o número da Sara, limpo as lágrimas.

— Não vou entrar no teu carro. Podes ir-te embora.

O meu pai não se vai embora. A Sara concorda em vir buscar-me, mas o meu pai fica pacientemente sentado no carro até ela chegar.

VINTE E OITO

Foi uma semana de completa agonia em que não tive quaisquer notícias do Samson. Nada. Tentei visitá-lo duas vezes, mas ele agora recusa-se a ver-me.

Não tenho forma absolutamente nenhuma de comunicar com ele. A única coisa a que me posso agarrar são as memórias dos momentos que passámos juntos, e tenho medo de que até estas se desvaneçam se, pelo menos, não ouvir a sua voz.

Ele espera realmente que eu avance com a minha vida? Que o esqueça? Que vá para a faculdade como se, durante este verão, ele não me tivesse obrigado a tornar-me uma pessoa completamente diferente, uma melhor versão de mim?

Parei de falar sobre o Samson com todas as pessoas cá de casa. Nem sequer quero ouvir o nome dele, porque só dá origem a discussões. Mal saí do meu quarto durante a semana inteira. Ocupo os meus dias a ver televisão sem prestar atenção a nada e a visitar a Marjorie na sua casa. Ela é a única pessoa com quem falo sobre ele. É a única que está do meu lado.

Tenho vestido alternadamente as duas t-shirts que estavam na mochila do Samson, mas já nem sequer têm o cheiro dele. Agora têm o meu cheiro, e é por isso que me abraço à mochila enquanto assisto a um programa qualquer em que os concorrentes têm de fazer bolos.

Não sei o que fazer com as coisas dele. Duvido que ele queira guardar os produtos de higiene, e, além dos poemas que o pai lhe escreveu, não há mais nada de valor na mochila. Mas também não as quero entregar à Marjorie para que ela lhas mande, porque são a minha última ligação ao Samson.

Um dia, estes poemas podem ser a única desculpa que vou ter para voltar a falar com ele.

A certa altura, vou ter de me ir embora. Sei disso, mas enquanto aqui estiver e ele continuar preso, não consigo concentrar-me em mais nada.

Ajusto a mochila nos braços e uso-a também como almofada, mas sinto

qualquer coisa rígida a picar-me a têmpora. Abro-a para ver o que terei deixado escapar, mas não vejo nada. Tateio o interior da mochila e encontro um fecho que ainda não tinha visto.

Sento-me de imediato e abro-o. Tiro um pequeno caderno de capa dura. Tem pouco mais de dez centímetros de comprimento. Está cheio de nomes, moradas e o que parecem ser listas de mercearia.

Marjorie Naples
Data da estada: 04/02/15 a 08/02/15.
Comi alimentos no valor de 15 dólares.
Reparei o telhado. Substituí dois painéis do revestimento da casa no lado norte, que tinham sido danificados pelo vento.

Depois do nome da Marjorie e da sua morada, seguem-se vários nomes e moradas diferentes, mas preciso de saber o significado das datas. Pego no telemóvel e ligo-lhe.

— Estou?

— Olá, daqui fala a Beyah. Tenho uma pergunta rápida. As datas de 4 a 8 de fevereiro deste ano têm algum significado especial para si?

A Marjorie pensa um pouco e depois responde:

— Tenho quase a certeza de que foram os dias em que estive no hospital, depois do meu ataque cardíaco. Porquê?

— Encontrei uma coisa na mochila do Samson. Depois, levo-a até aí para a poder mostrar ao Kevin.

Despeço-me e desligo. Em seguida, começo a ler tudo o que ele escreveu. A morada mais comum é a da casa ao lado, do David Silver. Há várias datas registadas. A maior parte delas entre março e a semana passada. Por baixo do nome do David está uma lista de reparações.

Apertei várias tábuas soltas na balaustrada da varanda do quarto. Substituí um fusível fundido no disjuntor. Selei a fuga no cano do chuveiro exterior.

As listas continuam. Há também trabalhos simples, ocasionais, que fez para as

pessoas, quanto recebeu por eles, o que explica o facto de, de vez em quando, ter dinheiro para ir jantar fora ou fazer tatuagens. Também tem uma lista de pessoas para as quais trabalhou sem aceitar dinheiro.

Todos os dias dos últimos sete meses estão registados neste caderno. Toda a comida que tirou do frigorífico de alguém sem a sua autorização. Todas as reparações que fez nas casas. Ele tem mantido um registo de tudo.

Mas porquê? Será que sentia que fazer estas reparações de graça era uma espécie de pagamento por ficar nas casas sem a permissão dos donos?

Será que isto pode ser a prova de que o tribunal precisa para perceber que ele não merece as acusações que lhe são feitas?

Desço as escadas a correr e encontro o meu pai e a Alana no sofá da sala de estar. A Sara e o Marcos estão juntos no sofá mais pequeno. Estão a ver *A Roda da Sorte*, mas quando me vê a descer as escadas pela primeira vez hoje, o meu pai tira o som ao televisor.

Entrego o caderno ao meu pai.

— Este caderno é do Samson. — Ele pega nele e começa a folheá-lo. — É uma lista detalhada de todos os sítios onde ficou e como compensou os donos.

O meu pai levanta-se, ainda a folhear o caderno.

— Isto pode ajudá-lo. — Pela primeira vez desde que ele foi detido, a minha voz inunda-se de esperança. — Se conseguirmos provar que ele estava a tentar agir bem, isto pode ajudar na defesa dele.

O meu pai suspira antes de passar várias páginas do caderno.

— É uma lista detalhada de tudo o que ele fez de errado. Isto pode prejudicá-lo, não vai ajudá-lo.

— Não sabes isso.

— Beyah, ele só vai ser acusado de dois crimes de roubo com arrombamento. Se levares isto à polícia e lhes mostrares em quantas casas mais ele entrou, vão usar isto para *aumentar* as acusações e não para as diminuir. — O meu pai dá um passo na minha direção com uma expressão frustrada. — *Por favor*, esquece este assunto. És demasiado jovem para deixar que um rapaz que mal conheces te

consuma a vida desta maneira. Ele fez asneira e agora tem de arcar com as consequências dos seus atos.

A Alana também está de pé. Agarra o braço do meu pai para o apoiar e diz:

— O teu pai tem razão, Beyah. Não há nada que possas fazer a não ser seguir com a tua vida.

A Sara e o Marcos continuam sentados no sofá, a olhar para mim de uma maneira que me faz sentir patética.

Todos eles me fazem sentir patética.

Ninguém quer saber o que acontece ao Samson. E nenhum deles acredita no que tivemos os dois. Pela primeira vez na minha vida, tive alguém que gostava realmente de mim, e estas quatro pessoas acham que não sou capaz de reconhecer o que é o amor verdadeiro.

Eu sei o que é o amor, porque passei a vida inteira a saber o que *não é*.

— A minha mãe morreu. — Depois de dizer isto, parece que todo o ar da sala foi sugado.

A Alana leva a mão à boca.

O meu pai abana a cabeça, incrédulo.

— O quê? Quando?

— Na noite em que te liguei e te perguntei se podia vir para cá. Morreu com uma *overdose*, porque desde que me conheço como gente que ela era viciada em drogas. Nunca tive ninguém que cuidasse de mim e estivesse do meu lado. Não te tive a ti. Não tive a minha mãe. *Não tive ninguém*. Vivi a *maldita* da minha vida inteira completamente sozinha. O Samson foi a primeira pessoa que se importou comigo, que torceu por mim.

O meu pai encaminha-se para mim com o rosto contorcido em confusão e comiseração.

— Porque é que nunca me contaste nada disso? — Passa a mão pelo rosto e murmura: — Deus do céu, Beyah.

Tenta puxar-me num abraço, mas recuo.

Dou meia-volta para me dirigir para as escadas, mas o meu pai chama-me.

— Espera. Temos de falar sobre isto.

Agora que a minha raiva veio à superfície, sinto que estou a afogar-me nela. Preciso de deitar tudo cá para fora enquanto tenho oportunidade. Viro-me e encaro novamente o meu pai.

— Falar sobre o quê? Sobre tudo o que não te contei? Queres saber sobre como te menti quando me foste buscar ao aeroporto? A companhia aérea não perdeu a minha bagagem. Eu nunca tive nada, porque a Janean guardava para si cada tostão que lhe mandavas. Tive de começar a foder um rapaz a troco de dinheiro quando tinha 15 anos só para poder ter alguma coisa para comer. Por isso, *vai à merda,* Brian. Tu não és meu pai. Nunca foste e nunca serás!

Não me dou ao trabalho de esperar pela reação deles. Subo as escadas com passos largos e bato com a porta do meu quarto.

O meu pai abre-a 30 segundos depois.

— Por favor, vai-te embora — digo, a minha voz já desprovida de qualquer emoção.

— Precisamos de falar sobre isto.

— Quero ficar sozinha.

— Beyah — diz ele com um tom suplicante, entrando no quarto. Vou até à porta e recuso-me a deixar que a expressão do rosto dele me afete.

— Passaste 19 anos a ser um pai que nunca se envolveu na minha vida. Nesta noite, não estou com disposição para que te envolvas finalmente nela. Por favor, deixa-me em paz.

Neste instante, há tantas coisas a trespassar o olhar do meu pai. Tristeza. Arrependimento. Empatia. Mas não deixo que nenhum dos seus sentimentos afetem os meus. Fito-o estoicamente até ele assentir e sair do meu quarto.

Fecho a porta. Deixo-me cair na cama e puxo para cima do peito o caderno do Samson.

Para eles, este caderno pode ser uma lista de todas as pessoas da península que o Samson prejudicou, mas, para mim, é só mais uma prova de como as suas

intenções foram sempre boas. Ele tentou fazer o que era mais correto, mesmo com meios inexistentes.

Volto a folhear o caderno e leio todas as páginas, toco nas palavras com a ponta do dedo, delineando a sua caligrafia desajeitada. Leio a morada de todas as casas onde ele esteve. Metade do caderno está escrito com a sua caligrafia. Por vezes, é irregular e difícil de ler, como se tivesse escrito à pressa antes de fechar o caderno e ser apanhado.

Vou até ao fim e paro numa página que é diferente das outras. É diferente porque tem o meu nome escrito no cimo da página.

Pouso o caderno aberto sobre o peito e fecho os olhos. O que ele escreveu não é extenso, mas tem o meu nome.

Inspiro e expiro lentamente várias vezes até o meu ritmo cardíaco estar de volta ao normal. A seguir, afasto o caderno do peito e leio as palavras dele.

Beyah,
Em certa ocasião, o meu pai disse-me que o amor é muito parecido com a água.
Pode ser calmo. Furioso. Ameaçador. Apaziguador.
A água pode ser muitas coisas, mas, mesmo com todas as suas formas, será sempre água.
Tu és a minha água.
Acho que também posso ser a tua.
Se estás a ler isto, quer dizer que me evaporei.
Mas isso não significa que devas evaporar-te também.
Vai e inunda todo o maldito mundo, Beyah.

Foi a última coisa que escreveu no caderno. Como se tivesse medo de ser preso antes de poder despedir-se de mim.

Leio a mensagem várias vezes enquanto as lágrimas me caem sobre a página. *Este* é o Samson. Não me importo com o que todas as outras pessoas acreditam. É a esta pessoa que me vou agarrar até ao dia em que ele sair da prisão.

É também a razão pela qual me recuso a ir-me embora. Ele precisa da minha ajuda. Eu sou tudo o que ele tem. Neste momento, não há a menor hipótese de

me afastar dele. A mera ideia de sair desta cidade antes de saber o que lhe vai acontecer parece-me um ato egoísta. Ele acha que está a fazer-me um favor, mas não faz ideia do que a sua decisão está a provocar em mim. Se soubesse, pedia-me para ficar.

Ouço uma batida leve na porta.

— Beyah, posso entrar?

A Sara espreita pela porta, mas não estou com vontade de discutir. Nem sequer tenho forças para o dizer em voz alta. Limito-me a agarrar o caderno com as palavras dele contra o peito e a virar-me para a parede.

A Sara enfia-se na cama e envolve-me nos seus braços.

Não diz nada, deixa-se só deslizar suavemente no seu papel de irmã mais velha e fica comigo até eu adormecer.

VINTE E NOVE

Neste momento, o nascer do sol é a única coisa na minha vida que me transmite paz.

Estou aqui desde as cinco da manhã, à espera. Não consegui dormir. Como é que esperam que durma depois da semana que tive?

Cada vez que fecho os olhos, vejo o Samson a afastar-se de mim sem olhar para trás. Quero recordar todas as vezes em que ele olhou para mim com esperança, entusiasmo e intensidade. Mas a única coisa que vejo é aquele último momento em que me deixou sozinha e a chorar.

Receio que seja assim que me vou lembrar dele, e esta não era a forma como gostaria que a nossa despedida tivesse acontecido. Tenho a certeza de que vou conseguir fazê-lo mudar de ideias. Tenho a certeza de que o posso ajudar.

Hoje, tenho uma entrevista de emprego na única loja de dónutes da península. Vou juntar todos os tostões que conseguir para o ajudar. Sei que não é isto que ele quer, mas é o mínimo que posso fazer para compensar tudo o que ele trouxe à minha vida durante este verão.

Sei que vai continuar a ser um pomo de discórdia entre mim e o meu pai enquanto continuar a viver nesta casa. Ele acha que estou a ser ridícula por não ir para a Pensilvânia. Eu acho que ele está a ser ridículo por esperar que me afaste de uma pessoa que não tem absolutamente mais ninguém na vida. Não há muita gente que entenda a solidão como eu e o Samson entendemos.

Também não sei como é que o meu pai espera que recomece a minha vida noutro estado pela segunda vez num único verão. Não tenho a energia necessária para recomeçar. Sinto-me completamente esgotada.

Não tenho energia para me mudar para o outro lado do país e, acima de tudo, não tenho energia para jogar voleibol e manter a bolsa de estudo.

Nem sequer sei se tenho energia para me levantar todos os dias e fazer

dónutes, se ficar com o emprego, claro, mas saber que cada cêntimo que receber vai ajudar o Samson fará provavelmente com que valha a pena.

Quando o sol começa a surgir por cima do horizonte, a minha atenção é desviada para a porta do quarto. O meu pai espreita e todo o meu corpo suspira perante a sua presença.

Ontem à noite, era demasiado tarde para discutir com ele, e agora é demasiado cedo.

Ele parece aliviado por me ver sentada aqui fora. Quando olhou para a cama e não me viu, o mais certo é ter pensado que eu tinha fugido de casa.

Tive vontade de fugir tantas vezes, mas fugia para onde? Sinto que já não pertenço a lado nenhum. O Samson foi a minha primeira sensação de pertença, e foi-me arrancado.

O meu pai senta-se ao meu lado. Não me deixo reconfortar com a sua presença como fazia com o Samson. Fico tensa e inabalável.

Ele fica a ver o sol a nascer comigo, mas o facto de estar aqui arruinou a experiência para mim. É difícil encontrar a beleza no nascer do sol quando sinto tanta raiva pelo homem que está sentado ao meu lado.

— Lembras-te da primeira vez que fomos à praia? — pergunta-me.

Abano a cabeça.

— A primeira vez que fui à praia foi neste verão.

— Não foi, não. Já tinhas ido à praia, mas eras pequenina. Talvez não te lembres. Quando tinhas 4 ou 5 anos, levei-te a Santa Mónica.

Olho finalmente para os olhos dele.

— Eu já estive na Califórnia?

— Já. Não te lembras?

— Não.

A expressão é lamentosa por um instante, mas depois ele tira o braço das costas do sofá e levanta-se.

— Venho já. Tenho fotografias algures aqui em casa. Quando me disseste que vinhas, trouxe um álbum de fotografias que tinha na nossa casa em Houston.

Ele tem fotografias da minha infância? Presumivelmente na praia?

Só acredito quando vir.

Alguns minutos depois, o meu pai volta com o álbum de fotografias. Senta-se novamente no sofá e abre o álbum, deslizando-o para o meu colo.

Vejo as fotografias e sinto que estou a ver a vida de outra pessoa. Há tantas fotografias minhas que não me lembro de ter tirado. Dias dos quais não tenho a menor recordação.

Chego a uma secção de fotografias minhas a correr na areia e não consigo relacioná-las com nenhuma memória. Naquela idade, nem sequer devia conseguir aperceber-me do significado destas viagens.

— Quando é que foi isto? — pergunto, a apontar para uma fotografia minha em frente a um bolo de aniversário, mas com uma árvore de Natal pequena em pano de fundo. O meu aniversário é meses depois do Natal, e eu normalmente visitava o meu pai no verão. — Não me lembro de passar os Natais contigo.

— Tecnicamente, não passavas. Mas como só vinhas no verão, eu aglomerava todas as festas numa grande celebração.

Agora que ele fala nisso, tenho uma vaga ideia. Tenho recordações difusas de estar de estômago dolorosamente cheio a abrir presentes. Mas isso foi há tanto tempo, e as memórias não ficaram presentes no resto da minha vida. Aparentemente, as tradições do meu pai também não.

— Porque é que deixaste de o fazer? — pergunto.

— Para ser franco, não sei. Tu começaste a crescer, e a cada ano em que vinhas visitar-me parecias menos interessada nestas palermices. Ou talvez eu tenha apenas presumido que te interessavas pouco por elas. Foste sempre uma menina muito reservada; era difícil arrancar-te o que quer que fosse.

Culpo a minha mãe por isto.

Folheio o álbum e paro numa fotografia em que estou sentada ao colo do meu pai. Estamos os dois a sorrir para a máquina fotográfica. Ele tem os braços à minha volta e eu estou aninhada nele.

Durante estes anos todos, sempre pensei que ele nunca fora afetuoso comigo.

Houve muitos anos em que *não* demostrou qualquer afeto, e é *desses* que me lembro mais vivamente.

Passo o dedo sobre a fotografia, entristecida com o que aconteceu entre nós que alterou a nossa relação.

— Quando é que deixaste de me tratar como tua filha?

O meu pai suspira, um suspiro impregnado de tantas coisas.

— Eu tinha 21 anos quando tu nasceste. Nunca soube muito bem o que estava a fazer contigo. Quando eras pequenina, era mais fácil fazer de conta que sabia, mas depois começaste a crescer e eu… sentia-me culpado, mais nada. Esta culpa começou a invadir o tempo que passávamos juntos. Sentia que as visitas que me fazias eram um incómodo para ti.

Abano a cabeça.

— Eram a única coisa pela qual ansiava, pai.

— Quem me dera saber disso na altura — diz ele baixinho.

Começo a desejar ter-lhe contado.

Se há uma coisa que aprendi com o Samson durante este verão é que guardar as coisas dentro de nós não nos leva a lado nenhum. Só faz com que a verdade acabe por doer ainda mais.

— Eu não fazia a menor ideia do tipo de mãe que ela era, Beyah. Ontem à noite, a Sara contou-me algumas das coisas de que lhe falaste, e eu… — A voz dele está trémula, como se fizesse um esforço para suster as lágrimas. — Eu fiz muitas coisas mal. Não tenho desculpa. Tens todo o direito a estar ressentida comigo, porque tens razão no que disseste. Eu devia ter lutado mais para te conhecer. Devia ter lutado mais para poder passar mais tempo contigo.

O meu pai tira o álbum de fotografias das minhas mãos, pousa-o na cadeira ao seu lado e olha para mim com uma expressão de profundo desconforto.

— Sinto que o que estás a fazer, a deixar que o destino deste rapaz determine o teu próprio destino, é culpa minha, porque eu nunca te dei um exemplo que pudesses seguir. Mas, apesar disso, tu tornaste-te a pessoa extraordinária que és hoje, e isso não se deve a mim. Deve-se inteiramente a *ti*. És uma lutadora, por

isso é natural que queiras ficar aqui e lutar pelo Samson. Talvez porque vês muito de ti nele. Mas e se ele não for a pessoa que pensas que é e estiveres a tomar uma má decisão?

— E se ele for exatamente a pessoa que penso que é?

O meu pai pega na minha mão direita e segura-a entre as suas. Ele parece estar a ser tão sincero, olhando para mim com tanta honestidade.

— Se o Samson é a pessoa que pensas que é, então o que dirá acerca daquilo que queres fazer por ele? Achas que ele ia querer que desperdiçasses tudo aquilo para o qual trabalhaste tanto? — Desvio os olhos do meu pai e olho para o nascer do sol. Tenho todos os meus sentimentos entalados na garganta.

— Beyah, eu amo-te. Amo-te o suficiente para admitir que demasiadas pessoas na tua vida te desiludiram, te deixaram ficar mal. E eu fui uma delas. A única pessoa que sempre te foi inteiramente fiel foste *tu*. Neste momento, estás a deixar-te ficar mal porque não estás a pensar *em ti* em primeiro lugar.

Inclino-me para a frente e seguro a cabeça entre as mãos. Fecho os olhos com força. Sei que isso é o que o Samson quer que eu faça — que me ponha em primeiro lugar, antes dele. Só não *quero* que ele queira isso para mim.

O meu pai acaricia-me as costas e a sensação é tão apaziguadora que me encosto a ele e envolvo-o nos meus braços. Ele abraça-me de volta, enquanto me faz festas suaves na cabeça.

— Eu sei que isto dói — murmura ele. — Quem me dera poder retirar-te essa dor.

Dói, sim. É uma dor brutal, devastadora. E não é justo. Encontrei finalmente uma coisa boa na minha vida e agora vejo-me obrigada a deixá-la para trás.

Mas eles têm razão. Todos têm razão, menos eu. Tenho de pensar primeiro em mim. Foi o que sempre fiz e, até agora, funcionou sempre.

Penso na carta que o Samson me deixou no caderno e naquela última linha que me ficou no coração. *Vai e inunda todo o maldito mundo, Beyah*.

Inspiro com dificuldade o ar salgado matutino, sabendo que não voltarei a ter muitas manhãs destas antes de partir para a Pensilvânia.

— Cuidas do *Queijo Pepper Jack* enquanto eu estiver fora?

O meu pai suspira de alívio.

— Claro que sim. — Beija-me suavemente o cabelo. — Eu amo-te, Beyah.

Sinto muita verdade nas suas palavras e, pela primeira vez, permito-me acreditar nele.

É neste momento que liberto tudo. Liberto todas as coisas da minha infância que me deixaram o coração pesado.

Liberto toda a raiva que senti pelo meu pai.

Até liberto a raiva que senti pela minha mãe.

A partir deste momento, só irei agarrar-me às coisas boas.

Posso não acabar o verão com o Samson ao meu lado, mas vou acabá-lo com uma coisa que não tinha quando aqui cheguei.

Uma família.

TRINTA

A minha colega de quarto é uma rapariga de Los Angeles. Chama-se Cierra, *com C*.

Damo-nos bem, mas estou a tentar concentrar-me nos estudos e no voleibol, por isso não tenho estado com ela fora do nosso quarto no dormitório. Não a vejo muito, a não ser quando estamos as duas a fazer os trabalhos de casa ou a dormir. É estranho. Quando vivia do outro lado do corredor com a Sara, via-a mais do que vejo a pessoa que agora vive no mesmo quarto que eu.

Tenho saudades da Sara, apesar de trocarmos mensagens todos os dias. Tal como acontece com o meu pai.

Nenhum de nós fala do Samson. Não desde aquela manhã em que decidi vir estudar para a Pensilvânia. Preciso que toda a gente acredite que segui com a minha vida, mas não sei bem como o fazer. Penso nele o tempo todo. Quando vejo ou ouço qualquer coisa, sinto uma necessidade intensa de lhe contar. Mas não posso, porque ele tratou de garantir que cortava todos os canais de comunicação que eu poderia ter com ele.

Escrevi-lhe uma carta, mas veio devolvida. Chorei uma tarde inteira por causa disso, mas depois decidi não lhe escrever mais.

A audiência no tribunal foi hoje de manhã. Com base em todas as acusações, ele pode ter alguns anos de prisão pela frente. Tenho estado o dia inteiro ao lado do telemóvel, à espera de uma chamada do Kevin.

É a única coisa que tenho feito. Olhar para o telemóvel. À espera. Acabo por me cansar e marco o número do Kevin. Sei que ele disse que me ligava depois da leitura da sentença, mas talvez se tenha distraído com alguma coisa. Olho para trás para me certificar de que a Cierra ainda está no banho e endireito-me na cama quando o Kevin atende.

— Estava mesmo para te ligar.

— O que é que aconteceu?

O Kevin suspira e eu sinto o peso da sentença do Samson neste suspiro.

— Tenho boas e más notícias. Conseguimos diminuir as acusações de roubo com arrombamento para invasão de propriedade privada, mas não cederam na acusação de fogo posto, por causa das imagens das câmaras de segurança.

Tenho o braço apertado com força em volta do estômago.

— Quanto tempo, Kevin?

— Seis anos. Mas é provável que saia ao fim de quatro.

Pressiono a mão contra a testa e deixo cair a cabeça entre os ombros.

— Porquê tanto tempo? É muito tempo.

— Podia ter sido bem pior. Só pelo fogo posto ele podia ter apanhado dez anos. Se não tivesse violado a liberdade condicional, o mais certo era levar só uma advertência. Mas estes não foram os seus primeiros delitos, Beyah.

— Mas explicou ao juiz por que *motivo* ele violou a liberdade condicional? Ele não tinha dinheiro. Como é que podem esperar que as pessoas paguem as despesas da liberdade condicional se não têm dinheiro nenhum?

— Eu sei que não são exatamente as notícias que querias receber, mas podia ter sido muito pior.

Estou tão transtornada. Nunca pensei que ele recebesse uma pena tão pesada.

— Há violadores que não recebem penas tão longas como essa. Que raio se passa de errado com o nosso sistema judicial?

— Passa-se tudo de errado. Estás na faculdade. Talvez possas tirar Direito e fazer alguma coisa a respeito disso.

Se calhar, tiro mesmo. Ainda não decidi qual vai ser a minha especialização, e nada me enerva mais do que pensar em todas as pessoas que caem nas falhas do sistema.

— Vão mandá-lo para que estabelecimento prisional?

— Huntsville, no Texas.

— Tem alguma morada para onde eu possa escrever?

Consigo ouvir a hesitação do Kevin através do telemóvel.

— Ele não quer visitas. Nem correspondência. O meu nome e o da minha mãe

são os únicos que estão na lista de autorizações.

Já imaginava que fosse assim. O Samson vai ser obstinado em relação a isto até ao dia em que sair da prisão.

— Kevin, vou ligar-lhe todos os meses até ele sair. Mas, por favor, se houver alguma alteração, ou se ele sair mais cedo em liberdade condicional, ligue-me. Qualquer coisa que aconteça, ligue-me, mesmo que seja só para me dizer que foi transferido para outro sítio.

— Posso dar-te um conselho, Beyah?

Reviro os olhos, à espera de mais uma lição de moral da parte de alguém que não conhece o Samson.

— Se tu fosses minha filha, eu dizia-te para seguires com a tua vida. Já dedicaste demasiado esforço a este rapaz e ninguém o conhece suficientemente bem para saber se ele vale esse tipo de energia.

— E se o Samson fosse seu filho? — pergunto. — Gostaria que toda a gente desistisse dele?

O Kevin suspira pesadamente antes de responder.

— Muito bem, já percebi o teu ponto de vista. Sendo assim, falamos no próximo mês.

Ele desliga a chamada e eu pouso o telemóvel na cómoda, completamente desiludida, impotente para fazer o que quer que seja.

— O teu namorado está preso?

Viro-me para trás ao ouvir a voz da Cierra. O meu primeiro instinto é mentir-lhe, porque foi o que sempre fiz. Sempre escondi a minha verdade das pessoas que me rodeavam. Mas acho que já não quero ser essa pessoa.

— Não, ele não é meu namorado. É só alguém de quem gosto muito.

A Cierra vira-se para o espelho e segura uma camisola contra o peito.

— Ótimo, porque hoje à noite há uma festa e quero que venhas comigo. Vão estar lá muitos rapazes. — Atira a camisola para o lado e segura outra em frente ao espelho. — E raparigas também, se for essa a tua preferência.

Fito a Cierra enquanto ela se olha ao espelho. Os seus olhos estão inundados

de expetativa e muito pouca dor. Ela é quem eu gostava de ser neste momento. Alguém entusiasmado com as partes divertidas da vida universitária e nem um pouco sobrecarregada com o peso das coisas que pode ter tido de ultrapassar para aqui chegar.

Não me tem parecido justo sair para me divertir enquanto o Samson está preso atrás das grades, por isso a única coisa que fiz desde que cheguei ao *campus* foi estudar e jogar voleibol, além de investigar formas de tirar pessoas da prisão.

Não há melancolia suficiente que consiga mudar o destino do Samson. E, apesar de ele ter cortado todos os canais de comunicação comigo, sei exatamente por que razão o fez. Ele sabe que, se eu estiver em contacto permanente com ele, vou andar demasiado concentrada e preocupada com a sua vida. Não posso zangar-me com ele por causa disso.

E como hei de conseguir esquecê-lo, se não estou zangada?

Ninguém vai conseguir fazer o Samson mudar de ideias. Sei que é assim porque, se os nossos papéis estivessem invertidos, eu haveria de querer para ele a mesma coisa que ele quer para mim agora.

Entendo as suas intenções em cada parte do meu corpo. Como iria ele reagir se soubesse que passei o tempo todo na faculdade tão deprimida e sozinha como quando andava na escola secundária?

Iria ficar tão desiludido por eu ter desperdiçado estes anos.

Tenho duas opções: ou escolho manter-me neste caminho de esperança que pode não levar a lado nenhum, ou posso descobrir quem sou enquanto aqui estou.

Que versão de mim posso ser enquanto aqui estiver?

Passo os dedos indicadores por baixo dos olhos. Sinto-me emotiva por várias razões, mas principalmente porque acho que neste instante preciso de me libertar de verdade do Samson, sob pena de, se não o fizer, ele continuar a afetar-me durante os próximos anos da minha vida. Não quero isso. E ele também não.

— Desculpa — diz a Cierra, virando-se para olhar para mim. — Não queria deixar-te aborrecida. Não precisas de vir à festa.

Sorrio-lhe.

— Não, eu quero ir. Quero ir à festa contigo. Acho que talvez possa ser uma pessoa divertida.

A Cierra faz beicinho como se as minhas palavras a entristecessem.

— *Claro* que és uma pessoa divertida, Beyah. Toma. — Atira-me a camisola que tem na mão. — Esta cor fica-te melhor a ti do que a mim.

Levanto-me e seguro a camisola à minha frente. Vejo o meu reflexo no espelho. Sinto a tristeza que existe dentro de mim, mas não a vejo no meu rosto. Sempre fui muito boa a esconder os meus sentimentos.

— Queres que te maquilhe? — pergunta ela.

Assinto.

— Sim, gostava muito.

A Cierra volta à casa de banho. Olho de relance para o lado da porta, para a fotografia da Madre Teresa de Calcutá que pendurei no dia em que aqui cheguei.

Questiono-me que versão de si mesma poderia a minha mãe ter sido se não fossem os seus vícios. Quem me dera ter conhecido essa versão.

Para a homenagear, é dessa sua versão que eu vou ter saudades. Da pessoa que ela nunca teve oportunidade de ser.

Beijo os dedos e a seguir encosto-os à fotografia quando passo por ela a caminho da casa de banho.

A Cierra está a tratar da sua maquilhagem. No dia em que a conheci, prometi a mim mesma que não ia fazer nenhum juízo de valor precipitado e achar que ela era uma «menina dos balneários», como quase fiz com a Sara. Não importa quem a Cierra foi no secundário, nem quem eu fui, todos somos compostos por mais do que os nossos comportamentos passados, bons ou maus.

Já não quero ser a versão de mim mesma que julgava as pessoas antes de as aceitar. Estava a projetar nelas todos os comportamentos contra os quais tinha ressentimentos.

A Cierra olha para o meu reflexo no espelho e sorri com o mesmo entusiasmo com que a Sara havia de sorrir por estar a arranjar-me.

Devolvo-lhe o sorriso e finjo que também estou entusiasmada.

Se tiver de fingir durante o ano inteiro, é o que vou fazer. Vou sorrir tanto, que o meu sorriso falso há de acabar por se transformar num sorriso verdadeiro.

TRINTA E UM

OUTONO DE 2019

O dia de hoje tem tudo para ser um dia perfeito. Estamos em outubro, o sol brilha no céu, mas está suficientemente fresco para estar há duas horas sentada no capô do meu carro sem transpirar.

No entanto, apesar do potencial do dia, as coisas ainda podem acabar numa enorme desilusão. Não faço ideia.

Como vai reagir o Samson quando sair por aquelas portas?

Quem será ele?

Em quem se *terá transformado*?

A Maya Angelou dizia algo que me faz lembrar da nossa situação: «Quando alguém te mostra quem é, acredita logo à primeira.»

Agarrei-me com tanta força a esta frase que a sinto gravada nos ossos. Regresso sempre a ela quando começo a sentir dúvidas, pois quero acreditar que o Samson com quem passei o verão era o verdadeiro Samson. Quero acreditar que ele tem esperança de que eu continue à espera dele, a mesma esperança que eu tenho de que ele continue a querer-me.

Mas mesmo que não queira, acho que já se passou tempo suficiente para os ossos do meu coração solidificarem. Continuam a ter uma fratura. Por vezes, sinto que me dói. Principalmente quando já é tarde e não consigo dormir.

Há mais de quatro anos que não o vejo, e os meus pensamentos sobre o Samson continuam a estar cada vez mais afastados uns dos outros, com muitos pensamentos pelo meio que não se relacionam com ele. Mas não sei se faço isto porque estou a tentar proteger-me para o que pode acontecer hoje ou se é porque o Samson foi realmente só um caso de verão numa vida cheia de outras estações.

O pior resultado que consigo imaginar é o de que todos os momentos que causaram um impacto tão duradouro em mim não tenham sido assim tão profundos para ele.

Pensei em poupar-me a um potencial embaraço. Ele pode ver-me aqui à sua espera e já mal se lembrar de mim. Ou pior do que isso — pode sentir pena da rapariga que ainda espera por ele depois de todo este tempo.

Qualquer uma destas opções compensa o risco, porque a ideia de ele sair por aquelas portas e não ter ninguém à sua espera parece-me o resultado mais triste de todos. Prefiro estar aqui e ele já não me querer do que não estar e ele esperar que eu estivesse.

Na semana passada, o Kevin ligou-me a dizer que o Samson tinha recebido autorização para sair mais cedo da prisão. Antes de atender o telemóvel, já sabia o que ele ia dizer, porque o Kevin nunca me liga. Sou sempre eu que lhe pergunto se há novidades. Ligo-lhe tantas vezes que o devo aborrecer mais do que o telemarketing.

Estou sentada em cima do capô com as pernas cruzadas a comer uma maçã que acabei de tirar da mochila. Já estou aqui há quase quatro horas.

No carro ao lado está um homem que também espera pela libertação de alguém. Sai para esticar as pernas e depois encosta-se ao carro.

— Está aqui à espera de quem? — pergunta.

Não sei como responder a isto e encolho os ombros.

— De um velho amigo que talvez nem me queira aqui.

Ele dá um pontapé numa pedra.

— Eu venho buscar o meu irmão. Já é a terceira vez. Espero bem que seja a última.

— Espero que sim — digo. Mas duvido. Enquanto estive na faculdade, aprendi o suficiente sobre o sistema prisional para ter pouca fé na sua capacidade de reabilitar convenientemente os reclusos.

É por isso que agora estou a estudar Direito. Estou convencida de que o Samson não estaria na posição em que está agora se tivesse tido acesso a melhores recursos da primeira vez que saiu em liberdade. Mesmo que no fim disto tudo não fique com o Samson, acabei por encontrar uma nova paixão.

— A que horas costumam abrir as portas? — pergunto ao homem.

Ele olha para o relógio.

— Achei que fosse antes do almoço. Mas hoje estão atrasados.

Levo a mão à mochila que tenho ao meu lado no capô.

— Está com fome? Tenho batatas fritas.

Ele levanta as mãos e eu atiro-lhe o pacote de batatas.

— Obrigado — diz ele, enquanto o abre. Põe uma batata na boca. — Boa sorte para o seu amigo.

Sorrio.

— Boa sorte para o seu irmão.

Dou mais uma dentada na maçã e encosto-me ao vidro do carro. Levanto o braço e passo os dedos pela minha tatuagem do cata-vento.

Depois de o Samson ser preso, detestei esta tatuagem. Ela devia trazer-me sorte, mas, em vez disso, parecia que o meu mundo estava pior do que antes de me mudar para o Texas. Demorei pelo menos um ano a apreciar completamente a tatuagem.

À exceção do que aconteceu com a prisão do Samson, todos os outros aspetos da minha vida melhoraram depois de fazer a tatuagem. Tornei-me muito mais próxima do meu pai e da sua nova família. Agora, a Sara não é só minha irmã, mas também a melhor amiga que tenho no mundo.

Entrei para a Faculdade de Direito. Quando era miúda e agarrei numa bola de voleibol pela primeira vez, nunca imaginei que seria advogada. *Eu*. A miúda solitária que teve de fazer coisas inimagináveis só para conseguir comer vai ser uma advogada, caraças!

Acho que esta tatuagem acabou mesmo por mudar a minha sorte. Não da forma que esperava quando a fiz, mas agora que estou neste ponto da minha vida, consigo ver todas as coisas boas que resultaram daquele verão. E o Samson foi uma dessas coisas, não obstante a pessoa que ele for hoje. Estou num ponto da minha vida em que o meu futuro não vai ser determinado pelo resultado de qualquer potencial relacionamento.

Quero que ele seja quem sempre acreditei que realmente fosse? Claro que sim.

Vou desabar se ele não for? De maneira nenhuma.

Continuo a ser feita de aço. *Dá o teu melhor, mundo. Não consegues fazer mal a alguém que é impermeável.*

— As portas estão a abrir — diz o homem no carro ao lado.

Sento-me imediatamente e atiro a maçã para a mochila.

Pressiono a palma da mão contra o peito e expiro quando alguém começa a sair do edifício. Não é o Samson.

Até podia sair de cima do carro e ficar em pé, mas tenho medo de que as minhas pernas não consigam suster-me. Estou a cerca de seis metros da entrada, mas, se ele não estiver à espera de que alguém o venha buscar, há a possibilidade de não me ver.

O homem que acabou de sair parece ter cerca de 50 anos. O seu olhar perscruta o parque de estacionamento até encontrar o carro ao lado do meu. Assente, mas o irmão nem sequer sai do carro. O homem encaminha-se para o carro, entra para o lugar do passageiro e a seguir vão-se embora, como se isto fosse um aeroporto e estas viagens fossem normalíssimas.

Ainda estou sentada de pernas cruzadas quando o vejo, por fim.

O Samson sai do edifício e protege os olhos do sol enquanto olha para o passeio, em direção ao autocarro.

O meu coração está a bater tão depressa. Muito mais rápido do que pensei que iria bater. É como se todos os sentimentos que tinha aos 19 anos estivessem a despertar ao mesmo tempo.

Ele está quase na mesma. Parece-se mais com um homem do que com um rapaz, e o cabelo está um pouco mais escuro, mas, tirando isso, está exatamente igual às memórias que tenho dele. Afasta o cabelo do rosto e começa a caminhar em direção ao autocarro, sem olhar para o parque de estacionamento.

Não sei se devo chamar o nome dele ou correr na sua direção. Ele está a afastar-se de mim. Pressiono as palmas das mãos contra o capô, preparada para sair, quando ele para de repente.

Fica parado por um instante, de costas viradas para mim, enquanto eu

sustenho a respiração com ansiedade. É como se ele quisesse olhar mas tivesse medo de não encontrar aqui ninguém.

Passado um instante, começa a virar-se, como se sentisse a minha presença. Os olhos cruzam-se com os meus e ele fita-me durante muito tempo. Continua a ser tão indecifrável como era naquela altura, mas não preciso de saber no que ele está a pensar para sentir as emoções que se libertam entre nós neste instante.

O Samson leva as mãos à nuca e vira-se de costas, como se não conseguisse olhar para mim nem mais um segundo. Vejo os seus ombros a endireitarem-se lentamente enquanto expira.

Vira-se mais uma vez para mim e a expressão do seu rosto é tão tocante.

— Foste para a faculdade, Beyah? — grita do outro lado do parque de estacionamento, porque é talvez a pergunta mais importante do mundo. Mais importante do que qualquer outro pensamento que possa estar a passar-lhe pela cabeça.

Assim que me pergunta isto, uma lágrima solitária e gorda cai pelo meu rosto. Assinto.

Quando o faço, é como se a tensão na alma dele se libertasse imediatamente. Continuo sentada no capô do meu carro, mas até daqui consigo ver a testa dele franzida. Quero ir até lá e alisar-lhe a testa, dizer-lhe que, finalmente, está tudo bem.

Ele fita o betão como se não soubesse o que fazer. Percebe-o pouco tempo depois, porque começa a caminhar com urgência na minha direção. Corre os últimos três metros, e eu arquejo quando ele chega ao carro e não para. Rasteja para cima do capô, para cima de mim até eu ser obrigada a encostar-me ao vidro. A seguir, a sua boca está sobre a minha e ele pede-me desculpa com uma ferocidade silenciosa que sinto profundamente no meu âmago.

Envolvo o pescoço dele com os meus braços, como se não se tivesse passado um único segundo. Beijamo-nos no capô do meu carro durante vários segundos, até o Samson parecer não aguentar mais. Afasta-se, salta do carro e a seguir agarra-me pela cintura e puxa-me até à beira, baixando-me até ficar com os pés

no passeio. Quando me abraça, os seus braços apertam-me com mais força do que da primeira vez em que me abraçou.

Os minutos seguintes são uma combinação de lágrimas (principalmente minhas), beijos e olhares incrédulos que dirigimos um ao outro. Tinha tantas perguntas para lhe fazer quando o visse e agora não me consigo lembrar de nenhuma.

Quando paramos de nos beijar o tempo suficiente para ele falar, diz:

— Antes de fazer isto, devia ter-te perguntado se tens alguém.

Sorrio e abano vigorosamente a cabeça.

— Estou bastante solteira.

Ele volta a beijar-me, lentamente, e a seguir fita a minha boca como se fosse a coisa de que mais teve saudades.

— Perdoa-me.

— Eu perdoo-te.

E é realmente assim tão simples.

As sobrancelhas dele afastam-se com alívio. O Samson puxa-me para si e liberta um suspiro pesado para o meu cabelo.

— Não acredito que estás aqui. — Pega em mim e anda comigo à roda, dando uma volta completa antes de me pousar no chão. Encosta a testa à minha e sorri. — E agora?

Solto uma gargalhada.

— Não faço ideia. O resto do meu dia estava dependente do que acontecesse neste momento.

— O meu também. — Agarra-me nas mãos e leva-as à boca, beijando-me os nós dos dedos. Depois, aninha os meus punhos contra o peito e diz: — Preciso de ver a Darya.

As palavras dele fazem-me lembrar um dos versos dos poemas do pai. Já os li tantas vezes que os sei de cor, por isso recito-o em voz alta:

— «Porque quando um homem diz “Vou para casa”, devia sempre dirigir-se ao mar.»

Começo a afastar-me dele para poder abrir a porta do carro, mas o Samson agarra-me na mão e puxa-me para trás.

— O meu pai escreveu isso. Tens a minha mochila?

Só neste momento me apercebo de que é provável que o Samson tenha pensado que a mochila desaparecera algures.

— Tenho. Levei-a para casa na noite em que foste detido.

— Guardaste os poemas do meu pai?

Assinto.

— Claro que guardei.

Os olhos dele têm uma expressão dolorida, como se ele estivesse a tentar conter as lágrimas. Depois, encurta a distância entre nós e enterra os dedos no meu cabelo, aninhando a minha cabeça entre as suas mãos.

— Obrigado por acreditares em mim, Beyah.

— Tu acreditaste em mim primeiro, Samson. Era o mínimo que podia fazer.

TRINTA E DOIS

Quando finalmente chegamos à praia, ele nem sequer parou a contemplá-la. Saiu do carro, tirou a t-shirt e entrou diretamente na água. Estou sentada há algum tempo a vê-lo nadar. Ele é a única pessoa na água, eu sou a única na praia. A praia está vazia porque estamos em outubro, e o Samson é louco por nadar quando a água está tão fria.

Mas entendo-o. Ele precisa disto. São anos e anos de terapia, resumidos num banho de mar.

Depois de sair da água, volta para junto de mim e senta-se na areia ao meu lado. Está encharcado e a ofegar, mas parece-me feliz. Não falou muito durante o caminho até aqui, mas eu também não lhe perguntei muitas coisas. Ele está há tanto tempo privado das coisas que ama, que eu quero dar-lhe tempo para absorver tudo antes de começar a bombardeá-lo com perguntas sobre os últimos anos.

Ele olha de relance para trás de nós.

— Não vive ninguém na casa da Marjorie?

— Não.

Pergunta isto porque é evidente que ninguém tem cuidado da casa desde que está vazia. Há telhas em falta no telhado e a erva está alta em volta dos alicerces.

A Marjorie morreu em março deste ano, por isso o mais provável é o Kevin pôr a casa à venda. Tive muita pena que o Samson não pudesse ter vindo ao funeral dela, pois sei o quanto a Marjorie significava para ele. Até o visitou algumas vezes antes de morrer.

O Samson deita-se na areia com a cabeça no meu colo. Ergue o olhar para mim, com uma expressão de contentamento apaziguado. Passo os dedos pelo seu cabelo molhado e sorrio-lhe.

— Onde é que está o *Queijo Pepper Jack*? — pergunta.

Aponto para a nossa casa.

— Agora é um cão de interior. Ele e o meu pai afeiçoaram-se.

— E tu e o teu pai?

Sorrio.

— Também nos afeiçoámos. Ele tem sido extraordinário comigo.

O Samson leva a minha mão aos lábios e beija-ma. A seguir, agarra-a com as suas e pressiona-a contra o peito, segurando-a ali.

Assim que o vi hoje, tudo encaixou nos seus devidos lugares quase de imediato. É como se não se tivesse passado um único minuto. Não faço a menor ideia do que o futuro nos reserva, mas tudo o que preciso está aqui, neste momento.

— Pareces diferente — diz ele. — Melhor, mais feliz.

— Estou mais feliz. — Consigo sentir o coração dele a bater com força contra a palma da minha mão. — Não te vou mentir, no início fiquei mesmo zangada contigo, mas tinhas razão. Foi melhor assim, senão nunca teria saído daqui.

— Foi horrível — diz ele, com um sorriso travesso que contraria as palavras. — Uma absoluta tortura. Nem sei dizer-te quantas vezes quase cedi e pedi a tua morada ao Kevin.

Solto uma gargalhada.

— Fico contente por saber que pensaste em mim.

— Pensei em ti em todos os instantes — diz ele com confiança. Estende a mão e toca-me no rosto. Apoio a cara na sua mão. — Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

Assinto.

— Saíste com outros rapazes?

Pestanejo duas vezes. Já estava à espera de que me perguntasse isto, mas talvez não tão depressa.

Ele apoia-se no braço e levanta-se até ficarmos frente a frente. Estende o braço e pousa uma reconfortante mão em redor da minha nuca.

— Só estou a perguntar porque espero que a resposta seja sim.

— Esperas que eu *tenha* saído com outros tipos?

Ele encolhe os ombros.

— Não vou dizer que não vou ter ciúmes, mas queria mesmo que te tivesses divertido na faculdade e que não tivesses encarado o teu quarto no dormitório como uma cela de prisão.

— Saí com outros rapazes — digo. — Até namorei com um, no meu primeiro ano.

— Ele era simpático?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Era, mas não era como tu. — Debruço-me e beijo-o brevemente. — Fiz amigos, saí muito. Tive boas notas. Até gostei da minha equipa de voleibol. Éramos bastante boas.

O Samson sorri com um ar satisfeito e volta a deitar a cabeça nas minhas coxas.

— Ótimo. Nesse caso, não me arrependo da minha decisão.

— Ótimo.

— Como está a Sara? Ela e o Marcos ainda estão juntos?

— Estão. Casaram-se no ano passado e a Sara está grávida de quatro meses.

— Fico contente por eles. Sempre tive esperanças de que a relação deles desse certo. E a marca de roupa? Chegou a arrancar?

Aponto para uma casa mais ao longe na praia. O Samson apoia-se nos cotovelos para conseguir ver para onde aponto.

— A casa deles é aquela. Acabaram de a construir há seis meses.

— A amarela?

— Sim.

— Bolas.

— Sim, a marca de roupa está a correr muito bem e ele tem muitos seguidores no *TikTok*, que foi um bom impulso para os produtos.

O Samson abana a cabeça.

— *TikTok*?

Solto uma gargalhada.

— Quando tiveres um telemóvel novo, mostro-te.

— Bem, como as posições se inverteram — diz o Samson. Levanta-se até estar sentado ao meu lado e sacode a areia do corpo.

— Podemos ir vê-los?

— À Sara e ao Marcos? Agora?

— Não neste preciso instante — responde. — Quero ter mais tempo para pôr a conversa em dia contigo, mas também preciso de ir ver o teu pai. Tenho um pedido de desculpas, ou dez, para lhe fazer.

— Pois, essa parte não vai ser tão fácil.

— Eu sei, mas sou persistente. — O Samson põe um braço à volta do meu corpo e puxa-me para si. Dá-me um beijo no cimo da cabeça.

— Como é que devo tratar-te agora? Por Shawn ou Samson?

— Samson — responde de imediato. — Nunca me senti mais verdadeiro como naquele verão que passei contigo. E é exatamente assim que quero ser. Para sempre.

Abraço os joelhos e enterro a boca no interior do cotovelo para esconder o sorriso.

— Onde é que vives agora? — pergunta-me.

Aponto para a casa de praia do meu pai.

— Esta semana estou com o meu pai e com a Alana, mas tenho um apartamento em Houston. Estou na Faculdade de Direito.

— Não pode ser.

Solto uma gargalhada.

— Pode, pode. Comecei o primeiro semestre em agosto.

O Samson abana a cabeça com um misto de orgulho e incredulidade no rosto.

— Não sabia que era isso que querias fazer.

— Eu também não sabia, até tu seres preso. O Kevin tem-me ajudado muito. Na verdade, vou começar a estagiar no escritório dele.

O Samson sorri suavemente.

— Estou orgulhoso de ti.

— Obrigada.

— Eu também tive algumas cadeiras de ensino superior quando estava na prisão — diz ele. — Vou tentar entrar para a faculdade, se houver alguma que me aceite.

Os seus olhos afastam-se depois de dizer isto, como se estivesse preocupado com todos os desafios que está prestes a enfrentar.

— Como é que foi a prisão?

Ele suspira.

— Muito merdosa. Dou uma estrela em dez. Não recomendo.

Rio-me disto.

— E qual é o teu próximo passo? Onde é que vais ficar a viver?

O Samson encolhe os ombros.

— O Kevin tem todas as informações. Diz que me arranjou um sítio provisório. Na verdade, devia ter-lhe ligado assim que saí.

Fico boquiaberta.

— Samson! Já se passaram quatro horas e ainda não lhe ligaste?

— Não tenho telemóvel. Ia perguntar se podia usar o teu, mas depois distraí-me.

Reviro os olhos e pego no telemóvel.

— Se violares a liberdade condicional por causa de uma coisa assim tão estúpida, eu mesma te levo à prisão.

O Samson sacode a areia das mãos e aceita o telemóvel depois de eu marcar o número do Kevin, que atende ao segundo toque.

— Ainda não tive notícias dele — diz o Kevin, presumindo que sou eu quem lhe está a ligar. — Prometi que te ligava assim que ele me contactasse.

O Samson sorri para mim enquanto fala.

— Sou eu, Kevin. Já saí.

Segue-se uma pausa do lado do Kevin, antes de perguntar:

— Mas este é o número da Beyah. Estás com ela?

— Estou.

— Onde é que estás?

— Viemos à praia.

— A Beyah consegue ouvir-me? — pergunta ele.

— Consigo — digo, inclinando-me para o telemóvel.

— Parece que tinhas razão acerca do Samson.

— Pois tinha — digo com um sorriso.

— Já te disse que com esse tipo de dedicação vais ser uma advogada do caraças — diz o Kevin. — Samson, estás a ouvir-me?

— Estou.

— Hoje vou enviar-te um e-mail com todas as informações do teu agente de liberdade condicional. Tens sete dias para entrares em contacto com ele. Vais encontrar a chave por baixo da pedra do lado direito do caixote do lixo.

O Samson olha de relance para mim e ergue uma sobrancelha.

— Qual chave?

— A chave da casa da minha mãe.

Ele olha por cima do ombro para a casa da Marjorie.

— Não sei do que é que está a falar.

— Pois, imagino que não. A minha mãe obrigou-me a prometer que só te contava quando fosses libertado, *motivo* pelo qual te instruí para me ligares assim que saísses. Tu és péssimo a seguir instruções. A escritura está no meu escritório, e esta semana posso passar aí para ta entregar. Tentei fazer o que pude com a casa, mas a minha vida tem andado muito preenchida. A casa precisa de muito trabalho.

A expressão de incredulidade na cara do Samson é algo que gostava de poder fotografar. Tenho a certeza de que o meu rosto tem uma expressão semelhante.

— Isto é alguma piada? — pergunta o Samson.

— Não. É verdade que cometeste alguns erros estúpidos, mas também fizeste bem a muita gente da comunidade. A minha mãe foi uma dessas pessoas. Ela achou que tu merecias ficar com aquela casa porque sabia o quanto adoras esse lugar.

O Samson solta uma expiração trémula e a seguir deixa cair o telemóvel na areia. Levanta-se e afasta-se da conversa com o Kevin. Vai para perto da água e agarra a nuca.

Pego no telemóvel e sacudo a areia.

— Kevin, podemos ligar daqui a pouco?

— Está tudo bem?

Olho para o Samson enquanto ele se esforça por interiorizar tudo o que o Kevin lhe disse.

— Está, mas acho que ele precisa de um tempo para processar isto tudo.

Depois de desligar a chamada, vou até junto do Samson. Ponho-me à sua frente e levanto as mãos, limpando as lágrimas do seu rosto como ele fez tantas vezes comigo.

Ele abana a cabeça.

— Eu não mereço aquela casa, Beyah.

Seguro-lhe no rosto com as duas mãos até os seus olhos estarem fixos nos meus.

— Tu já foste suficientemente castigado. Aceita todas as coisas boas que a vida te está a dar hoje.

Ele expira com força e puxa-me para um abraço apertado. Não deixo que o abraço se prolongue muito, porque estou demasiado ansiosa para encontrar a chave. Pego-lhe na mão e levo-o da praia.

— Anda, quero ver a tua casa.

Encontramos a chave exatamente onde o Kevin disse que estaria. Quando o Samson a insere na fechadura, as suas mãos tremem. Tem de parar por um instante e apoiar as mãos na ombreira da porta.

— Isto não pode ser verdade — murmura.

Ao entrarmos em casa, tudo está às escuras, mas, quando ele acende a luz, consigo ver a camada de pó no chão. A casa tem um cheiro bafiento e salgado. Mas conhecendo o Samson como conheço, amanhã já terá tratado disto tudo.

Toca em todas as coisas à medida que vamos avançando pela casa. Os móveis,

as paredes, as maçanetas das portas, todas as mobílias da Marjorie continuam aqui. Entra em cada divisão e em todas solta um suspiro, como se não conseguisse acreditar que esta é mesmo a sua nova vida.

Eu ainda não consigo acreditar.

O Samson abre finalmente a porta ao lado das escadas que dão acesso à passagem para o telhado. Sigo-o escadas acima até ao telhado, onde se senta. Afasta as pernas e dá uma palmadinha no espaço entre ambas, à espera de que me sente ao seu lado.

Sento-me no telhado e encosto-me ao ombro do Samson. Ele abraça-me e, por muito bonita que seja a vista daqui de cima, fecho os olhos com força, porque tive tantas saudades de estar aqui com ele. Mais saudades do que imaginava.

Passei tanto tempo a tentar não sentir nada, que estava a começar a pensar se teria perdido os sentimentos de vez. Mas eles nunca desapareceram. Só os obriguei a adormecer, para não me magoar tanto.

De vez em quando, o Samson abana a cabeça numa incredulidade absoluta. Desde que o conheci que sei que é uma pessoa calada, mas nunca esteve tão sem palavras como neste momento, ao meu lado. Adoro a reação dele. Adoro poder testemunhar a sua vida a mudar para melhor mesmo à frente dos meus olhos.

Olhem bem para nós. Dois miúdos solitários que caíram por entre todas as brechas do sistema mas conseguiram voltar ao topo do mundo.

O Samson toca no meu rosto, incitando-me a virar a cabeça para eu poder olhar para ele. Está a fitar-me da mesma forma que o vi fazer tantas vezes durante aquele verão, como se eu fosse a coisa mais interessante desta península.

Beija-me e depois baixa a cabeça e pousa os lábios no meu ombro. Deixa a boca demorar-se por alguns instantes, como se quisesse compensar todos os anos em que não pôde beijar-me.

— Amo-te, Beyah.

Estas duas palavras são um simples sussurro contra a minha pele, mas transmitem pressão suficiente para sentir o osso do meu coração a sarar completamente.

Apoio a cabeça para trás no ombro dele e olho para a água.

— Também te amo, Samson.

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha irmã mais nova, Murphy Rae, que fez a capa deste livro há alguns anos. Na altura, olhei para ela e fiquei à espera de uma oportunidade para escrever uma história que fizesse jus a esta capa. És maravilhosa no que fazes e eu adoro-te!

Não podia estar mais agradecida aos meus primeiros leitores: Vannoy Fite, Erica Russikoff, Gloria Green, Tasara Vega, Karen Lawson, Maria Blalock, Talon Smith, Ashleigh Taylor, Susan Rossman, Kellie Garcia, Stephanie Cohen, Erica Ramirez, Lauren Levine, Katie Pickett Del Re, Racena McConnell, Gloria Landavazo, Mandee Migliaccio e Jenn Benando.

Um ENORME agradecimento a Anjanette e Emilee Guerrero pelo vosso conhecimento e feedback sobre voleibol.

Este livro passou por uma série de editores em diferentes fases da sua construção. Se encontrarem algum erro no livro, a culpa não é de ninguém senão minha. Eu continuei a escrever muito depois de eles acabarem de editar. Um enorme agradecimento a vocês, Murphy Rae, Lindsey Faber, Ellie McLove e Virginia Tesi Carey, por porem este livro em ordem. E obrigada à Alyssa Garcia pela paginação fantástica.

Obrigada à Social Butterfly e a Jenn Watson por quererem sempre o melhor para os vossos autores e para os livros que representam.

A Ariele Stewart e Kristin Dwyer, vocês são espantosas e tenho muita sorte por vos ter do meu lado, mesmo quando não precisam de lá estar.

Obrigada a todos na Dystel, Goderich & Bourret pelo vosso apoio, pelo incentivo e por todo o trabalho infindável que dedicam a todos os meus livros.

Obrigada à Montlake Publishing por me darem a liberdade de, ao mesmo tempo, ser uma autora independente e fazer parte dos vossos autores publicados. Não há nada melhor do que ter uma equipa de pessoas à minha volta a encorajar-me a escrever aquilo que me apetecer.

Um gigantesco agradecimento a vocês, leitores, por apoiarem a minha carreira, o meu hobby, o meu sonho.

Há um sem-número de pessoas na minha vida sem as quais não sei o que faria. Tantos ajudantes e voluntários nas nossas associações de solidariedade, inúmeras pessoas que estão nos meus grupos de *Facebook*, todos os *bloggers* que apoiam os meus livros, todos os unicórnios que aparecem para ajudar na Book Bonanza e todos os CoHorts que me fazem sorrir diariamente. Se mencionasse todos os seus nomes, os agradecimentos seriam mais extensos do que o livro, porque milhares de vocês tiveram um impacto positivo na minha vida, de formas tão distintas. Obrigada a TODOS.

Quero agradecer a todas as pessoas que contribuem com o seu tempo, não só aos CoHorts mas também às nossas associações, Book Bonanza e The Bookworm Box. Susan Rossman, Stephanie Spillane, Sandy Knott, Shanna Crawford, Amy Edwards, Michele McDaniel, Nadine Vandergriff, Gaylynn Fisher, Pamela Carrion, Chelle Lagoski Northcutt, Laurie Darter, Kristin Phillips, Stephanie Cohen, Erica Ramirez, Vannoy Fite, Lin Reynolds e Murphy Rae. Que equipa poderosa de mulheres vocês formam!

E aos homens da minha vida, que são o motivo pelo qual deixei crescer quatro ossos no meu coração: Heath, Levi, Cale e Beckham. Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te.

NEM SEMPRE O PASSADO PODE FICAR PARA TRÁS…

Com uma vida cheia de obstáculos, Beyah só pode contar consigo própria para alcançar um futuro melhor. Mas a poucos meses de concretizar os seus planos e deixar para trás um passado que preferia esquecer, um acontecimento inesperado obriga-a a seguir um novo rumo e procurar a única saída possível. É assim que, de um momento para o outro, se vê na Península Bolivar, no Texas, a passar os meses de verão com o pai, que mal conhece, decidida a deixar avançar os dias sem levantar grandes ondas.

Tudo muda quando conhece Samson, o vizinho da casa ao lado, que exerce sobre ela um estranho fascínio, apesar de nada terem em comum, pois ela vem de uma vida de pobreza e negligência e ele de uma família rica e privilegiada. No entanto, a convivência fá-los perceber que, apesar das suas diferenças, há uma tristeza inerente que os une e atrai.

É inegável que a ligação entre eles é intensa, mas os dois já traçaram o seu rumo e não querem perder o pé numa relação sem futuro. Só não estavam à espera de que a corrente pudesse arrastá-los para um mar profundo de emoções…

Autora norte-americana bestseller do *New York Times* e que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para cerca de 30 línguas. Na sua lista de obras incluem-se *Um Caso Perdido*, *Uma Nova Esperança*, *Amor Cruel*, *Confesso*, *9 de Novembro*, *Isto Acaba Aqui*, *A Ilusão de Merit*, *Verity*, *Sempre Tu*, *Layla*, *Se Fosse Perfeito* e *Corações Feridos*, publicados em Portugal pela Topseller.

Colleen cresceu numa quinta, no Texas, casou-se quando tinha 20 anos e tirou uma licenciatura em Serviço Social. Trabalhou nos Serviços de Proteção de Menores, antes de voltar aos estudos para concluir a sua formação em Educação Especial e Nutrição Infantil.

Vive com o marido e os três filhos no Texas. Em 2015, criou The Bookworm Box, um clube de subscrição de livros autografados pelos respetivos autores e cujos fundos se destinam a instituições de solidariedade social.

Saiba mais em:
www.colleenhoover.com



Edição em formato digital: maio de 2022

CORAÇÕES FERIDOS
Título original: Heart Bones
Texto © 2020, Colleen Hoover
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Ana Mendes Lopes
Revisão: António Barrancos
Paginação: Raquel Silva
Capa: Murphy Rae
Por acordo com Dystel, Goderich & Bourret, Nova Iorque,
através da International Editors' Co., Barcelona.

ISBN: 978-989-623-472-0

Composição digital: www.acatia.es

Site: www.penguinlivros.pt
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.editora

[1] Jogo de palavras com *dead man*, que significa, literalmente, «homem morto». [*N. T.*]

[2] *People of Wallmart* é um blogue humorístico que partilha fotografias dos clientes da cadeia de supermercados norte-americana. [*N. T.*]

[3] Trocadilho entre *hispanic* («hispânico») e *his panic* («o seu pânico»). [*N. T.*]

Índice

Corações Feridos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezasseis

Dezassete

Dezoito

Dezanove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Colleen Hoover

Créditos

Notas